
FRIEDRICH JUERGENSON

*Telefone para
o Além*

Versão Digital

***Nova experiência de contato científico
com o Além, dentro dos recursos
atuais da era tecnológica***

**Tradução de
ELSE KOHLBACH**

Editora civilização brasileira

Prefácio

HANS GEISLER

TENHO A MAIS FIRME CONVICÇÃO de que este livro de Friedrich Jürgenson é de importância histórica e de suma relevância nesta nova era, ainda que algumas pessoas, ao término da leitura, não concordem com a minha opinião. Quem já tem certa visão da história do mundo e da humanidade, e revela circunspeção e discernimento, deverá convir que a resposta à pergunta: Continua o homem a existir depois da morte como uma entidade pensante, cômico de sua individualidade, ou não?, é decisiva não apenas para ele, pessoalmente, mas também no tocante ao preceito espiritual elementar das raças, povos e nações. Desde os tempos em que os homens dotados de compreensão e bom senso vivem neste planeta, tiveram de defrontar-se com o fenômeno da morte, em todas as suas formas, e todas as religiões, filosofias, doutrinas e práticas de ocultismo, misticismo e de magia procuraram, de alguma maneira, dar uma resposta a esta pergunta cardinal da humanidade, mesmo porque, com a melhor boa vontade, ela não se deixava excluir nem ignorar. A literatura de todos os tempos e idiomas, que se ocupa direta ou indiretamente desse problema, abrange mais de setenta mil volumes.

Para o homem equilibrado, imparcial e, antes de mais nada, conhecedor da tecnologia da nossa era atômica, a demonstração das pesquisas até então realizadas, no que se refere ao espírito e ao Além, é insuficiente. Há uns poucos homens que tiveram a felicidade de se convencer da continuação da vida humana depois da morte, por vivências pessoais ou por terem participado de sessões com excelentes médiuns; mas isto são raridades, e o que a clássica pesquisa do Além pode oferecer em geral a um pensador e observador crítico fica, em grande parte, circunscrito ao subjetivo, e pode ser invalidado com as noções de alucinação, imaginação, função e projeção do subconsciente e até com sugestão vigilante ou fraude. Também aquilo que as religiões e igrejas expressam sobre o tema é discutível e inaceitável para a maior parte dos nossos contemporâneos, por basear-se unicamente na fé.

Mas agora, que o homem se propõe explorar a lua e talvez em poucos anos ou décadas outros planetas do nosso sistema solar, vem Friedrich Jürgenson, de

Mölnbo, Suécia, à luz da publicidade e diz: “Há possibilidade de estabelecer, por meio puramente fisiotécnico, uma comunicação verbal com os chamados “mortos” e fixar, para sempre, na fita magnética, as suas vozes”.

Como um dos dirigentes da equipe de pesquisadores do Além e parapsicólogos alemães, sei que nunca houve até então, em toda a história da humanidade, caso semelhante e, naturalmente, antes de mais nada, tendo em vista serem o rádio e o gravador de som conquistas do nosso século, Friedrich Jürgenson abriu uma porta que antes estava fechada. Foi realmente com uma paciência e tenacidade admiráveis que o fez, em oito anos de trabalho resolutivo, arriscando, praticamente, sua existência como pintor, escritor e redator de emissoras de rádio e televisão suecas, pois reconheceu o grande significado de sua descoberta.

É bem possível que alguns leitores não se mostrem satisfeitos com o que Friedrich Jürgenson narra neste livro, talvez por terem esperado mais. No entanto, conhecendo por longa experiência as reações habituais dos nossos contemporâneos materialistas, em face de um novo método na pesquisa da psicologia e parapsicologia, escrevo este prefácio para evitar que tal método, realmente grandioso, e inédito, seja maliciosamente rejeitado com a apresentação de argumentos inexpressivos.

Na primavera de 1964, estive na casa do Sr. Jürgenson, em Mölnbo, e escutei durante horas a fio as vozes de “espíritos” gravadas em fitas magnéticas e também assisti a uma gravação original. E em junho de 1967, estive com ele em Pompéia e ouvi, em gravação original, muitas das vozes que estão gravadas no disco que complementa este livro. (Refere-se à edição alemã. – N. do T.) Não desejo perder a oportunidade que ora se apresenta de declarar com toda a franqueza que estou inteiramente convencido da honestidade, sinceridade e irrepreensibilidade do Sr. Friedrich Jürgenson. Quaisquer suspeitas de que ele pratique malabarismos fisiotécnicos, tenho de repeli-las energeticamente. Como psicólogo, parapsicólogo e pesquisador do espírito e do Além, com quarenta anos de experiências, só posso pedir aos leitores deste livro que não considerem a mim, assim como a centenas de cientistas, peritos em rádio e fitas magnéticas, que também ouviram as vozes gravadas em mais de cento e quarenta fitas magnéticas, mais tolos e ingênuos do que realmente somos. No setor da ardorosamente discutida parapsicologia, são justamente aconselháveis a precaução, a reserva, a hesitação e o ceticismo. Mas existe uma espécie de céticos e negadores notórios, que nem sequer confiam nos seus próprios

sentidos e a priori tudo refutam categoricamente, de acordo com o versinho da “estrelinha da manhã”: “... porque, assim concluí severamente, não pode ser o que não deve ser”. Este livro não foi escrito para esse tipo de pessoas.

Posso também antecipar que muitos leitores haverão de criticar a fragmentação, a incoerência e, em parte, a trivialidade das “vozes do Além”, esperando que, já que os mortos nos falam por meio do rádio e do microfone, devam fazê-lo à semelhança de um professor, de um pregador ou interlocutor. Essa objeção é compreensível e aparentemente justificada, se bem que os críticos se esqueçam de que se trata das primeiras tentativas de contatos, naturalmente ainda imperfeitos, entre o aqui e o Além e de que não podemos de modo algum avaliar as inúmeras e enormes dificuldades que os mortos também têm de enfrentar. Não se deve cogitar do que dizem ou deixam de dizer os mortos, mas de que, realmente, estão em condições de se comunicarem, por meio fisiotécnico, com as pessoas que vivem aqui na terra. Não devemos desviar o problema para um setor ao qual não pertence.

Em última análise, o alfaiate de Ulm, Otto Lilienthal, Santos Dumont e centenas de outros visionários que tentaram, com os mais primitivos aparelhos e instalações, elevar-se no ar, arriscando a própria vida e até sacrificando-a, foram precursores e contribuíram para que possamos, comodamente instalados num gigantesco avião, voar de um continente a outro em poucas horas.

Assim, Friedrich Jürgenson, de Mülnbo, é um pioneiro que tudo arrisca na esfera das pesquisas do Além.

Se os seus contemporâneos irão ou não dar a devida importância à sua descoberta, dando prosseguimento às experiências e aperfeiçoando-as, gradativamente, com o correr dos anos, isto não é mais da alçada do Sr. Jürgenson. A ele compete apenas comunicar ao mundo simplesmente aquilo que ouviu e viveu, e esperar que se encontrem pesquisadores e curiosos, que prossigam na obra por ele iniciada. Está ele à disposição de todos aqueles que estejam seriamente interessados no fenômeno, a fim de aconselhá-los e orientá-los, com a íntima esperança de encontrar pessoas interessadas em pesquisar e aprofundarem-se neste assunto, formando equipes de experimentadores decididos, para organizar um laboratório com todos os requisitos da técnica moderna, capaz de transformar a prancha provisória que ele ergueu sobre o abismo que nos separa do Além em uma firme ponte de concreto.

Espera ele que haja pessoas de coragem e iniciativa, que intuitivamente sintam o que aqui se está delineando para o futuro da humanidade. Se as atuais gerações não o realizarem agora, por temerem, especialmente, tudo que se relacione com a morte, as gerações futuras o farão. A história da humanidade está repleta de oportunidades inaproveitadas. Não devemos fazer o que fizeram os cardeais dos tempos de Galileu e Giordano Bruno, que se recusaram a olhar no telescópio para não serem obrigados a admitir que estava errada a sua configuração bíblica do universo. Os mesmos corifeus eclesiásticos, que sempre julgaram saber tudo exatamente, também foram os que, antes que Colombo iniciasse sua viagem de descoberta do Novo Mundo, excomungaram-no porque, de acordo com a sua bíblia, não podiam existir terras no distante Ocidente.

Para o leitor deste livro é importante saber que qualquer pessoa que possua um aparelho de rádio e um gravador de som pode fazer experiências semelhantes à de Friedrich Jürgenson, e é bem provável (mesmo que não seja cem por cento garantido) que, com a indispensável paciência e tenacidade, obtenha resultados iguais ou analógicos aos de Friedrich Jürgenson. Não sendo ele eletrotécnico, físico ou especialista em radiodifusão, é possível que especialistas do ramo, “se se dedicarem com afinco ao trabalho”, encontrem meios e caminhos que Friedrich Jürgenson ainda não percorreu. Até aqui tudo ainda está por desvendar. Há louros a serem colhidos por aqueles que se mostrarem capazes de perceber e saber interpretar os sinais do tempo.

Todos os parapsicólogos, pesquisadores do espírito e do Além, há muito reconheceram que, dentro em breve, será descoberto um meio fisiotécnico para obter o intercâmbio com outros planos de existência e de consciência. Eis que chegou o momento. Ainda há muita coisa enigmática, incompreensível e curiosa, mas isto não poderá permanecer assim.

Antes de finalizar, cumpre-me acrescentar que a supervalorização da matéria, em forma de dinheiro e bens, é responsável por toda a miséria do nosso tempo, fomentando as guerras, as porfiadas lutas no setor econômico e a formação de poderosos blocos militares, e isto todos nós o sabemos. Os métodos de persuadir a humanidade, através de sistemas religiosos, filosóficos, místicos e até espiritualistas, de que a vida é eterna e indestrutível e de que pagaremos inexoravelmente por

FRIEDRICH JUERGENSEN • TELEFONE PARA O ALÉM

tudo que fizermos ou deixarmos de fazer aqui na Terra, em consequência da lei de causa e efeito, demonstram, na prática, sua total ineficácia, como nos revela toda a história humana. O materialismo político e militar, tanto oriental como ocidental, é surdo a tudo que ultrapassa o seu horizonte e que se baseia na fé e na vivência subjetiva. Só o caminho fisiotécnico, com a utilização de aparelhos objetivos e incorruptíveis, poderá modificar a ideologia marxista-leninista do materialismo dialético e histórico, e abalar-lhe as estruturas. Visto por este prisma, verificamos que Friedrich Jürgenson visa a uma ampla política de primeira ordem, de efeito imprevisível para o futuro desenvolvimento da humanidade. Quando estivermos aptos a ouvir a voz de Hitler, Stalin e outros expoentes da política, da religião, da arte e da ciência, perceberemos que há muita coisa diferente, capaz de modificar o nosso modo habitual de pensar e sentir. Segundo Schopenhauer e de acordo com a experiência, o puro materialismo forçosamente termina em bestialidade, de modo que para todo aquele que seja amante da paz não há outro caminho senão colaborar na luta contra o materialismo. E Friedrich Jürgenson aponta um desses caminhos.

Além disso, sua descoberta é, ao mesmo tempo, um consolo e uma promessa às pessoas enlutadas e abatidas pela perda de um ente querido, pois, daqui por diante, terão a possibilidade de ouvir e gravar na fita magnética a voz dos que regressaram ao reino espiritual. Algum dia, talvez, seja possível conversarmos perfeitamente com os seres de outro plano, isto é, mantermos diálogos com perguntas e respostas. Depende unicamente de nós conseguirmos eliminar os obstáculos e as perturbações ainda existentes. Tudo é uma questão de aperfeiçoamento e é também uma tarefa atribuível aos homens dotados de suficiente discernimento e intuição. Tenho esperança de que existam muitos homens nestas condições. Naturalmente “pombos assados não voam para a boca de ninguém”, mas o que já consegui e sempre consegue o homem com esforço objetivo, assiduidade, inabalável paciência e com a audácia e a tenacidade da legítima natureza de pesquisador, já o mostrou a História Universal.

Portanto, mãos à obra.

Pompéia, 28 de junho de 1967.

UM

*Permitam que me apresente. Minha necessidade
de “libertação” está saturada.
Uma odisséia moderna.*

COMO QUASE TODOS OS FATOS citados neste livro — não somente pelo que representam de novo e único — estão ligados a mim e a membros de minha família, é conveniente que, antes de mais nada, apresente-me ao leitor. Ele deve saber que não pertenço à classe de pessoas que dispõem de medida insuficiente de crítica e autocrítica e que dão rédeas soltas às suas fantasias e devaneios. Estou cômescio da extensão daquilo que apresento ao público nestas páginas e da responsabilidade que com isso assumo. Assim, não posso esquivar-me, no início deste relato, do fato verdadeiramente sensacional sobre a ereção da ponte entre o aqui e o Além, de fornecer alguns dados biográficos mais importantes.

Não pertenço a qualquer partido político, nem a nenhuma seita religiosa, ordens secretas ou a quaisquer movimentos e diretrizes ligados a correntes de “ismos”.

Nasci em Odessa, à margem do Mar Negro, no princípio deste século. Meus pais são do Báltico e meu pai era médico. Hoje sou cidadão sueco. Antes fui obrigado a mudar por duas vezes a minha nacionalidade, em consequência das ocorrências políticas de 1917. Minha infância — eu freqüentava a escola teuto-russa — transcorria feliz e harmoniosamente, até que a Primeira Guerra Mundial desfechou um violento golpe contra a segurança doméstica. Ainda menino, pude sentir o efeito arrasador da Primeira Guerra Mundial. Mas a verdadeira catástrofe irrompeu em seguida, com a revolução russa, que durante três anos de guerra civil mostrou sua verdadeira face.

Sem levar à visão interior as pavorosas minúcias das ocorrências de então, basta mencionar que a nossa vida diária era ameaçada por constantes ondas de terrorismo, seguidas de perto pela falta extrema de víveres, miséria gritante, tifo exantemático e uma epidemia de cólera.

Não obstante, a vida continuava. A necessidade obriga à objetividade e nos

ensina a viver no presente. Durante breves intervalos — quando não havia tiroteio — tomávamos banhos de sol na praia. Estávamos constantemente famintos, sentíamos um frio horrível durante o inverno, e dançávamos para nos aquecer nos aposentos frios; apesar de toda a miséria e perigo, o homem suporta — principalmente na juventude — muito mais do que se supõe.

Durante esses três anos de guerra civil, Odessa foi “libertada” quatorze vezes, com lutas sangrentas nas ruas. No entanto, as conseqüências dessa “libertação” eram sempre as mesmas e envolviam — como que numa seqüência alternada — todas as camadas da população com suas violências, em que o intelecto sofria mais.

Posso atribuir exclusivamente à misericórdia do destino o fato de ter minha família escapado ilesa. No ano de 1925, conseguimos enfim mudar-nos legalmente para a Estônia.

Quando, em 1932, viajei em companhia do meu professor de canto para a Palestina, com o intuito de lá continuar os estudos, fui mais uma vez atingido por perturbações belicosas, ao irromper o terror árabe contra o povo judaico. Terror é terror, e para os que estão sujeito ao sofrimento, é mais ou menos indiferente se ele é executado em nome da religião ou da ideologia racial, se, em maior ou menor escala, da direita ou da esquerda.

Depois de sete anos de permanência no estrangeiro, regressei à casa de minha mãe na Estônia e fui surpreendido pela Segunda Guerra’ Mundial, justamente na época em que os três Estados bálticos estavam prestes a serem “libertados” pelos russos. Mais uma vez se repetia a velha história, só que numa versão mais moderna. O tema continuou: ditadura, guerra, terror e “libertação”. As variações em contrário correspondiam aos métodos de libertação das respectivas autoridades dominantes e eram, conforme as circunstâncias, realizadas com devastadores ataques de bombas, deportações em massa, campos de concentração, tiros na nuca e câmaras de gás.

Assim, desde a infância, havia ao meu redor constantemente indigência e perigo, nunca uma verdadeira paz, tranqüilidade e aquele clima de confiança de que o jovem tanto precisa. Naqueles tempos, nada se podia fazer para atenuar essa enorme penúria, de modo que logo assumi uma posição decisiva: desde a infância,

tomei verdadeiro horror a tudo que se relacione com armas, violências, assassinatos e imolação das massas, sejam contra homens ou animais. Por isso tornei-me vegetariano.

As carreiras que escolhi correspondiam à minha vocação natural. Na mocidade fui cantor e nos anos mais avançados dediquei-me à pintura. Embora tenha estudado nove anos, não tive a oportunidade de exercer senão por dois anos a profissão de cantor, em consequência de uma enfermidade hepática e de um resfriado crônico.

Felizmente, ainda jovem, concluí meu curso de pintura, de modo que passei, naturalmente e sem problemas, a exercer a nova atividade. Como pintor, fiz inúmeras exposições e viagens ao exterior, e pude estabelecer estreitas relações, cheias de alternativas, com as mais diferentes pessoas de todas as camadas sociais, pois todas as portas se abrem mais facilmente a um artista.

No verão de 1958, deixei novamente a Itália, rumo a Estocolmo. Passei em Pompéia uma temporada maravilhosa como um conto de fadas, em intensa atividade, e estava justamente com a idéia de aí realizar um plano de trabalho. Essa cidade, outrora soterrada, exercia sobre mim, desde a infância, um mágico fascínio, que perdurou durante toda a minha vida. Naquela primavera de 1958, aconteceu algo que, na realidade, superou totalmente as minhas mais íntimas aspirações. Consegui de repente e de maneira surpreendente e agradável, organizar uma exposição em Pompéia, justamente no “coração” da antiqüíssima cidade — na arejada *Palaestra* das termas de Foro.

Simultaneamente estava pintando um enorme quadro baseado em seus interessantes motivos e que me proporcionava muita alegria, aliada à circunstância toda especial de poder exercer a minha atividade na bela casa do chamado “poeta trágico”, situada no lado diagonalmente oposto ao local da minha exposição e cujo peristilo aprazível tinha sido transformado em *atelier*, pois o quadro que eu estava pintando tinha nove metros de comprimento e exigia um ambiente espaçoso e adequado.

Desde o nascer do sol até o anoitecer, dedicava-me a esse quadro, desfrutando da atmosfera de sonho daquele velho casarão escavado das ruínas. Às vezes,

largava o trabalho e perambulava pelos becos estreitos e, como possuísse a chave-mestra de todas as casas, pude obter uma visão mais ampla da cidade.

Na inauguração oficial do meu quadro, que aliás coincidiu com o encerramento da exposição, recebi, inesperadamente, a gentil proposta de colaborar, na próxima primavera, na escavação de uma casa em Pompéia. É fácil compreender o que esta proposta significava para mim. Naquela época eu estava no auge da minha carreira artística, e parecia-me quase inconcebível que o sonho de minha vida — cooperar numa escavação — seria realizado tão facilmente.

De volta a Estocolmo e ainda extasiado pelo sucesso, comecei a preparar-me para a concretização dos meus planos com relação a Pompéia. Mas, de repente, aconteceu algo que abalou momentaneamente o meu entusiasmo e depois, lentamente, mas num desdobramento conseqüente, paralisou as minhas atividades artísticas e todos os planos para o futuro, ante a perspectiva de uma experiência muito diferente e tão incrível, que começou a modificar a minha maneira de pensar e sentir, e até a minha consciência, levando-me a viver, passo a passo, uma nova realidade. E isto começou assim...

DOIS

O dia da grande transformação. O que há com o meu gravador de som?

MAIS UMA VEZ chegou a primavera em Estocolmo, aquela primavera tímida de cidade grande, que se pode reconhecer pela sempre crescente luz do dia e pela extinção cada vez mais lenta do rubor crepuscular do céu noturno. Aproximava-se o tempo em que eu deveria tomar parte na escavação de Pompéia.

Naquela primavera resolvemos, minha mulher e eu, passar o fim-de-semana no campo. O tempo estava morno, com um sol resplandecente. O jardim, todo florido, espargia perfume, e desde o amanhecer até o anoitecer ouvia-se o canto dos pássaros. Na sexta-feira do dia 12 de junho de 1959, logo no início da tarde, partimos para o campo. Com a intenção de gravar o canto de diversos pássaros, levei, pela primeira vez, o meu gravador de som.

A localização de nossa propriedade campestre, o grande jardim meio silvestre à margem da mata e o lago coberto de cana-brava, atraíam numerosas espécies de aves. Desde a infância, sempre me interessei vivamente pelo canto dos pássaros. Assim que, naquela sexta-feira ensolarada, chegamos ao sítio, fomos diretamente ao lago onde, reguardados por uma velha cabana, podíamos tomar banho de sol despreocupadamente. Então resolvi, conforme planejava, fazer algumas gravações.

No sótão da cabana, que ficava um tanto afastada, coloquei uma fita magnética nova no gravador e pus o microfone perto da janela aberta, onde se estendia uma fina tela de *nylon*. Pouco depois, quando um tentilhão de faia pousou ali perto, liguei o aparelho.

Depois que a fita magnética rodou durante uns cinco minutos, examinei a gravação. Mas aquilo que escutei era extremamente estranho. Em verdade, ouvi um som vibrante e ruidoso, tal uma tormenta, através do qual pude reconhecer, como de uma distância longínqua, o chilro baixinho do tentilhão.

Meu primeiro pensamento foi de que, provavelmente, um dos tubos teria

sido danificado durante o transporte. Não obstante, liguei novamente o aparelho e deixei rodar a fita. Tudo se repetiu exatamente como antes: ouvi aquele estranho zunido e o distante chilrear dos pássaros. Então, de chofre, soou um solo de clarim, que executava uma espécie de toque de introdução. Atônito, continuei à escuta, quando, repentinamente, uma voz de homem começou a falar em norueguês. Se bem que a voz soasse baixinho, pude entender nitidamente as palavras. O homem se referia a “vozes de pássaros noturnos”, e eu percebia uma seqüência de sons grasnantes, sibilantes, murmurantes, entre os quais julguei reconhecer o canto de um alcaravão.

Súbito, emudeceu o coro de pássaros e com ele o ruído vibrátil. A seguir, soou o alto gorjeio de um tentilhão de faia e, à distância, ouvia-se o canto dos mi-lharoses. O aparelho funcionava outra vez perfeitamente.

Mas, na realidade, o que ocorrera? Para mim era um fato evidente tratar-se da irradiação de alguma emissora norueguesa. O único radiorreceptor que possuíamos no campo e em Mölnbo, achava-se em minha residência e não estava ligado, nem existiam outros aparelhos nas redondezas. Além disso, o nosso sitio é completamente isolado e tranqüilo, e bem distante da aldeia vizinha, devendo-se acrescentar que aquela misteriosa irradiação foi intercalada para depois desaparecer repentinamente.

Claro é que, em certas circunstâncias, um gravador de som pode funcionar como radiorreceptor. Mas parecia-me esquisito que, justamente a mim, que estava à procura de canto de pássaros, soassem na fita magnética os pios de aves noturnas norueguesas, no momento exato em que liguei o aparelho! Haveria inteligências invisíveis que, desta maneira perceptível, queriam chamar-me a atenção? Era enigmático!

*Os pontos de interrogação em torno de Anastácia.
Sou muito curioso — auscultar é uma arte difícil.
Estou sendo observado. De onde vêm as vozes?*

PARA UM MELHOR esclarecimento do que se segue, devo dizer que, nos últimos anos, vinha apresentando nas emissoras suecas uns programas de caráter histórico-cultural. O último deles versava sobre o destino dramático do reinado do czar e terminava com o seu assassinato e o de sua família em Jekaterienburg. No entanto, a pergunta ficou no ar: “Estava o drama da família do czar, naquela noite de pavor, definitivamente encerrado?”

Eu acompanhara atentamente o “caso Anastácia” e conseguira obter vários livros russos muito elucidativos, alguns dos quais não tinham sido traduzidos para outros idiomas. Pelos acurados estudos que realizei, julguei haver-me aproximado bastante da verdade e, assim, resolvi fazer um programa a esse respeito na radiofonia sueca.

Mas encontrando certa resistência por parte de alguns dirigentes radialistas, desisti da idéia. Contudo, o destino de Anastácia continuava a interessar-me, de modo que, reservadamente, prossegui nas pesquisas. A história da humanidade nos mostra muitos exemplos drásticos em que o incrível foi comprovado com realismo cruel.

No caso de Anastácia, a trágica contradição do seu destino parecia fundar-se na sua salvação miraculosa, fazendo-a ressurgir em circunstâncias tão extraordinárias, ocasionando um rosário de intermináveis sofrimentos. As conseqüências de sua salvação se revelaram tão trágicas e desesperadoras que bem se poderia indagar, se naquela época, a morte não teria sido mais misericordiosa para ela.

Minha mesa estava repleta de traduções, planos, notas e livros sobre o tema Anastácia, e eu dedicava a esse assunto quase todo o meu tempo. Somente à noite, costumava ligar o gravador de som, na expectativa de receber outras mensagens daquela fonte misteriosa que transmitira o canto dos pássaros noturnos da Noruega.

Isto também me preocupava.

Nada de importante aconteceu até o dia 12 de julho.

Não sei exatamente a hora, mas já dominava a escuridão noturna e o clarão da lua crescente penetrava obliquamente pela janela.

Naquela ocasião, ainda não possuía fones auriculares, que nos capacitam a ouvir sons quase imperceptíveis. Assim, tinha de confiar na atuação da pequena lâmpada de controle do gravador, que emite uma luz vermelho-alaranjada, anunciando a indução de impulsos eletromagnéticos.

O quarto estava escuro e silencioso, induzindo-me a uma leve sonolência. Foi então que ocorreu algo que me despertou completamente: a lâmpada de controle de repente começou a luzir, piscando, lampejando e, de vez em quando, apagando-se totalmente. Algo se aproximava, que deveria fazer-se ouvir na fita magnética, respectivamente, e ser verificável. Tenso e impaciente, permanecia curvado sobre o aparelho.

Ao apagar-se a lâmpada, comecei a auscultar a gravação mas, sinceramente, pouco podia perceber, pois o tom ruidoso e vibrante dificultava enormemente a auscultação.

Estando muito cansado nessa noite, resolvi controlar a gravação com maior rigor na manhã seguinte.

Ao fazê-lo, logo ficou claro que eu ainda não estava suficientemente apto para o árduo trabalho de escuta. Constantemente deixava-me perturbar e distrair por fortes ruídos secundários, não tendo também a mínima noção de como eliminar essas perturbações. Faltavam-me os fones auriculares, que teriam facilitado bastante a auscultação. Quando, finalmente, depois de algumas horas de escuta concentrada, já me havia acostumado aos ruídos secundários, começou a destacar-se daquele caos ruidoso uma agradável voz de homem. Falava em inglês, com profunda convicção e sigular entonação.

Após um pequeno intervalo, souo o nome de Churchill e, repentinamente,

ouviu-se outra voz masculina falando alemão. Apesar de não haver qualquer sotaque na pronúncia, a frase não obedecia à ordem gramatical, pois dizia a voz literalmente: *Zarengbiet müssen wir noch Frühlings (!) besprechen*. Tradução: “Setor do czar precisamos nós ainda primaveril (!) discutir...”

Setor do czar — não teria um significado específico? Pensei imediatamente em Anastácia. *Friedrich, du wirst beobachtet...* (“Frederico, tu estás sendo observado...”), acrescentou a mesma voz com ênfase acentuada.

Antes que terminasse a irradiação, souu uma frase, que foi balbuciada com extrema rapidez: *Friedrich, wenn du auch des Tages ins Deutsche uebersetzt und deutest — jeden Abend versuche die Wahrheit zu lösen mit dem Schiff... mit dem Schiff im Dunkeln!* A voz me chamava pelo nome e dizia: “Frederico, mesmo que tu traduzas e interpretes durante o dia, todas as noites procura descobrir a verdade com relação ao navio — com relação ao navio no escuro!”

Essa frase enigmática pôs minha fantasia em atividade. Embora tudo me parecesse misterioso, era totalmente claro que aquela mensagem se destinava a mim.

Ainda na mesma tarde, consegui captar um som esquisito na fita magnética, que lembrava o silvo vibrante de um projétil detonado, percorrendo sua trajetória. Em meio a esse som silvante, fez-se ouvir, de repente, em tom alto: “Frederico”, e depois uma voz trêmula balbuciou: “*in look*”.

Como explicar esse ruído esquisito? Para poder pesquisar sem ser incomodado, levei o aparelho para o sótão da casa-grande, na época, ainda desabitada. Aí eu não perturbava o sono de minha mulher, o silêncio era total, e não precisava preocupar-me com coisa alguma.

Quando a lua crescente surgiu na copa das tílias escuras, pus o microfone na janela entreaberta e liguei o aparelho.

Desta vez a lâmpada de controle demorou mais a luzir.

Uma estranha sensação se apoderou de mim, diante da possibilidade de receber novamente comunicações pessoais de “algum ponto do espaço”. No nosso

mundo extremamente racional, onde o dia-a-dia decorre insípido e prosaico, tal um trem de carga a seguir o seu itinerário ruidosamente sobre os trilhos, provavelmente, não há lugar para vivências tão misteriosas.

Ao apagar-se a lâmpada de controle, rodei apenas uma vez a fita e larguei-a na cama cansado, mas bastante satisfeito.

No dia seguinte comprei um fone auricular e um dicionário da língua polonesa. Foi uma dura prova de paciência, um trabalho enervante e sumamente árduo que me propus realizar, pois essa nova gravação era excepcionalmente difícil de compreender, já que as vozes utilizavam simultaneamente o sueco, o russo, o alemão, o polonês e o italiano.

Mas uma coisa era certa: as vozes se referiam ao caso Anastácia e apresentavam detalhes sobre o dramático salvamento da filha do czar por dois homens.

QUATRO

*Outra vez esse som ruidoso! “Telefone, Mônica.”
Carino escuta. Pressinto algo.*

NUM DOS DIAS SEGUINTEs, por volta das 22 horas, estava diante do gravador de som, ligando e desligando quando, subitamente, percebi aquele som ruidoso que já me era tão familiar. Colocara os fones auriculares e escutava vozes e ruídos a princípio fracos, mas que pouco a pouco começaram a se desdobrar, numa daquelas irradiações especiais de inteligência desconhecidas e invisíveis. Percebia vozes, sons, música, comentários, até que ouvi tocar o telefone na sala do andar térreo, o que bruscamente me trouxe à realidade. Aborrecido, tirei os fones, deixei o aparelho ligado continuando a gravação e desci a passos largos a escada, seguido de perto por Carino, o nosso cão.

Era a minha mulher que me telefonara. Falei-lhe rapidamente da gravação que estava fazendo no momento. Ela queria saber pormenores e fazia perguntas. Mas eu tinha a impressão de estar sentado sobre agulhas, inquieto e receoso de que a gravação pudesse repentinamente ser interrompida. A certa altura, minha atenção foi desviada para o estranho comportamento de Carino que, de súbito, contrariamente a seus hábitos, havia-se retirado de mansinho da sala, disparando escada acima. Após alguns instantes, no quarto situado acima da sala onde eu me encontrava, pôs-se a fazer ruídos com a cadeira colocada à frente do aparelho. Todos esses ruídos, naturalmente, deveriam ser gravados na fita. Desliguei rapidamente o telefone e subi preocupado a escada, de volta ao sótão. Carino estava sentado na cadeira, abanando alegremente a cauda. Levei-o dali para a cama, coloquei os fones auriculares e, atentamente, comecei a auscultar. As interferências aumentaram de volume, e percebi apenas alguns fragmentos de palavras confusas — e a irradiação parou.

O que descrevo agora, descobri-o somente mais tarde, após várias auscultações da fita magnética. Houve dois toques de tímboles, depois uma voz oprimida de homem disse: “Telefone, Mônica.” Continuei a escutar concentradamente. Seguiu-se o momento em que tocou o telefone e eu tirei ruidosamente os fones auriculares. Assim que os coloquei na mesa, a irradiação foi bruscamente interrompida. Escuta-

se então o barulho que fiz ao sair correndo do quarto. O telefone toca mais uma vez, percebe-se o rumor de uma porta fechando-se e depois silêncio total.

Da minha conversa no telefone na sala do andar térreo não se ouve nada. Escuta-se apenas o leve ruído de rotação da fita. Minha conversa com Mônica deve ter durado cerca de seis minutos. Em seguida, ouve-se o ruído de minha entrada no quarto e da colocação dos fones auriculares. Simultaneamente intercala-se novamente aquele som ruidoso vibrante; a irradiação continua, sem nada apresentar de compreensível. Finalmente, desaparece o som ruidoso, e eu desligo o aparelho.

Mais tarde ocorreu-me a idéia de escutar o que se passara durante os seis minutos em que falei com minha mulher no telefone, embora, como já disse, no momento em que tirei os fones auriculares, o som desaparecera, o que me fez deduzir que a irradiação fora interrompida. Não obstante, escutei também essa parte da fita magnética. A princípio ouvi um som muito alto, que interpretei como a expressão “Carino”.

Involuntariamente, lembrei-me do estranho comportamento de Carino e então tomei a examinar atentamente a fita.

Depois da palavra “Carino” em tiple agudo, reinou completo silêncio durante dois minutos, exatamente. Então uma agradável voz masculina começou a cantar baixinho — aliás, sem palavras — a primeira estrofe de *Volare*, uma canção italiana muito conhecida. — “Muito a propósito” — pensei comigo — “pois se alguém pode voar, devem ser vocês, meus amigos invisíveis”.

“Ah, Carino!” murmurou repentinamente uma voz de homem, e logo a seguir se ouve Carino subir a escada. O ruído de suas patas torna-se cada vez mais intenso e no momento seguinte Carino abre a porta encostada.

“Carino — d’Ammannzio — tu me escutas?”, pergunta uma amável voz de homem a meio tom. O cão pula sobre a cadeira, que bamboleia com estrépito.

“Carino, aqui está o aparelho”, a voz ressoou novamente no silêncio do quarto e então se ouve nitidamente a pergunta: “Carino, tu me conheces?”

Como resposta, Carino pôs-se a fungar, como se quisesse umedecer a garganta.

O diálogo não pôde prosseguir, pois nesse instante eu subia a escada ruidosamente, e abrindo precipitadamente a porta corria em direção à mesa, pondo Carino sobre a cama e colocando os fones nos ouvidos. Logo se fez ouvir o som ruidoso.

É uma vivência convincente e animadora poder ouvir a gravação outra vez, e mais uma vez, e sempre.

Quanto mais recebia as vibrações sonoras e as palavras dos meus amigos invisíveis, mais alegre e tranqüilo me tornava. Aqui, enfim, encontrei a segurança íntima que me fez pressentir que tudo isto representava apenas um modesto princípio de futuras ocorrências extraordinárias e inimagináveis.

***Cançoneta com comentário.
Cinco vezes late um cão. Alguém escuta e vê junto.
O surpreendentemente novo e impetuoso
está se delineando.***

CERTO DIA, pedimos emprestado um disco aos nossos vizinhos Ingrid e Lennart R., a fim de gravá-lo na fita magnética. A cançoneta denominava-se “As Marionetes”, e a música era de autoria do próprio Lennart R. Aliás, essa canção conquistou o primeiro prêmio no festival de Pesaro. Tanto a melodia como a letra eram bem sugestivas.

Rodei o disco numa eletrola portátil e gravei a música diretamente pelo microfone. Durante a escuta da fita magnética, ao terminar a música, ouviu-se uma voz de homem que dizia em sueco: “Isso está certo, ponto por ponto”.

Dias depois, numa tarde tranqüila, achava-me novamente às voltas com uma gravação, quando ecoou o latido distante de um cão. O animal encontrava-se no lado oposto do lago, a uns duzentos metros de distância, e seus cinco latidos roucos, naturalmente, foram captados pela fita magnética. Em seguida, ao analisar a gravação na velocidade de $3 \frac{3}{4}$ i.p.s. (9 cm/sec.), mais lenta, portanto, que a velocidade de gravação soou, em vez do latido do cão, a seguinte frase em alemão escorrito: *Mölnbo. Hauptblock. Zwölf Uhr zwölf!* (Mölnbo. Bloco principal. Doze horas doze!)

Ocorreu então novamente uma dessas metamorfoses mágicas, cuja origem e manifestação a parapsicologia do futuro terá de decifrar. Quatro anos depois é que eu pude achar uma explicação, particularmente clara para mim, a respeito dessa frase misteriosa e aparentemente inexpressiva: *Mölnbo. Hauptblock. Zwölf Uhr zwölf!* Após minha primeira entrevista à imprensa no verão de 1963, começaram a chegar numerosos visitantes à minha casa em Mölnbo, e verificou-se então que aqueles que se dirigiam para lá através da estrada de ferro, via Estocolmo, utilizavam o trem da manhã e chegavam à estação de Mölnbo às 12 horas e 12 minutos. (A pequena cidade de Mölnbo fica a sessenta quilômetros ao sul de Estocolmo.) De

1964 a 1965, inúmeras pessoas me davam notícia de que haviam gravado em suas fitas magnéticas vozes análogas às que eu gravara. Mais adiante voltarei ao assunto, fornecendo maiores detalhes.

Dentro de pouco tempo organizaram-se grupos de pesquisas paralelas que, de certo modo, eram por mim dirigidas e controladas.

Mas voltemos ao outono de 1959. Uma tarde, minha sogra veio visitar-nos em Mölnbo, manifestando o desejo de conhecer também o sótão da nossa casa, de modo que a conduzi até lá, amparando-a na subida da íngreme escada. Nesse momento, minha mulher ocupava-se em lavar o chão. Antes que minha sogra entrasse no quarto, consegui, imperceptivelmente, ligar o gravador de som. Fi-lo com o intuito de surpreendê-la com o som de sua própria voz. Mas logo ela demonstrou não se interessar em ouvir a sua voz e pouco depois se despediu sem ouvir a gravação.

Mais tarde, ao escutar a gravação, constatei o seguinte: iniciou-se com a voz de minha mulher conversando com sua mãe, num volume de som normal. De repente o som desapareceu e houve um estranho silêncio. Aumentei ao máximo o regulador de som e pude então escutar uma conversa em alemão, o que me parecia esquisito, pois nenhum de nós falara alemão, mas unicamente sueco. Numa grande tensão, coloquei os fones auriculares e pus-me a anotar a palestra, palavra por palavra.

Após umas breves observações de Mônica, intercalaram-se estrondosos ruídos, e o volume de som diminuiu sensivelmente. Uma voz ecoou a grande distância, dizendo em alemão: *Jetzt kannst du Radar hören, sehen... lass mich hören...* (Agora podes ouvir o radar, ver... deixa-me ouvir.) *Sie will ja gar nichts sagen!* (Ela até não quer dizer nada), respondeu uma voz masculina, também em alemão, e eu reconheci imediatamente a voz que, em outra ocasião, havia proferido as palavras: *Friedrich, du wirst beobachtet!* (Frederico, tu estás sendo observado!)

Uma segunda voz observou de passagem: *Bei Monika ist's häuslich.* (Em casa de Mônica o ambiente é familiar.) Repentinamente souou a voz de minha sogra, fazendo uma pergunta em sueco à sua filha. “Não fale sobre isso...”, respondeu Mônica um tanto aborrecida, depois de prolongado intervalo.

Das hörte sie! (Isto ela ouviu!), observou agora a segunda voz masculina

em alemão.

Wie sie da arbeitet! (Como ela trabalha aí!), interferiu, com admiração, a primeira voz de homem. *Ich sehe sie! ich höre direkt!...* (Eu a vejo! ouço diretamente!) Nesse instante, sem nada suspeitar, eu havia interrompido a gravação.

O que eu captara era indubitavelmente excepcional. Aqui estava a prova infosismável de que a nossa conversa no sótão fora presenciada, de algum modo, por alguém através do “radar”, sendo ouvida, vista e comentada.

Considerarei esta prova como um grande progresso, e perguntava a mim mesmo se a gravação, tão nítida, teria alguma relação com as reações magnéticas da lua cheia.

Ao fazer um retrospecto das ocorrências daquele verão e outono de 1959, levando em consideração o espaço de oito anos e tentando precisar bem o meu estado de alma naquele tempo, devo reconhecer que eu me havia transformado interiormente em um gigantesco ponto de interrogação e que todos os meus sentidos e aspirações visavam unicamente a encontrar uma explicação para os fenômenos que se manifestavam dentro de mim e ao meu redor.

Ao mesmo tempo, achava-me num estranho estado de agitação interna. Algo brotava e crescia dentro de mim, e tateava penosamente para alcançar a luz da consciência. Diariamente, sentia que algo se desmoronava dentro do meu ser. Eu havia penetrado em um campo de transmutação, em uma esfera de tensão, onde, constantemente, se alternavam a morte e o nascimento. Na realidade, encontrava-me num centro de tempestades e de caos, e daí nasceu, lentamente, um novo entendimento. Poderia expressar-me melhor da seguinte maneira: um plano de existência, oculto e misterioso, abriu um canal em minha direção e, evidentemente, de duas formas simultâneas — uma interna, através do inconsciente, e a outra externa, por meio físico-acústico, através do gravador de som. Que não se tratava de imaginação de minha parte, mas de uma realidade viva e objetiva, comprovavam, de modo incontestável, as fitas magnéticas com suas gravações, que podem ser reproduzidas à vontade e em qualquer lugar.

Creio que tal acontecimento, na forma que se processou, é absolutamente

novo na história da humanidade.

Confesso sinceramente que é difícil descrever fatos revolucionários desse tipo, e mais difícil ainda é vivê-los. Por mais interessantes e fantásticos que sejam, estão sujeitos, na realidade, a se transformar numa viva cabeça de ponte, já que se trata de uma experiência só realizável com o necessário discernimento e força psíquica. Algum poder superior deve ter-me escolhido para pioneiro e também para cobaia, pois passei, física e moralmente, por uma infinidade de infortúnios e provações. Hoje estou certo de que as provas e crises se acumularam justamente nos primeiros dois anos de “abertura”.

Se bem que, após esses anos preparatórios, as dificuldades e problemas não tenham absolutamente diminuído, pude observar uma crescente estabilidade e serenidade. O importante é que houve um intróito a uma nova orientação, levando-me a superar a penosa fase das constantes perguntas e especulações e a alcançar um estado libertador de discernimento e compreensão. Em verdade, cheguei à conclusão de que as maiores dificuldades e obstáculos encontram-se dentro de nós mesmos e de que as tentativas de aproximação provindas de uma oculta dimensão de existência não seriam realizáveis sem a remoção desses obstáculos e embaraços; ao contrário, conduzir-nos-iam, inevitavelmente, a novos equívocos.

Dos três episódios que se sucederam em curto espaço de tempo, podem-se perceber claramente as tentativas de aproximação e as dificuldades decorrentes do contato com dois diferentes planos de existência e consciência. Ainda bem que os do “lado de lá” dispõem de um admirável bom humor.

*Fita magnética número 4.
Brincadeira esdrúxula com Carino.
A metade da maçã.*

NO DIA 17 de setembro de 1959 ocorreu um caso, em que coube outra vez ao nosso *poodle* Carino o papel principal, e ele o desempenhou, também desta vez, com naturalidade e bravura. De minha parte, tinha de contentar-me com o papel de ouvinte obscuro, papel esse, aliás, que me fora reservado em outras ocorrências.

Batizei a fita magnética de que se trata aqui de “Folguedos de Carino no Gramado”. Esta fita tem o número 4 e do outro lado está gravada a inauguração de minha exposição em Pompéia. Em minhas notas sobre esse dia lê-se o seguinte: “17-9-1959, lua cheia 000, muitas alterações — 022 — corrente elétrica, sinais violentos.”

Já observei que só posso avaliar acertadamente o verdadeiro significado de uma gravação quando escuto novamente uma antiga.

Numa fria manhã de fevereiro de 1962, encontrava-me outra vez no nosso sítio em Mölnbo. A paisagem estava inteiramente coberta de neve. Tal o negativo de uma fotografia, predominavam o branco, o preto e o cinzento. Sentei-me diante do gravador e coloquei a fita do dia 17 de setembro de 1959. Esperei um pouco que o aparelho esquentasse, pressionei o botão e então...

É uma tarde ensolarada de outono. A claridade invade o meu quarto no sótão. Em pé, diante do aparelho, com os fones auriculares ajustados, ligo e desligo o gravador. O sol invade alegremente, com seus raios mornos, o meu quarto. Carino, o nosso cãozinho preto, dorme tranquilo sobre a cama de Mônica. Lá fora, reina uma calma absoluta. Ligo novamente o aparelho e, de repente, soam sinais violentos. Sons ensurdecedores e chocalhantes, como ruídos telefônicos enormemente intensificados, fazem estremecer todo o aparelho. Curvado sobre o gravador, sinto, repentinamente, espalhar-se pelo meu rosto, pescoço e mãos, um formigueiro e um estranho tremor. Parecia-me que eu havia penetrado numa vibrante corrente. Carino

levanta-se e pousando as patas sobre o peitoril da janela põe-se a espiar atentamente o jardim. Seu olhar oscila rápido da esquerda para a direita, e sua cauda treme de agitação.

Em voz alta, pergunto: “O tio chegou, ou a tia?...” Penso jocosamente nos venusianos com seus discos voadores.

No aparelho ecoam alguns sinais ensurdecedores. Será que se deve interpretar isso como resposta? Os sons penetram todo o meu ser, até à medula; o aparelho vibra visivelmente. “Vamos descer?”, pergunto ao Carino.

Imediatamente se interrompem os sinais.

Deixo o aparelho ligado para a gravação e desço a escada com Carino. Saio e dou uma volta ao redor da casa, observando atentamente o céu e perscrutando o silêncio da floresta — mas não descubro nada.

Entrementes, Carino pula entre as macieiras com saltos verdadeiramente desarvorados. Retorno ao quarto do sótão e ouço Carino latir clara e alegremente; ao segundo latido, soa uma voz de mulher que diz bem alto: *Snouth — bist du blin-di?...* Estas palavras, em inglês e em alemão modificados, certamente eram dirigidas a Carino e podem ser traduzidas assim: “Focinho — tu estás cego?”

Coloco os fones auriculares e continuo à escuta. Durante um longo tempo tudo permaneceu quieto. Desta vez não há interferências. Súbito, dois violentos estrondos ecoam no aparelho. Mais tarde, ao repassar esta parte dos estrondos com a velocidade de 3 $\frac{3}{4}$ i.p.s., torna-se audível, depois do segundo estrondo, uma voz de homem, com entonação comum, em alemão: *bist mal ruhig!* (Fica quieto.)

A gravação continua. Passados uns dez minutos, aqueles sinais violentos recomeçam a sacudir o aparelho.

Carino permanece lá fora no jardim, embora eu tivesse deixado a porta aberta e ele não costumasse me deixar sozinho.

Bem longe ecoa agora uma chamada de tiple agudo: “*Mölnbo!*”

Ainda no lado de fora, Carino começa a ganir e a emitir pelas narinas uns sons sibilantes. No aparelho, ouve-se um ruído estridente e alarmante. Carino continua a ganir, impaciente e obstinado. Retiro os fones, digo algumas palavras a mim mesmo e desço a escada. A fita reproduz claramente o que eu falo com o cãozinho no jardim.

Sentado no gramado, Carino não se arreda dali. Dou novamente uma volta ao redor da casa. Nada, nada mesmo!

Volto ao quarto do sótão e me posto diante do aparelho. Lá fora, Carino se manifesta em tons provocantes. Corre entre as macieiras e, em seguida, ouve-se o seu latido alegre e claro. É um latido de manifestação de alegria, divertido e provocante, cada vez mais intenso, exatamente como costuma fazer ao brincar com a bola.

“— O que aconteceu com ele?” — pergunto a mim mesmo admirado. Retiro os fones auriculares e pela terceira vez desço a escada. Carino rosna divertido, alegremente agitado, e não toma conhecimento da minha presença.

De repente, meu olhar cai sobre um galho em que se balança uma maçã. A calma é absoluta, não se vê nenhum pássaro, e mesmo assim a maçã balança no alto da árvore. Curioso é que a maçã é cortada transversalmente e resplandece alva-centa à luz do sol...

Carino permanece indeciso no gramado. Falo com ele durante alguns minutos, mas tenho a impressão de que está bastante perturbado, pois não vem para o meu lado. Perplexo, miro a maçã, que agora está imóvel na árvore. Ouve-se na fita magnética quando fecho a porta e coloco os fones auriculares.

No mesmo momento soa uma voz de homem, que diz em alemão o seguinte: ... *it sehr klare Aufnahme hilft der Mond...* (...é gravação bem nítida — a lua ajuda...)

O homem fala depressa e na cadência de sua voz há um tom de quem está satisfeito.

Depois dessa frase nítida, percebem-se ainda uns sons agudos e sibilantes, seguidos, afinal, de uma voz de mulher com típico sotaque berlinense: *Heute — Mälarhöjden...* (Hoje — Mälarhöjden...)

Com isso terminou a fita e a gravação.

O que eu narrei aqui, pode-se, durante a escuta da fita, perceber tom por tom, palavra por palavra. A voz de Carino dispensa comentários mais detalhados. Os sinais ensurcedores falam por si mesmos, assim como as vozes dos dois desconhecidos.

*O equívoco dos discos voadores.
Para mim chega! As coisas começam a falar.
Estou ficando esquizofrênico?*

NESTE PONTO preciso confessar que não posso dar uma explicação incontestável e racional aos fenômenos descritos, e não sei se qualquer outra pessoa, depois de sete anos, seria capaz de decifrar o mistério das “vozes do Nada”. Embora hoje já tenha formado uma idéia puramente pessoal, baseada em certas ocorrências, que satisfazem relativamente a minha lógica e a minha razão, não pretendo, de modo algum, opor-me à uma explicação objetiva. Sou, por natureza, contra o dogmatismo obstinado que não tolera crítica e rejeita a autocrítica.

Sou também bastante sincero para revelar aos leitores que naquela época — em setembro de 1959 — adotara uma idéia que, mais tarde, verifiquei ser errônea: Eu estabelecera uma correlação entre as vozes enigmáticas e os denominados objetos não identificados (UFO — discos voadores). — Já naquele tempo, o número desses misteriosos objetos voadores avistados ultrapasara em muito os 100 000, e praticamente não existia um país na terra no qual não se tivessem observado essas enigmáticas máquinas voadoras. A idéia de que poderia haver uma relação entre as vozes de homens e mulheres, gravadas nas minhas fitas magnéticas, e a tripulação desses UFOs não era assim tão absurda.

Acrescentando-se ainda várias observações e experiências minhas e de minha família, tudo concorria para fortalecer-nos na suposição de que estávamos tratando com seres de outros planetas. Quero evitar aqui a reprodução de minúcias, mas peço encarecidamente ao leitor que não chegue à precipitada conclusão de que eu pretenda forjar uma combinação de esperanças fantásticas e lendárias. Sempre me esforcei por manter-me sereno e ponderado e se, naquela época, cheguei a uma conclusão errônea, baseado em observações e constatações verídicas, isto é algo que acontece à maioria dos pesquisadores e descobridores durante a sua vida. Mas é preciso ter coragem de admitir o próprio equívoco. De enganos e erradas deduções está calçado o caminho que conduz a novos conhecimentos e descobertas. Será sempre assim, enquanto existirem seres humanos pensantes, dotados de sensi-

bilidade.

Assim é que depois que nós — minha mulher e eu — tivemos de reconhecer que as nossas audaciosas esperanças e expectativas não se realizariam, sentimo-nos envergonhados e, além disso, atraído e escarnecidos por aqueles seres desconhecidos.

Lembro-me ainda de que, sentindo-me saturado de tudo e colocando o dedo na tecla para desligar o gravador de som, ouvi nitidamente as palavras: *Bitte warten warten — hör uns an...* (Peço esperar, esperar — escuta-nos...), pronunciadas por voz de homem. Mas não esperei, nem quis ouvir mais nada. Coloquei a tampa no aparelho, juntei as fitas magnéticas e estava firmemente decidido a acabar, uma vez por todas, com essa “tolice”. Sentia uma amargura infinita e atribuí a culpa desse suposto fracasso àqueles “espíritos” que, positivamente, zombaram de todos nós.

Arrumamos nossa bagagem, fechamos a cabana da floresta e a casa-grande à beira do lago e retornamos a Estocolmo. De algum modo senti-me aliviado, embora a nossa partida me parecesse uma fuga.

Ao chegar em casa, tratei de guardar as fitas magnéticas dentro do armário de ferramentas e empurrei o gravador de som bem para baixo da minha escrivaninha, a fim de que saísse do meu campo visual. Passei a ter uma invencível antipatia contra tudo que se relacionasse com gravação de sons e, além disso, nem sequer conseguia auscultar as fitas magnéticas gravadas, a fim de submetê-las a um exame mais sério. Nós, homens e mulheres, não gostamos que os outros se riam à nossa custa, nem nos agrada parecermos ridículos aos seus olhos. Preferimos passar como vítimas das atividades fraudulentas alheias, ao invés de admitir que fomos vítimas de nossa própria ignorância e dos nossos desejos.

Quando a amargura se dissipou, pus-me a refletir mais calmamente sobre as ocorrências lá do bosque de Mölnbo. Resolvi então começar por onde me parecia estar situado o ponto mais fraco e, na verdade, pretendia submeter a noção “planetariano” a uma análise rigorosa.

Segundo as informações de muitos pioneiros da investigação dos UFOs — os chamados “homens de contato” — os “planetarianos” encarnam um tipo de hu-

manidade melhor e mais evoluída, aptos a se apresentarem ao terrícola, mergulhado em temor e perturbação, como um tipo ideal. Uma parte dos adeptos dos UFOs está prestes a fazer uma moderna reformulação religiosa com base nesses fatos, ou seja, uma ideologia interplanetária oculta.

Há milênios — principalmente em tempos críticos e perigosos — existem em nosso planeta seitas de toda a espécie, escolas ocultas e movimentos para a salvação do mundo, em parte religiosos, em parte visando a uma concepção política mundial. Fomos também contagiados por esta “deliciosa ideologia” de doutrinação e redenção por entidades extra e superterrestres. Não obstante, estava convicto de que neste discutidíssimo setor do UFO e da ufologia, não podia haver fumaça sem fogo, pairando apenas a indagação: o que era realidade, o que era ilusão ou fantasia e como seria possível perceber a centelha da Verdade nesse emaranhado de contradições?

Quanto mais sereno eu meditava sobre o assunto, mais claramente começava a reconhecer a distorção, que não apenas neste setor deforma o raciocínio humano. No fundo, já me havia aproximado bastante da solução, mas sofrera um sensível retrocesso, em virtude de minhas próprias deficiências.

Não tinha mais qualquer dúvida de que, no tocante aos fenômenos das fitas magnéticas, tratava-se de ocorrências superfísicas e parapsíquicas, que só podiam ser investigadas de maneira prudente e com imparcialidade, sem idéia preconcebida.

Passou-se o mês de outubro. Meu gravador continuava abandonado debaixo da escrivaninha. Então aconteceu algo que me encheu de assombro e inquietação.

Tudo começou naquele dia em que se tornaram audíveis ao meu redor estranhos fenômenos sonoros. Certa hora, por exemplo, quando estava sentado no meu estúdio escutando o rumor da chuva, pude distinguir nitidamente exclamações breves, palavras inteiras e truncadas, às vezes frases mais longas, vindas da chuva lá fora e que, indubitavelmente, eram sussurradas pela voz de alguma mulher. As frases com frequência repetiam-se, sendo proferidas ora em alemão ou em sueco, e diziam mais ou menos o seguinte: *Kontakt halten! Mit dem Apparat Kontakt halten — bitte hören — tag kontakt med apparaten — bitte, btte hören!...* (Manter conta-

to! Com aparelho, manter contato. Favor ouvir (sueco: *tag kontakt med apparaten*), favor, favor ouvir!...) Essas palavras poderiam confundir-se com a crepitação do forno ou com o rugitar do papel. Não havia dúvida de que se tratava de um verdadeiro fenómeno acústico, e não de imaginação, pois reconheci imediatamente a inflexão e característica da voz feminina que freqüentemente se fizera ouvir nas gravações anteriores. Apesar de tudo, isto me inquietava, e eu resistia a esses contatos importunos que me despertavam imagens lendárias e históricas de assombração. Ademais, pensava nos sintomas de esquizofrenia (personalidade múltipla), em que é típica a audição de vozes de seres invisíveis. Esta particularidade provocou-me um grande mal-estar, e embora me sentisse perfeitamente saudável e normal, a dúvida deixou um afiado “espinho” dentro de mim.

Estaria sendo vítima de perturbação mental? Essa idéia me pareceu ridícula. Dormia maravilhosamente bem e jamais fora oprimido por temores, nem perseguido por imagens fantásticas. Minha capacidade de concentração era perfeita e tudo estava em ordem, no tocante ao aspecto físico e espiritual. Entretanto, ouvia vozes ao meu redor; até através do ruído do meu aparelho elétrico de barbear, podia ouvir nitidamente aquela voz de mulher que, com incansável persistência, sussurrava a sua frase em alemão: *Bitte — bitte Kontakt halten — hören — hören — am Apparat hören — bitte Kontakt halten!*... (Peço manter contato — escutar, escutar, escutar no aparelho — peço manter contato...) Devo ao meu amor próprio ofendido não ter atendido ao apelo dessa voz feminina, pois teria sido mais simples captar o insistente cochicho na fita magnética. Isto era lógico: se esses cochichos realmente existiam, não sendo portanto uma alucinação auditiva de minha parte, então seria possível gravá-los na fita. Desde que fossem captados uma vez, ter-se-ia fixada a prova de sua objetividade e com isso qualquer suspeita de perturbação sensorial seria para sempre eliminada.

Naquela ocasião, encontrava-me num estado de grande tensão nervosa. Minha audição tornara-se sutilíssima, e então senti que, em verdade, entrava na esfera da ciauiaudiência. Era estranho: involuntária e impetuosamente desabrochou dentro de mim uma experiência dominadora, difícil de ser vivida. Durante essa crise espiritual, comecei até a fumar, uma fraqueza de que até hoje me arrependo.

Meu amigo de infância Boris Sacharow. O caminho no silêncio. Um choque saudável.

EM NOVEMBRO dois amigos alemães vieram visitar-me em Estocolmo. Em consideração a eles, venci minha resistência Intima e pela primeira vez, depois daquelas ocorrências, peguei novamente as fitas magnéticas. Não havia feito ainda qualquer organização das gravações, e agi de modo apressado, pois creio que só consegui apresentar aos meus amigos o fenômeno do cão ladrando.

Na noite anterior à viagem dos meus amigos, pude obter, por um feliz acaso, a pista de um dos meus amigos de infância, de quem há vinte e sete anos não tivera notícia e que, durante esse tempo, havia se tornado um dos mais conhecidos professores de Yoga da Alemanha. Trata-se de Boris Sacharow, autor de vários livros de Yoga, e que deve ser conhecido por todos os praticantes de Yoga que conhecem o idioma alemão. Bons e eu estávamos ligados por uma velha amizade desde a infância, pois não apenas nos criamos juntos na mesma cidade de Odessa, mas também os nossos pais, ambos médicos, eram colegas. Mas o que mais nos unia era o profundo desejo de conhecer o sentido oculto da vida.

Eu encontrara Boris pela última vez em Berlim, no ano de 1932. Naquela ocasião, ele morava em casa de uns parentes meus em Charlottenburg. Apesar de suas consideráveis aptidões e sua grande vocação para o estudo dos idiomas, ele lutava com sérias dificuldades materiais. Sem dúvida, faltava-lhe o senso prático da vida. Além disso, era estrangeiro, e a Alemanha encontrava-se, naquela época, mergulhada numa crise quase catastrófica. Boris teve de tornar-se chofer de táxi. Trabalhava geralmente à noite, exercitando-se durante o dia em desenhos de propaganda e estudando diligentemente Yoga e astrologia. Desde o início da Segunda Guerra Mundial, eu não mais tivera notícias dele.

Alguns amigos alemães prometeram-me tentar descobrir o endereço de Boris, e eu esperava impacientemente o dia em que pudesse reencontrar o meu velho amigo de infância.

Entrementes, minha clauriaudiência desenvolvia-se com espantosa rapidez. Felizmente logo me habituei a essa nova faculdade, aceitando-a como se tem de aceitar fatos inevitáveis, sem opor resistência. Não procurei mais contato com os meus “amigos anônimos do espaço”. Não me satisfaziam os esclarecimentos fornecidos, em tais circunstâncias, por parapsicólogos, espiritualistas, ocultistas, ufólogos e sabe Deus quantos outros “istas”, pois queria saber tudo com exatidão, queria convencer-me por experiência própria, e não apenas contentar-me com explicações alheias.

Com o decorrer do tempo, tornei-me mais tranqüilo, mas não vencera ainda a minha aversão ao gravador de som.

Certa noite, deitado num divã do meu estúdio, tentava revisar com serenidade aquelas estranhas ocorrências. Intimamente, lamentava haver interrompido a comunicação com meus amigos invisíveis. Sentia um grande vazio, uma dolorosa frustração, e não sabia ao certo como poderia recomeçar as experiências, sem expor-me a novas decepções.

Tentei fazer um retrospecto da minha vida, a fim de descobrir o que nela havia de essencial. Sim, o que é então essencial na vida humana? Acorriam-me à memória cenas de infância, repletas de paz e felicidade infinitas, imersas no abismo do tempo... Como esses êxtases começam a rarear com o correr dos anos.

Outras vivências desenrolavam-se diante de mim: a guerra, a revolução, o casamento, o divórcio, alegrias fecundas e construtivas, êxitos e decepções — mas, acima de tudo, brilhava a luz radiosa da vivência na eternidade, verdadeira, real, imperecível... Decerto que essas experiências constituíam o âmago, o essencial na minha vida, e eu perguntava a mim mesmo se não obteria uma resposta por meio daqueles “êxtases sublimes”, daquela “absorção no imensurável”.

Submergi lentamente num estado de profundo repouso e, interiormente, comecei a imobilizar-me, embora estivesse completamente desperto e consciente.

Então aconteceu algo que antes nunca havia acontecido: ouvi claramente a voz amortecida de um homem falar a uns três metros de distância. Dizia em alemão: *Hör mich an, nimm Teil an der Arbeit...* (Escuta-me: toma parte no traba-

lho...)

Minha respiração parou. Ao mesmo tempo, senti um toque gélido no diafragma. Com um salto, pus-me de pé, abri rapidamente a janela e comecei a respirar profundamente o ar frio do inverno.

Aquilo foi um choque para mim, mas foi também um alívio libertador. Esse contato — o mais impetuoso de todos — chegara no momento exato.

Hör mich an, nimm Teil an der Arbeit... Não era isso um apelo para que eu continuasse a prestar a minha colaboração? Nesse momento tive plena consciência de que os contatos, iniciados há um ano, não deviam ter sido interrompidos, pois o fato era evidentemente mais sério e importante do que fora possível compreender até então.

Rapidamente me recuperei do choque. Uma sensação de alívio pelo reencontro da comunhão espiritual encheu-me de alegria, devolvendo-me a antiga confiança.

Apesar dos meus erros e equívocos, os meus amigos invisíveis não me haviam esquecido, e depois, quando o “gelo se derreteu” restabelecendo o equilíbrio, resolvi, um pouco antes do Natal, retomar os contatos através do gravador de som.

Meu gravador transformou-se em radiorreceptor. Uma surpresa natalina. Quem soprou aí?

CERTA NOITE, justamente no momento em que eu ligava o gravador, entrou no meu estúdio um amigo americano, Freddie T. Ao avistar a fita rotante, baixou a cabeça em sinal de aprovação, meio divertido e meio cético, e disse sorrindo: “Eu sou Tomé...” Logo em seguida, uma voz masculina acrescentou em sueco: “Tu estás blasonando...”

Como se vê, as vozes se manifestaram logo na primeira noite.

Antes de todas as outras, reconheci aquela voz feminina incansável, com sotaque alemão, que há dois anos, pelas frequências sonoras mais diferentes, esforçava-se para falar comigo. Agora, que sua voz soava na fita, pude reconhecer claramente aquela suave e expressiva entonação, que revelava um sentimento cálido e intenso.

Nos dias subseqüentes começou a ocorrer um novo fenômeno. Muitas vezes, durante a gravação, a fita magnética captava, repentinamente, transmissões de emissoras de rádio. Eu mantinha o microfone sempre no mesmo lugar no estúdio, e o nosso rádio, que ficava na sala de estar, era desligado durante a gravação. A maioria das irradiações assim gravadas era de emissoras suecas, mas de vez em quando, surgiam partes de programas de emissoras estrangeiras, não raro com considerável volume de som. O que me parecia estranho era que, antes que a irradiação de uma emissora fosse captada pelo gravador, percebia-se quase sempre um tom de intercalação e um som ruidoso, que dava a impressão de que alguém estava constantemente a mexer no volume de som.

Uma noite, estava novamente sentado diante do gravador e já ligara o aparelho, desejando no íntimo que, em vez das inexpressivas irradiações radiofônicas, meus amigos desconhecidos fizessem audíveis suas próprias vozes.

Mal projetei esse pensamento, um tenor começou a cantar muito alto e rapi-

damente em alemão e inglês: *Hör our voice!* (Ouça a nossa voz!)

Depois de compreender finalmente que o motivo de todos os equívocos até então surgidos partia de mim mesmo, senti voltar o equilíbrio espiritual e a alegria para o trabalho. Decidi “convidar”, com um afeto muito cordial, os meus amigos invisíveis para a festa de Natal, e com essa intenção, coloquei uma nova fita no gravador. Deixei rodar o aparelho acoplado ao microfone para que se iniciasse a gravação, mesmo durante nossas conversas na roda familiar.

Já o resultado da primeira gravação era extraordinariamente interessante. Logo no princípio, ouviam-se claramente várias vozes, que falavam simultaneamente em sueco e alemão. Nem faltavam expressões jocosas. Uma voz de mulher se destacava particularmente clara; ela falava em sueco, com pronunciado acento francês.

No dia seguinte, repassava a gravação, como de costume, com rotação mais lenta, quando então descobri um estranho fenômeno de som: juntamente com a minha voz grave de baixo, fez-se ouvir um sussurro bem nítido. Com a maior surpresa, reconheci aquela incansável voz de mulher, que agora me chamava frequentemente pelo nome e proferia com intensidade a palavra *helf* (ajude). Essa voz também falava simultaneamente alemão e sueco, interpolando, porém, algumas palavras em italiano.

Estranhamente, era o meu prenome que a voz se esforçava em pronunciar nas mais variadas entonações. Por exemplo, dirigia-se a mim chamando Farbrer Pelle (tio Pelle), como meus enteados costumavam me chamar. Com mais frequência diziam: Friedrich, Friedel, Freddie, Fredrik, Frederico e, finalmente, Friedebus. Essas variações certamente tinham o propósito de dissipar as minhas dúvidas de que fossem dirigidas diretamente a mim. No dia de Natal ocorreu um fato muito estranho, puramente psicológico, que iria provocar um enorme efeito positivo. Durante longo tempo, deixara rodar o aparelho, pronto para a gravação. Foi durante a tarde, e eu me encontrava sozinho no estúdio. Estava colocando os fones quando, repentinamente, ouvi um sopro forte, que eu percebia simultaneamente pelos fones auriculares e diretamente do quarto.

O ruído era tão alto que, no início, me assustou violentamente. Depois se

apoderou de mim a alegre certeza de que o sopro, indubitavelmente, fora captado pelo microfone. Este som, que se assemelhava à respiração ofegante de um ser humano, repetiu-se duas vezes. Soava exatamente como se alguém estivesse fazendo exercícios respiratórios, destacando-se a expiração. Percebia-se o total esvaziamento dos pulmões, podendo-se ouvir claramente o som sibilante dos brônquios.

Após a segunda expiração, disse uma voz de homem em alemão: *So kalt!* (Tão frio!)

Esse fenômeno sonoro foi o primeiro que ouvi, ao mesmo tempo, do exterior — o estúdio — e do interior — através do fone auricular, e que pude gravar na fita. Incontestavelmente, fui bem sucedido. Ao rodar a fita, ouve-se minha entrada no estúdio, meus passos até à mesa e a colocação dos fones. Percebem-se todos esses ruídos perfeitamente, assim como o curioso exercício respiratório e a exclamação *so kalt!*

Aqui obtive novamente a prova cabal de que não sofria de imaginação, alucinações, ilusões ou quaisquer outras perturbações psíquicas. No íntimo, agradecia àquele amigo desconhecido que me livrou do último vestígio de dúvida e, na mesma noite, resolvi consultar um célebre cientista sueco. Mas antes de entrar nesse assunto, peço ao leitor um pouco mais de paciência, pois a mesma gravação ocultava ainda duas gratas surpresas que somente percebi quase duas semanas depois. Inicialmente, em parte devido ao meu ímpeto e, em parte, também pela inexperiência, me passou despercebida uma vez, logo no princípio da gravação.

Nos primeiros dias de janeiro, recebi a triste notícia de que meu amigo de infância, Boris Sacharow, morrera num desastre de automóvel, em outubro de 1959. Gravemente ferida, sua mulher, ainda em janeiro, se encontrava entre a vida e a morte e, na época, permanecia inconsciente no Hospital de Bayreuter.

Recebera a comunicação da editora alemã que lançara o livro *O Grande Segredo*, de Boris Sacharow. Este livro, que me fora enviado naquela época, contém muitas fotos de Boris em várias posturas de Yoga. As fotografias fizeram ressurgir as lembranças da infância e da adolescência, tomando mais dolorosa a perda do amigo.

FRIEDRICH JUERGENSON • TELEFONE PARA O ALÉM

Na última página do livro, há duas fotos de Bons praticando exercícios de respiração profunda. Ele está em pé, sorrindo, com o abdome contraído e os pulmões totalmente esvaziados. Ao observar mais de perto essas fotos, lembrei-me repentinamente daquele som sibilante de expiração e resolvi escutar novamente a respectiva fita.

Dessa vez pus-me a ouvir com uma atenção toda especial e logo captei uma suave voz de homem que, com algum esforço, mas perceptivelmente, dizia em alemão: *Am Apparat dein Boris!* (No aparelho, o teu Boris!) O nome Boris, ele o pronunciou em tom jocoso, prolongando o *r*.

Portanto, foi o meu leal amigo de infância Boris Sacharow que conseguiu dissipar definitivamente as minhas dúvidas.

Voltemos agora àquele 25 de janeiro de 1960, quando, encorajado pelas nítidas gravações das fitas magnéticas, resolvera consultar, por telefone, um célebre cientista sueco.

*A primeira demonstração pública.
Os invisíveis se intrometem na conversa.
Arne mostra-se rigoroso.*

O NOME DO Dr. Björkhem já me era conhecido há muitos anos. Lera algo sobre suas experiências de hipnose profunda. Esse talentoso pesquisador, doutor em filosofia, teologia e medicina, deveria, segundo eu pensava, como psiquiatra e parapsicólogo, conhecer o real significado dos meus contatos. Mas sendo o Dr. Björkhem um homem de renome internacional e bastante ocupado, tive dúvidas de encontrá-lo.

Para surpresa minha, estabeleceu-se entre nós uma conversa telefônica bem positiva. Com esse homem, não se precisava entrar em minúcias para que apreendesse o significado do fato. O Dr. Björkhem prometeu visitar-me na segunda-feira, 28 de dezembro de 1959, na minha residência em Estocolmo.

Além do Dr. Björkhem, resolvi convidar também um jovem amigo e sua mulher. Tratava-se de Arne Weisse, da radiodifusão sueca, com quem realizei em comum várias irradiações. Além deles, estava presente a minha irmã Elly, que veio passar o Natal conosco, assim como a minha cunhada Annica, que eu convidara especialmente.

Às 18 horas em ponto, chegaram os convidados. Depois de um pequeno lanche, fomos para a sala de reuniões, onde conversamos animadamente durante algum tempo. Apesar da boa disposição de todos, podia-se notar que já pairava no ambiente certa tensão.

Pessoalmente, sentia-me inseguro. Sentia-me, por assim dizer, na aflitiva situação de um diretor de teatro que não tinha a mínima idéia se o seu elenco estava ou não disposto a comparecer ao espetáculo programado. Tanto quanto possível, procurei manter-me distante do microfone, conservando-me a maior parte do tempo ao lado do Dr. Björkhem.

Atendendo ao pedido geral, liguei o aparelho para realizar a gravação, du-

rante a qual continuamos a conversar. A gravação se processou diretamente através do microfone, na presença de sete testemunhas e com total iluminação elétrica.

Como relatarei mais adiante, houve numerosas gravações tecnicamente realizadas de modo diferente, mas agora mencionarei apenas o essencial desta primeira “gravação pública”.

Cerca de 7:30 da noite, liguei o aparelho e exclamei resolutamente *Jetzt!* (Agora!) Mais tarde, durante a escuta, verificamos que uma alta voz masculina me antecederia exclamando *Poskala!*, se bem que nenhum de nós tivesse percebido tal exclamação. Com esse nome de uma pequena localidade sueca começou a nossa gravação.

Quando Peter, nosso filho mais novo, entrou na sala, sua presença foi comentada por uma voz feminina que a ele se dirigiu com um apelido carinhoso. A voz falava em alemão e em sueco, mas notava-se perfeitamente nos dois idiomas o sotaque finlandês. Sua comunicação era de natureza puramente particular, de modo que não há interesse em divulgá-la.

Decorrido algum tempo, ressoou uma voz de homem, que num tom um pouco nasal disse distintamente: *tanto partis*. Todos nós conversávamos em sueco, e eu acabara de responder à pergunta de minha irmã, dizendo: *Monga, monga*, o que significa muito, muito. O *tanto partis* que se segue na fita é uma combinação do italiano *tanto* e do inglês *parties* e, aparentemente, constitui a continuação de minha resposta. Mas como nenhum de nós percebera as vozes, continuamos a conversar despreocupadamente.

O que em seguida ocorreu foi extremamente estranho. Uma das senhoras havia dirigido uma pergunta ao Dr. Björkhem, que a ela respondeu com sua calma habitual. Mas na fita percebia-se outra seqüência de voz completamente diferente, embora tivesse como fundo a voz do Dr. Björkhem, mas que, na realidade, não fora pronunciada por ele: “*Stackars lilla Björk!*” (Coitada pequena bétula!) Isto talvez fosse uma indicação do grave mal cardíaco do Dr. Björkhem, quase imperceptível devido ao seu perfeito autodomínio.

A mesma voz que chamou Peter carinhosamente pelo apelido ainda se fez

ouvir algumas vezes e, a certa altura, exclamou alto e nitidamente: *Tanner — Tanner*. Como ninguém na sala tivesse escutado essa expressão, houve um espanto geral quando foi ouvida ao rodar-se a fita.

Este claro fenômeno vocal, que aliás soou levemente mecânico, deve ter exercido um efeito surpreendente sobre Arne Weisse, porque, de repente, ele se aproximou do microfone e exigiu, de modo enérgico, que os nossos hóspedes invisíveis se retirassem.

Procurei desviar para o lado humorístico essa ocorrência um tanto desagradável, lembrando-lhe que estávamos ali reunidos justamente para poder ouvir aquelas vozes. Gracejando, acrescentei que seria melhor fôssemos amáveis com os nossos visitantes desconhecidos. Mas, no íntimo, receava que Arne tivesse expulsado o meu “elenco”.

Ao prosseguir a gravação, perguntei bem alto o que poderíamos exatamente fazer em favor dos nossos amigos invisíveis e se eles realmente esperavam algo de nossa parte.

Annica propôs que ficássemos por alguns instantes em silêncio e, decorridos alguns minutos, rodei esta parte da fita. Então quebrou o silêncio aquela incansável voz de mulher, que sussurrou enfaticamente: “Vós sois humanos!”

Durante algum tempo nada ocorreu que despertasse a nossa atenção. Continuávamos a conversar animadamente num tom de voz bem alto. Eu havia contado ao Arne o caso da “expiração”, quando aquela voz, até então desconhecida, dissera: *So kalt!* (Tão frio!)

Arne apanhou o microfone e perguntou várias vezes com sua voz clara e modulada: Onde está Tanner?

I Sverige (na Suécia), responderam bem baixinho.

“Eu não acredito absolutamente em vocês”, acrescentou Arne energicamente, pois decerto não podia ouvir a resposta.

“Vocês nem existem. Podem responder agora, se por acaso for possível dar

uma resposta?”

(“*Nonsens...*”, respondeu a mesma voz, como foi verificado mais tarde.)

“Onde é tão frio?”, perguntou ele. Repetiu várias vezes a pergunta, mas não obteve resposta.

Naturalmente, quase todos sentíamos um visível mal-estar. A insegurança e o temor inato ao desconhecido pareciam manifestar-se em nosso íntimo. Havia uma tensa expectativa.

Mais tarde, quando o Dr. Björkhem e minha cunhada Annica se retiraram, Arne e eu resolvemos fazer outra gravação no meu estúdio. Uma das senhoras presentes —creio que foi a mulher de Arne — aconselhou que ficássemos em silêncio, enquanto rodasse o gravador.

Estranho foi o resultado dessa experiência. Estávamos os dois sentados, em silêncio. De vez em quando, ouvia-se na fita o bulício abafado da rua. Súbito, uma voz de homem gritou: “*Grecola*”, com clara entonação na primeira sílaba.

Após alguns segundos de silêncio, a mulher de Arne disse com voz trêmula: “Se não tivesse tanto medo, iria agora à cozinha. Mônica, tu vens comigo?” Els-Marie deixara o seu filhinho dormindo na cozinha. O significado de *Grecola*, só iria sabê-lo três anos mais tarde, por intermédio do Dr. Alf, que me visitara naquela ocasião, em 1963. *Grecola* era uma espécie de apelido, usado no velho império romano. Era uma expressão latinizada, aplicada a um grego medroso. A melhor tradução talvez fosse: “pequena lebre temerosa”.

É oportuno esclarecer aqui que o significado de certas palavras, aparentemente incoerentes, muitas vezes só é apreendido anos depois. Embora algumas palavras e fragmentos de frases pareçam triviais e desconexas, sempre encerram certo sentido e finalidade.

O leitor, decerto, gostaria de saber, por exemplo, o que se queria revelar com as palavras *Tanner Tanner*. Naquela época, especulamos também inutilmente, sem encontrar uma explicação satisfatória.

Em 1963, visitou-me uma jovem da Suécia central, cujo noivo se suicidara. Em seu desespero, ela estava prestes a imitá-lo.

Em casos como este, não adiantam conselhos, tentativas de consolação nem prudentes advertências. Só a sincera solidariedade e a verdadeira compreensão podem ajudar a suavizar a dor da perda e o tormento da solidão.

Mantive com essa jovem várias conversas telefônicas e, certo dia, ela me enviou um livro intitulado *O Grande Problema*, do sábio inglês Dr. L. Johnson, editado antes da Segunda Guerra Mundial. A jovem chamava-me a atenção para uma determinada página, onde havia, entre outras, a seguinte comunicação de um morto, obtida por um médium inglês: “Examinem todos os modos de ligação sem fio. Nós (os mortos) estamos nos preparando para alcançar vocês por esse meio. Só depende do comprimento de onda...”

Ao folhear o livro, deparei de repente com o nome de *Tanner*, ali mencionado duas vezes. Tratava-se de um conhecido médium inglês.

Voltemos agora ao dia 28 de dezembro de 1959, quando Arne e eu realizávamos uma gravação no meu estúdio.

Deixáramos as senhoras — a mulher de Arne, Els-Marie, Mônica e a minha irmã Elly — na sala de estar. Então levamos o aparelho para o estúdio, montamos o microfone num canto, fechamos a porta atrás de nós e ligamos o aparelho. Arne caminhava inquieto de um lado para o outro.

Fie, wie kalt! (Xi, que frio!), disse alguém em voz baixa, em alemão, conforme se verificou durante a escuta da fita. Arne continuava a caminhar agitado, pois ninguém havia percebido essa expressão, que fora unicamente captada pela fita magnética.

— Ao que parece, devia-se falar aqui~ — disse Arne indeciso — mas, por outro lado, as vozes também devem descansar um pouco — acrescentou baixinho.

Nein! (Não), interrompeu — outra voz somente na fita — uma voz de homem em alemão.

Nem, am Apparat halten wir... (Não, no aparelho nos mantemos). Aqui a voz passou para o idioma sueco — *vom Morgen bis zum Abend in der Nacht...* (desde a manhã até a tardinha dentro da noite...) Então a voz concluiu em alemão: *So kalt ist in dir!* (Tão frio está dentro de ti!)

A última frase foi dita em voz alta. Sem dúvida, representava a resposta direta à reiterada pergunta de Arne.

Esta gravação foi mais tarde examinada por dois peritos em técnica de som, da Escola Superior de Tecnologia de Estocolmo.

No momento oportuno, voltarei ao assunto.

A voz que dissera “tão frio está dentro de ti” soava um tanto rouca, lembrando a que gritou, logo no início, *tanto partis*. Ao escutarem esta gravação, as senhoras mostraram-se muito agitadas. Todas falavam ao mesmo tempo, mas Arne continuava sentado, imerso em seus pensamentos. Como confessou mais tarde, percebera o sentido da resposta. Realmente, sente-se frio por dentro quando se tem medo de algo.

Antes que o pessoal se retirasse, Arne ligou mais uma vez o aparelho. Estávamos sozinhos no estúdio, e eu disse mais ou menos o seguinte:

— Nós, homens, somos assim... Enquanto não percebermos que existe outro plano de existência, nenhuma prova nos convence...

— Mas, Friedel — interrompeu-me Arne — eu creio sim...

Gör Ni? (Crê mesmo?), interveio a voz em sueco, num tom divertido.

Assim terminou a noite de experiências realizadas em 28 de dezembro.

***A fita magnética do dia 31 de dezembro.
“Misericórdia para o mundo, Aleluia!”
O tanger dos sinos com acompanhamento de coro.
“Este foi Hitler, que não se envergonha.”***

COMO FICOU CONSTATADO mais tarde, a comunicação pelo microfone era um meio simplesmente provisório, um expediente cujas possibilidades eram muito limitadas e que dependia grandemente das frequências físicas do som. Em face desses meios limitados, não era possível obter uma conversação completa e mais prolongada, e isto explicava por que as frases pareciam tão desconexas e esporádicas. Entretanto, essas primeiras tentativas de comunicação tiveram extraordinária importância, embora não se possa compará-las às comunicações que se seguiram posteriormente.

Na noite de S. Silvestre, houve uma gravação muito interessante, que passei a narrar sucintamente.

Eram quase 23 horas, quando coloquei no gravador uma fita nova, na expectativa de fazer uma gravação durante a passagem do ano. Como de costume, o gravador estava no estúdio, e o microfone num canto da sala de estar, a uma distância aproximada de três metros do rádio, que num volume de som baixo, transmitia o programa de Ano Novo.

Mentalmente, fiz uma pergunta aos meus amigos desconhecidos: desejava saber quem eram eles. Assim que liguei o aparelho, disse uma voz: *Bismarck!* Depois soou uma melodiosa voz de mulher, que cantando e adaptando-se ao som da música do rádio exclamou: *nur Deutsche!* (Somente alemães!)

Após curto intervalo, ouviu-se novamente a mesma voz de mulher, que agora, como que a grande distância, recitava: *Gnade der Welt — Allelujah!...* (Misericórdia para o mundo — Aleluia!...)

Pelo claríssimo e quase infantil timbre da voz era facilmente reconhecível a

modulação de um soprano agudo.

O restante da canção foi abafado pelas nossas próprias vozes. Conversávamos inteiramente despreocupados. Ninguém, além de mim, pensava em gravação de vozes de espíritos naquela hora. Alegres e alvoroçadas, as crianças esperavam com impaciência o tanger dos sinos à meia-noite.

Durante um pequeno intervalo de nossa palestra, ecoou, de repente, a voz do meu falecido amigo Pasquale, de Pompéia, que emocionado me chamou pelo nome. Pasquale fora um dos meus mais dedicados amigos. Morrera subitamente, um mês após minha partida de Pompeia, em agosto de 1958.

Nessa noite de S. Silvestre, várias vozes de mulheres, para mim desconhecidas, freqüentemente me chamaram pelo meu nome próprio.

Então tornou a ecoar o já mencionado *Koloratursopran* e começou a recitar solenemente: *Federici... Gnade wird sein, verzeih uns im Herzan...* (Frederico... Misericórdia será, perdoa-nos do imo do coração...)

As palavras restantes perderam-se em meio às nossas vozes.

No dia seguinte, ao reexaminar a sequência das palavras numa velocidade de 3 ¾, escutei uma estupenda linguagem metamorfoseada. *Haltet uns wach — heute kannst du fragen...*, murmurava em alemão uma sonolenta voz de homem. (Mantém-nos despertos — hoje tu podes perguntar.)

Pouco antes da meia-noite, quando a emissora sueca transmitia um concerto de órgão — as variações para canto coral de Brahms — ressoou novamente a cristalina voz de mulher que, acompanhando o solo de órgão, pôs-se a cantar um improviso. O concerto era transmitido da *Gamlakyrkan* (igreja antiga) da Suécia e apresentava um expressivo solo de órgão. Simultaneamente o acompanhava (isto quando se escutava a fita magnética) uma voz límpida de mulher, e, na verdade, com uma entonação sutil e um cálido *vibrato*.

Lamentavelmente, nossa conversa e algazarra atrapalharam, de modo que só se podiam ouvir, aqui e ali, algumas passagens.

As palavras mais perceptíveis que se destacavam em meio ao nosso vozerio eram: *Friede der Welt... Gnade, Gnade... Amen...* (Paz ao mundo... misericórdia, misericórdia... Amém...) O cântico parecia vir de grande distância.

À meia-noite começaram a tanger os sinos das igrejas do bairro antigo de Estocolmo. Era um ruído ensurdecedor, pois morávamos no centro da cidade velha e defronte da antiga igreja alemã.

De repente, ecoou na fita um vigoroso coro masculino. Era um curioso fenômeno sonoro, pelo fato de o coro masculino aproveitar certos tons vibrantes dos sinos como acompanhamento estimulante.

Aclamamos o Ano Novo com um uníssono *skol* (viva) e fizemos tinir as taças de champanha. Lá fora, os sinos das igrejas vibravam num coro retumbante. As crianças manifestavam sua alegria ruidosa e entremeava-se em surdina, no momento inaudível para nós, o coro masculino com seu enternecido *Paz, Paz!* Mas continuávamos perdidos em altos “vivas” a nossos amigos, desejando-lhes um feliz Ano Novo de 1960.

Dirigi-me então ao microfone, para saudar os meus ainda anônimos amigos, mas antes que eu erguesse a taça, antecedeu-me — como constatei mais tarde na fita, claramente audível — uma amável voz feminina, que disse em sueco incorreto: “Frederico é tão galante”, ao qual se segue o meu *skol*. Mais tarde, quando tudo já estava mais tranqüilo, ouviu-se uma voz de homem. Parecia idoso, e sua voz soava alquebrada, abafada e um tanto rouca, repassada de resignação e tristeza. Era como se toda a conversação se processasse em monólogo meditativo ou indolente solilóquio.

Wir lebten in der tiefsten Wirrnis..., começou a voz em alemão, *die Menschen herunterzudrücken und knechten... die anderen entzogen sich — ich nicht... darum bin ich...* (Nós vivíamos na maior confusão... para oprimir o povo e escravizá-lo... os outros se retrairam — eu não... por isso eu sou...)

As frases subseqüentes foram abafadas por nossas palavras. Algum tempo depois, o homem pôs-se novamente a falar, acrescentando apenas mais uma frase

com um estranho significado: *Wir lebten in bösem Kompott (nicht Komplott.)* (Vi-víamos num grave *kompott* — não complô.) E a voz silenciou.

Pouco tempo depois fez-se ouvir aquela voz feminina que anteriormente havia dito: “Frederico é tão galante”, e exclamou um longo e irônico *Heil!*

A seguir, acrescentou agitada: *Das war Hitler — er schämt sich nicht — er war hier...* (Este foi Hitler — ele não se envergonha — esteve aqui...)

Embora a mulher falasse em alemão, podia-se reconhecer perfeitamente o sotaque judaico, o sotaque de uma mulher polonesa.

Mais uma vez, ela fez ouvir a sua voz, e justamente no final da fita magnética: *Das war Hitler — er sieht euch!* (Este foi Hitler — ele está vendo vocês!), exclamou num tom alto e nervoso, acrescentando rapidamente com voz mudada e constrangida: *ich sage Hitler — er liebt mich!* (Eu digo Hitler — ele me ama!)

Com esta esdrúxula explicação, encerrei as gravações de “vozes de espíritos” naquela noite.

***Os cientistas tomam conhecimento.
Totalmente sem a parapsicologia, não vai.
Reconheço que não posso esperar quase
nada dos cientistas.***

A CLARA MANIFESTAÇÃO de vozes de origem ignorada, gravadas na presença de testemunhas idóneas, despertou a atenção nos meios científicos.

No decorrer daquele inverno, reuniam-se em nossa residência, de vez em quando, pequenos grupos de ouvintes interessados, entre os quais se encontravam, além do Dr. Björkhem, vários outros cientistas. Um célebre cientista sueco, o Prof. Ölander, e a secretária da Sociedade de Parapsicologia da Faculdade de Estocolmo, a Sra. Eva H., ajudaram-me a entrar em contato com um perito da Faculdade de Tecnologia (especialista em acústica vibratória) em Estocolmo. Depois de mostrar-lhe algumas fitas magnéticas, ele prontificou-se a assistir a uma gravação em nossa casa.

Eu pedira emprestado para aquela noite um novo gravador de som, em virtude de estar o meu já muito gasto. Além do Dr. Björkhem e da Sra. Eva H., estavam presentes alguns outros amigos.

Nessa noite eu compreendera pela primeira vez quão absurdas e inconvenientes são semelhantes demonstrações públicas. Realmente, chegara à conclusão de que não poderia convencer um cientista especializado, nem tampouco dar importância às suas opiniões. No seu setor, eram esses homens, sem dúvida, competentes e muito bem informados. Um deles havia construído um telefone eletromagnético que, por meio de impulsos elétricos, podia produzir quaisquer palavras ou sons da voz humana. Essa obra-prima técnica representa, indubitavelmente, um feito extraordinário, sob o qual se ocultam longos anos de árduas e meticolosas pesquisas.

Não obstante, ou talvez por isso mesmo, nenhum desses homens havia pesquisado o setor da parapsicologia e da metafísica. Como pesquisadores apegados aos trabalhos metódicos da ciência empírica, não estavam também interessados em fenômenos ocultos, que neles despertavam sistematicamente a mais alta desconfi-

ança.

Em tais circunstâncias, era natural que esses dois cientistas demonstrassem um reservado ceticismo e certa prevenção, no tocante às minhas gravações. Ademais, esses misteriosos fenômenos vocais ultrapassavam o seu campo de pesquisa, ultrapassando também a sua competência.

Eles trouxeram consigo seus gravadores de som e fitas magnéticas. Inicialmente, nenhum dos três gravadores funcionava, e só muito tempo depois dois deles começaram a funcionar.

Eu me pus a pensar, naquele momento, como devia ser difícil, e quase impossível, a um simples pesquisador materialista, compreender, de modo imparcial, algo totalmente novo e imprevisto. Durante meses a fio, eu próprio havia travado uma árdua luta para vencer totalmente o meu ceticismo.

Passamos a maior parte da noite discutindo. As poucas tentativas de gravação não deram resultado.

— O que está acontecendo com a hipnose? — perguntou um dos especialistas em radiodifusão, ao Dr. Björkhem.

— Bem — respondeu ele lentamente — o senhor deve fazer esta pergunta aos chamados peritos, que negam a hipnose, embora nada entendam do assunto.

Devo declarar aqui que, dentre todos os pesquisadores e cientistas com quem travei relações durante todos esses anos, ninguém superou o Dr. Björkhem em humildade, simplicidade e equanimidade. Então compreendi que, se a mais célebre autoridade em hipnose na Suécia tentou ocultar sua resposta à pergunta de um cientista com o sarcasmo, provavelmente isto se deveria a intermináveis desilusões e incompreensões. Nessa noite, apresentei algumas das mais antigas gravações, entre as quais a da noite de S. Silvestre. Ao ouvir as vozes em alemão, um dos cientistas observou que, decerto, algum radioamador estava brincando comigo.

— Bem, isso é bem verdade — concordei. — Mas os radioamadores deviam ser videntes, para poderem aproveitar o momento exato em que eu ligava o gra-

vador de som.

O que houve de positivo naquela noite foi o fato de eu compreender, de uma vez por todas, a inutilidade e a insignificância dessas demonstrações a tais “peritos”. Por que razão deveria buscar o apoio de pessoas estranhas a uma causa, da qual não poderiam ter a mínima noção? De qualquer forma, eu mesmo ainda tateava às escuras, se bem que já tivesse alcançado alguns vislumbres em meio a toda aquela complexidade. Não obstante, era prematuro demais apresentar os fatos — principalmente aos cientistas.

Duras provas de paciência. Lena se apresenta. O que representam as indicações para o rádio?

NAQUELA ÉPOCA, eu costumava, muitas vezes, falar à meia voz ao microfone. Fazia perguntas e mais tarde, na mudança para a velocidade reduzida, $3 \frac{3}{4}$ procurava captar o sentido de certos sussurros. Tenho guardado todas as fitas magnéticas com meus monólogos, pois através dessas experiências podem-se avaliar melhor os graus de desenvolvimento dos meus contatos. Naturalmente, aí aparecem também os meus fracassos e equívocos. A desvantagem dessa espécie de tentativa de contatos consistia na considerável perda de tempo, resultante da auscultação com a velocidade reduzida. Enquanto que a gravação numa fita com a velocidade de $7 \frac{1}{2}$ requer uma hora, o tempo é duplicado na reprodução com a velocidade reduzida à metade. Quando eu pretendia obter um quadro mais nítido de certas gravações, precisava, às vezes, manter um controle de 10 a 12 horas, durante as quais, é óbvio, não deveria perder a paciência.

As frases sussurradas daquela voz feminina que já se me tornara familiar — que, aliás, já se havia apresentado como Lena — nem sempre eram facilmente compreensíveis. Era bem interessante e até empolgante observar seu modo de expressão e a técnica da fala, quando ela se esforçava em formar palavras, com incansável paciência, a partir de certas frequências de minha voz ou de outros ruídos. Raras vezes foi possível articular frases mais longas, mas outras vezes ela conseguiu intervir com a rapidez de um relâmpago, lançando palavras e observações quando, em outras ocasiões, semelhantes tentativas fracassavam.

Hilf, nimm Kontakt mit Radio — Radio hemma — tag Kontakt... abends Radio helfen — hilf mein Mann... Ajude, tome contato com o rádio — rádio *hemma* — *tag kontakt...* à noite rádio ajuda — ajude meu marido — eram as frases mais repetidas, mas que eu ainda não havia compreendido.

Wir brauchen Stimmverstärkung. Nós precisamos aumentar o volume das vozes — exclamou certa vez uma voz de mulher. Aparentemente, tratava-se de uma determinada frequência de som, que deveria transformar-se em palavras. No

princípio, eu me equivocara com a indicação sobre os contatos de rádio. Naquele inverno, enquanto conversava com meus amigos invisíveis, acontecia com frequência serem gravadas repetidamente irradiações de emissoras de rádio, que de maneira estranha pareciam dar respostas às minhas perguntas. Entretanto, nessas ocasiões, o rádio estava sempre desligado.

Certa vez, pus um disco na eletrola acoplada ao rádio e reduzi o volume de som. O famoso pianista russo Horovitz apresentava a Sonata Skrjabins, e eu perguntei aos meus amigos se a música poderia causar perturbação.

Rápida como um relâmpago, veio a resposta cantante: “Oh, não! Tu sempre nos dáς alegria!” Fora dada alegremente em suco. Noutra noite, perguntei se no “lado de lá” era a minha voz constantemente perceptível. Não obtive resposta, mas repeti a pergunta muitas vezes. Depois de algum tempo, escutei aquele conhecido tom ruidoso e tentava, em meio às dificuldades e interrupções, perceber algo quando, subitamente, uma voz alta, mas impetuosa e firme, disse em suco: “A gente tem... ter muito tempo... para os... chamamentos... e...”

Naquela época, ainda não sabia ao certo se se tratava de partes ajustadas ocasionalmente dos programas de emissoras radiofônicas, ou de uma irradiação direta dos meus amigos. Se, por acaso, se tratasse de programas intercalados, era evidente que os experimentadores dispunham de faculdades que ultrapassavam os limites das possibilidades terrestres em relação ao tempo e ao espaço. Decerto, equivocara-me com a exclamação: “Tome contato com o rádio!”, porque o chamamento de Lena continuava a repetir-se.

Um novo fenômeno interessantíssimo também ocorreu nessa fase de desenvolvimento, numa noite tranquila e já bem tarde, quando estávamos sentados em silêncio djante do gravador ligado. Ninguém escutara o menor ruído, mas, ao rodar a fita mais tarde, soou repentinamente um coro masculino, quebrando o silêncio da noite, que começou a cantar baixinho: *Höret ihr Brüder — wir beten...* (Vós, irmãos, escutai — nós oramos...)

O canto era mavioso, uníssonos e assemelhava-se a um coral da Idade Média. — Numa outra oportunidade as vozes cantavam na mesma tonalidade a melodia: *Wir hören von dem Himmel* (— Nós ouvimos do Céu).

FRIEDRICH JUERGENSON • TELEFONE PARA O ALÉM

Certa noite, ressoou uma bela voz feminina: *Wir beten von dem Himmel — wir hören.* (Nós oramos do Céu — nós ouvimos...)

Tenho certeza de que há muito tempo vinha escutando essa voz com seu cáldido e sentido *vibrato*.

Até então, todos esse cantores e cantoras preferiam manter-se no anonimato. Só alguns anos mais tarde, quando as comunicações eram realizadas por outro método e eliminada grande parte dos empecilhos e perturbações, nossas relações começaram também a ser mais francas e naturais.

QUATORZE

***O Conselheiro em Medicina,
Dr. Felix Kersten, e sua fita magnética.
Quais são os comentários mais bem informados?
– Estranhos entrelaçamentos do fio do destino.***

CERTA NOITE, o meu velho amigo Felix Kersten e sua mulher vieram visitar-nos. Kersten era conselheiro em medicina e massagista extraordinariamente talentoso. A imprensa mundial escreveu tanto sobre Kersten (e seu livro é amplamente divulgado), que basta observar que, graças à sua enorme influência sobre Himmler conseguiu ele salvar centenas de milhares de vidas.

Desde o término da última Guerra Mundial, Kersten praticou a medicina em muitos países, mas residia em Estocolmo. Há muito tempo não nos víamos, e logo se estabeleceu uma palestra franca e animada. Apresentei algumas das minhas fitas sonoras, que lhe despertaram interesse.

Pedi-me que fosse visitá-lo e levasse o gravador de som. Pretendia mostrar-nos uma transmissão por ele realizada e que fora apresentada por uma emissora da Alemanha Ocidental. “Humano entre Desumanos” era o título do programa, resumindo suas ações de salvamento durante o Terceiro Reich.

Quando, certa noite, na roda de alguns amigos, ouvimos as gravações na fita magnética, um jovem e eu notamos que, vez por outra, durante os breves intervalos de respiração dos oradores, percebiam-se, muito baixinho, vozes secundárias. A seguir, reproduzimos estas partes e conseguimos reconhecer uma voz de homem que fazia comentários sobre a conferência em alemão.

As deficiências técnicas nada tinham que ver com os comentários dos desconhecidos intervenientes, que em vários trechos eram perfeitamente identificados.

Consegui distinguir uma voz feminina e duas vozes masculinas, e a primeira delas cantava. Quando, por exemplo, mencionou-se a ação salvacionista dos judeus poloneses na Suécia, ressoou um claro e eufórico *Gnade!* (Misericórdia!),

presumivelmente cantado pelo mesmo soprano que se apresentou em nossa casa na noite de S. Silvestre com o solo de órgão.

Também me foi possível reconhecer a voz de um dos comentaristas. Falava um alemão irrepreensível, fazia seus comentários num tom seco e humorístico, mas, nos momentos oportunos, lançava uma réplica sarcástica. Sem dúvida, estava extraordinariamente bem informado e devia ter tido íntimas relações com os círculos dirigentes do Terceiro Reich.

Tinha plena certeza de que alguns ouvintes desconhecidos, em qualquer lugar no éter, assistiam à gravação dessa conferência, conseguindo fazer com que suas próprias observações e críticas fossem registradas na fita. E era bem estranho que justamente essa fita sonora chegasse às minhas mãos. Afigurava-se-me que, mais uma vez, alguém entrelaçava os fios do destino. Mais tarde, fiz uma cópia dessa gravação, submetendo-a a rigorosos controles, durante os quais anotava a palestra, palavra por palavra. Levava a fita para casa para verificação e ao terminar, com toda a calma e com o auxílio dos fones auriculares, a meticulosa análise, pude constatar, incontestavelmente, que se tratava de fenômenos vocais idênticos aos gravados nas minhas fitas.

Todavia, descobri também a existência dos chamados “ecos”, ou seja, a baixa repetição de certas palavras, o que, aliás, acontece nos *long-plays*.

QUINZE

*Misteriosas oscilações no volume de som.
Uma conferencia inglesa em alemão.
Uma ocorrência, em si, impossível.*

CHEGARA A PRIMAVERA. O velha cidade de Estocolmo degelou-se lentamente, e a neve pingava alegremente nos telhados, enquanto os pombos arru-lhavam com amor nos peitoris das janelas.

No dia 10 de março ocorreu um estranho fenômeno, que logo me fez recordar um fato observado no outono de 1957, durante os meus ensaios de canto para gravação radiofônica, quando o volume de som da gravação da fita magnética começou a oscilar sem qualquer causa perceptível.

Essa curiosa ocorrência, naquele tempo inexplicável, mas que na realidade representava um exercício preliminar com um objetivo determinado, deveria agora corresponder ao seu verdadeiro propósito.

Eu esperava visitas naquela noite. Tratava-se de cientistas, e eu sentia — como sempre senti em semelhantes circunstâncias — uma desagradável sensação de insegurança. Isto porque nunca poderia saber ao certo se meus amigos invisíveis estavam dispostos a colaborar.

Em tais situações, costumava fazer breves pedidos, chamadas e perguntas no microfone, na esperança de que, durante a escuta na velocidade de $3 \frac{3}{4}$, se pudesse ouvir uma resposta de Lena.

Assim, no dia 10 de março, sentei-me no estúdio, ajustei os fones auriculares e pus-me a falar à meia voz no microfone. Súbito percebi que o volume de som começou a baixar sensivelmente. Lembrei-me então da ocorrência do outono de 1957, mas desta vez abri o volume de som ao máximo, para estabelecer o equilíbrio. Acontece que minha mulher, que se encontrava no quarto de dormir, escutava um disco com uma conferência em inglês, cujas palavras começaram a ressoar nos meus fones auriculares. Julgando que o aparelho estivesse novamente enguiçado,

comentei em voz alta a minha preocupação. Mas como tinha aberto ao máximo o volume de som, pude fazer uma gravação razoável, embora gravando também a conferência que estava sendo ouvida no quarto contíguo.

Essa gravação, que reproduzia minhas atribuladas perguntas, de permeio com as palavras do conferencista inglês, haveria de revelar-me uma das mais fantásticas surpresas. Alguns minutos depois, ao escutar a gravação, verifiquei, admirado, que o conferencista inglês falava em alemão!

Inicialmente, desconfiei da minha audição, escutei e tornei a escutar atentamente, até que não mais pudesse restar a menor dúvida: o homem falava alemão, nítida e inconfundivelmente, e até havia mudado o timbre de voz. Entretanto, só podia distinguir uma parte das palavras em alemão, pois o resto foi prejudicado pela minha própria voz.

O resultado dessa metamorfose lingüística expressava o seguinte: *Du musst aufnehmen, Friedrich...* (Tu deves gravar, Frederico) ... *Bereits Mölnbo* (Já Mölnbo — nome da localidade onde se encontra nossa casa campestre junto ao lago) ... *unsere Erzielung und Erwartung — vernimmst du das?... Bis deutlich was kommt — Friedrich... unsere Erzielung... vernimmst du das?... Friedrich erkennst du Mölnbo... unsere Erzielung... vernimmst du das?...* (Nossa aspiração e expectativa — tu percebes isso?... Até que vem algo claro — Frederico... nossa aspiração... tu percebes isso?... Frederico, tu reconheces Mölnbo... nossa aspiração... percebes isso?)

Resumindo: meus amigos pareciam querer uma “comunicação no campo” até “que vem algo claro...”

Assim que eu compreendi totalmente o significado da frase e o disco no quarto parou, o aparelho começou a funcionar normalmente.

A alegria que me causou essa comunicação me fez esquecer a metamorfose da fala, pois não tinha a mínima idéia do que havia ocorrido. Um ano depois, viria a saber que essa transformação de linguagem era de suma importância, mas voltarei a falar sobre o assunto mais adiante.

Finalmente é solucionado o enigma do rádio. Outra vez “Churchill”. – Três idiomas numa frase.

NÃO SEI BEM como tive a idéia de ligar o gravador de som diretamente ao radiorreceptor. No entanto, foi isso que eu fiz certa noite, e notei imediatamente que, por meio dos fones auriculares, podia escutar claramente as irradiações das emissoras.

A princípio, mergulhei num verdadeiro caos de sons e ruídos. No meio dessa miscelânea, ouvi música, peças teatrais, cantos, conferências, sinais Morse e os estrondos da perturbadora radiofonia russa.

De vez em quando, parecia ouvir o sussurro de Lena, embora não encontrasse explicação para o aparecimento da voz dela entre os programas radiofônicos. Era-me difícil distinguir suas palavras rápidas e sussurrantes. Finalmente, liguei o gravador e deixei rodar a fita durante alguns minutos, em contato com o rádio. A seguir, ao escutar a gravação, espantou-me ouvir a voz de Lena destacar-se nitidamente em meio à confusão de ruídos. *Halten, halten!* (Manter, manter), sussurrou sua voz rápida e agitada, *direkter Kontakt mit Churchill...* (contato direto com Churchill...)

Mencionou outra vez o nome de Churchill, nome que já havia gravado anteriormente em várias ocasiões, sem poder compreender o seu significado.

Dei início a nova gravação, ligada diretamente ao rádio e não através do microfone, mas por meio das válvulas, começando simultaneamente a percorrer a escala de ondas. No momento exato de sintonizar a onda média, uma maviosa voz de mulher pôs-se a cantar bem alto. Julgando haver sintonizado uma irradiação comum, fiz outra tentativa, movendo o botão da escala de um lado para outro, o que, naturalmente, me levou a captar palavras e fragmentos desconexos: *Friedél, Friedél!*, cantava a voz com nítida acentuação na última sílaba. Seguiu-se então uma mistura de alemão e sueco; a voz cantava ao mesmo tempo em dois idiomas:

Sprich... in der letzten Zeit — Schwedisch ofta störte... cantava ela alegremente. Foi nesse ponto que eu interrompi a sintonização e, na minha ansiedade, passei para outra onda. Também nessa faixa ressoou a mesma voz feminina que, ultrapassando todas as outras vozes e ruídos, disse: *Bitte störe nicht, Frederico!...* (Por favor, não atrapalhe, Frederico!...)

Embora ela pronunciasse a frase em alemão, podia-se reconhecer o sotaque eslavo. Deveria ser russa ou polonesa. Compreendi então que mexendo constantemente nos botões causava perturbações. Até esse momento, nenhuma voz havia falado tão claramente comigo, e como estivesse gravada na fita, poderia reexaminá-la depois com toda a calma.

Pela primeira vez naquele dia, tomei consciência da importância do rádio como “ponte de comunicação”, e embora esse conhecimento fosse novo para mim e ainda não soubesse como ocorria o fato tecnicamente, tinha a certeza de haver encontrado o caminho certo.

Diante da novidade, tudo me parecia bastante confuso, pois, de repente, defrontava-me com um fluxo de sons e ruídos, e não sabia o que fazer.

Indeciso, hesitei durante alguns dias, mas finalmente, certa noite, acoplei o gravador de som ao rádio e liguei a fita magnética para gravação. Pouco depois ressoou aquela melodiosa voz feminina, que começou a falar em surdina e com extraordinária inflexão. O tom de sua voz me chamou imediatamente a atenção, antes mesmo de compreender as suas palavras. Falava em três idiomas — alemão, italiano e sueco — e custou-me um pouco entender o que dizia.

Bambina, arriva! arriva!, exclamou emocionada em italiano, deixando transparecer na voz um grande alívio (A criança, está chegando, está chegando!) *Durchs Radio... ihr habt erraten... viel mehr wird hereinkommen...* (Pelo rádio... vocês adivinharam... muito mais entrará...)

Essa estranha mescla de idiomas, que aqui apresento em tradução abreviada, soava totalmente natural e espontânea. Quanto mais atentamente escutava aquela voz, mais me agradava. Não era apenas a ingenuidade infantil dessa divertida mistura de idiomas, nem o encanto de uma bela e alegremente exaltada voz de mu-

FRIEDRICH JUERGENSON • TELEFONE PARA O ALÉM

lher que me atraíam. O que me parecia importante era a emocionante vibração daquela voz, que repentinamente me fez sentir que a ponte de comunicação recém-descoberta encerrava imprevistas possibilidades.

Assim, depois de muitos equívocos e embaraços, cheguei a um campo fronteiro onde — como um arco-íris cintilante — alçava-se uma ponte para um mundo desconhecido, situado num plano de existência que até então estava cerrado para a maioria de nós.

***A nova técnica requer exercício.
A minha constante “assistente de rádio”.
Em qualquer tempo, em todas as ondas.
Fatos e provas irrefutáveis, apesar da
aparência fantástica.***

A PACIÊNCIA e a objetividade de meus amigos anônimos eram admiráveis. Duram mais de um ano as tentativas de aproximação, até que afinal compreendi a técnica e pude fazer a comunicação direta através do rádio. Com isso, eliminaram-se todos os outros fenômenos sonoros simultâneos. Daí por diante, tudo se tomou mais tranquilo ao meu redor. O pingar da torneira e as gotas de chuva readquiriram suas tonalidades normais, e o sussurro insistente de Lena dissolveu-se com os demais ruídos.

Acreditava ter vencido as maiores dificuldades, mas isto era apenas uma ilusão, pois estava simplesmente no início da ingreme escalada para o cume.

Compreendi também claramente que sem o equilíbrio psicológico, jamais poderia desincumbir-me da minha tarefa. Isto significava que era necessária uma extrema autovigilância e que o meu modo de viver deveria ser o mais simples e natural. Mas, antes de tudo, tinha de cultivar a introspecção para alcançar aquela paz interior, que é o caminho direto que leva à percepção.

No tocante às dificuldades, elas ainda existiam em grande proporção. Assim, por exemplo, teria de aprender a técnica especial da nova comunicação pelo rádio que, a princípio, apresentava muitos problemas.

A maior dificuldade para um entendimento através do rádio consistia em que, sem uma bem afinada audição, não era possível perceber coisa alguma. Logo ficou provado também que a acuidade de espírito não era suficiente, sendo imprescindível um constante e rigoroso treinamento, paralelamente a uma permanente vigilância, sem o que seria impossível conciliar a percepção intuitiva e a concentra-

ção dirigida.

Por exemplo, recebia instruções pronunciadas velozmente, ou então minha “assistente de rádio”, Lena, falava em frequências muito altas, que mal poderiam ser diferenciadas de sons sibilantes. Tudo dependia dessas mínimas diferenças.

Embora hoje, depois de vários anos de rigoroso treinamento, já domine relativamente certas “manhas”, tenho ainda muito que aprender, pois o processo se acha em ininterrupto desdobramento e sujeito a constantes modificações.

Em primeiro lugar, resolvi familiarizar-me melhor com as frequências das diversas emissoras radiofônicas, assim como com o alcance de ondas de radioamadores e de emissoras perturbadoras, principalmente as do Oriente. Entretanto, não deveria preocupar-me com a radiotelegrafia, pelo fato de não ser este *setor de ondas* utilizado pelos meus amigos.

Tudo isso era relativamente fácil de aprender, mas, por outro lado, encontrei enormes dificuldades quando me propus pesquisar mais detalhadamente a técnica de transmissão. Era um trabalho árduo e complicado, que exigia total dedicação e, acima de tudo, uma transformação fundamental das minhas observações habituais.

Os meus amigos, praticamente, podem utilizar-se de qualquer onda e, sem dúvida, a qualquer hora. Apesar disso, evitavam as ondas curtas e determinadas horas como, por exemplo, quando era irradiado o noticiário do dia. Nos momentos de forte luz solar ou por ocasião da aurora boreal, as irradiações geralmente cessavam. Durante as trovoadas ou melhor, antes de uma trovoadada, interrompiam-se todas as transmissões.

Depois das 2 horas, raramente havia comunicações, nem mesmo na época em que estava escrevendo este livro. Entretanto, sempre que eu ligava o rádio após o trabalho diário — o que acontecia habitualmente — uma voz cantante me desejava cordialmente “boa-noite”. Mas, nestes casos, nada mais era possível conseguir. A “radiodifusora dos mortos” silenciava e nem o cochicho de Lena interferia nas outras ondas. Muitas vezes estive prestes a perder a paciência, pois o trabalho me parecia insuperável e desesperador.

Como sempre, perdurava o meu amor à arte, e eu perguntava a mim mesmo,

com o coração oprimido, se teria sido justo abandonar a pintura, atividade criadora a que antes dedicara toda a minha vida.

A circunstância de ter abandonado a pintura numa época em que começava a colher a alegria do triunfo pouco me afetava. O que me doía era a lembrança de Pompéia, onde deveria ter realizado um trabalho extraordinário.

Ao invés disso, estava aqui sentado em Estocolmo, às voltas com um quebra-cabeças e esforçando-me desesperadamente para agrupar num quadro nítido todos esses inúmeros fragmentos.

Não obstante, jamais um assunto me impressionara e prendera tão profundamente como esses contatos místicos, que literalmente pairavam no ar.

Sob a luz tranqüila da razão pura e simples, o Todo se afigurava uma lenda fantástica impregnada de excentricidade. Mas as lendas e castelos no ar nada significam diante da dura realidade. A razão e o bom senso exigem — e acertadamente — fatos, coisas palpáveis, mensuráveis, que possam ser captados por nossos sentidos e devidamente analisados. Uma pedra, uma gota d'água, um átomo invisível e também uma fórmula matemática abstrata são assimiláveis pelo espírito humano, por mais complexos que sejam. A razão é nossa norma e também o limite que não deve ser ultrapassado. É claro que os meus contatos pelo rádio e pela fita magnética com os habitantes de um mundo invisível poderiam parecer ilusórios e lendários, se não existissem as respectivas gravações.

Para minha imensa alegria e alívio, estão diante de mim fitas magnéticas palpáveis e reais — uma dádiva do éter. Seu conteúdo em palavras e sons pode ser ouvido e compreendido por todo aquele que não seja surdo ou débil mental.

Apesar de todas as enormes dificuldades e obstáculos, sentia uma serena gratidão e tudo isto me parecia uma graça divina, pois nessas fitas encerrava-se o milagre — a prova incontestável da realidade de um mundo e de um plano de existência extraterrenos. O Todo manifestava-se de modo novo e original, indo muito além, em sua importância, de todos os meus desejos pessoais e expectativas.

As ocorrências repetiam-se diariamente e, aos poucos, iam esboçando con-

tornos mais nítidos, que revelavam a força explosiva da pura verdade baseada em fatos.

Era a verdade, a realidade que, provavelmente, se destinavam a rasgar em mil farrapos o véu do mundo invisível e transpor harmoniosamente o abismo entre o aqui e o Além. Logo, não se tratava, absolutamente, de meras sensações. O que importava, única e exclusivamente, era o fato de que me fora confiada a grande e difícil missão de incentivar a construção da ponte entre o aqui e o Além. Se eu demonstrasse estar à altura dessa missão, então seria solucionado o enigma da vida e da morte humanas por meio fisiotécnico.

Eis as razões por que não poderia haver nenhum recuo para mim, apesar de todos os quadros que não pintei e das escavações perdidas em Pompéia, apesar de todas as dificuldades e possíveis golpes.

DEZOITO

*Outra vez em Nysund. Amargas recordações.
Para mim, só existe ainda uma missão,
uma finalidade.*

TRÊS DIAS ANTES da Páscoa, toda a nossa família — inclusive o cão e o gato — dirigiu-se novamente para Nysund, nossa propriedade campestre em Mölnbo. Levava comigo o gravador de som e um novo radioreceptor, e imediatamente os instalei no meu velho quarto do sótão.

O tempo estava extraordinariamente belo. Soprava um brando vento sul e no suave azul do céu primaveril desfilavam os claros cirros. Pairava no ar a fragrância da resina do abeto, do musgo e da terra degelada, e como a neve porosa ainda não estivesse completamente derretida, os pássaros cantavam com agreste e insofreável alegria.

E gorjeavam com mais vivacidade nas abas da colina. Era um concerto maravilhoso e multíssonos, com arrulhos, silvos, trinados e pios aflautados, que começava por volta das três horas da madrugada, com o canto dos tordos, e chegava ao auge ao nascer do sol.

Nosso amigo Hugo F., que cuidava das estufas de nossa propriedade, já havia chegado e, como de costume, dedicava-se à jardinagem, cheio de entusiasmo e contagiante alegria. Numa faixa de terra meio selvática como Nysund, onde as laboriosas forças humanas não eram suficientes, a indomável energia da natureza ameaçava transformar a propriedade inteira num luxuriante matagal.

Mas Hugo era incansável e recomeçava constantemente a luta. Ninguém conseguia deter seu ímpeto de trabalho, nem mesmo a circunstância de ter a visão bastante reduzida. Estava sempre disposto a tudo, ora escavando no jardim e nas estufas, ora retocando suas vidraças, e caindo, de vez em quando, do telhado de vidro. Então se levantava calmamente e continuava a trabalhar com o mesmo prazer. Hugo era um jovem rapaz otimista, apesar dos seus setenta e três anos, e isso o tornava muito simpático.

Na semana da Páscoa, fomos surpreendidos com a notícia do falecimento do conselheiro em medicina Felix Kersten, na Alemanha. Há bem pouco tempo, visitara Felix em sua casa em Estocolmo. Ele sofria de cálculos renais, mas, indiferente às dores, participava das nossas conversas. Andava cansado e esgotado, porém, mesmo assim, tinha de viajar para a Alemanha, onde numerosos clients esperavam com impaciência a sua chegada. É sempre a velha história do médico, que nem sequer pode ficar doente, pois lhe falta tempo para isso.

Já era tarde, e ainda falávamos dos meus contatos através da fita magnética e da ponte que se estava delineando para alcançar um plano desconhecido de existência. Felix me ofereceu o seu livro *Gespräche mit Himmler (Palestras com Himmler)* com uma atenciosa dedicatória. Falamos do Sul e divagamos em torno de uma vila no Mediterrâneo, cercada de pinheiros, sebes e ciprestes. Éramos amigos há muitos anos, e eu conhecia bem sua natureza infantil e generosa, sabia o que esse homem corpulento havia realizado, no reino da morte e da aflição, com suas pequenas mãos mágicas e macias. Quem o conhecesse de perto, involuntariamente passava a querer-lhe bem.

Mais tarde, ao despedirmo-nos, nenhum de nós poderia pressentir que este seria o nosso último encontro.

É estranho o que se passa com relação à morte. Lembro-me ainda de um passeio que fiz com minha ama no cemitério municipal de Odessa. Era bem pequeno naquele tempo, mas já sentia, sem poder naturalmente expressar em palavras os meus sentimentos, a gritante contradição que havia em todos aqueles túmulos, cruzes, lousas de mármore e monumentos. Por puro instinto sabia que o mundo em que vivíamos era, de algum modo, apenas aparência, embuste, mistificação, impertinência, um desfile de ilusões. No entanto, o céu claro irradiava luz e calor, e a vida pulsava em cada ramo de erva, em cada flor, em cada pássaro.

Quando, anos mais tarde, as agressivas ondas de horror da guerra civil inundaram Odessa, eu iria conhecer a morte sob outra perspectiva. Naquele tempo a penúria, o tifo exantemático e a cólera dominavam a cidade e diariamente viam-se muitas pessoas morrerem na rua, sem qualquer socorro.

Contudo, muito mais desolador era o aspecto das ruas quando a cidade, a-

través de lutas sangrentas corpo-a-corpo, era “libertada” por um plenipotenciário qualquer. Lembro-me de que certo dia fui ao necrotério municipal, onde centenas de cadáveres sangrentos eram identificados pela população. Era um lindo dia de primavera, com o céu sem nuvens. Nas ruas floresciam as acácias, que envolviam com seu perfume inebriante toda a cidade.

Mas eu me sentia angustiado, e um frio espasmo me contraía o diafragma. A contradição era demasiado violenta: aqui, vida estuante e renovação, ali, insano aniquilamento e assassinato. Apesar do medo e da aflição, não fechava os olhos diante do fenômeno da morte. O que eu desejava era descobrir o seu segredo e perceber o sentido da grande contradição. Mais tarde, após outros encontros com a morte, foi despontando em mim uma crescente tranqüilidade, que me evocava aquela confiança que eu sentia, ainda garoto, no meu passeio pelo cemitério.

Quando minha mulher voltou com as crianças para a cidade, fiquei na cabana da floresta com Carino, o cachorro, e o gato Mitzi, com a intenção de dedicar todo o tempo disponível à minha nova missão.

O trabalho me absorvia completamente e de tal modo me arrebatava que muitas vezes me fazia esquecer até as refeições. As tarefas caseiras eram insignificantes e benfazejas, pois davam aos meus músculos um pouco de atividade.

Aliás, Mitzi, que estava comigo na cabana, nesse lugar tranqüilo onde eu costumava atirar migalhas aos melodiosos pássaros quase mansos, não me deixava sentar por muito tempo, pois tinha de observá-lo constantemente. Nos primeiros dias, Mitzi passava horas sentado na janela da cozinha, miando e mirando com olhos ávidos a ronda dos pássaros. Resolvi então cobrir a janela com uma folha de cartolina, para livrá-lo da tentação, e ele vingou-se satisfazendo acintosamente suas necessidades na cozinha.

*Devo rezar por Hitler.
Notável senha de palavras.
Loucura genial ou genialidade louca?
Esta era a voz de Goering?
Perspectivas inéditas se projetam.*

POUCO A POUCO a primavera, com todo o seu esplendor, tomou conta de Nysund. Eu trabalhava com empenho e perseverança, pois a nova técnica de recepção era difícil de aprender. Naquela época, pouco sabia a respeito de Lena, minha assistente de rádio, que, de modo todo especial e complicado, se esforçava para indicar sempre a onda certa. Mas como, geralmente, não percebia logo suas indicações, ligava o microfone para receber as respostas às minhas perguntas feitas em voz alta na escuta subsequente, com a velocidade $3 \frac{3}{4}$.

Minha atuação desajeitada e as constantes perguntas hoje me parecem infantis e sobretudo dispensáveis, pois já naquela ocasião meus amigos tentavam responder-me através do rádio. Contudo, por confundir suas vozes com as dos locutores radiofônicos, impacientemente girava o botão da escala.

Afinal consegui estabelecer alguns contatos por meio do rádio e gravá-los na fita. Como de costume, fizera todas as gravações com a velocidade de $7 \frac{1}{2}$. Ao reexaminar uma delas na velocidade $3 \frac{3}{4}$, uma voz começou a falar como que a grande distância. Soava baixinho e por vezes ininteligível, embora se pudesse compreender a maioria das palavras. Expressava-se em sueco e abreviava, de modo especial, as frases. A primeira gravação desse tipo foi feita em Estocolmo, em 4 de março de 1960. Eis alguns textos traduzidos:

“Escuta Churchill, Frederico, Churchill fala na fita... Aqui Churchill, espaço cósmico... pedir de todos muito mortos... queremos amparar os mortos no Céu...” Mälärhögden, nome de um belo bairro residencial em Estocolmo, era estranha e freqüentemente citado. Eu morava nesse bairro, mas não podia compreender por que as vozes a ele se referiam com tanta insistência.

As mensagens continuavam, e eu captava-as claramente, palavra por palavra: “Quem pode ouvir no Céu? O Todo-Poderoso, Friedel... Reza por Hitler. Hitler não mais animal, a morte veio justa...”

Dias depois, obtive a seguinte gravação, falada simultaneamente em alemão e sueco.

“Naquela época, tu moravas em Mälärhöjden...”, principiou a voz com uma inflexão meditativa, e prosseguiu: “No início... Friedel, foste para Estocolmo, eu queria morar contigo... por um momento vim para Mölnbo. Minha cabeça está morta... a morte veio de cima...” A voz era tranqüila e equilibrada. Uma estranha confissão!

No dia 21 de março gravei o seguinte: “Em Mälärhöjden... Frederico, escuta — vêm acontecimentos abundantes, o tormento atingiu Hitler dali. Nós vivíamos em Mälärhöjden, escuta, escuta-me: tudo verdeja e floresce, uma alegria total, quando tudo floresce. Está florescendo o Mälär...”

Esse tema de macieiras floridas e da fragrância de Mälär repete-se várias vezes, Só não podia compreender como o Mälär, que é um lago de água corrente, podia florescer.

Seria realmente Hitler, esse homem que acabava de falar-me? Mas por que se dirigia justamente a mim, que sempre fui um ferrenho opositor de toda e qualquer violência e, portanto, também do seu sistema?

Analisando do lado puramente psicológico, sabemos hoje que a maior parte dos tiranos e ditadores são dominados por idéias fixas e mania de grandeza. Mas isto em nada muda os fatos; no entanto, ao sabermos que uma parte deles sofria de paralisia progressiva, admitimos que os crimes de um louco deviam ser julgados de modo diferente dos praticados por um indivíduo normal. O caso da paralisia progressiva de Hitler foi divulgado pela primeira vez no livro de Felix Kersten, *Totenkopf und Treue (Caveira e Fidelidade)*. Nos dias atuais esse fato, provindo de outras fontes, se tomou público, o mesmo ocorrendo a Lênin, vítima também dessa enfermidade, que é o período final da sífilis.

Sobre a enfermidade de Hitler, escreve Felix Kersten à página 209 do seu livro: “Em seguida, Himmler retirou de um cofre blindado uma pesada pasta e dela retirou um classificador azul, que me entregou com estas palavras: ‘Eis aqui, leia-o. É o documentário secreto com o relatório sobre a doença do Führer.’”

O relatório constituía-se de vinte e seis laudas, como pude verificar ao folheá-lo pela primeira vez. Certamente incluía a folha hospitalar do tempo em que Hitler estivera cego e internado no Hospital de Pasewalk. Confirmava, portanto, que Hitler, na juventude, sofrera no campo de batalha envenenamento de gases e por falta de tratamento adequado tinha permanentes ameaças de cegueira. Além disso, apresentava sintomas sífilíticos, internando-se novamente em Pasewalk, onde recebeu alta como curado. Em 1937, surgiram sintomas indicativos de que a sífilis prosseguia na sua obra destruidora e no princípio de 1942 ficou comprovado que Hitler sofria de paralisia progressiva, manifestando todos os indícios, com exceção de rigidez da pupila e perturbação da fala.

Aliás, Felix Kersten particularmente me contou que Ribbentrop fora também acometido da mesma enfermidade. Nesses casos, é difícil dizer até que ponto se pode falar de “loucura” ou “genialidade”, se bem que talvez aqui se oculte também uma centelha da verdade. A história da humanidade está repleta de poderosos possessos dominados pelo delírio mental, não apenas na esfera política, mas também na religiosa. Arvorando ideologias revolucionárias que, supostamente, deveriam tornar feliz a humanidade, a verdade é que todos eles acarretaram infinita penúria, escravidão, guerra e morte.

O número desses prepotentes loucos geniais é assustadoramente grande e se alastra desde as origens obscuras da humanidade até os nossos dias.

Na realidade, é o próprio povo que ajuda esses pobres desvairados a galgar o poder. Nestas circunstâncias, é oportuno perguntar se é justo responsabilizar moralmente esses débeis mentais por seus delitos e, portanto, condená-los perante a História. Todos sabemos que a elasticidade de nossa moral e nossas concepções jurídicas são praticamente ilimitadas. Se um indivíduo mata o seu rival a tiros, movido pelo ciúme, é julgado e condenado à prisão, e talvez até executado. Entretanto, na guerra, os vitoriosos assassinos coletivos se transformam em heróis e são conde-

corados com as mais altas insígnias, pois a sociedade sempre soube justificar brilhantemente os atos brutais, alegando, em tons maviosos, seus elevados motivos. No que se refere às vítimas, porém, pouco importa por que razões e sutilezas técnicas foram elas sacrificadas e despachadas para o Além.

Com relação a Hitler, perguntava a mim mesmo até que ponto poderia a morte física produzir uma transformação no espírito e na alma. Tendo ele, como parálítico, sofrido de amolecimento cerebral, então era de esperar que, com a morte, desapareceria a enfermidade. Se fosse possível obter uma prova decisiva (ou, quem sabe, incontestável) desse fato, ter-se-ia conseguido a explicação sobre a transformação espiritual de um doente mental após a morte. Simultaneamente, o problema da culpa e da responsabilidade seria examinado sob outro prisma.

A questão de saber se a morte poderia modificar a vida espiritual do ser humano me parecia da maior importância, porquanto, pela influência de um novo plano de existência, poderíamos conhecer melhor certos fatos até hoje desconhecidos da pesquisa objetiva.

Se houvesse possibilidade de sanar uma enfermidade mental após a morte, o despertar no Além implicaria um alívio para os enfermos. Como reagiriam eles à recordação de seus atos? Involuntariamente, lembrei-me daquelas palavras gravadas no último inverno: *Mein Kopf ist tot — der Tod ist von oben gekommen...* (Minha cabeça está morta — a morte veio de cima.) Se estas palavras foram realmente de Hitler, então a resposta já fora dada.

Liguei novamente a fita magnética da noite de S. Silvestre de 1959, e escutei atentamente aquela alquebrada voz de homem no seu sonolento monólogo: *Wir leben in der tiefsten Wirrnis...* etc. (Nós vivemos na maior confusão..., etc.)

Nunca ouvira antes Hitler falar de modo conformado e tranqüilo. A voz soava melancólica, mas não me foi possível reconhecê-la como a voz de Hitler. Eu acompanhava interessado a gravação até que aquela voz feminina com sotaque judaico comunicou a presença de Hitler. Dera pouca atenção ao fato por não reconhecer a voz dele, ao ouvir a frase: *Heil!... das war Hitler, er schämt sich nicht!* (Salve!... este foi o Hitler, que não se envergonha!”)

Seguiam-se então aquelas estranhas palavras: *Das war Hitler — er sieht*

Euch! Ich sage Hitler — er liebt mich! (Este foi Hitler — ele vos vê! Eu digo Hitler —ele me ama!)

O conjunto começou a ficar incrivelmente emocionado. Havia ainda outra gravação muito estranha, feita também no inverno de 1959, diretamente através do microfone, pois naquela época desconhecia a possibilidade de acoplamento do rádio. Nessa gravação podia-se ouvir simultaneamente minha voz e meus passos no quarto. De repente, intercalou-se no gravador um foxe cantado por uma vocalista feminina. A princípio, julguei que tivesse captado o programa de alguma emissora sueca, mas logo uma voz alegre de homem pôs-se a cantar acompanhando a melodia: *Apparat Göring... — Göring — wonderful! Wonderful— aah? Hören Göring in Radio...* (Aparelho Göring... Göring maravilhoso! Maravilhoso — aah?... Ouvindo Göring no rádio...)

A voz não me era desconhecida, eu já a ouvira antes fragmentariamente, gravando-a. Se essa era mesmo a voz de Göring, soava bastante alegre e até altiva e petulante. Tinha um tom agradável, e o inglês estava correto, embora o cantor parecesse apressado. Evidentemente, não se tratava de um programa radiofônico, tendo em vista o texto bilíngüe. Era estranho que Hitler e Göring, essas duas figuras fundamentalmente diferentes, a quem o destino reservara os papéis principais no incêndio mundial número dois, se manifestassem justamente nas minhas fitas magnéticas. Hitler apresentava bizarros monólogos, e Göring cantava alegremente.

Aos poucos começava a entender que esta encantada ponte radiofônica parecia abrir possibilidades ilimitadas que, sem dúvida, revelavam-se passo a passo. E se não se manifestam antes foi simplesmente por que ainda não havia superado os maiores obstáculos e os meus próprios preconceitos.

VINTE

*Nas cavernas do submundo.
O despertar dos mortos.
Vigilância é tudo!
As três possibilidades que levam ao Além.*

NOS ÚLTIMOS MESES recebia freqüentemente dos meus amigos do Além mensagens sobre as condições predominantes em certas regiões do mundo espiritual.

Recebia essas mensagens gradativamente, de acordo com a minha evolução e compreensão unitiva.

Primeiro fizeram-me uma descrição detalhada do Além, com um quadro bastante claro de um determinado plano de existência, ao qual meus amigos demonstravam especial dedicação. Esse local — se quisermos adotar esta palavra — denominava-se subúrbio e abrangia uma série de “distritos” ou planos de existência (estados de consciência).

Depois me foi descrito o plano inferior, que abriga os representantes de pavorosas deformações do espírito humano. Tais deformações podiam assinalar-se como conseqüência direta da crueldade em geral, cuja força cega criou, dentro da plasticidade de fácil configuração da matéria das esferas sutis, regiões ocultas, que os meus amigos chamavam cavernas. As ondas negativas de pensamento e emoções — sobretudo o pavor, a inveja e o ódio — mediante a força do desejo e da imaginação, formam, facilmente, com a matéria astral, elementos que correspondem exatamente ao caráter desses impulsos emocionais. O estado da coisa em si, ou seja, a formação do ambiente, parece processar-se de modo quase automático, independentemente portanto da vontade individual.

Para o interior dessas covas negras do plano astral, costuma resvalar automaticamente os condenados à morte e criminosos de todo tipo.

Informaram-me ainda os meus amigos que, mediante a propagação das on-

das de rádio, sobreveio uma mudança significativa para os habitantes daquelas regiões inferiores, pois essas ondas, por sua própria natureza, atuam de forma estimulante sobre os encarcerados nessas lúgubres cavernas. Podendo as ondas de rádio, devido à sua natureza mecânica e impessoal, produzir unicamente um reavivamento casual e passageiro, um certo grupo (meus amigos) resolveu irradiar uma onda especial de propagação conseguindo, dessa maneira, estabelecer um contato melhor com os isolados.

Dentro dessa grande ação libertadora, destinou-se um papel especial ao “Despertar dos Mortos”. Pode parecer fantástico, mas, ao que tudo indica, a maioria dos mortos das regiões do astral inferior encontram-se num estado de sono profundo, principalmente aqueles que tiveram morte violenta. Considerando bem, o “despertamento” equivale a uma intervenção psíquica, por meio da qual os adormecidos devem ser arrancados do jugo dos seus pesadelos e obsessões. Esse sonho astral, que é uma espécie de estado de tolhimento, é intensamente vivido pelos “adormecidos” como imaginação plástica fluídica, portanto como realidade objetiva. Com o despertar, eliminar-se-ia uma parte das maiores dificuldades, pois então os mortos encontrariam aberto o caminho para os seus novos planos de existência em comunhão com almas humanas.

Parece evidente que só depois de certas mudanças de condição do “Hades” — como se poderão chamar as regiões do astral inferior — foi possível estabelecer uma comunicação planejada com o nosso mundo tridimensional.

Evidentemente, a intenção dos meus amigos era destruir aquele círculo vicioso fatal, círculo diabólico constituído de constantes repetições das mesmas imagens e sentimentos fluídicos. Entretanto, essa bem organizada ação libertadora não poderia ser levada a efeito sem a colaboração de criaturas corpóreas; e a realização desse plano dependia de colaboradores dignos de confiança “ainda na carne”, que com convicção interior e decidida boa vontade dedicar-se-iam a essa missão, sem se deixarem perturbar por devaneios ou sentimentalismos fanáticos.

De minha parte, precisava também, inicialmente, obter uma visão mais ampla desse plano de existência do Além e familiarizar-me com as mudanças psíquicas que o homem experimenta com a morte.

Quando, após muitos meses de trabalho tenaz e inúmeros insucessos, come-

cei a dominar finalmente o lado prático da comunicação, surgiu, de inopino, outro grande obstáculo que, por sua natureza sutil, era extremamente difícil de superar.

Naquela época, havia alcançado um setor limítrofe, que se podia designar como “passagem para o Além”. Mas ao invés de um cão rosnante do Inferno, tive de enfrentar um inimigo muito mais perigoso, que mansa e imperceptivelmente ameaçava adular a clareza de minha concepção. O que havia de misterioso com relação a esse adversário era a circunstância de que ele se encontrava dentro de mim mesmo, tornando-se, assim, sumamente difícil reconhecê-lo. Figurativamente falando, podia-se denominá-lo “guardião do passado”, que à semelhança de um robô, esforçava-se constantemente por submeter a “nova unicidade” ao seu velho bastão de medida ligado ao tempo e ao espaço, na expectativa de que, com o passar do tempo, pudesse dismantelar e deformar a nova unicidade, aprisionando-a nos arquivos celulares da experiência.

A obstinada tenacidade desse robô é admirável, e justamente nisto está a sua periculosidade. Como poderemos compreender e descrever a natureza e as condições de existência, se não conseguirmos libertar-nos dos moldes bitolados de pensar e sentir? As condições daquele plano de existência são incomparáveis e não podem ser explicadas, reconhecidas e classificadas com as medidas usuais, pois ultrapassam os limites de nossa experiência.

Quanto mais profundamente eu conseguia penetrar nesse desconhecido plano de existência, mais nítidos se tornavam os acontecimentos do nosso próprio mundo. Era assombroso! Os dois mundos só pareciam separados por fronteiras criadas por nosso poder de imaginação e subordinadas ao tempo e ao espaço.

Assim como o gelo e o vapor se diferenciam entre si, embora ambos sejam água, o mesmo acontece entre o aqui e o Além, consistindo sua diversidade unicamente na freqüência das ondas vibratórias, que para se tornarem perceptíveis, exigem um determinado grau de consciência. A investigação diária dessa ponte para o outro mundo requeria de minha parte sagaz vigilância. A menor desatenção e irregularidade acarretavam imediatamente equívocos e perturbações. Tudo isso constituía um aprendizado extremamente duro.

Para poder conseguir uma imagem clara e razoável, havia diante de mim

dois caminhos.

O primeiro abria-se através do gravador de som e do microfone — o caminho provisório. O outro abria-se através do rádio — o caminho direto.

Como as gravações de fitas magnéticas podem ser escutadas por todos, representam, cientificamente, uma prova objetiva que se pode repetir e controlar à vontade, para constatar a existência depois da morte.

Pela constituição técnica e maquinal do gravador de som, qualquer desvio do fenômeno para o âmbito da vivência subjetiva é antecipadamente eliminado diante da possibilidade sempre presente de fazer novas gravações à vista de quaisquer testemunhas. O segundo caminho consistiu — por mais fantástico que possa parecer a muitos leitores — na minha faculdade de penetrar no Além sem precisar morrer. Sei que esta afirmação pode despertar desconfiança, mas com um pouco mais de paciência o leitor me entenderá perfeitamente. O caminho da passagem pessoal para o lado de lá se processa de três formas:

A primeira ocorre durante o estado de consciência, quando se podem ver as ocorrências da quarta dimensão tal como num televisor. As cenas se apresentam em cores vivas mas insonoras.

A segunda se processa durante o estado de sonolência. Aqui não se atua como um observador passivo, e sim como um viajante que, de certo modo, participa pessoalmente dos acontecimentos.

A terceira se realiza com a projeção do corpo astral durante o sono profundo. Nessas projeções bastante raras mas plenamente conscientes me foi possível, logo após o retorno, fazer anotações precisas, cuja exatidão foi comprovada mais tarde por meio de gravação. Essas viagens astrais se realizam num plano intemporal. Mais adiante, voltaremos ao assunto.

Entretanto, minha tarefa não consistia em coordenar dois caminhos e usar apenas um para controle e constatação dos outros dois.

*Uma primavera de intenso trabalho.
Uma comunicação de falecimento e
uma saudação do Além.
Alegre certeza: a morte não existe.*

ASSIM SE PASSARAM os dias em Nysund, Mölnbo, com trabalho intenso. Eu tinha a sensação de estar situado fora do tempo. As horas voavam com a celeridade dos minutos e, para mim, o tempo começou a encurtar-se. A primavera passou apressada pela minha janela. Todas as manhãs acordava com o canto dos pássaros e a fragância primaveril. Do lago emanava o maravilhoso aroma das folhas tenras das bétulas, das ervas orvalhadas e espinheiros, e um forte odor de ozônio. As anêmonas azuis ainda cobriam o bosque, crescendo em densos arbustos ao lado de suas alvas irmãs. Só abriam seus cálices sonolentos quando os raios oblíquos do sol já aqueciam o ar da manhã.

Mônica e o nosso amigo Hugo vieram passar o fim-de-semana em Nysund. Tínhamos muito a conversar. Hugo, que era advogado, fora secretário-geral da Sociedade Teosófica sueca e era amigo de Khrisnamurti.

No dia 30 de abril recebi um cartão da família de Felix Kersten, comunicando o seu falecimento. Com profunda emoção, contemplei essa mensagem de morte orlada de preto. Oh! — Conhecemos bem esses clichês macabros esterotípicos transformados em flósculos banais de luto. Considerando bem, a dor da separação e as lágrimas não têm sentido porque a noção que a maioria dos homens tem da morte, é baseada num equívoco, numa mentira.

Naquela manhã, pus-me a pensar em Felix. Ainda não sabia a causa de sua morte, mas intimamente desejava que não tivesse sofrido muito em suas últimas horas.

Por volta das 11:30 coloquei uma nova fita, acoplando o gravador ao rádio. Imediatamente percebi a voz de minha assistente radiofônica do Além; liguei o gravador para receber a comunicação e, após rigoroso exame, ouvi-la à vontade.

Houve perturbações atmosféricas dificultando a audição, mas mesmo assim deixei a fita rodar. Eis o resultado da gravação: *Kersten... Kersten... hier Kesten...* (Kersten... Kersten... aqui Kersten...)

Voz de mulher: *Aufpassen!* (preste atenção). Depois uma voz masculina: *Wir kommen zu Peter* (ou später?)... vermutlich... horch... Herz — quick! Lieber Friedel! Herzliche Hälsningar, hier ist Felix Kersten... wir kommen Stockholm... Kontakten... Felix Kersten es gibt paff! * ** (Nós chegamos ao Peter (ou “Spaeter” mais tarde)... presumivelmente — escute... coração acelerado! Querido Friedel! Lembranças cordiais, aqui está Felix Kersten... nós chegamos Estocolmo... contatos... Felix Kersten — está dando pum!)

Embora no início a voz estivesse pouco clara, as últimas palavras foram, indubitavelmente, proferidas por Felix. Não apenas a cadência, mas também seu sotaque báltico era inconfundível.

Deveria relacionar a alusão ao “coração acelerado” e “está dando pum!” ao colapso cardíaco? Como soube mais tarde, Kersten morrera de enfarte.

No primeiro momento, senti-me completamente vencido e ao mesmo tempo profundamente emocionado e grato, por haver meu querido amigo me enviado uma saudação do lado de lá.

Um pouco mais calmo, pus-me a pensar nessa admirável experiência. Felix falava num tom alegre e rápido. Dava a impressão de estar apressado.

Estranha era a circunstância de ter ele empregado uma palavra inglesa (*quick*) e outra sueca (*Hälsningar* = lembranças), pois sempre costumávamos conversar em alemão. Mas estava alegre e emocionado demais para fazer maiores conjecturas sobre o assunto. Uma coisa já havia compreendido clara e distintamente — a morte, por este meio, revelava a sua natureza real e, portanto, nossa existência terrena devia ser vista sob uma luz totalmente nova. Na realidade, ocorrera um verdadeiro milagre: um morto se comunicara comigo por meio fisiotécnico, o que se poderia comprovar a qualquer hora.

Um homem morrera há duas semanas num hospital. Um enfarte, o temível

fantasma da apressada humanidade de nossos dias, rompera-lhe as coronárias. Seu corpo inerte fora cremado, e um punhado de cinzas foi tudo que dele restou.

Ninguém ainda conseguiu descobrir um remédio contra a morte. De que servem todas as palavras de consolo da Igreja e os sábios textos das sagradas escrituras, se o homem, no final de tudo, fica reduzido a um punhado de cinzas? Neste ponto, a insciente humanidade encontra-se, com o coração cheio de pavor, luto e medo, diante de um abismo invisível, de um vazio cruel, de onde, como diz o ditado popular, ainda não voltara ninguém.

Mas eis que ali numa fita sonora, um morto fala ao seu amigo! Ali fala um desaparecido no “grande nada”, com sua velha e querida voz, nitidamente e à prova de verificação na fita magnética — apesar do colapso cardíaco, da cremação e do punhado de cinzas, fatos também igualmente incontestáveis.

Uma arrebatada e total alegria invadiu todo o meu ser em face desse entendimento. Sentia dentro de mim toda a plenitude da infância, com seus descuidosos e ilimitados arroubos. Não sei quanto tempo durou essa inebriante alegria, que se fundamentava na certeza inabalável de que esta simples e parda fita magnética encerrava a voz da imortalidade, cuja autenticidade ninguém poderia refutar.

* *später* pode ser confundido com Peter: Principalmente numa gravação.

** *Paff* significa “pum”, “paff” — pifar, falhar.

paff, pum — estrondo, grande ruído, barulhento.

VINTE E DOIS

*A voz de minha mãe.
A respiração do gato Mitzi.
O canto do professor de Yoga.
Sempre esse estranho poliglotismo.
A execução de Caryl Chessman.*

O DIA 30 de abril de 1960 reservara-me outro grande sucesso, embora fosse um sábado comum como outro qualquer.

Como de hábito, colocara o microfone diante da janela aberta, quando um tentilhão de faia começou a trinar alegremente. Resolvi então fixar o seu gorjeio na fita. Logo a seguir escutei a gravação e percebi, de repente, no meio do trinado do pássaro, uma voz que me chamava pelo nome. Era a voz de minha mãe. Ela se chamava Helena e morrera no ano de 1955, em consequência de uma fratura da bacia. Involuntariamente, lembrei-me de sua hora suprema, quando, sentado ao lado de sua cama, segurava a sua mão macia e murcha, até que finalmente cessou a última e débil batida do pulso.

Rodei a fita novamente. A voz soava vivida e cálida, e pude até perceber certa impaciência e preocupação quando ela me chamou pela quarta vez pelo nome. Acho que tinha receio de que eu não a escutasse. Saí correndo para chamar minha irmã e minha mulher, mas elas tinham saído. Ao voltar, encontrei o gato Mitzi em cima da mesa, piscando sonolento diante da janela aberta.

Liguei de novo o aparelho para gravação pelo microfone, pois tinha a viva impressão de que algo ainda iria ocorrer.

O resultado da segunda gravação foi mais assombroso. Quebrando o silêncio, uma voz de mulher começou a falar, e logo reconheci a voz de minha mãe. Soava agora um tanto cansada, sem a vivacidade de antes, como se ela estivesse sonolenta e falasse penosamente num tom arrastado: *Ihr liebt ihr lebt in Liebe...* (Vocês amam, vocês vivem em amor...) Depois prosseguiu com voz trêmula: *In*

FRIEDRICH JUERGENSON • TELEFONE PARA O ALÉM

mir Elly lebt... Friedel lebt... ihr... ach! Wir leben... Elly, Friedel, Papa lebt... viele leben... ach, ach! Ihr liebt Heiene... (Elly vive dentro de mim... Friedel vive... vocês vivem... ah! Nós, vivemos, ah! Vocês amam Helene...)

Quando, mais tarde, mostrei a gravação à minha irmã e à minha mulher, elas reconheceram imediatamente a voz de mamãe. Escutavam emocionadas e, como eu, compreenderam claramente as palavras.

Tarde da noite, liguei o rádio e percebi logo o sussurro de Lena: *Pelle — alle Mamas haben ein Herz...* (Pelle — todas as mães têm coração...), disse ela com voz comovida.

Com essa frase amorável, encerrou-se um dia feliz e bem sucedido.

No dia seguinte, 1º de maio, pus-me desde cedo a examinar as últimas gravações. Escutei com alegria e gratidão a voz de minha querida mãe e analisei minuciosamente cada palavra.

Apesar de minha grande satisfação, preocupava-me o fato de haver minha mãe conseguido produzir tantos sons num ambiente silencioso, O que mais me espantava é que as palavras semelhantes, como *lebt* (vive), *liebt* (ama) e *liebe* (amor), repetiam-se muitas vezes, uma circunstância que indicava a existência de freqüência de som limitadas. De repente, percebi que devia ter sido a respiração de Mitzi que fornecera o material para a formação das palavras, e assim se explicava naturalmente a razão das frases intermitentes.

Já me dispunha a retroceder a fita magnética, quando captei pelos fones auriculares certo sinal, usado de vez em quando naquela época pelos meus amigos através das ondas radiofônicas. O simples fato de que esse sinal pudesse ser dado sem ligação com o rádio era sumamente notável.

Liguei o rádio imediatamente, girando o primeiro botão que estava sob os meus dedos, e peguei uma emissora sueca que irradiava, em ondas longas, uma palestra histórico-cultural.

O orador falava alto e de modo claro, mas, ao mesmo tempo, podia-se ouvir

a voz muito elevada de um tenor, cantando à distância. Cantava sem qualquer acompanhamento, e as passagens melódicas pareciam improvisadas. De certo modo, a voz se me afigurava familiar e, pouco depois, veio-me o lampejo: Boris Sacharow, meu amigo de infância!

Tudo ocorreu demasiadamente rápido. Com algum esforço, pude captar somente umas poucas palavras, inclusive o meu nome e o de Boris Raja, e então o canto cessou.

Outra vez a excessiva emoção e impaciência impediram-me de perceber com clareza. Só depois de muitas horas, pude determinar a seqüência exata das palavras.

No que se refere ao canto de Boris, preciso fazer alguns esclarecimentos. Boris era um homem bem talentoso e versátil. Tocava piano maravilhosamente, pintava, desenhava e esculpia, não como simples amador, mas como um artista, na verdadeira acepção da palavra. Dominava vários idiomas, inclusive o sânscrito. Na Alemanha publicara vários livros de Yoga.

Mas antes de tudo, Boris cantava, e cantava com apaixonado entusiasmo. Sua voz de tenor lírico tinha um timbre extraordinariamente alto. Há vinte e sete anos que não via o Boris, e agora, sentado no meu pequeno quarto do sótão, escutava emocionado o seu canto.

Ich sende dir Kontakt Friedrich!... (Eu te envio contato Frederico!...), cantava Boris em alemão. *Boris Raja, der lebt im Himmel und wirkt, Amen... und Yogis Weisheit wahr... Amen!* (Boris Raja, este vive no Céu e atua, amém... e sabedoria yoga subsiste... Amém!)

Boris cantava num volume de som intenso, numa escala sempre crescente. Não chegava a ser uma perfeita melodia, pois o canto se constituía de notas altas, entoadas em *fortíssimo*.

O estranho é que Boris também dava a impressão de estar apressado.

Conquanto me sentisse alegre e surpreso, duas circunstâncias não me pare-

ciam bem claras, e eu perguntava a mim mesmo por que Boris cantava, em vez de falar! E por que usava o idioma alemão, se sempre conversamos em russo? Há muito observara que a maioria das vozes que se dirigiam a mim através da fita magnética ou do rádio, utilizava uma mistura de línguas e habitualmente modificava, de modo singular, certas palavras e expressões.

Aliás, há cerca de um ano, os meus amigos anônimos se referiram ao *The Poliglotic Communication Department*, e isto com relação a um trabalho que eu deveria executar no futuro. Naquela época não entendera bem o sentido. Só agora começava a assimilar e compreender que o meu conhecimento de vários idiomas representava um fator importante.

Foi no dia 1º de maio que, pela primeira vez, entrei em contato com Boris e, portanto, no mesmo dia em que Felix Kersten e minha mãe falaram comigo. Quem seria o próximo?

Só se podem entender tais contatos pouco a pouco. Eles produzem uma espécie de choque emocional, e é preciso que nos acostumemos primeiro com eles.

E foi assim que, no auge da alegria, esqueci o destino do americano Caryl Chessman, condenado à morte, cuja execução ou adiamento se deveria decidir nesses dias.

Como o meu rádio apresentasse distúrbios, tentei, na noite seguinte, estabelecer contato radiofônico com Lena, minha assistente do Além.

A primeira palavra que ela disse em sueco foi: “Executado.” Depois, de forma um tanto desconexa, contou-me o seguinte: “Eu já relatei Målarhojden, Lena. Pelle, tu podes ajudar Chessman executado... ajuda Karma, ajuda, Pelle!...” Sua voz parecia emocionada, e diligentemente ela misturava palavras alemães e suecas.

Creio que o mundo inteiro acompanhou pelos jornais a luta desesperada de Chessman para salvar a própria vida.

Era a aposta de uma corrida tenaz e dolorosa com a morte, que durou doze

anos.

Um crudelíssimo jogo de gato e rato, que só terminou quando os guardiães dos parágrafos da lei desalmada conseguiram liquidar a sua vítima.

O caso Chassman representa um vergonhoso estigma, não apenas para a Justiça dos Estados Unidos, mas também para todos os defensores da pena de morte no mundo inteiro.

*A difícil arte de selecionar.
Palavras de senha se repetem sempre.
Cento e quarenta quilômetros de indícios
na fita magnética.*

NO PRINCÍPIO, O mais difícil para mim foi orientar-me nessa confusão de sons e vozes no rádio. Antes de tudo, precisava conhecer perfeitamente as vozes dos meus amigos, a fim de poder distingui-las no meio do emaranhamento de irradiações das diversas emissoras radiofônicas. Precisava, igualmente, familiarizar-me com as vozes de anunciadores, locutores e repórteres conhecidos. Justamente aqui, pude evidenciar como os longos anos de aperfeiçoamento vocal e musical me seriam úteis, e até imprescindíveis.

Durante muitos anos, educara não somente a voz, mas também submetera o ouvido, a musicalidade e a sensação de ritmo a rigoroso aperfeiçoamento. Como a maioria dos cantores, estudara solfejo, harmonia e composição, e por meio de cantos em coro, solo e conjuntos, exercitei-me devidamente para executar duetos e sintonizar com a orquestra, entrando com exatidão rigorosa, nos trechos destinados a mim. Além disso, costumava reconhecer imediatamente a voz de cantores famosos no rádio ou em discos. Assim, minha audição afinara-se e se habituara a identificar as diferenças mais sutis dos mais variados timbres de vozes, e creio que, sem essa faculdade e o posterior aperfeiçoamento, não estaria apto a enfrentar a árdua tarefa que me propus.

Apesar de tudo, o trabalho era bem difícil. Vagarosamente, depois de inúmeros e desanimadores equívocos na escuta e na interpretação, comecei a reconhecer as vozes dos meus amigos invisíveis e distingui-las naquela miscelânea de sons. A capacidade seletiva era condição imprescindível para a correta compreensão das palavras e comunicações. Mas quando conseguia familiarizar-me com uma determinada voz masculina, passava a reconhecê-la imediatamente, quer fosse ou não perturbada por outras vozes ruidosas.

Sem dúvida, meus amigos tudo fizeram para ajudar-me e, na verdade, por

diversos meios. O simples fato de se utilizarem, na maioria das vezes, de vários idiomas, na mesma ocasião, era muito importante e de significação decisiva e facilitava extraordinariamente a realização dos contatos.

Há que explicar aqui, em linhas gerais, um argumento lógico apresentado pelos céticos, do qual tenho pleno conhecimento. Trata-se do fato de que, no rádio, sob determinadas condições do denominado *fading* (desaparecimento ou oscilação do volume de som no receptor e muitas vezes a junção de duas ou mais emissoras) pode resultar num certo poliglotismo. Mas os meus amigos habitualmente falavam frases mais longas, em gravações perfeitamente claras e sem qualquer *fading*. Em tais casos, suas vozes eram tão nítidas e perceptíveis como as dos locutores das emissoras comuns, embora não fossem muito altas. Para eliminar as dúvidas que de vez em quando me assaltavam e dar mais clareza à comunicação, eles costumavam cantar empregando palavras de vários idiomas, não apenas em solo, mas também em conjunto ou coral. Além disso, tinham estranhas senhas, e em casos particularmente difíceis, intercalavam as palavras Mälarhøjden ou Mölnbo.

Se bem que contasse com a valiosa ajuda de Lena, minha fiel assistente de rádio, selecionava vozes com timbres característicos que, tanto para mim quanto para qualquer outro, eram facilmente reconhecíveis.

Apesar desses excelentes recursos, as fitas magnéticas do ano de 1960 ainda apresentam numerosas deficiências, mas também algumas particularidades interessantes. Não foi fácil a tarefa dos meus amigos, sobretudo no primeiro ano. Entretanto, sua paciência não tinha limites, pois nunca os ouvi falar irritados ou impacientes. Tenho fitas magnéticas que até hoje me deixam envergonhado quando as escuto, o que atribuo principalmente ao meu raciocínio demasiado lento. Se um homem envereda por caminhos errados e reincide sempre no mesmo erro, mostra-se não apenas estúpido, mas também ridículo. Ademais, já que fora encontrada a ponte, ela devia ser concluída e estabilizada.

No decurso de mais de oito anos gravei cerca de cento e quarenta fitas, que resultaram em vinte grossos volumes de gravações. A análise dessas gravações foi uma dura prova de paciência, conquanto fosse o trabalho mais fascinante que já realizara em toda a minha vida.

Se eu pretendesse divulgar o resultado dessas pesquisas em toda a sua ex-

tensão (há cento e quarenta quilômetros de fitas magnéticas com essas gravações), este livro talvez ultrapassasse o volume da Bíblia.

Por motivos compreensíveis, tive de reduzir as anotações ao estritamente essencial, tarefa, aliás, exaustiva, que não apenas apresenta o “tormento” da seleção, mas que, em decorrência da complicada técnica da escuta, acarreta enorme perda de tempo.

Existem algumas gravações, principalmente as primeiras, que contêm duas ou três palavras a mim destinadas, mas que constituem chaves ou senhas, sendo quase impossível percebê-las em meio às ruidosas interferências sonoras. Lembrou-me de uma delas que analisei diariamente no prazo de dois meses, durante três a quatro horas, até conseguir distinguir o texto correto.

VINTE E QUATRO

*A interferência admirável de Lena.
O seu cochilo orientador.
A minha “assistente de rádio” sempre é
digna de confiança.*

SE EU QUISESSE orientar-me nessa avalanche de acontecimentos, deveria, em primeiro lugar, familiarizar-me com as diversas possibilidades de contato e métodos dos mortos. Devo informar aos leitores que a tarefa mais difícil estava, indubitavelmente, a cargo de Lena, minha fiel assistente de rádio. Só poderia avaliar corretamente a valiosa atuação de Lena quem, como eu, dependia e contava, durante quase oito anos, com a sua colaboração.

Ela não se limitava apenas a vigiar a “ponte das ondas”, mas também dava os sinais e as palavras de senha e me indicava a onda certa. Sem a sua assistência, jamais teria podido orientar-me no tumulto das ondas das emissoras radiofônicas. Quando, às vezes, não era possível um contato pelo rádio, eu conseguia alcançar Lena, a qualquer momento, através do microfone. Na realidade, foi ela que, com infinita paciência e habilidade, mas estimulou e amparou de todas as formas imagináveis.

Admiravelmente humana, Lena era a boa vontade e a abnegação personificadas. Apesar de sua difícil e imprescindível função, jamais demonstrou presunção ou tentou ultrapassar-me. Quando, premido pelas dificuldades e freqüentes fracassos, estava prestes a perder a coragem, era Lena que, com suas palavras animadoras, sabia despertar minha alegria para o trabalho. Às vezes, bastava-me ouvir o ritmo jovial de sua voz, repassada de profunda compreensão, para que voltasse a sentir nova esperança dentro de mim.

A missão de Lena não se limitava unicamente à indicação da freqüência. Ela comentava também as irradiações, mencionava o nome dos locutores e tentava responder às minhas perguntas, às vezes falando com tal rapidez que me obrigava a examinar sua comunicação com uma velocidade reduzida de $3 \frac{3}{4}$ na fita magnética.

Ela usava uma freqüência de som especial, que extraía dos estrídulos de

certos sons e que a um ouvido que não fosse extraordinariamente receptivo e treinado durante longos anos pareceria um assóvio surdo. Como Lena costuma dirigir-se a mim quase que exclusivamente desse modo, raras vezes me foi dado ouvir sua voz normal. Na realidade, ela tinha uma voz de soprano, maviosa e macia. Tive bem poucas oportunidades de ouvir uma criatura cantar e falar com tanta expressividade e sempre lamentei que uma voz tão harmoniosa precisasse servir-se de um sussurro inexpressivo.

Com o tempo, foi comprovada a existência permanente de uma ponte de contato entre mim e meus amigos do Além. Quando, por exemplo, fora do trabalho de comunicação planejado, ouvia uma irradiação de qualquer emissora, podia acontecer que, inesperadamente, Lena emitisse o seu sussurro, trazendo-me um breve comunicado.

Logo ficou demonstrado que certas ondas, em determinados períodos, não eram usadas adequadamente e não podiam ser utilizadas. Então Lena sinalizava com presteza: *Weg! nimm weg!* (Tira! Retira!) Às vezes ela ainda podia acrescentar rapidamente: *Churchill hört!* ou *Churchill weckt!* (Churchill, escute! ou Churchill acorda!)

Quando, no princípio, por falta de experiência, eu continuava mantendo a onda indesejável, ressoava um sinal sibilante e uma voz masculina dizia em alemão: *Unseren Rapport ihrer Freundin nicht freundlich zu bezweifeln...* (Nosso contato de sua amiga não é delicado duvidar...)

Certa ocasião, por curiosidade, permaneci na onda inadequada, mas soaram uns estrondos tão fortes que quase dei um salto, e então mudei de onda.

Esses desagradáveis estrondos eram, aliás, as únicas medidas drásticas empregadas contra mim por meus amigos. Quanto ao resto, costumava seguir as instruções de Lena com bastante regularidade e podia confiar inteiramente na sua exatidão. Os métodos de comunicação de meus amigos baseavam-se, evidentemente, no princípio da adaptabilidade ilimitada. Assim como a água se amolda a qualquer forma, sem com isso mudar sua natureza, meus amigos também amoldavam as frequências sonoras das ondas de rádio, modulando instantaneamente os sons existentes. Aqui se tratava da mesma metamorfose de som que era capaz de transformar o

FRIEDRICH JUERGENSON • TELEFONE PARA O ALÉM

latido de um cão em palavras, ou utilizar o vozerio de várias pessoas para articular uma nova frase independente.

Com essas transformações sonoras, não se esgotavam de modo algum os métodos de comunicação. Pode-se considerar também a utilização das ondas de rádio unicamente como cabeça de ponte. Outra possibilidade de comunicação apresentava-se na forma de “radar”.

***Eles me observam e lêem meus pensamentos.
O fenômeno do radar e da mudança de tempo.
As tarefas dos “copistas” e popser (repentistas,
virtuosos de improvisação livre).
A Central Investigation Station.***

QUANDO, com a ajuda de Lena, eu estabelecia um contato, podia ter a certeza de que estava sendo observado por ela através da tela de radar. Com isto Lena não me via apenas fisicamente sentado diante do receptor de rádio, mas também podia ler os meus pensamentos, mesmo antes de que os tivesse concluído corretamente. Nem sempre conseguia apreender as rápidas instruções de Lena. Assim, por exemplo, certas ondas que me podiam parecer insignificantes eram importantes para Lena, e quando afinal eu começava a perder a paciência, querendo passar para outra onda, eia interferia logo e avisava apressadamente: *Halten! Halten! Direkt Kontakt!* (Manter! Manter! Contato direto!)

Nestes contatos diretos eu podia formular perguntas mentais, que obtinham imediata resposta através do rádio na fita magnética. Essas gravações diretas eram a melhor prova da eficácia da comunicação por radar.

Outra tarefa do radar consistia em transmitir aos habitantes de uma dimensão sem tempo e espaço, a hora do nosso planeta. Para essa finalidade, a equipe de radar usava uma espécie de “tempo alternado”.

Nessa conexão o radar foi denominado “radar cronográfico” e o nosso horário da terra “tempo-padrão”. Lamento não poder fornecer, no momento, maiores informações sobre a função e nem sequer sobre a construção daquele místico radar. Gravei a palavra radar muitas vezes através do microfone ou do rádio, e isto sempre na ocasião em que me eram irradiadas diretamente as mensagens. Sem dúvida, hoje já compreendi, até certo ponto, o lado técnico da gravação, graças à colaboração de alguns cientistas alemães, que de modo surpreendente, ou melhor, de modo genial, alçaram, por um lado, a cabeça de ponte eletromagnética e, por outro, apli-

cando um método muito complexo de blindagem e amplificação, se esforçam para localizar a origem da convergência dos sons. Dificilmente se poderá prognosticar quando essas morosas pesquisas obterão resultados concretos.

Vamos abordar agora a atuação dos chamados “copistas” e *popser* (repentistas), aos quais coube um trabalho de comunicação tão importante quanto agradável. A palavra “copista” deve ser compreendida aqui na sua verdadeira acepção, ou seja, imitador, ao passo que o termo *popser* é corruptela do verbo inglês *pop* (surgir de repente, sobreviver) para o alemão. Poderia também chamar-se de “penetrador” ou “improvisador”. O trabalho dos copistas concentra-se na técnica da fala, ou melhor, na modulação da voz falada. Por seu turno, os repentistas dominam as vibrações das músicas e do canto. No essencial, ambos aproveitam a enorme vantagem de sua posição acima e fora do tempo. Por meio de determinada precipitação ou dilatação do tempo, eles são capazes de modificar despercebidamente, sílabas e palavras de locutores radiofônicos ou os sons de quaisquer instrumentos musicais.

Essas metamorfoses de palavras eram totalmente imperceptíveis, sem a mínima interrupção de uma reportagem ou canto. Eles modificavam somente o texto, mas não o som vocal do locutor ou do cantor.

Nestes casos, o radar realizava uma espécie de filtração do texto, na qual a permuta de palavras não precisava, de modo algum, estender-se sobre todo o campo de irradiação, mas apenas alcançava o meu receptor em Estocolmo ou Mölnbo.

É conveniente esclarecer que tais transformações de palavras são quase imperceptíveis sem o recurso de um gravador de som ligado. No decurso de uma irradiação, não se tem a mínima possibilidade de perceber a mudança, rápida como um raio, e, além disso, os copistas utilizavam sobretudo idiomas exóticos, aos quais, geralmente, dá-se pouca ou nenhuma atenção.

Apesar do meu treinamento de longos anos e da ajuda imprescindível de Lena, raras vezes consegui perceber essa permuta de palavras durante uma irradiação original. Até hoje isto me aborrece, mas, ao mesmo tempo, admiro o virtuosismo dos copistas e repentistas, que conseguem, de modo genial, realizar imperceptivelmente o intercâmbio de textos. É lamentável que — como verifiquei mais tarde — tenha antecipadamente interrompido uma grande parte dessas extraordinárias

irradiações de permuta, por julgar haver gravado apenas uma das usuais irradiações radiofônicas.

Na maioria dos casos, o verdadeiro sentido da palavra das comunicações começava a distinguir-se depois de várias reproduções retrocessivas. Mas uma vez compreendido corretamente, não havia mais problemas.

Também podia acontecer, por exemplo, que um locutor árabe começasse a falar alemão, sueco, estoniano, italiano ou russo, com sua voz inalterável. Então, repentinamente, chamava-me pelo nome, transmitia comunicações pessoais, Mölnbo. Mälarhojden, e mencionava nomes de meus amigos falecidos; entrementes, intercalava algumas palavras árabes para, em seguida, apressadamente, enviar saudações à minha mulher e ao nosso Carino até que, finalmente, o relato era concluído no idioma original. Às vezes também acontecia que os copistas imitavam preleções fictícias em línguas exóticas, mas, na realidade, falavam alemão e sueco. Em tais casos era mais fácil reconhecer o intercâmbio, principalmente quando já me achava familiarizado com a voz do copista. Essas imitações diretas eram com frequência efetuadas em volume de som normal através dos radares, que desempenhavam a função de trombetas falantes.

A mesma técnica de permuta era empregada pelos repentistas nos cantos e na música instrumental. Nas comédias, operetas ou oratórias clássicas, onde se alternavam o canto, a fala, a récita e a música, os copistas e repentistas atuavam em conjunto. Os repentistas são mestres em improvisação; sabem aproveitar velozmente qualquer oportunidade adequada, e como evitam de modo sistemático a rotina, suas idéias trazem o cunho da novidade.

Se os copistas despertam admiração pelas suas desconcertantes imitações de idiomas, a habilidade dos *popser* tem o efeito de pura magia. As ingerências musicais dos *popser* são quase sempre repletas de alegria vital e inebriante, e poderiam ser melhor definidas como dionisíacas. É realmente admirável o modo pelo qual essas criaturas humanas invisíveis conseguem, simples e espontaneamente, apresentar humorismo e seriedade, emoção e alegria, numa cintilante variação.

Como o virtuosismo desses artistas não conhece limites, muitas vezes torna-se difícil verificar quando se trata de intercâmbio, imitação ou apresentação parti-

cular. Estou firmemente convencido de que, sem o auxílio de determinadas senhas, da emissão de comunicações pessoais e sobretudo sem a utilização da mistura de idiomas, essas tentativas de contato não poderiam ser notadas por um simples ouvinte de rádio.

Certa vez, durante uma irradiação comum, os *popser* permutaram de tal modo as vozes de um quarteto masculino tchecoslovaco que foi possível compreender claramente uma comunicação particular dirigida à minha mulher em quatro idiomas. Ao mesmo tempo, a orquestra e os aplausos do público ouvinte permaneceram inalteráveis.

Os textos dessa mensagens poliglóticas eram tão objetivos e específicos que eliminavam totalmente qualquer dúvida quanto à intenção do comunicado. Para destacar ainda mais o seu caráter particular, muitas vezes os nossos nomes próprios ou de famílias eram citados ou cantados.

Em todos esses casos tratava-se de grandes grupos de músicos, cantores e artistas formados* que escolhiam o setor de livre improvisação para o exercício de suas atividades artísticas. Mas, em certas circunstâncias tomavam parte tanto amadores como crianças, que atuavam em pequenas comédias, diálogos e canto coral, apresentados com naturalidade e muito humor.

Essas inúmeras irradiações, gravadas nas fitas magnéticas durante oito anos, constituem decerto um material comprobatório de suma e inestimável importância e, acima de tudo, objetivo. O simples fato de serem essas irradiações, geralmente bastante dispendiosas, difundidas pelas radioemissoras mais potentes da Europa, é de significação decisiva. Creio ser desnecessário acentuar que nenhuma radiodifusora do mundo ousaria irradiar para o público tais programas sem sentido vulgar e incompreensíveis, sem que imediatamente se desencadeasse uma onda de protesto.

Mas como tenho de contar, apesar da evidência das provas, com a enérgica oposição daqueles que, por motivos inconfessáveis, negam a existência de dimensões mais elevadas, ou seja, de uma esfera de vida sobrenatural, sou forçado a reafirmar que as minhas gravações não poderiam provir de qualquer radiodifusora legal, embora talvez me acusem de possuir uma emissora clandestina. É fácil, porém, contestar radicalmente essas afirmações, porquanto não me seria possível, por

iniciativa própria, emitir durante vários anos essas estranhas irradiações sem ser notado e molestado, acrescentando-se o fato de que tais empreendimentos implicam vultosas despesas. Ademais, não se poderia realizar numa emissora clandestina um programa tão variado sem a colaboração de técnicos, artistas e com um estúdio otimamente equipado. E como se poderia silenciar os colaboradores na sua correspondência com os autores dos programas? Na realidade, a suspeita de que eu mantenha uma emissora secreta é absolutamente absurda.

Por mais fantástico que pareça tudo isto, a verdade é que se trata de vozes de pessoas mortas, que por livre iniciativa buscam lançar uma ponte sobre o abismo que separa o seu plano de existência do nosso. Com esse objetivo, os organizadores do Além utilizam não apenas uma instalação semelhante à do radar, mas também dispõem, ao que parece, de uma frequência de onda eletromagnética especial, que manipulam à vontade, interferindo nas ondas curtas, médias e longas das nossas estações radiofônicas.

Todos os contatos efetuados com o nosso plano de existência estão sob a constante fiscalização da chamada *Central Investigation Station* e, ao que tudo indica, não podem realizar-se sem a sua colaboração.

Quando, por exemplo, os copistas e os *popser*, com a ajuda do radar, permutavam palavras de uma transmissão radiofônica, ou enxertavam textos novos nas apresentações mais prolongadas, então isso passava somente através do meu rádio para o gravador de som, quer estivesse em Estocolmo ou em Malmö, enquanto as ondas de rádio da “Central de Investigação” cruzam livremente o éter, podendo serem ouvidas simultaneamente, no mundo inteiro. Esta circunstância é de decisiva significação, pois encerra a possibilidade de que no futuro se consiga estabelecer uma comunicação permanente entre os dois mundos.

As transmissões radiofônicas da “Central de Investigação” diferem essencialmente dos contatos por radar dos copistas e repentistas, não por causa do seu volume de som especial, mas por suas reconhecíveis e bem definidas medidas preventivas, que se caracterizam por infalível precisão.

Tais medidas baseiam-se nos seguintes princípios:

Como a planejada comunicação com o nosso mundo deve despertar um no-

vo comportamento espiritual, há que confrontar gradativamente a publicidade com os fatos incontestáveis. Devendo a ação total causar finalmente certa normalização, cumpre evitar, tanto quanto possível, os impactos que possam acarretar perturbação ou mesmo choques. Eis a principal razão por que todas as comunicações através da irradiação direta, são apresentadas camufladas. Os que não conhecem as diversas vozes e o estilo poliglótico hão de pensar que se trata de uma interferência radiofônica comum. Em tais irradiações jamais se mencionou o nome de minha família e do nosso sítio, medida de precaução certamente considerada necessária à minha segurança e tranqüilidade no trabalho. Graças aos meus amigos invisíveis, não fui obrigado a provar aos membros do Serviço de Segurança sueco que os meus contatos radiofônicos não tinham qualquer relação com a famigerada “Quinta Coluna”, mas sim com a quarta dimensão.

Como já dissemos, as ondas eletromagnéticas da Central de Investigação podem intercalar-se nas frequências de ondas de todas as emissoras. Quando, por exemplo, escutava um programa musical no rádio, habitualmente acontecia que, no fundo, certas vozes em surdina tornavam-se perceptíveis, trazendo-me uma comunicação. Nessas ocasiões, aproveitavam-se habilmente os intervalos e a extinção completa dos sons de um *pianíssimo*.

Embora essas comunicações fossem feitas geralmente em um volume de som discreto, a “Central de Investigação” dispõe de meios para intensificar esse volume até um *fortíssimo* ensurdecedor. Enviaram-me provas de ressonância máxima de som, às vezes em poucas palavras, mas em tal volume sonoro que me faziam estremecer.

Nestas circunstâncias, perguntava freqüentemente a mim mesmo o que aconteceria se as vozes de mortos mundialmente conhecidos como, por exemplo, Einstein, Pio XII, Annie Besant, Hitler, Stalin, Conde Ciano, Caruso, etc, fossem ouvidas repentinamente pelo rádio com ressonância total. Decerto isto produziria uma perturbação geral e reações arrasadoras. Seria presumível também que o Ocidente e o Oriente se acusassem mutuamente de ostensiva hostilidade e que a ciência e a Igreja tivessem igualmente de se pronunciar a respeito. Sem um lento e objetivo plano publicitário, o Absoluto só causaria danos, discussões e mal-entendidos, para, finalmente, apresentar-se como um enigma insolúvel e — à semelhança dos UFOs — exacerbar o ânimo dos seres humanos.

Não resta dúvida que os espíritos tinham também de enfrentar certas dificuldades nas comunicações, e com o tempo compreendi que, de nossa parte, poderíamos contribuir com o aperfeiçoamento técnico, antenas mais sensíveis, filtros e amplificadores, etc., para obter uma comunicação mais clara e eficaz.

* formado = curso concluído.

VINTE E SEIS

Oito perguntas reiteradamente apresentadas e suas respostas. A região quadridimensional dos impulsos psíquicos desinibidos. Muitas perguntas e problemas ainda permanecem abertos.

ANTES de começar a falar detalhadamente sobre as comunicações dos mortos, devo explicar que as possíveis perguntas formuladas pelo leitor poderão ser praticamente resumidas nas que me foram feitas nos últimos anos, às quais passarei a responder, pois, na sua essência, são elas sempre as mesmas.

Pergunta 1

Já não foi provado pela ciência que depois da morte física, portanto depois da decomposição do corpo, toda a consciência se extingue e que uma existência sem o corpo é totalmente impossível?

Resposta

Essa concepção da vida puramente materialista perdeu consideravelmente sua autoridade nesta época de pesquisas atômicas, cérebros eletrônicos e computadores. Ao contrário, foi possível desenvolver-se um ramo totalmente novo da ciência, a chamada parapsicologia. Até na União Soviética existem nada menos que oito centros de pesquisas parapsicológicas.

Basta mencionar alguns cientistas de fama internacional, tais como C. G. Jung, Sir Oliver Lodge, detentor do Prêmio Nobel, Prof. Rhine, Prof. Broad, Prof. Mattiesen, Prof. Hans Dietrich, que com suas revolucionárias pesquisas não apenas descobriram a existência de outros planos de vida e consciência, além do tempo e do espaço, mas também puderam provar claramente que o homem, por sua própria natureza, está apto a ultrapassar os limites do corpo físico e dos seus cinco sentidos. Hoje várias universidades mantêm cursos de parapsicologia, e também já se

estuda e pratica, em departamentos especializados das forças armadas americanas e soviéticas, a telepatia, clarividência, hipnose, telecinese e outros fenômenos de percepção extra-sensorial, que assim podem ser considerados como cientificamente reconhecidos. Além disso, as pesquisas do subconsciente e sobretudo a obra meritória de Jung abriram caminhos totalmente novos no campo da psicologia e da psiquiatria, os quais conduzirão, inevitavelmente, à parapsicologia.

Assim, entre outras, as pesquisas do médico sueco Dr. Björkhem colocam o problema da reencarnação (vidas sucessivas e múltiplas das almas humanas na terra) sob uma nova luz. Essa concepção milenar, que há séculos vem sendo esquecida e negada na Europa, em virtude das doutrinas eclesiásticas e materialistas, não pode mais ser simplesmente ignorada, em face dos casos de reencarnação, científica e meticulosamente examinados e comprovados. Haja visto o caso de Shanti Davi, que se tornou mundialmente conhecido, cuja recordação de sua vida passada foi reconhecida e proclamada como verdadeira. Os resultados a que chegaram C. G. Jung, Dr. Björkhem, Oliver Lodge e muitos outros expoentes da parapsicologia, no tocante à investigação da alma, equiparam-se, no seu aspecto revolucionário, às descobertas de Einstein e Max Plank no campo da física.

Pergunta 2

As vozes ouvidas nas suas fitas gravadoras não poderiam ser o produto do seu poder de imaginação, a nós transmitido inconscientemente por meio de sugestão?

Resposta

Decerto poderia ser imaginação ou sugestão, se só se tratasse de expressões débeis e ininteligíveis. Ao escutar minhas cento e quarenta fitas magnéticas, que contêm mais ou menos cinco a seis mil gravações, muitas vezes me enganei na interpretação das comunicações, durante fortes perturbações ou em decorrência de gravação indistinta. Esses equívocos são inevitáveis nos trabalhos de pesquisa. Mas se eu reduzisse a um terço o número dessas gravações, com a exclusão de todas as “duvidosas”, restariam ainda cerca de duas mil gravações, com textos claros e comunicações inequívocas, que podem ser ouvidas incontestavelmente por todos aqueles que têm ouvido normal.

Testei um grande número de gravações, submetendo-as a diversos grupos de ouvintes, sem dar-lhes a conhecer antecipadamente o texto. Ficou demonstrado que 80% dos ouvintes compreenderam logo o teor das comunicações, enquanto os 20% restantes tiveram dificuldades em entender, sobretudo quando se tratava de palavras estrangeiras.

Não devemos esquecer que a arte de auscultação concentrada é um dom muito raro, que só pode ser adquirido em determinadas condições e com muita paciência. Na realidade, é a faculdade de concentração profunda, que nos leva a sintonizar exclusivamente com os sons ou frequências que devem ser captados, sem qualquer desvio da atenção decorrente de possíveis perturbações.

Em conclusão, devo acrescentar que tenho algumas gravações, que podem ser correta e imediatamente compreendidas por qualquer pessoa. Elas se incluem entre minhas gravações mais notáveis e são suficientes para levar definitivamente a suspeita de sugestão *ad absurdum*.

Pergunta 3

Se não se trata de qualquer sugestão ou de irradiação de emissora clandestina, poderia ainda existir a possibilidade de que o senhor, Sr. Jürgenson, pela força do seu subconsciente, fosse capaz de projetar, de modo puramente inconsciente, todos esses fenômenos de som e vozes sobre a fita magnética. Talvez o senhor seja uma espécie de médium que, pela primeira vez na história da psicologia e das pesquisas do Além, possua o estranho dom de criar impulsos eletromagnéticos e projetá-los no éter. Qual seria a sua resposta a esse respeito?

Resposta

Se, por natureza, eu não fosse essencialmente desprovido de vaidade, sentir-me-ia imensamente lisonjeado em face dessa hipótese. Mas, se quisermos chegar com toda a objetividade ao âmago da pergunta sobre uma possível mediunidade de minha parte, devemos, em primeiro lugar, formar uma noção clara sobre a origem do fenômeno das vozes e sons. Hoje em dia, sabemos que todos os sons emitidos pela laringe ou por instrumentos mecânicos não somente geram ondas acústicas na atmosfera, mas, em sua origem, se constituem de vibrações eletromagnéticas e, de

acordo com o seu manancial energético, se propagam no espaço, em parte através das ondas acústicas do ar e, em parte, pelo éter (onda de rádio). Como no caso em foco não se pode tratar de ondas acústicas do ar — do contrário, as vozes seriam ouvidas pelas pessoas presentes no ambiente —, então deve-se tratar de uma frequência eletromagnética emitida de algum centro de força no éter.

Ainda que admitíssemos que o meu subconsciente representasse um desses centros de força, neste caso poderiam considerar-me o maior gênio do mundo, capaz de produzir inconscientemente uma emissora de rádio com função dinâmica, inclusive antenas, estúdio, pessoal técnico, instrumentos musicais, coros, cantores solistas e oradores de toda espécie e, além disso, dotado do dom mágico de imitar perfeitamente os mais variados idiomas, as vozes dos mortos de qualquer sexo e idade, e dentre elas também vozes que nunca conheceu nem ouviu antes. E isto não basta. O mais extravagante “milagre” consistiria mesmo na minha capacidade de apoderar-me, à queima-roupa, de qualquer onda de rádio existente no éter, ou seja, transformar à vontade, total ou parcialmente, os programas irradiados no momento por qualquer emissora, fosse ela a BBC de Londres ou a radiodifusora da Alemanha Ocidental, impondo os programas de minha própria “emissora inconsciente.” Esta seria uma proeza que nem a mais potente emissora de interferência russa seria capaz de realizar.

Com isso não teria apenas ultrapassado os “atos de bravura” do velho e bondoso Barão de Munchhausen, mas também poderia vangloriar-me de dispor de faculdades divinas. Um homem dotado de semelhantes poderes seria imediatamente incorporado aos serviços secretos de todas as grandes potências com salário fantástico e vitalício.

Mas, pondo-se de lado o aspecto humorístico, a pergunta 3 de modo algum oculta a jocosa atitude mental do seu autor. De fato, uma concepção de vida condenada a perecer luta aqui desesperadamente pela sua sobrevivência. Sem dúvida, vem aumentando o número de pesquisadores importantes, que conseguiram erradicar as bases fundamentais do materialismo científico. Mas como nós mesmos somos os autores de todas as hipóteses, teses e ideologias, e a natureza humana opõe-se — seja por ignorância, covardia ou por uma questão de prestígio — a reconhecer espontaneamente suas deficiências e fracassos, assim também os defensores do raciocínio (*ratio*) materialista têm procurado por todos os meios proteger, interna e ex-

ternamente, sua concepção universal ameaçada.

Eis a razão por que ainda hoje existem cientistas que preferem atribuir ao meu subconsciente as mais absurdas artes mágicas, em vez de sincera e corajosamente reconhecerem o fato já comprovado da existência póstuma da criatura humana em outra dimensão. Mas se esses mesmos cientistas, juntamente com a requirida cultura do seu intelecto, tivessem dirigido a atenção para as possibilidades da existência de outras inteligências humanas, não lhes faltariam decerto coragem e compreensão para reformular sua superada visão do mundo e do homem. As ideologias baseadas na frieza do intelecto já causaram demasiados malefícios à humanidade.

Pergunta 4

Por que os mortos usam o chamado idioma poliglótico ou misturado? Eles não poderiam, como homens normais, expressar-se num só idioma?

Resposta

Tendo em vista a nossa ignorância em relação à morte e ao Além e, ademais, conhecendo o nosso ceticismo e desconfiança, resolveram os mortos estabelecer um meio de comunicação que não possa ser confundido com quaisquer outras emissões radiofônicas. Quando, por exemplo, numa gravação através do microfone, quisessem os mortos empregar apenas os respectivos idiomas nacionais, poderia, durante a escuta da fita magnética, surgir a dúvida de que as palavras tivessem sido proferidas por um dos presentes. Mas quando, no meio de uma conversa mantida em alemão ou sueco, ressoam repentinamente palavras em russo, hebraico, grego ou italiano, com as características das vozes estrangeiras, neste caso não se pode suspeitar que algum dos presentes tenha proferido tais palavras, considerando-se ainda que elas também não foram ouvidas por nenhum dos participantes.

No tocante às gravações através do rádio, devemos levar em conta os seguintes fatos: a simples circunstância de os mortos se apresentarem pelo rádio com um poliglotismo sumamente marcante dá a perceber uma finalidade objetiva e conseqüente. Como, além disso, em nenhuma radiodifusora do mundo, um coro, elenco, cantor solista, locutor e orador podem servir-se de tão curiosa mistura de idio-

mas, podendo essa intercalação ou sobreposição ser ouvida em todas as ondas, é fácil comprovar que a origem dessas vozes não deve ser procurada nos estúdios das emissoras radiofônicas de qualquer país. Se os mortos se dirigissem a mim num idioma comum, como se poderia convencer alguém de que essas comunicações provinham de outro plano de existência quadridimensional? Posso assegurar que se eu quisesse apresentar programas comuns como vozes do Além, seria considerado um imbecil ou um grosseiro impostor e as tentativas de aproximação dos mortos seriam, desde o início, condenadas ao fracasso.

Não obstante, o problema do estranho poliglotismo de modo algum está solucionado. É admissível que a expressão e estilo dos mortos estejam sujeitos a transformações resultantes da mudança de plano de existência. Sendo o Além (ou a quarta dimensão) a esfera de vida do subconsciente desligado do cérebro, é bem provável que lá se ultrapassem os limites lingüísticos e as severas regras gramaticais, passando a predominar, na formação da linguagem, os impulsos psíquicos libertados.

Poder-se-ia também equiparar a linguagem do subconsciente a um meio de expressão metafórico, simbólico e indisfarçável, um tanto semelhante aos sonhos. Portanto, uma linguagem oriunda do princípio universal das idéias não pode, conseqüentemente, confinar-se aos limites dos idiomas terrenos.

Pergunta 5

Por que os mortos preferem falar através do rádio? Não poderiam comunicar-se exclusivamente pelo microfone, que está menos sujeito a perturbações?

Resposta

A antiga máxima popular “a costura dupla dura mais” parece confirmar-se aqui também. No que se refere às gravações pelo microfone, ficou provado que esse meio apresenta dificuldades técnicas até hoje ainda não totalmente superadas. Se bem que dessa forma, só se percebem frases curtas, chamadas e cochichos, sua finalidade, em geral, é atingida. As comunicações pelo microfone não apenas têm efeito drástico, mas, de algum modo, são dirigidas diretamente ao ouvinte.

O Dr. Björkhem disse certa vez: “Basta ser possível perceber e gravar so-

mente uma palavra de uma entidade invisível em um ambiente silencioso. Não há necessidade de prova mais concreta, pois nessas gravações de fitas magnéticas não há possibilidade de transferência do fenômeno para o campo da percepção objetiva”.

Nas comunicações através do rádio, as possibilidades parecem ser mais amplas e melhores. Tenho gravações de mais de meia hora de duração, cujo volume de som, conteúdo e caráter puramente particular são de tal modo convincentes que afastam, de antemão, qualquer dúvida.

Pergunta 6

Por que escolheram os mortos um meio técnico tão prosaico como gravador de som? Não seria mais expressivo — como habitualmente ocorre — utilizar um médium humano?

Resposta

Por mais prosaico e vulgar que possa parecer um mecânico gravador de som, devido a sua construção, ele está sujeito a quaisquer equívocos pessoais, idéias, desejos e tendências. Um gravador de som é cem por cento objetivo, registrando estrita e automaticamente os impulsos eletromagnéticos que, de acordo com as circunstâncias, se manifestam através do microfone ou do radiorreceptor a ele acoplado.

Aliás, nas gravações pelo microfone parecem existir ainda outras possibilidades receptoras, isto é, sob determinadas condições até hoje não totalmente pesquisadas, é provável que outras peças do gravador sejam utilizadas como canal de indutância. É admissível a suposição de que os locutores e cantores do Além utilizam muitas vezes outros acessórios do aparelho em lugar do microfone, subsistindo — conforme já foi mencionado — a esperança justificada de que esse problema, com a colaboração de alguns cientistas, brevemente será superado.

Não há dúvida de que um gravador mecânico, em virtude de sua absoluta objetividade, não pode comparar-se a nenhum médium humano. Além disso, nós

sabemos que médiuns autênticos e fidedignos são muito raros, pelo menos na Europa. Por mais genial e profundamente sincero que seja um médium, jamais será capaz de suprimir totalmente a sua subjetividade. Assim, não é possível distinguir com absoluta segurança em nenhum médium os impulsos provenientes do seu próprio subconsciente dos impulsos dos mortos ou dos presentes, porque aqui os limites são fluídicos. Acresce que, nas sessões espíritas, há o grande inconveniente de terem os participantes, inevitavelmente, certa dependência do médium. Essa dependência poderá facilmente tolher a iniciativa própria e a pesquisa autônoma.

Pergunta 7

Poderia explicar-nos, Sr. Jürgenson, por que o escolheram para esse trabalho pioneiro e quais os motivos que o levaram a abandonar tão bruscamente sua carreira artística?

Resposta

Gostaria, primeiramente, de responder a esta pergunta com outra pergunta, que já fiz a centenas de visitantes e que agora dirijo ao leitor deste livro.

Seria o leitor capaz de renunciar à sua profissão, abandonar a comodidade de seu lar na cidade e “enterrar-se” na solidão do campo para dedicar todos os seus recursos, forças e tempo a um trabalho de pesquisa bastante duvidoso, que, além disso, consiste em investigar certas vozes místicas, ou espirituais a principio quase inaudíveis e que talvez por simples acaso se fazem ouvir na fita magnética?

Como já é sabido, agi literalmente assim, e isto por clara e íntima convicção. O fato de estar disposto a modificar fundamentalmente a minha vida exterior e interior era de suma importância, embora não assumisse, de modo algum, um caráter definitivo. Decerto seriam necessários outros atributos, a existência de certas faculdades inatas e adquiridas, para que os mortos confiassem justamente a mim essa difícil incumbência.

Uma das condições prévias era a de que eu tivesse o dom inato de uma audição muito sensível e boa musicalidade, de modo a entender vários idiomas. Se não conhecesse cinco idiomas quase perfeitamente, além de entender relativamente

bem mais três deles, não teria sido capaz de captar as chamadas e comunicações dos mortos. Ademais, tenho poder de concentração e relaxamento psíquico.

Sempre me preocupei com o problema da morte. Na juventude, estudei profundamente religião e filosofia durante cinco anos, tendo também certo conhecimento de teosofia, cabala, Yoga e antroposofia. E o fiz num país em que todos os movimentos religiosos eram brutalmente perseguidos e arrisquei-me a perder a liberdade por causa dos meus estudos secretos (eu havia formado um pequeno grupo esotérico). Ao mesmo tempo, não podia deixar de me familiarizar com as teses fundamentais da dialética marxista.

A minha insaciável tendência para a pesquisa e as circunstâncias caóticas decorrentes de uma época tumultuosa contribuíram para que eu penetrasse a fundo nas diversas ideologias e me desviasse das imposições de todas as doutrinas e dogmas. Em resultado desses estudos e como testemunha e vítima de duas guerras mundiais e uma revolução devastadora, consegui compreender a origem das deficiências e sofrimentos humanos. Comecei então a encarar a vida de modo sincero e imparcial, e o sofrimento humano me tocava profundamente. Mas antes de tudo reconheci que todos os temores e vicissitudes não poderiam extinguir-se enquanto não fosse solucionado incontestavelmente o problema da morte. Estas devem ter sido as razões por que fui escolhido para edificar a ponte entre o lado de cá e o Além.

Pergunta 8

A publicidade que se desenvolveu em torno do senhor e do seu trabalho, não concorreu para lhe trazer enormes vantagens e lucros?

Resposta

Compreendo que esta pergunta, sob determinadas condições, seria justa: por exemplo, se eu fosse um artista pobre e desconhecido, que impulsionado pela ambição a qualquer preço quisesse conquistar fama, ou então, se dominado por idéias fixas, pretendesse organizar uma nova seita ou movimento. Como já declarei, estava no auge da minha carreira artística — realizara, entre outros, um trabalho extraordinário no Vaticano, além de pintar algumas vezes o retrato do Papa Pio XII, e

deveria participar também de uma escavação arqueológica em Pompéia — quando as vozes se dirigiram a mim. Um artista que não pinta mais quadros, nem organiza exposições não apenas perde os seus antigos clientes, mas também cai no esquecimento. No que me diz respeito, vi-me, de repente, na contingência de vender o restante dos meus quadros, transação praticamente irrealizável num chalé campestre. Como eu precisasse adquirir grande quantidade de fitas magnéticas, minha mulher, Mônica, foi também afetada financeiramente. Formáramos, em comum, uma “sociedade de ações de prejuízo”, mas que apresentava a vantagem de não ter concorrentes.

Naquela época, não suspeitávamos de que a nossa casa tranqüila, logo após a primeira entrevista à imprensa internacional, iria transformar-se numa espécie de colmeia, ou melhor, em uma central de visitas. Hoje já não me lembro de quantas centenas de artigos foram escritos a meu respeito e sobre o fenômeno das vozes nos jornais da Suécia e de outros países. Mas uma coisa posso afirmar categoricamente: jamais, enquanto eu viver, se formará em torno de mim qualquer seita ou ideologia, movimento ou escola. Além disso, tenho recebido — e contiurei a receber — todos os meus visitantes gratuitamente. Não apenas nasci num país onde a hospitalidade é inata, mas também seria infiel aos meus próprios princípios, assim como perderia a confiança dos meus amigos do Além, se transformasse sua ponte de comunicação, penosa e abnegadamente erigida, numa fonte de rendas.

Não obstante, a publicidade me trouxe algo de positivo. Graças a ela conheci inúmeras pessoas que, em virtude da morte de seus entes queridos, haviam perdido todo o ânimo e toda a alegria de viver. No tocante a essas pessoas oprimidas pela dor, não lhes teria dado o mínimo alívio com as prédicas mais sábias e consolações mundanas, pois as palavras são impotentes nestes casos. Mas aquilo que eu gravara nas fitas magnéticas, e que elas podiam ouvir, transformava fundamentalmente a situação. Raras vezes tive a oportunidade de ver tanta gente rir e chorar assim tão feliz. E essa “vantagem” jamais gostaria de perder.

***A esperança nos “sábios planetários”
mostrou-se errônea. O “velho judeu”.
A função do radar cronológico.
A voz inconfundível de Hitler.
Dois amigos de infância se apresentam.***

FOCALIZEMOS agora a atenção nas comunicações dos mortos, na sua expressão peculiar e original, assim como no humor que espontaneamente emana de suas mensagens.

Como já se disse antes, o nome Mälärhöjden era freqüentemente mencionado. Esse subúrbio de Estocolmo, ao que parece, era utilizado pelos mortos como senha ou sinal. Suponho que, no princípio, quando ainda não dominava corretamente a técnica de gravação pelo rádio, teve esta senha nas gravações difíceis uma função importante, pois sempre que, por exemplo, durante uma irradiação da BBC de Londres, soava repentinamente a palavra Mälärhöjden, minha atenção era logo despertada e eu ligava o gravador de som. Naquela época — na primavera de 1960 — ainda não havia perdido de todo a esperança de poder entrar em contato com quaisquer habitantes de outros planetas.

Aliás, essa esperança logo se desvaneceu, pois a realidade era simples e destituída de todo romantismo. Foi esse também o motivo que me levou a hesitar a escrever este livro.

Certo dia, porém, recebi uma breve comunicação, transmitida pelas ondas da emissora de Varsóvia e no momento exato em que se extinguíam as últimas notas do “Estudo Revolucionário” de Chopin. As mesmas vozes masculinas, que reconheci imediatamente, falavam, desta vez, em alemão e sueco.

“O que é isso, a morte, Frederico? Nós a conhecemos!”, começou o orador alemão, e acrescentou ainda algumas palavras, que não se podiam compreender corretamente.

“Como vocês a imaginam...”, prosseguiu o orador inglês, “por suposições, secretas conjecturas, demonstrações de pêssames, repetições infundáveis...” O restante das palavras perdeu-se em meio ao estrondo das interferências. Pouco tempo depois, retornou o orador alemão, que disse rápida e insistentemente: “Tu tens a tua pena, por que hesitas? Boas indicações para a pena de Freddie virão. Onde ficamos nós, Freddie?”

Ainda acrescentou algumas considerações pessoais e interrompeu a transmissão.

Tais comunicações, transmitidas em tom muito baixo, não poderiam de modo algum ser compreendidas sem o auxílio de um gravador de som acoplado, pois além de se intercalarem na irradiação original, eram demasiado rápidas. Era preciso aumentar o volume de som e reexaminá-las muitas vezes. Essas apresentações, inicialmente camufladas, devem ter sido difíceis também para os mortos, exigindo-lhes certo adestramento, para que se tornassem bons copistas ou repentistas.

Uma vez, por exemplo, chamou-me a atenção a voz de um senhor idoso, cujo timbre agradável lembrava a do ator vienense Hans Moser e que denominara o “velho judeu”. Evidentemente esse homem se divertia em inserir, de passagem, observações picantes, utilizando a mais extravagante mistura de idiomas, entre os quais o iídiche, o alemão, o inglês, o italiano e o sueco. Na realidade, era ele dotado de um humor seco e rude, que embora não fosse imoral, tampouco era aceitável.

Descobrira o “velho judeu” pela primeira vez numa irradiação em que me equivocara com o sinal de Lena, recebendo por isso um som sibilante como aviso. Naquela ocasião, foram despertados alguns mortos adormecidos, e isto aconteceu da seguinte maneira: Inicialmente, ouvia-se um som sonoro de ligação e, em seguida, uma enérgica voz masculina exclamava com ênfase: *Totengesang! Totendienst!* (Canto fúnebre! Serviço fúnebre!). Por duas vezes se fez ouvir um coro vibrante, que por mera ignorância eu interrompia ligando e desligando. “*Ihr Radio stört!*” (Seu rádio perturba!), exclamou uma voz de homem. Mas continuei indiferente, pois julgava tratar-se de um programa comum, até que soou um sinal bem alto.

O “velho judeu” se encontrava diante do microfone. Mas o aparelho não

funcionava corretamente, e sua voz se alteava rangente, deixando escapar algumas palavras que, evidentemente, ultrapassavam as medidas de precaução. Entretanto, ele sempre conseguia dominar a situação, pondo-se a imitar um locutor polonês ou iídiche.

“*Kontakt mit Hitlerchen...*” (Contato com Hitlerzinho), tornou a falar bem alto. Acrescentou ainda rapidamente *copyright*, calou-se por um instante e em seguida disse meio aborrecido: “*Mit deinem radar non fan will speisen...*”

Essa estranha mistura de alemão, italiano e sueco, que significava “com teu radar não diabo quero alimentar”, ele o cantarolava com solenidade sinagoga.

Certa noite captei um brilhante canto coral, que aparentemente era extraído de uma irradiação original do Cairo, mas que, na realidade, era cantado em alemão, sueco e italiano. O coro entoava uma canção narrando uma viagem de rotina, se referia a Hitler, Ataku e Mälärhøjden. O “velho judeu” interferia, como de hábito, com seu modo seco. Num curto intervalo ele se dirigiu a Lena e disse entre outras coisas: “*Lena ni most starten!*”, (Lena, a senhora precisa começar!) Quando o coro irrompeu no mesmo ritmo, dirigindo-se novamente a Lena, ele continuou a cantar: “*E’ben— du hast den radar in der Zeit. Du hast deine Aufgabe dazu, nur das der Friedel nogot kan — er sitzt im Dunkeln, armer Friedel...*” (Então — tu tens o radar cronológico. Tu tens tua missão para isso, só que o Friedel não consegue fazer — ele está sentado no escuro, coitado do Friedel...)

No encerramento disse o “velho judeu” nítida e enfaticamente: “*Das... (sind) die Toten, ihr musst capiten — im Norden — Schkol!* (Estes... (são) os mortos, vós deveis compreender — no norte — Prost — à sua saúde!)

Justamente nessa linguagem simbólica e bem-humorada dos mortos me foi trazida a maioria das comunicações. Decerto já haviam dominado a insípida frieza do nosso mecanismo intelectual terreno, pois falavam de modo espontâneo, gentil e simbólico.

A missão de Lena evidentemente consistia em dar-me as senhas ou sinais, já que ela manejava o “radar do tempo” (radar cronológico), que possibilitava a comunicação entre a quarta dimensão e o nosso relógio-hora terreno, para ajudar de

alguma forma a mim, que estava ainda na obscuridade.

No fim de maio, recebi uma comunicação que até hoje — muitos anos mais tarde — posso classificar como uma das mais impressionantes e curiosas. É tão importante, que até o momento ainda não ousei tornar público todo o seu conteúdo, antes de conseguir, com o auxílio de certos filtros e amplificadores, compreender claramente, palavra por palavra, a comunicação inteira. Se for possível, com a colaboração de alguns pesquisadores alemães, proceder à análise do som e à eliminação total dos ruídos perturbadores, tenciono publicá-la num folheto, juntamente com outras mensagens interessantes que ainda não foram completamente analisadas. Estou apenas à espera de eliminar, por meios técnicos, todas as distorções da recepção, de modo a que possa apresentar um texto claro e exato.

Essa irradiação poderia considerar-se um documento histórico, pois Hitler nela fala com sua voz inconfundível.

Nessa época, recebia quase diariamente comunicações, pois pouco a pouco aumentava o número dos meus amigos invisíveis. Muitos mortos — amigos de infância, parentes, inúmeros conhecidos, entre os quais alguns que eu já havia esquecido totalmente — dirigiam-se a mim dizendo os seus nomes ou esperando ansiosos que os reconhecesse pelas vozes.

Alias, nem todos se apresentavam pelo nome. Uns queriam permanecer anônimos, enquanto outros se ocultavam sob pseudônimos. Nestes casos, quase sempre se tratava de personalidades importantes, que preferiam, por motivos compreensíveis, esperar e apresentarem-se oportunamente.

Dois amigos de infância — Burchard W. e Herbort B. — foram os primeiros a se identificar, e logo os reconheci por suas vozes e maneira de falar.

Encontrara Burchard W. pela última vez em 1930. Foi um encontro bem estranho, no metrô de Berlim. Fazia doze anos que não nos víamos. Burchard estudava na Escola Técnica de Berlim, e eu chegara justamente para continuar os meus estudos de canto naquela cidade. Ao ver meu amigo de infância, repentinamente, sentado diante de mim no mesmo vagão, fui acometido de uma timidez imobilizante. Emudecido, fitei-o com espanto, sem saber ao certo se deveria abraçá-lo ou con-

tinuar calado, esperando. Notei então que Burchard me olhava de soslaio; depois abanou levemente a cabeça e um sorriso melancólico perpassou nos seus lábios. No íntimo, ele parecia dizer: “Não, não, não pode ser o Frederico!”

Nenhum de nós disse uma palavra. Na parada seguinte, Burchard desceu e desapareceu entre a multidão. Depois desse encontro nunca mais o vi, pois decorrido meio ano ele morria de uma doença pulmonar. Até hoje não me pude perdoar o acanhamento imbecil.

Meu segundo amigo de infância, Herbort B., já no ano de 1918 havia abandonado Odessa secretamente, fugindo com sua família para a Romênia. Assim como Burchard, estava ligado a Herbort por interesses comuns e uma profunda amizade. Mas esse dois amigos tinham temperamentos bastante diferentes. Herbort vivia a meditar e pesquisar, era indulgente e compreensivo, ardentemente voltado para a realidade última. Burchard, ao contrário, era mais prático. Na escola ele aprendia brincando e podia julgar clara e objetivamente as coisas e os acontecimentos. Culminava um humor seco e extremamente estranho, atrás do qual ocultava uma alma sensível e benévola. Quase no fim da Segunda Guerra Mundial, Herbort foi convocado como intérprete pelas forças armadas alemães. Depois desapareceu em algum lugar da Rússia; talvez tenha morrido no cativeiro, como prisioneiro de guerra.

Waldo, seu irmão mais moço, bom amigo também, morrera numa prisão russa de tifo exantemático, e viera dar notícias muito mais cedo. Em pouco tempo percebi que Herbort desempenhava um papel de dirigente no Além. Muitas vezes tomava parte no despertamento dos mortos, e suas alocações eram geralmente proferidas com tranqüilidade e certa gravidade. Já no outono de 1959, ele estabelecera contato comigo: Seu nome próprio e o de sua família foram citados com clareza em várias gravações. Ao contrário, Burchard se apresentara poucas vezes com o seu nome próprio. Gostava de gracejar e tinha, aliás, conservado sua maneira jovial de falar, que consistia em ligar frases mais longas num ritmo galopante e sincopado, para então psalmodiá-las rapidamente, com acentuação modificada.

Parece que ele não esquecera o nosso estranho encontro no metrô, pois certa vez perguntou, repentinamente, ocultando um riso satisfeito: “*Känner du igen dem Burchard?*” que parece significar: “Reconheces outra vez o teu Burchard?!” Como

nos criamos juntos na Rússia, dominávamos o idioma alemão e o russo; nenhum de nós havia antes falado o sueco. Mas agora Burchard costumava freqüentemente acrescentar palavras e frases suecas, e o fazia com uma pronúncia correta.

Naquela época, em Estocolmo, tive contato também com o genro de Mussolini, o Conde Ciano. Ele se apresentou imediatamente, exprimindo-se numa voz clara e refinada. Primeiro disse que conhecia bem o caminho através do rádio, o qual denominava *porta nuova*. Ciano falava de preferência em italiano, mas de vez em quando intercalava algumas palavras em inglês, russo e espanhol. Como italiano autêntico, encontrava dificuldade em pronunciar a letra H no início de uma palavra precedendo uma vogal. Assim, por exemplo, costumava dizer, em vez de Hitler ou Himmler, “Itler” e “immler”.

Ciano parecia ser muito estimado entre os mortos. Seu nome era freqüentemente mencionado, e onde ele aparecia dominava um tom alegre e cordial. A maioria dos mortos se tratava por tu, e chamavam-se pelo nome próprio ou de família, nunca empregando títulos honoríficos.

Certo dia, Lena me surpreendeu com a repentina revelação do nome do meu “velho judeu”. Vou chamá-lo aqui de Montedoro. Na realidade, Montedoro fora um dos maiores e mais talentosos gênios das finanças na Europa, cujo nome até hoje desfruta de admiração e prestígio. Dominava também idiomas. Seu francês era irrepreensível, e ele falava o polonês como um natural do país. Apesar de sua idade avançada, seu espírito era brincalhão e jovial.

Um dos grandes industriais suecos — vou chamá-lo aqui de Cantander — cumprimentou-me, certo dia, de um modo caloroso e alegre. Cantander, que aliás conheci bem em vida, surpreendeu-me com um atributo, do qual nunca o julgaria capaz. Na verdade, ele cantava com um ritmo brilhante e com um humor cascadeante canções alegres e, ao mesmo tempo, se apresentava, com êxito, em pequenas comédias. Para mim ficou patenteada a extraordinária importância de sua apresentação, pois o seu temperamento explosivo e sua magnífica dicção davam à gravação uma clareza toda especial. Além disso, Cantander tinha um timbre de voz inconfundível, facilmente reconhecível e que, como *leitmotiv*, escutava-se durante toda a gravação.

O problema da identificação exata dos oradores e cantores. “Fora com oscigarros.”

Uma curiosa linguagem de fantasia.

Uma existência sem classes, sem postos e diferenças raciais.

Que veículos de vôo ou condução são estes?

– Céu e Inferno, no sentido religioso, não existem.

NÃO ME ERA DIFÍCIL reconhecer as vozes dos meus parentes, amigos e conhecidos já falecidos, nem as de certas personalidades importantes, a quem, durante suas vidas, havia escutado pelo rádio. Mas quando as vozes citavam seus nomes ou eram por Lena anunciadas, e eu não as escutara antes e, portanto, não existiam discos nem fitas magnéticas gravadas, a pergunta “quem é quem” podia dar-me muita dor de cabeça. Contudo, não duvidava de forma alguma da exatidão de suas afirmações, mas a dificuldade consistia no fato de que os mortos, na maioria das vezes, apresentavam-se em grupos e falavam rápida e indistintamente.

Nem todas as vozes se prestavam para gravações na fita magnética, pois algumas emitiam sons átonos e abafados, tornando suas comunicações quase imperceptíveis, mesmo a um ouvido treinado.

Já mencionei sucintamente o caso Chesman. Os contatos que com ele mantive no princípio de maio de 1960 tinham um conteúdo bem interessante, mas um péssimo som. Pretendo submeter também essa gravação a uma análise técnica e filtragem antes de tornar público o seu texto. Entretanto, posso afirmar que desde o primeiro contato com Chesman pude deduzir que ele parecia encontrar-se em um *craft* (avião) e que, de algum modo, lhe foi inculcado o conceito Mälarhöjden. Observei que o nome Mälarhöjden era insistentemente repetido por Chesman, embora sua pronúncia fosse um tanto difícil para um americano.

Chesman, aliás, nada mencionou sobre a sua execução ou seus dolorosos

problemas. A sua nova situação devia absorvê-lo totalmente. Parecia sentir um grande alívio, pois sua voz revelava um semidítono alegre, por vezes quase divertido, e era-lhe perceptivelmente difícil dominar a sua euforia.

Na manhã seguinte, ocorreu um fato estranho. Naquela época, já havia quase abandonado o hábito de fumar, e um maço de cigarros, meio vazio, estava em cima da mesa ao lado do rádio.

Liguei o gravador e imediatamente obtive contato. Falava uma voz feminina conhecida, que mencionou duas palavras de senha e disse claramente em sueco e alemão: “Escuta, Friedel, nosso amigo precisa deitar plano, chato no chão.”

Nesse momento mexera, por distração, no mostrador de escala e, de repente, recebi uma reportagem sobre o casamento da Princesa Margaret. Quando sintonizei a onda anterior, a conhecida voz de mulher tinha desaparecido. Pressenti que a comunicação se referia a Chesman e fiquei à espera.

Súbito, Lena pôs-se a sussurrar com veemência: “Fora os cigarros! Para baixo! Tira, tira!”

Automaticamente peguei o maço de cigarros e joguei-o na lareira.

Algum tempo depois, ao recolocar os fones no ouvido, haveria de participar de um espetáculo que bem poderia chamar de surrealista. A princípio, tive a impressão acústica de um lugar espaçoso ou átrio, no qual diversas vozes emitiam um som oco. Ao mesmo tempo, podiam-se ouvir as chamadas e ligações telefônicas, num rumor que se entremeava de um estranho som melódico. Como soube mais tarde, esses tons de contato sonoro partiam de certos radares ou robôs sobre os quais, na época, ainda não estava suficientemente informado.

Reinava uma grande emoção entre os presentes naquela espécie de átrio, e eles conversavam numa alegre mistura de idiomas, dentre os quais pude distinguir o alemão, o sueco, o inglês, o iídiche e um extravagante idioma-fantasia, familiar talvez aos habitantes do Além mas que para mim se afigurava uma algaravia sem sentido.

Evidentemente, tratava-se de Chesman, que fora acometido de um violento

desejo de fumar e, além disso, encontrava-se num estado semidesperto.

Se, como já disse, a qualidade da gravação não era boa, para mim foi satisfatória, pois desse dia em diante deixei de fumar definitivamente sem a menor dificuldade.

Sempre que certas conversas dos mortos se afiguram estranhas e desconexas, pode-se observar que, na sua essência, existe um sentido oculto. Naquele átrio, provavelmente, conversava-se sobre pessoas que tinham passado por crises psíquicas violentas e que agora se encontravam num estado de total reação. Tinha a impressão de que os mortos constantemente extravasavam seus sentimentos de modo espontâneo e irrestrito. Desse ponto de vista, poder-se-ia considerar o Além como o plano de existência do subconsciente global, onde todos os impulsos podem manifestar-se livremente. Em outras palavras, é o plano de existência da emoção, da imaginação e das sensações. Tudo aí parecia processar-se com espantosa velocidade, mudando-se, formando e transformando. O mesmo ocorria com a linguagem que, com a rapidez do raio, podia transmutar-se num conjunto poliglótico, cujo colorido se caracterizava pelo gênero dos diversos grupos humanos. A fundamental mudança de vida pela morte deveria ter eliminado não apenas as fronteiras lingüísticas, mas também as diferenças de classes, posições e raças, por nós tão severamente observadas, e que aí não tinham a mínima significação.

Não obstante o estilo confuso da linguagem dos mortos, ela não deixava de ter a sua própria lógica. Talvez se trate de uma “consequência irracional”, que, libertada das limitações do cérebro, se deixa levar e guiar unicamente pelo “sentimento da verdade.”

Como, de modo geral, a natureza humana seja mais propensa à alegria do que à tristeza, no Além predomina uma atmosfera alegre e descontraída. As condições do novo plano de existência propiciam maneiras naturais e muitas vezes fazem brotar uma alegria infantil e transbordante.

Enquanto que nós, habitantes da Terra, podemos ocultar os nossos sentimentos, intenções e pensamentos sob a densidade dos nossos corpos, a natureza sutil dos mortos reflete todas as suas íntimas sensações, e, portanto, eles não precisam de palavras para se entenderem mutuamente. Assim, poderíamos comparar, de

certo modo, a comunidade dos mortos a uma colônia de nudistas espirituais. Mas é justamente esse desnudamento espiritual que elimina automaticamente qualquer fingimento ou hipocrisia, daí resultando inter-relações bem mais perfeitas e naturais, pois lá, onde nada se pode ocultar, nada também se deve temer.

Como em breve deveria ser demonstrado, nas esferas da realidade póstuma despertada não existe realmente qualquer motivo para temores. Não obstante, persistem, pelo menos no princípio, os temores da reminiscência, que pelas imagens do passado, podem tornar-se presentes. Tais manifestações de angústia costumam ocorrer freqüentemente no estado de modorra e, por isso, dá-se uma atenção toda especial ao despertar dos adormecidos.

Provavelmente, Chesman também se encontrava nesse desagradável estado de dormência em que, movido por recordações despertadas, viu-se atormentado pelo desejo de fumar. Não raro atraíam-me a atenção certas expressões que, aparentemente, tinham relação com o enigma daqueles aviões místicos. As palavras: “Fred-die, nós voamos”, ou “Friedel, estamos sentados no navio dos mortos”, assim como as expressões *teleship*, *craft*, etc., foram muitas vezes ouvidas e gravadas na fita magnética. Embora não conseguisse saber algo mais positivo sobre o assunto, era evidente que se tratava de algum meio de transporte ou uma espécie de vôo. Voava-se sem relação com o espaço-tempo, alcançando-se justamente por essa espécie de vôo a superação dos estados de consciência terrena. Esses vôos ultrapassavam a velocidade da luz e levavam àquele estado visualizado por Einstein e que H. G. Well descreveu em seu romance sobre a máquina do tempo. A solução desse problema, só podemos achá-la na quarta dimensão.

Hoje, que o enigma fundamental — a sobrevivência pessoal — encontrou uma solução objetiva mediante o contato com os mortos pelas fitas magnéticas, a questão relativa à natureza e à espécie daqueles veículos voadores, me parece de importância bastante secundária, se bem que não deixe de ser interessante. No entanto, a prova de que o homem continua a viver depois da morte como unidade consciente, é muito mais significativa, assim como o fato de que os mortos podem comunicar-se conosco por meio do rádio e do gravador de som.

Personalidades preeminentes da Antiguidade, da Idade Média ou da época barroca extemporânea nunca se comunicaram comigo. Suponho que a maioria de-

las já reencarnou e morreu várias vezes e, no momento, encontra-se na Terra ou no Além sob outros nomes. O fato impressionante de que pessoas como Hitler, Stalin, Trotski, Lênin, Van Gogh, Eleonora Duse, Annie Besant, minha mãe, d'Annunzio, Göering, Himmler, Felix Kersten, Montedoro e tantos outros cientistas judeus e cristãos conhecidos, músicos, compositores e cantores, assim como rudes trabalhadores e operários, se apresentassem juntos, tratando-se por “tu” e procurando realizar uma missão coletiva — esse simples fato é de significação decisiva.

Ao saber que no Além se realizara uma verdadeira reconciliação entre os carrascos e suas vítimas, senti uma enorme satisfação. Esta era a primeira prova prática da possibilidade de se criar uma comunidade humana universal. Não tinha a menor dúvida de que todos esses mortos haviam compreendido o verdadeiro sentido da lei de causa e efeito, conseguindo penetrar o mistério original da vida e da morte.

Isto não quer dizer de modo algum que, depois da morte, todos se transformam imediatamente em anjos de pureza. Até certo ponto, deve-se atribuir a transformação que ocorre na psique dos mortos à libertação das fraquezas físicas e, particularmente, às influências daquela dimensão imensurável e eterna, que com suas simultâneas mutações lhes possibilita o grande privilégio da percepção direta. Do ponto de vista de nossa existência, é difícil avaliar e, para a maioria das pessoas, seria impossível conceber os efeitos práticos dessas ilimitadas percepções.

Assim, por exemplo, os mortos podem compreender a causa e efeito de todos os fenômenos, como uma unidade simultânea e encerrada em si mesma. Portanto, estão aptos a perceber, no seu aspecto puramente prático, os absurdos e distorções das doutrinas ideológicas, quer sejam de natureza religiosa, científica ou política. Seu conhecimento é, muitas vezes, bastante satisfatório. Tendo por missão velar pelos moribundos e recepcionar os desencarnados, têm plena consciência das causas daquilo que chamamos morte. Sabem que quando os homens não se exterminam mutuamente através das lutas de classes, raças ou religião, encurtam a existência com seu modo absurdo de viver, bebendo, fumando, numa contínua agitação; banqueteiavam-se, amam e odeiam até a morte, e é bem verdade que a maioria se dedica à auto-destruição, sendo raros os que morrem numa idade avançada.

Os mortos estão bem informados, pois no Além os fatos falam por si mes-

mos e são inconfundíveis. Todas as noções e idéias contraditórias que incessantemente tumultuam o nosso raciocínio, tais como destruição e vida eterna, Céu e Inferno, Deus e o Diabo, ética e imoralidade, amor e ódio, perdem, no além-túmulo, sua consistência temporal e imaginária força motriz, aniquiladas por sua própria absurdidade. Por isso, os verdugos e os torturados, os juízes e os condenados, os poderosos e os simples, poderão recomeçar juntos uma nova existência, num equilíbrio natural e total das contradições.

Os mortos não encontraram no Hades nenhum “Inferno de Dante”, nem tampouco um Deus pessoal. Ali também não existem as noções de Céu, Inferno e Diabo, a que se referem as Escrituras Sagradas. Foi o próprio homem quem criou, mediante seu poder de imaginação altamente imperfeito, a imagem de um Deus pessoal. Mas como a realidade paira muito acima de qualquer concepção abstrata e não é apreensível pelo rudimentar raciocínio de um cérebro tridimensional, os homens forjaram um bode expiatório, ao qual podem atribuir a causa de todo sofrimento e infortúnio. Mas com Deus e o Diabo como base fundamental da visão universal, cerrou-se a porta do autoconhecimento. Os mortos conhecem este círculo diabólico e suas conseqüências, pois muitos deles foram despachados das profundezas dos nossos infernos terrestres diretamente para o Além. Ademais, também têm ciência de tudo, pois das alturas da dimensão imponderável podem objetivamente contemplar a história da humanidade com todas as suas implicações.

Apreensivos, eles olham para trás, pois o número dos nossos infernos terrestres aumentou consideravelmente nos últimos decênios. Mas, antes de tudo, descobriram a origem desse círculo vicioso fatal, que consiste na maneira errônea de sentir e pensar, que submete a maioria das criaturas a uma espécie de fascinação hipnótica.

No entanto, apesar de toda a aparente desesperança, os mortos sabem que esse satânico círculo de aço pode ser rompido. A grande dificuldade reside no fato de que nós — que ainda vivemos na Terra — estamos emaranhados num fantasioso estado de sonho, e consideramos esse sonho uma realidade. Se bem que em nossos sonhos muitas vezes tenhamos escutado o apelo dos que já despertaram, atribuímo-lo às fictícias imagens oníricas. Mas como poderão os mortos despertados se dirigir a nós, se há milênios continuamos adormecidos, alheios ao clamor dos mestres universais que vivem em nosso plano para o despertar da nossa consciência?

Na realidade, não temos banido, perseguido e assassinado grande parte desses apregoadores do despertar? E não foram nossos irmãos e irmãs por nós conduzidos à “última morada,” sepultados e cremados com luto e lágrimas, e depois esquecidos? Em verdade, quem se preocupa com o destino dos mortos? Quem poderá dizer se não lamentamos e choramos mais a nossa própria dor e a nossa solidão depois da perda?

E quem pretenderia ainda entrar em contato com os mortos e fantasmas, cuja reputação é tão duvidosa? Evidentemente, os obstáculos sempre se encontraram e ainda se encontram apenas do nosso lado, uma vez que, por parte dos mortos, já se erigiu a ponte de comunicação.

***O Dr. Björkhem tem os seus dias contados.
“Música de radar” e melodias de sinalização.
O número de comunicações pessoais aumenta
cada vez mais.***

SENTAVA-ME diariamente no meu quarto do sótão registrando as novas gravações. Quando minha mulher veio para o campo com as crianças, ainda floresciam os lilases e os narcisos brancos. O verão se aproximava, e eu ainda não me decidira a escrever a introdução do meu livro. Gostaria de permanecer anônimo, mas isto não seria possível, pois alguém teria de responder às perguntas formuladas pelos leitores. Um belo dia comecei, indeciso, a escrever a introdução, a primeira, porque mais tarde escrevi outras três, mas não me dei por satisfeito. Finalmente, depois de muito pensar, resolvi fazer a quinta.

Certo dia, o Dr. Björkhem e a Sra. Eva H. Vieram visitar-nos. Apesar da alegria do reencontro, sentia, no íntimo, uma profunda tristeza, pois sabia do precário estado de saúde do Dr. Björkhem. Rodei as últimas gravações, entre as quais o monólogo de Hitler e uma mensagem muito clara em inglês.

O Dr. Björkhem tinha um extraordinário poder de concentração e uma audição muito aguda. Era uma tarde tranqüila, ensolarada e embalada pelo gorjeio alegre dos pássaros, e nós estávamos sentados, um tanto desconfortavelmente, no pequeno quarto do sótão.

— O senhor ainda obterá muitos outros resultados — disse o Dr. Björkhem, antes de nos despedirmos, com seus olhos de pesquisador brilhando de pura alegria. A sua previsão em breve se comprovaria.

Com o afluxo de novas irradiações, dia a dia foi crescendo o meu interesse e entusiasmo. As comunicações dos meus amigos invisíveis eram de tal modo extraordinárias, claras e incontestáveis, que jamais pude habituar-me a elas e sentia uma crescente e renovada admiração.

Muitas vezes via-me tão assoberbado de trabalho que chegava até a desa-

nimar. Tinha sempre de contar com surpresas e fatores totalmente desconhecidos, e as irradiações apresentavam tamanha variedade, que não proporcionavam o menor ponto de partida para o trabalho rotineiro.

Nas modificações diárias das formas de comunicação, havia uma circunstância que me parecia extremamente interessante e me causava imensa alegria. Os meus amigos dedicavam especial atenção às irradiações musicais, modulando suas comunicações não apenas através de solos, conjuntos e coros, mas também por meio da chamada “música de radar”, dando muitas vezes a essas transmissões um cunho humorístico. Alguns cantores aproveitavam certas “melodias de senha”, que eles haviam escolhido como sinal de identificação, de acordo com seu gosto e caráter.

Foi num mês de julho que ouvi pela primeira vez Lena cantar. Cantava sem acompanhamento, de modo espontâneo e natural. A canção era uma curiosa combinação de árias de óperas italianas e canções napolitanas. Com sua voz graciosa e pura, Lena improvisava, com uma simplicidade infantil. Cantava um tema sobre um edifício de devoção (devot building), em inglês, alemão, italiano e sueco. Daí por diante, passei a reconhecer facilmente o seu timbre claro, mesmo quando ela se apresentava no meio de um coro.

Uma sonora voz masculina, que gravei diversas vezes na fita magnética, me dava muito o que pensar. Tinha certeza de já haver escutado antes essa voz, cuja inflexão lembrava, de certo modo, Hitler, se bem que o timbre de voz fosse mais grave e o orador se expressasse num refinado alemão. Não me causaria surpresa se viesse a saber que, durante sua vida na Terra, fora ele também um orador brilhante, pois sua dicção era impecável. Um dia consegui gravar um monólogo mais longo que, de certo modo, lembrava os monólogos de Hitler.

O “velho judeu” e outras vozes masculinas também participaram da conversa. O “velho judeu” intercalava palavras chistosas, algumas vezes de sentido dúbio, e tirava o orador do estado de sonolência que o acometia de quando em quando.

No restante, os interlocutores pareciam lançar um olhar retrospectivo ao passado. Eu tinha a vívida impressão de que o orador remontava à mais longínqua antiguidade, pois mencionara Pompéia, Plínio, Tito, Olimpo, além do meu nome. Não obstante as perturbações atmosféricas, podia perceber a voz, às vezes num tom

bem alto e nítido.

Um instrumento semelhante a um órgão *Hammond* entoava harmoniosos acordes finais e, a seguir, ouvia-se a voz de Lena dizer rapidamente: “*Nimm weg! ta bort quick!*” (Tira! *ta bot** rápido).

Naquele verão recebemos — minha mulher e eu — muitas mensagens pessoais, entre as quais algumas bem detalhadas que, por motivos compreensíveis, deixo de publicar.

Devo esclarecer, no entanto, que não se tratava de receitas padronizadas, conselhos ou advertências. Nossos amigos sabiam, de modo figurado e muitas vezes humorístico, despertar em nós uma nova forma de encarar os problemas, cuja solução estava sujeita ao nosso próprio raciocínio e maior compreensão.

Naquela época — julho, agosto e setembro de 1960 — afluíam quase diariamente múltiplas irradiações. Mal podia dar conta de tanto trabalho, mesmo que as irradiações não durassem mais de dez a quinze minutos, já que o reexame e o registro dos textos exigiam um tempo considerável.

Devo a esses exames minuciosos das irradiações a profunda visão daquele plano de existência intemporal, cujos fenômenos sempre me causavam grande assombro, e até mesmo choques e perplexidades. Só depois que me eduquei para aceitar os acontecimentos mais espantosos sem qualquer idéia preconcebida, consegui vencer minha timidez e preconceitos.

Naturalmente, ainda me esperavam muitos equívocos, pois freqüentemente havia perturbações atmosféricas, e as gravações nem sempre eram bastante claras.

Mas, de qualquer forma, estabelecera-se a ponte, e, pouco a pouco, eu ia conseguindo melhores gravações.

* *ta bort* — expressão sem sentido definido no mundo dos vivos. (N. da T.)

*A canção de Olga.
Sempre oradores e cantores novos.
O humor berlinense de Kotzik.
Uma professora desconcertante*

NO FIM DO OUTONO, começamos a reforma da casa-grande de nossa propriedade campestre em Nysund. Era um trabalho árduo e incômodo. Os tetos e paredes foram pintados, colocaram-se janelas novas, o velho soalho foi lixado e calafetado e, por fim, mandamos fazer uma moderna instalação de água quente, para que toda a família pudesse ocupar a casa no Natal.

Quanto a mim, lamentava deixar a pequena cabana à orla da mata, pois naquele ponto distante e acolhedor havia melhores condições para um trabalho tranqüilo.

O primeiro inverno que passamos no campo foi extraordinariamente ameno e curto. Já em fevereiro, derretia-se a neve e em princípio de abril floresciam as primeiras anêmonas azuis. O tempo aprazível convidava o nosso amigo Hugo a amanhar a terra e plantar os seus tomates. Com sua incansável disposição para o trabalho, pôs-se a cuidar das estufas e até chegou a semear alface ao ar livre, embora o subsolo ainda estivesse gelado.

Como minha mulher costumasse ir à cidade, e as crianças ficassem até a tarde na escola, eu mesmo preparava a comida; e confesso sinceramente que o fazia com grande satisfação, pois não me utilizava de qualquer receita, mas, por amor à experiência, combinava prazerosamente os alimentos. Diariamente vagávamos — Hugo e eu — pela mataria fechada que se estende por vários quilômetros ao redor de Mölnbo, e ao voltarmos, cansados e famintos, a comida nos parecia duplamente deliciosa.

Aliás, Hugo julgava que os meus contatos espirituais eram mais importantes que as gravações das fitas magnéticas.

A concepção de vida de Hugo baseava-se na filosofia do budismo moderno

e nos ensinamentos de Krishnamurti, mas ele observava também com vivo interesse o desenvolvimento da União Soviética. Acreditava mesmo que a grande renovação do Ocidente seria realizada pelos povos eslavos. Essa renovação, ele não sabia dizer se seria efetuada através de uma ainda desconhecida síntese espiritual ou social, contudo alimentava a esperança do estabelecimento da igualdade de direitos entre os povos e da vitória do socialismo espiritual.

Nos últimos anos, porém, Hugo começou a mudar perceptivelmente o seu modo de pensar, decerto em consequência de nossa convivência espiritual, mas, lamentavelmente, demonstrava pouco interesse pelas gravações das fitas magnéticas.

A despeito de toda sua inteligência e vivacidade, ele não pôde compreender a importância da ponte de ligação fisiotécnica dos mortos. Mas os mortos, por seu turno, falavam sempre de Hugo nas fitas sonoras e algumas vezes se mostravam preocupados com o seu estado de saúde. Ele tinha crises frequentes de lumbago, que prejudicavam um pouco o seu trabalho de jardinagem, mas graças ao seu auto-domínio, superava-se corajosamente. Em certo sentido, já havia dominado os seus instintos e necessidades físicas, e quando uma doença mais séria o abrigava a deitar-se, punha-se a resmungar, mal-humorado.

Naquela primavera recebi uma transmissão muito estranha. Como de hábito, veio-me por uma espécie de apresentação simbólica, que por meio do canto, de observação e exclamações, tentava transmitir-me uma mensagem particular. Ouviase o canto de uma excelente voz de mulher, que poderia ser a de Grace Moore ou então de Lina Cavallieri. No final da irradiação, soou o nome de uma amiga de infância de minha irmã, a quem também estava ligado por laços de amizade.

Nossa amiga de infância chamava-se Olga Z. e embora se tivesse casado e divorciado, sempre a chamáramos pelo seu nome de solteira. Não via Olga há vinte e três anos, devido à ruptura de comunicações ocorrida durante a Segunda Guerra Mundial. Graças a uma circunstância toda especial, minha irmã Elly descobriu o endereço de Olga. Resumindo: Olga veio visitar-nos no mês de junho em Nysund e antes de viajar comprometeu-se a datilografar o manuscrito do meu livro.

Entrementes, afluíam novas transmissões. Certa vez, uma bela voz de so-

prano, com um timbre suave e cálido, apresentou uma canção húngara, cantada, entretanto, em alemão, russo, sueco e húngaro. Ao mesmo tempo, sua canção se fez acompanhar de outra voz feminina em tom mais alto, que parecia cantar a grande distância e num texto igualmente poliglótico. Dava informações sobre as atividades de Hitler no Além e mencionou claramente o meu nome e o de Mälarhöjden. No final, falou uma voz de homem: “*Banbanzef ljubit (liebt) sähr Mälarhöjden!*” (Babanzef ama muito Mälarhöjden!)

Reconheci imediatamente a voz de um oficial russo-branco, que tinha sido casado com minha prima, na Estônia, e que morrera pouco antes do fim da guerra na frente oriental como oficial alemão.

Em junho anunciou-se na fita magnética um velho conhecido, de nome Paul Kotzik, massagista que trabalhara com meu pai no sanatório. Encontrara Kotzik pela última vez no ano de 1915. Naquela época, era o massagista da mulher do governador de Odessa e podia, apesar da guerra e como alemão, movimentar-se livremente na cidade.

Kotzik era um ótimo massagista. Tinha uma saúde perfeita e andava durante o ano inteiro sem chapéu e sem casaco. Tinha um excelente humor, era muito amável conosco e com as crianças e me ensinou a arte de fotografar. Apesar de ter muita sorte com as mulheres, preferia viver sozinho. Kotzik era natural de Berlim, e tinha um temperamento tipicamente berlinense — jovial, seco e insolente.

Depois de tantos anos, decerto não teria reconhecido sua voz, se não me tivessem chamado a atenção. Kotzik falava com sotaque berlinense, puro e bem claro. Sua voz era a de um homem maduro. Lá no fundo, um violino tocava uma estranha e melancólica melodia. Kotzik pôs-se a falar rápida e ininterruptamente. Parecia apressado, e sua voz soava plangente e triste.

Logo no início, uma voz mecânica de homem anunciou nitidamente, como que através de um alto-falante e muito rápido: “*Hör Kotzik.*” (Escuta Kotzik.)

A mesma voz altissonante exclamou mais uma vez com toda a clareza: “*S’war Kotzik.*” (Escuta Kotzik.)

Kotzik encerrou sua apresentação com uma exclamação bem alta: “*Ah, jetzt*

kommt der Mölnbowagen!” (Ah, agora vem a condução de Mülnbo.)

Divulgarei também essa gravação, depois de submetê-la a minuciosa análise e eliminar as perfurações.

No mês de maio, recebi uma breve comunicação que me passou despercebida e cujo sentido só pude compreender em agosto. Era a voz do meu amigo de infância Herbot B., que disse baixinho mas claramente: “*Friedrich, damit du weisst — Serapo!*” (Frederico, para que tu saibas — Serapo!)

O resto da mensagem veio alguns dias depois, mas já com outra voz. Creio que era a do meu professor de canto Danni. Revelava uma cadência divertida e disse admirado: “*Drei Stück in einem Aeroplan — mamma mia!*” (Três em um aeroplano — *mamma mia!*)

Inadvertidamente, não dei a devida atenção a algo que, na realidade, era uma espantosa profecia.

Antes, porém, devo narrar um fato que ocorreu em julho e causou profundo pesar a toda a nossa família.

Visitando em sonho um posto de acolhimento dos mortos no Além. O homem sem rosto. O tipo de morte de uma criança não é sem importância. As estranhas “banheiras” fúnebres.

NA NOITE DE SEXTA-FEIRA para sábado do dia 30 de julho, tive um sonho que pode ser classificado entre as minhas mais interessantes e estranhas visitas ao Além. Acordei por volta das cinco horas e anotei imediatamente essa vivência.

Encontrava-me ao ar livre, diante de uma larga entrada de um subterrâneo que num declive semelhante ao de uma garagem, conduzia às profundezas do antro.

Uma estranha luz verde-amarelada irradiava-se do alto do céu que era, ao mesmo tempo, escuro e claro. Na entrada trabalhavam muitas pessoas amáveis, alargando e aplainando o caminho a ser percorrido pelos mortos, que embora estivessem vivos, não podiam, durante longo tempo, abandonar a idéia de que haviam morrido. Acompanham-me pessoas gentis, que espontaneamente me orientam sobre as condições de existência no Além.

O esquisito é que em cada nova mudança de sensação a situação se transforma bruscamente. De repente, encontro-me — e isto sem qualquer transição — em um local muito amplo, que constantemente se alarga, aparentando uma combinação esdrúxula de gare de estrada de ferro, igreja ou balneário termal. Por ali se estendem numerosas salas de espera, cabinas, toaletes públicas, nichos com chuveiros e salas de banho comuns.

Entro numa sala maior, iluminada por uma luz dourada e morna, proveniente de uma luminosa fonte invisível, e logo percebi que ali deveria ocorrer algo de extraordinário e importante.

Contemplo admirado esse estranho local, que lembrava ora uma câmara mortuária ornamentada, ora uma capela de cemitério e ao mesmo tempo ocultava

ainda algo totalmente diferente e de suma significação.

Há por ali muitas pessoas que, em pequenos grupos, conversam à meia voz, numa atitude alegre e um pouco solene. A maioria delas sorri com tranqüila satisfação, e todos irradiam a mesma certeza: tudo está consumado, vencido!

Imperceptivelmente, vão chegando outras pessoas e, súbito, tudo se me torna claro: esse lugar é uma passagem, uma porta por onde passam os mortos depois de um sepultamento religioso.

Ocorre outra vez uma transformação de ambiente. Encontro alguns artistas, escultores e um diretor do Museu de Estocolmo muito conhecido. Contam-me que nos andares superiores existem numerosos *ateliers*, que podem ser utilizados por todos os artistas. Não obstante, a maioria prefere colaborar aqui embaixo, no trabalho coletivo, onde se processa uma readaptação e reeducação.

Torna-se-me cada vez mais claro que estou num plano de existência interpenetrado por paixões humanas, que não apenas pela força de nossas emoções, pode realizar mudanças de ambiente, mas também é capaz de refletir, de modo totalmente plástico e visível, todas as nossas íntimas emoções.

Aqui, portanto, nada se pode ocultar, pois justamente nisso consiste a natureza e finalidade dessa zona de existência, onde é possível extravasar visivelmente todos os impulsos reprimidos, ocultos, incompreensíveis e desviados, amenizando suas reações, e isto não somente até o esgotamento da energia sensória, mas principalmente até a total compreensão do papel que representam na vida humana.

Encontro três mulheres sentadas de frente uma para a outra, que se ocupavam em manifestar sentimentos bem estranhos. Essas mulheres mudavam visivelmente a forma de seus corpos. Evidentemente elas rivalizavam entre si, esforçando-se, por meio da grotesca transformação superdimensional de suas curvas femininas, para ultrapassar os patentes atrativos de certas estrelas de cinema. Esse ridículo espetáculo provoca repulsa, mas revela a premente necessidade de desfazer um complexo existente. Talvez essas mulheres tenham sido feias, solitárias e deformadas na sua vida terrestre.

Logo a seguir, encontro-me no centro de uma sala de recepção muito ilumi-

nada, ligada por uma passagem larga e aberta a uma capela mística de um mausoléu. Um homem está diante de mim, e fala insistentemente comigo. Vejo perfeitamente sua estatura, mas não chego a perceber os traços do seu rosto, que estão de algum modo dissolvidos, apagados.

“Chamo-me Hugo F., e na juventude fui oficial de cavalaria”, apresentou-se ele.

Fiquei um pouco admirado, pois não sabia que o meu amigo Hugo F. tivesse um parente homônimo. O homem me conduz a uma espécie de monumento, ornamentado com um emblema metálico. “Esse é o brasão de nossa família”, disse ele com ênfase. Contemplo essa estranha insígnia, que lembra uma grinalda de lação, e procuro em vão compreender o seu simbolismo.

Mas, no momento seguinte, muda a cena outra vez. Caminho por uma extensa ala de aposentos, corredores e galerias, que por sua estranha aparência, me prende a atenção. Aproximo-me da plataforma, semelhante a uma gare de estrada de ferro, mas provida de inúmeras portas.

Paro diante de um grande depósito. Sinto um cheiro insípido de flores murchas, agulhas de abeto e palmas. É o odor típico de capelas de cemitério, pois também dali se evola um odor de cadáveres. O depósito está repleto de relíquias e utensílios funerários: coroas com flores frescas e meio murchas, ramalhetes, crepes, malas e outros objetos. Todas essas coisas representam as homenagens dedicadas aos mortos. Decerto são cópias etéricas de objetos que impressionaram fortemente o morto e o acompanharam no Além, isto é, trata-se de reproduções astrais e contrapartes de coisas físicas que, à semelhança do corpo sutil do morto, continuam a existir na quarta dimensão. Havia inúmeros objetos desse tipo espalhados no depósito. Mas quem os retiraria daqui e qual o sentido de tudo isso? Essa pergunta me preocupou por longo tempo e só mais tarde encontrei uma resposta.

Até agora compreendi que, na totalidade, existem três espécies de dissolução física:

1. O enterro comum.

2. A incineração.
3. A destruição do corpo em consequência de acidente como, por exemplo, afogamento, massacres, explosões de várias espécies e outros semelhantes. (Naquele tempo isto ainda não se tomara bem claro.)

Podemos perguntar a nós mesmos: Se estar morto significa a morte, que importância tem a maneira pela qual o corpo foi desagregado? — Mas este argumento somente corresponde em parte, porque na realidade a passagem para outro plano de existência, é coordenada pela natureza da deslance do corpo. Esta hipótese é certa porque, em parte, realmente, a passagem para outro plano de existência é determinada pela espécie de dissolubilidade do corpo. Aqui atuam certas leis pelas quais os mortos terão de passar por processos de purificação totalmente diferentes, embora as ocorrências se realizem durante o sono profundo.

Tornou-se-me também bastante claro que determinadas moléstias fatais, como tumores malignos, supurações lepra, etc., afetam de algum modo o corpo astral do morto, ou seja, persistem em sua imaginação. Em todo o caso, essas lesões precisam ser tratadas e desfeitas totalmente. Para esse fim existem no Além balneários especiais, nichos com chuveiros semicirculares, estranhos salões de massagens e cosméticos, assim como salas para tratamentos diversos, onde os mortos se livram dos vestígios de suas enfermidades.

Esses ambientes têm cheiro desagradável não sei se criado pela idéia fixa dos mortos, ou trazido por eles automaticamente. De qualquer forma, abandonei logo esse malcheiroso departamento de purificação e me dirigi a uma grande sala de banho contíguo, lugar que, de todas as vivências dessa viagem astral, me deixou indubitavelmente a mais profunda impressão.

Na realidade, não era apenas um balneário, mas uma galeria de banheiros que se perdiam à distância. A luz era de um vermelho-amarelado bem amortecido, como a suave iluminação de velas, cuja fonte não podia perceber. No chão, espalhavam-se centenas ou talvez milhares de banheiras alongadas e quadrangulares.

Ao aproximar-me das banheiras, avistei dentro delas corpos de pessoas carbonizadas, completamente negros e bastante deformados; só se podiam distinguir os contornos da cabeça, dos ombros e do peito, que emergiam de um líquido escuro

para mim desconhecido. Aqui também exalava o odor de flores e cadáveres.

No vestíbulo, encontravam-se umas enfermeiras de grande altura, que se assemelhavam a diaconisas. Estranhamente, elas conduziam pequenos cães negros, cujo pêlo desgrenhado lembrava o dos *terrier* escoceses. E o mais estranho era que os cachorrinhos “sorriam” amavelmente para mim e abanavam a cauda. As enfermeiras conversavam à meia voz, e pareciam alegres e bondosas.

Nos apontamentos desse sonho, anotei, nesta parte, “mortos normais”. Infelizmente, não posso recordar o verdadeiro sentido de tal anotação. Só me lembro de que a maioria dos mortos tinha de se submeter a essa cura de águas.

Ao aproximar-me mais ainda dos “banhistas”, observei que, sob a crosta negra carbonizada dos corpos, brilhavam, aqui e ali, partes de uma pele nacarada e suave como a de uma criança. Alguns rostos já haviam recuperado a cor normal da epiderme. Pude compreender que alguns mortos passavam por uma espécie de processo purificador pelo fogo e eram submetidos a um banho de limpeza. Todos eles dormiam, isto é, achavam-se inconscientes.

Noutro lugar claro, espaçoso e alegre, viam-se centenas de criaturas esperando tranqüilamente. O ambiente aqui era religioso e solene. Informaram-me que essas criaturas, após a incineração, aguardavam uma transferência. Nesse caso, o mais importante era que os mortos tinham de abandonar muitos hábitos de raciocínio e sensações, depois do que se realizava, gradativamente, a transferência para outro plano de existência astral. Isto só se aplicava aos que tivessem tido morte natural. Por ali ainda havia outros caminhos que conduziam a locais que, naquela ocasião, ainda me eram desconhecidos.

Acordei com a clara sensação de ter tomado conhecimento de uma bem determinada esfera do Além, talvez uma espécie de posto central de acolhimento, que deve ser percorrido pela maioria dos mortos.

*A morte de Hugo três vezes comentada
por ele mesmo. A antiqüíssima pergunta sobre a
causa e o sentido do sofrimento. Uma saudação de
Hugo com consolo e promessa.*

NO DIA SEGUINTE — era um sábado, e os amigos de Hugo haviam chegado de Estocolmo — contei a Hugo o meu sonho.

— Estranho, muito estranho — disse Hugo admirado. — Não tenho nenhum parente que se chame Hugo F., mas na juventude fui oficial de cavalaria...

Comentei o sonho também com os amigos de Hugo, mas nenhum deles soube explicar o ocorrido com aquele parente místico.

Na quarta-feira à tarde irrompeu uma violenta trovoada sobre Mölnbo. No verão, costumava ficar na cabana, e como ela não tinha pára-raios, levantei-me e despertei minha irmã, que dormia no andar térreo. A trovoada durou algumas horas, acompanhada de chuva torrencial.

Na manhã seguinte, Hugo me apareceu na porta. Estava pálido, com aparência cansada, e tinha a fronte coberta de suor.

— Passei uma noite horrível — principiou ele, com voz rouca e desalentada. — Creio que estou com angina do peito, pois senti dores atrozes na região cardíaca. Foi horrível, e eu não sabia o que fazer...

Fiquei apreensivo e aconselhei Hugo a consultar um médico imediatamente.

— Toda a vez que refulgia um raio — continuou ele — meu coração doía a ponto de me tirar a respiração. Creio que isso se relacionava com as descargas elétricas da atmosfera.

Depois de longa discussão, Hugo resolveu telefonar para um médico conhe-

cido.

No dia seguinte estava bem melhor, e retomou seus trabalhos na estufa. Mas desta vez interferi energeticamente e insisti com ele para que fosse à cidade fazer um exame meticoloso.

Fiquei preocupadíssimo com o estado de saúde de Hugo, pois sabia que ele habitualmente não dava a mínima importância a enfermidades físicas. Assim que melhorava um pouco, deixava tudo de lado e não se preocupava mais com o corpo.

No sábado à noite, Hugo deveria vir, com os seus amigos, novamente para Nysund. O dia esteve muito abafado e úmido e, ao entardecer, começaram a se formar grossos flocos de nuvens. Eu já havia aquecido bem a cabana de Hugo, para evitar que ele fosse rachar lenha.

Pouco depois das nove horas da noite, Hugo chegou com seus amigos. Estava disposto e bem-humorado. Avisei-lhe que a cabana já estava aquecida e fui me deitar. Como me sentia bastante cansado adormeci imediatamente. Embora tenha um sono muito leve, costumo dormir totalmente tranqüilo e relaxado.

Mas desta vez havia algo errado. Não tive nenhuma visão onírica, mas, inexplicavelmente, no estado de semiconsciência em que me encontrava, sentia uma inquietação torturante, como se qualquer coisa distante ameaçasse atingir-me. Era uma sensação angustiada e alarmante, e quando eu queria acordar era novamente subjugado pelo cansaço.

Súbito despertei, com a voz de minha mulher chamando-me do lado de fora. Foi um despertar angustiado, e pressenti imediatamente que Hugo estava à morte.

Sem acordar minha irmã, vesti o roupão e corri para a casa-grande, onde minha mulher e Birgitta R. pediam por telefone uma ambulância de Södertölje. Havia uma espessa neblina, e minha mulher resolveu ir de carro até Mölnbo, ao encontro da ambulância.

Hugo estava sentado à beira da cama, enrolado num cobertor. Seus olhos tinham um brilho febril, e sua frente estava coberta de suor. Um horrível estertor

escapava do seu peito agonizante, embora ele estivesse totalmente consciente. Ao ver-me chegar, disse: “Não posso falar...”

Abri a janela e sentei-me ao seu lado, começando a abaná-lo com uma revista qualquer, a fim de facilitar-lhe a respiração. Gunnar R., amigo de Hugo, caminhava de um lado para outro do quarto. Ele também sofria do coração e estava muito abatido.

— Demos-lhe uns comprimidos de Nitroglicerina, mas não fizeram nenhum efeito — disse ele.

Mais tarde chegou Birgitta, e nós nos sentamos perto dele, amparando-o de ambos os lados. Tomei-lhe o pulso, que batia assustadoramente rápido. Toda a minha atenção se concentrava na sua respiração ofegante. Ele sentia terrível falta de ar, e eu nada podia fazer.

Por um curto espaço de tempo pareceu melhorar e até dirigiu umas palavras amáveis a Birgitta, mas depois começou a luta final com a morte. Aqueles que já assistiram à agonia de um ente querido me compreendem. E sabem também como somos impotentes diante do poder da morte.

Hugo ainda falou uma vez, dizendo num tom breve e objetivo: “Estou mais aliviado...”

Um pensamento ocorreu-me como um relâmpago: — “Hugo está abandonando o corpo, portanto estão cessando as suas dores.”

À uma hora e vinte minutos, chegou a ambulância. Todas as tentativas para reanimá-lo foram em vão, pois, há dez minutos, exalara o último suspiro.

Quando levaram o corpo inerte de Hugo para a ambulância e um enfermeiro envolvia-lhe o queixo com uma faixa de gaze, aconteceu um estranho fenômeno. Profundamente abalado pela morte de Hugo, sentia-me como que pairando entre dois mundos, e por isso não me admirei quando o ouvi dizer com uma voz satisfeita: “Tudo correu bem.” Contudo, não sei dizer se sua voz resou dentro de mim ou externamente.

Lá fora se adensava a neblina. A cabana de Hugo estava bem iluminada,

pois os homens da ambulância haviam acendido todas as lâmpadas. Era um cenário fantasmagórico, com arabescos de luz intensa e sombras alongando-se e diluindo na distância brumosa.

Então soou novamente a voz de Hugo... “Tarde demais, tarde demais!”, disse ele num tom divertido, e percebi que se esforçava para reprimir o riso.

Quando, por volta das cinco horas da manhã, fui deitar-me cansado e oprimido, ouvi Hugo falar pela terceira vez e justamente no momento em que estava adormecendo: “Que maravilhosa sensação de liberdade!”, disse ele com profundo alívio. Raras vezes o ouvira falar com tanta convicção.

Nos três dias subseqüentes, experimentei o poder transformador da morte de um modo completamente diferente. Provavelmente, o leitor perguntará a si mesmo porque a morte do meu amigo haveria de causar-me tanta dor, uma vez que eu tinha plena certeza de que ele continuava vivo e livre de todas as torturas físicas.

Primeiro compreendi que a morte, na maioria dos casos, se nos apresenta como uma ominosa brutalidade. Só quando se trata de pessoas idosas ou que sofram de doenças incuráveis, pode-se falar de libertação, mas mesmo assim permanece aquele vazio e aquele silêncio oprimentes para os que aqui ficaram.

Esta sensação me assaltava sempre que eu revivia a cena da morte com cruel nitidez. Via a figura de Hugo, frágil e encurvada, à beira da cama, ouvia-lhe a respiração ofegante, sentia o seu pulso acelerado, e uma sufocante sensação de impotência e profunda compaixão me apertava a garganta. A idéia de que Hugo talvez pudesse ser salvo também me perseguia implacavelmente.

Quando, na tarde seguinte, Birgitta e Gunnar retornaram a Estocolmo, resolvi ir à cabana de Hugo. Era um claro entardecer de verão, e o sol entrava, cálido e tranqüilo, no quarto. Embora Birgitta houvesse arrumado os aposentos com todo o carinho, fui invadido por uma deprimente sensação de abandono.

Tudo estava exatamente no seu lugar. Sobre a mesa achavam-se os óculos de Hugo, umas lupas e o seu aparelho elétrico de barbear. Entrei no quarto de dormir. Lá estava a cama, o cobertor azul. Ainda havia muita reminiscência, e o tempo

aqui parecera parar.

Era um jogo demasiado cruel. Para todos os lados que eu olhasse, afluíam as recordações. Não era apenas o passado, pois repentinamente notei que o futuro também se introduzira no jogo. Os objetos falavam e perguntavam: Tu ainda te lembras? Lembras-te daquele tempo? E lembravam aquilo que não aconteceria nunca mais. Os utensílios de jardinagem, os sapatos de trabalho, o roupão, todos os objetos privados repetiam: nunca mais, nunca mais!

Mas o futuro e o passado — isto não era puramente uma ficção do meu espírito?

Ao perceber essa manobra, que, no fundo, representava uma reação automática da memória, começou a diminuir sensivelmente a minha tristeza. Essa descoberta esclarecedora não mudou apenas a minha disposição mental, mas também me restituiu a paz interior. Basta!, disse a mim mesmo, está ocorrendo algo que preciso descobrir imediatamente.

Sentei-me na poltrona de Hugo e procurei contemplar os meus próprios pensamentos. Por que sofremos e qual é a causa do sofrimento? Era como se entrássemos na roda dilacerante do tempo passado e futuro, entre dois extremos opostos, e por ação recíproca fôssemos arrastados de um lado para o outro. Justamente esse “assim-foi” e esse “assim-jamais-será” criavam o sofrimento. Mas tal estado só perdura enquanto não percebemos as nossas ilusórias concepções.

As afirmações “assim-foi” e “assim-jamais-será” em parte eram certas, mas só em relação ao corpo físico. E como o homem não se constitui apenas do seu corpo, pois, ao mesmo tempo, é uma individualidade espiritual totalmente diferente e ainda pouco pesquisada por nós, aqui justamente se origina uma crença errônea, uma meia verdade que, por ignorância, adotamos como verdade total.

Deixei a cabana de Hugo com um misto de saudade e esperança, porque ainda repercutia dentro de mim a dor da recente perda. Simultaneamente, se apoderou de mim o suave pressentimento de sair ileso de uma operação espiritual.

Eram mais ou menos oito horas da noite, quando me sentei diante do apare-

lho, que aliás foi o último presente de Hugo, pois o meu velho gravador de som estava praticamente inútil.

Assim que liguei o rádio, Lena se apresentou. Fixei a onda e deixei rodar a fita magnética. Recebi uma comunicação curta, mas muito significativa. Continha não somente uma saudação de Hugo, mas também esclarecimentos sobre a minha visita ao posto de acolhimento astral, ocorrida uma semana antes da morte de Hugo. Falava uma voz de homem que me era familiar, com um sotaque tipicamente estoniano.

Empregava quatro idiomas: o inglês, o sueco, o russo e o alemão. Em resumo, disse o seguinte: Exatamente diante do “fogo de reação básica” — Hugo volta mesmo como adormecido, sob autocontrole...

Houve então um intervalo e, em seguida, Hugo exclamou alegre e cordialmente: “Freddie!”

Não foi possível entender corretamente o resto da irradiação. Pude apenas captar as palavras: “Quem viaja está no *Bas* de Churchill.”

Imediatamente me lembrei do sonho de 30 de junho, quando, uma semana antes da morte de Hugo, visitara as estranhas capelas funerárias e os balneários.

Basenfeuer — “fogo de reação básica!”

Recordei-me dos corpos carbonizados dentro das banheiras, sinal de que todos passavam por qualquer processo de purificação mística. “Fogo de reação básica”... Talvez aqui se ocultasse o sentido verdadeiro de uma realidade há muito esquecida, que nos foi legada pelos tempos mais remotos sob o nome de purgatório (fogo do Inferno), e em torno da qual surgiram tantas contradições.

Aliás, a pergunta permanece, pois não pude saber com clareza se se tratava de uma base de fogo, ou se certas “bases” deveriam ser exterminadas nos mortos.

A lembrança me ocorreu como um raio: eu havia encontrado Hugo pessoalmente como aquele homem sem rosto, que se apresentou com Hugo F., mostran-

FRIEDRICH JUERGENSON • TELEFONE PARA O ALÉM

do-me o seu estranho emblema familiar, uma guirlanda metálica, que certamente representava o brasão dos seus antepassados. Era evidente a realização do nosso encontro além das fronteiras do tempo e do espaço, e como tais visões proféticas nada têm de espantoso, o segredo do nosso encontro deveria permanecer até que o fato se consumasse pela morte de Hugo.

Com a apresentação de Hugo na fita magnética, desvanecia-se o resto da minha tristeza. Decerto eu continuava a sentir a sua falta, mas a convicção de que ele existia e podia entrar em contato comigo me enchia de paz e esperança.

Separo e suas vinculações. Boris Sacharow também profetizava certo..

QUASE UMA SEMANA depois da morte de Hugo, recebemos um dinheiro extra, e como minha mulher há um ano e meio não tivera férias, resolvemos, juntamente com minha irmã Elly, viajar para a Itália.

Fomos de avião até Roma, onde alugamos um carro e, após uma demorada visita a Pompéia, seguimos para Paestum. Depois de longa procura, hospedamos num hotel moderno, mas situado numa zona bastante tranqüila, próxima a uma maravilhosa praia. Felizmente, esse lugar ainda não fora descoberto pelos turistas, de modo que se podia desfrutar dos seus bucólicos encantos naturais. Ali cresciam vinhas magníficas, plantações de tomates e olivais, onde pastavam manadas de búfalos negros; encontravam-se, a espaços, pequenos sítios de colonos com bandos de crianças, cabritos e ovelhas. Mulheres passavam, carregando baldes d'água em postura ereta, e o ar exalava o inebriante odor dos tomilhos, das figueiras, abetos e das folhas de fumo.

Certo dia o nosso querido amigo Enzo B. veio visitar-nos, com a intenção de nos levar a Serapo, uma praia de Gaete, onde sua família estava passando o verão. Era uma bela praia, embora a região fosse bastante povoada.

Só bem mais tarde, depois de retornarmos à Suécia, vim a descobrir uma parte importante gravada na fita magnética, que me passara despercebida e cujo texto é o seguinte: “*Friedel, damit du weisst — Serapo...*” (Friedel, para que saibas — Serapo...), e mais adiante: “*drei Stück in einem Aeroplan — Mamma mia!*” (três pessoas num aeroplano: *mana mia!*)

Ao perceber, finalmente, a conexão, fiquei tão pasmado que nem pude exclamar “*mamma mia!*”

Por mais surpreendente que possa parecer essa predição, tentei explicá-la com o seguinte raciocínio:

Nosso amigo Enzo B. viajara no mês de maio para Serapo, à procura de hospedagem para o veraneio. Ali, por acaso, encontrou-se com a viúva de um amigo, que costumava alugar quartos durante a temporada de verão. Enzo então alugou os quartos, e daí, já naquela época, Serapo se estabelecera como um “ponto firme”. O segundo “ponto firme” consistia no fato de que também em Estocolmo, no mês de maio, nos foi assegurado o recebimento de uma importância em dinheiro, se bem que só a recebêssemos em julho.

Todos esses fatores deviam ser conhecidos por nossos amigos indivisíveis, levando-os facilmente a tirar conclusões para o futuro, pois decerto sabiam que a minha saudade da Itália aumentara demais nos últimos anos. Como não houvesse tempo para viajar de carro, tivemos de tomar um avião. Eu me contentara com essa tentativa de interpretação dos acontecimentos, mas três anos depois chegaria a melhores conclusões, pois por mais lógicas e razoáveis que fossem as minhas conjeturas, não podiam alcançar os desígnios espirituais do Além.

Quando, certa manhã — na primavera de 1964 — reexaminava uma fita magnética mais antiga, de março de 1962, gravada na época em que ainda morávamos em Estocolmo, descobri de repente a voz do meu amigo de infância Boris Sacharow, que disse nítida e enfaticamente: “Boris, nota — Serapo!” — e depois de algum tempo acrescentou à meia voz: “*Serapo — Sonnenschein...* (Serapo — luz do sol...)”

Assim, não apenas há dois meses, mas há um ano e quatro meses, tiveram os meus amigos conhecimento de nossa viagem a Serapo.

Era evidente que os nossos cálculos tridimensionais encontram, na esfera intemporal e imensurável, fatores completamente desconhecidos e muito superiores à nossa lógica e suas conseqüências.

TRINTA E QUATRO

*Aos pés do leito mortuário de uma amiga.
Do poder que consegue transformar a
aflição e a morte em irradiante alegria.*

EM FINS DE SETEMBRO, tive a notícia de que uma grande amiga, já bastante idosa, estava agonizante. Nos seus momentos de lucidez, ela me chamava frequentemente. No dia seguinte, fui visitá-la no hospital com o coração oprimido, pois pressentia que esta seria a última vez que nos veríamos.

Anoitecia, quando entrei no seu quarto particular. A atmosfera que domina nesses quartos de isolamento onde um ser humano agoniza é de tal modo deprimente, que se pode sentir quase fisicamente o sofrimento e a desesperança daqueles que estão marcados pela morte.

O aposento estava fracamente iluminado. O pequeno abajur de cabeceira lançava uma luz pálida sobre o aparelho de transfusão montado ao lado da cama. Involuntariamente, meu olhar foi atraído por uma retorta de vidro da qual pulsava lentamente um líquido róseo que, por sua vez, achava-se ligado à veia da paciente por meio de um finíssimo tubo de borracha.

A enferma se encontrava em estado de semiconsciência, febril e com a respiração acelerada, e, de vez em quando, deixava escapar um gemido, que soava como um grito de dor de uma criança desamparada. Sentei-me ao lado da cama e pus-me a observar emocionado aquela fisionomia que me era tão familiar. Sem acordá-la, tomei cuidadosamente o seu pulso. Batia descompassadamente, às vezes parava por algum tempo e, de repente, retomava seu ritmo acelerado e febril. Ela devia estar sentindo fortes dores, que a acometiam periodicamente, fazendo-a soltar aqueles gemidos fracos que tanto me comoviam.

Tal como ocorreu com Hugo, fui novamente subjugado por aquela sensação de impotência. Algo se rebelava dentro de mim e gritava desesperadamente: “Ajuda! Salva a vida dela! Suaviza as suas dores!”

Era horrível não poder ajudar e ser forçado a assistir, impotente, à luta com

a morte de uma pessoa querida.

Não sei dizer como tudo aconteceu. Só me lembro de que, subitamente, fui possuído de uma compaixão tão poderosa, que dentro de mim não havia mais lugar para quaisquer outros sentimentos e pensamentos. Como num passe de mágica, tudo se transformou, e o quarto da agonizante foi invadido por uma onda de alegria.

A enferma abriu os olhos e me fitou com um ar interrogativo. Com a rapidez de um relâmpago compreendi que devia falar, informá-la sobre aquilo que eu sabia do Além e que a agonizante já parecia pressentir.

Jamais havia falado assim, de modo tão estranho. Falava com o coração transbordante, e ela, calada e atenta, acompanhava minhas palavras e gestos. De vez em quando abanava a cabeça, concordando. Creio que foi mais a sinceridade de sentimento do que as palavras que nos uniu e permitiu que nos entendêssemos mutuamente, sem restrições. Era como se algo imperecível nos tivesse arrancado da torrente do tempo e do sofrimento; era um estado, uma condição que não pode ser traduzida em palavras.

Muito tempo depois da morte dessa amiga, senti necessidade de refletir sobre essa maravilhosa ocorrência, sobre aquele poder insondável, capaz de transformar até o pavor da morte em alegria radiante, e prometi a mim mesmo jamais dar-lhe um nome.

Uma mensagem de Annie Besant, a Presidente, já falecida, da Sociedade Teosófica de Adyar. O tenor que canta em sete idiomas.

CERTO DIA GRAVEI uma bela voz de contrabaixo. A voz cantava sem acompanhamento, numa livre improvisação. O cantor utilizava o inglês e o alemão. Dessa vez também não reconheci a irradiação no momento oportuno e desliguei cedo demais, o que rue fez arrepende-me, pois se tratava de uma mensagem dirigida a mim.

Principiou assim: “*AUM, lieber Friedel. . .*” (AUM, caro Friedel) e terminou com a declaração: “*Mölnbo lieben und die Magie...*” (Amar Mölnbo e a magia...)

Uma das irradiações mais interessantes que gravei naquela época foi uma mensagem de Annie Besant. Não conhecera Annie Besant pessoalmente, mas o meu amigo Bruno, quando secretário-geral da Sociedade Teosófica na Suécia foi visitá-la em Adyar, por ocasião do Congresso Internacional de Teosofia, que se realizou em 1925 no quartel-general da Sociedade Teosófica.

Annie Besant começou sua mensagem em alemão, prosseguindo em inglês; pronunciou algumas palavras em italiano e russo, e concluiu em sueco.

O conteúdo dessa mensagem, dirigida a uma mãe, era mais ou menos o seguinte: Annie Besant examinara as causas que ocasionavam certos sintomas de depressão e perturbação no desenvolvimento de um jovem, que dava muita preocupação à sua mãe. Esclareceu ela que as causas deviam ser procuradas na infância do rapaz. Em primeiro lugar, a criança ficava, durante o dia, presa num gradil móvel, para evitar acidentes, enquanto a mãe ia trabalhar. Esse prolongado confinamento, juntamente com o constante “bombardeio” das ruidosas vibrações das músicas de rádio, produziram na criança complexos de isolamento e fobias, que obstruíram seu livre desenvolvimento, sobretudo na escola. As explicações de Annie Besant eram muito importantes para a mãe, pois lhe davam ciência das causas pro-

fundas que impediam o desenvolvimento do seu filho. Em decorrência desses esclarecimentos, ela conseguiu modificar suas condições de vida e dar ao rapaz uma orientação positiva.

Os argumentos de Annie Besant, que acentuavam a importância de uma visão retrospectiva do passado, confirmaram-se como absolutamente verídicos. Daí se conclui que Annie Besant estava e está em condições, graças à sua clarividência do passado, de reconstruir ocorrências da vida humana e delas extrair conclusões importantes. Ela iniciou sua mensagem, que durou sete minutos, com as seguintes palavras: “Eu sou apenas Besant e falo...” e concluiu dizendo: “Falou Annie Besant”.

Numa gravação musical muito nítida, que principiara com um ritmo marcante e uma espécie de toque de tímboles e instrumentos de cordas, uma voz de mulher disse em alemão: “*Freddie wir gucken — die Toten — wir sitzen auf dem Totenschiff... die Toten sitzen mit...*” (Freddie, nós olhamos — os mortos — estamos sentados no navio dos mortos... os mortos sentam com...)

Depois se seguiu uma irradiação direta, em que cantava bem alto e nitidamente um tenor (portanto um morto), cuja voz me era desconhecida. É bem provável que ele tenha aproveitado o solo da orquestra da emissora radiofônica comum como acompanhamento de seu canto. Cantava em sete idiomas, com dicção perfeita e excelente conhecimento lingüístico: italiano, alemão, inglês, russo, iídiche e estoniano. Um *jaha* sueco foi também intercalado, porém o sétimo idioma, talvez uma fantasiosa improvisação, não pude compreendê-lo.

Eu acertara em cheio. Conseguira uma prova brilhante do virtuosismo dos repentistas, cujo texto continha também uma mensagem pessoal.

Naquela época, aliás, foi mencionado pela primeira vez, o termo “povo cósmico”, que, provavelmente, se referia aos mortos despertos.

A melodia da canção era viva e agitada, e o conjunto parecia alegre e divertido. Ao terminar a canção, soou uma voz grave de homem, que disse em sueco, com solene comicidade: “E um *dez* sobre a mesa...”, referindo-se certamente à remuneração pela brilhante apresentação.

Dei a essa gravação o nome de “canto poliglótico”. Ela é uma esplêndida prova de como os *popser* podem, com habilidade e clareza, intervir nas radioemissoras.

***Um solo de órgão com acordes de radar.
Vozes etéreas de pessoas ainda vivas na Terra.
O aqui e o Além se interpenetram.
Trotski mantém diálogo. Uma ária da maçã.
Crianças também cantam e falam.***

COMO JÁ DECLAREI anteriormente, a princípio deixei escapar algumas irradiações diretas. Vim a descobrir esse lapso muito mais tarde, não apenas em decorrência dos reiterados controles das gravações mais antigas, mas também por me haver gradativamente familiarizado com as vozes dos mortos e seus modos de expressão.

Em 1960 fiz uma irradiação muito interessante, mas que só descobri um ano depois, pouco antes da morte de Hugo. Numa tarde de julho, eu acabara de gravar um solo de órgão, quando ouvi a chamada de Lena. Ao percorrer a escola de ondas, recebi um “acorde de radar”, que confirmou a onda exata. Entretanto, julguei tratar-se de uma irradiação normal e não dei maior atenção à música que cantavam no momento. Na minha sofreguidão, acabei perdendo totalmente a onda que sintonizava a canção.

Mas o que realmente aconteceu foi o seguinte: Lena exclamava agitadamente “*tag kontakt med aanden...*” (toma contato com o espírito...), e a seguir uma bela voz pôs-se a cantar num tom um pouco tremulante: “*Aus Mälarhöjden!... ich komme tala om Hugo, aus Mälar... Hugo min vän, min mother vad dog hon? — hon dog i autolyckan...*”, cuja tradução é mais ou menos assim: De Mälarhöjden... eu venho para dizer a Hugo, de Mälar... Hugo, meu amigo... minha mãe, como morreu? Ela morreu no desastre de automóvel...

Assustei-me, porque só se poderia tratar aqui de Elza P. da Califórnia, que era muito amiga de Hugo e que perdera a mãe num desastre de automóvel. Teria Elsa morrido? Como há tempos não tivesse notícias de Elsa, Hugo escreveu imediatamente para a Califórnia. A resposta não tardou. Elsa estava passando bem, mas,

por determinadas circunstâncias, deixara de escrever.

Não obstante, ela cantara na fita magnética, e o fizera com sua voz especial e inconfundível.

Até o mês de outubro de 1963, gravei oito vozes de pessoas ainda vivas, sete delas femininas e uma de menino. Com exceção do menino, todas essas pessoas deveriam estar dormindo, porém num estado de plena consciência, certas de que se comunicariam comigo através do gravador.

Neste ponto, é oportuno observar que, empiricamente, existem vários estados de consciência que se manifestam isoladamente, tais como, por exemplo, a consciência normal diária (estado de vigília) e a consciência do sonho. A maioria das pessoas não percebe a passagem de um estado de consciência para outro simplesmente por falta de exercício. Mas há exceções, como o caso ocorrido com uma vidente russa, minha conhecida, residente na Suécia. Uma vez gravei sua voz, e dois anos depois ela ainda se lembrava, pois me informou que tivera um sonho em que se encontrava num chamado “navio dos mortos”, onde conversou com alguns membros da tripulação, e declarou-me que essa conversação foi por mim gravada em Mölnbo na fita magnética. O estranho em tudo isso é que a referida vidente me fez essa comunicação espontaneamente, ao visitar-me mais tarde em Mölnbo. Querria ela certificar-se do dia e hora em que ocorreu tal fenômeno, pois, na sua opinião, teria sido em princípios de julho do mesmo ano. Ficou literalmente perplexa, quando lhe fiz ouvir a fita, provando-lhe que realizara essa gravação há dois anos. Daí se conclui que o tempo não é absolutamente fixo e imutável, mas algo infinitamente elástico.

Quanto ao menino, constituía uma exceção, pois sua voz soava sonolenta. Das sete vozes que gravei de pessoas vivas, uma delas se achava em estado grave. Mas na fita magnética ela parecia totalmente desperta e normal, apesar da grave operação de cérebro a que se submetera e que a transformara praticamente numa semi-morta.

Tratava-se de uma amiga de minha mulher, que após a extirpação de um tumor no cérebro achava-se no hospital em estado de semiconsciência e já desenganada pelos médicos. Certa noite, minha assistente Lena se anuncia através do

rádio e exclama: “*Nimm Kontakt mit Aanden!* (Estabeleça contato com o espírito!), acrescentando: “*Jetzt kommt Kiki!*” (Agora vem Kiki!) Presenti imediatamente que esse apelido se referia à amiga de minha mulher que estava internada no hospital. Não houve qualquer interferência nessa gravação. Súbito souo a voz da referida Kiki, que exclamou num tom claro, forte e até um pouco alegre: “Margit — Mônica — espaço cósmico — eu durmo.” Minha mulher e eu reconhecemos logo, sem qualquer dúvida, a voz de Margit.

Em relação a esse mesmo caso, devo mencionar uma gravação interessante e elucidativa sobre Margit, que nos dá uma idéia das condições existentes na zona fronteira entre os vivos e os mortos e que nos leva realmente a perguntar onde se encontra a fronteira entre o aqui e o Além.

Nessa notável gravação, tinham os mortos realizado uma tentativa de despertar dessa referida senhora, que se achava gravemente enferma e inconsciente no hospital, conseguindo afinal despertá-la para que se comunicasse conosco. Ela falou de sua doença e, apesar do seu delicado estado cerebral, parecia inteiramente lúcida. Mas havia algo de estranho: ela já usava também aquela linguagem poliglótica, embora fosse sueca. Margit morreu, e depois de sua morte manifestava-se freqüentemente nas fitas magnéticas, com ânimo sempre alegre e um tanto brincalhão.

Sou forçado a confessar que, conquanto já começasse a me acostumar, ao correr dos anos, com os acontecimentos mais absurdos, tais gravações sempre produziam em mim uma impressão profunda. Eram simplesmente impressionantes, pois provavam, de modo realista e objetivo, que nós, criaturas humanas ainda vivas, já podemos visitar o Além, sem para isso precisarmos morrer.

Vou descrever agora uma gravação, ocasionalmente irradiada durante um chamado “vão de rotina”, em que — se não me engano — era Trotski o piloto. Ao que parecia, a tripulação estava bastante tristonha, ou um tanto sonolenta ou adormecida, pois ninguém queria participar de qualquer conversação. No final, Trotski pôs-se a monologar, com plena consciência de que suas palavras seriam registradas pelo meu aparelho. Aliás, desta vez ele deu um conselho útil, ao exclamar em voz alta: “*Hör Friedel — dein Auto verkommt!*” (Escuta, Friedel — teu automóvel está se estragando!)

Pouco depois pude comprovar que ele tinha razão. Ao mandar o carro para a oficina, informaram-me que sua carroceria estava totalmente enferrujada.

Noutra parte da gravação, Trotski murmurou ironicamente: “*Hör — Dante hat den Glauben der Menschen verkitscht — hier hörst du alle husten...*” (Escuta — Dante enxovalhou a fé dos homens — aqui tu escutas todos tossirem...)

Tinha uma inflexão resignada e cansada quando recomeçou a falar à meia voz: “*Hat Menschheit Erbarmen? Wir leben, Friedel, arbeiten und bauen...*” (Tem a humanidade compaixão? Nós vivemos, Friedel... trabalhamos e construímos...) Seguiam-se algumas palavras indistintas, entre as quais: “... *die andere Seite der Medaille — der Glauben...*” (“... o outro lado da medalha — fé).

De repente, ecoaram os sons da *Internationale*. Era uma versão totalmente diferente da que ouvira em Odessa no princípio da revolução russa, e a execução era estranha, muito lenta, quase se assemelhando a uma marcha fúnebre.

Ao findarem os últimos sons, uma voz grave de homem informou: “*Divorce victim, mein Gott, er ist tot — aufgehängt...*” (Vítima da dissolução judicial, meu Deus — ele está morto — enforcado...)

Durante algum tempo fez-se um silêncio completo e, depois ressoou uma música. Eu a conhecia: era uma antiga marcha militar, que já escutara em criança.

“*Glauben... kaufen...*” (Crer... comprar...), começou Trotski de repente, com voz melancólica, “*Zahlen... sammeln... heute fahren wir... Sieht die Menschheit das Leid?... Ist das sauer... sehr sauer...*” (Números... acumular... hoje nós viajamos... A humanidade vê esse sofrimento? Isto é amargo — muito amargo...)

Quando os sons macabros da marcha fúnebre se perderam na distância, disse Trotski com acentuada tristeza: “*Fahren schafen... Angst!*” (Viajar, dormir... Medo!) A última palavra, ele a pronunciou com voz torturada. A seguir prosseguiu, com uma entonação bem objetiva: “*Bauer komm mit... Kotzik — schläfst du?*” (Camponês, venha junto... Kotzik — estás dormindo?)

Aqui se interrompeu repentinamente a irradiação, e eu não mais consegui

sintonizar a onda.

Era uma irradiação bastante esquisita, sobre a qual se poderiam fazer muitas conjecturas. Até a própria música! Tive a impressão de que Trotski, de qualquer modo, a fizera brotar das fontes obscuras do passado.

Pelo tipo de apresentação, queria Trotski manifestar sua opinião de que a revolução russa, juntamente com a Rússia czarista, teriam sido levadas ao “descanso eterno”? Ou queria dizer que todos os ditadores cavam o seu próprio túmulo? Desejaria talvez referir-se a outra coisa completamente diferente, que eu ainda não compreendia?

Aliás, Trotski se apresentava freqüentemente entre os mortos. Quando, certa vez, eu sintonizava uma repentista, que estava prestes a modificar o texto da “Ária dos Sinos” da ópera de Lacmé, intercalou-se uma voz cálida de mulher, que disse claramente em sueco: “Hoje à noite, Trotski foi visto sobre a água...”

E com isto a irradiação não se encerrou, porque, juntamente com o canto, entabulou-se uma conversa animada entre a voz cálida de mulher e um dos meus amigos. As duas vozes referiam-se a mim e sobre uma força qualquer que eu devia possuir. Os sinais de Lena, o soprano cantante e a conversa se misturavam, e só com muita dificuldade pude captar algumas palavras.

Então a repentista conseguiu articular um texto nítido para o canto: “*Der Friedel hört nur noch a Viertel, und Lena stöört — los Mälarhöjden...*” (Friedel escuta ainda apenas a quarta parte e Lena perturba — desligado Mälarhöjden).

O estilo gracioso dos mortos muitas vezes me ajuda a superar as dificuldades. Creio que nós, que ainda vivemos aprisionados à carne, não compreendemos bem a força e o poder do verdadeiro humor ou, pelo menos, encontramos dificuldade em diferenciar suas diversas espécies.

Certo dia gravei um canto-coral muito curto, embora bastante claro, cujo texto recordava de alguma forma as poesias de Wilhelm Busch. Lembrei-me imediatamente daquele dia de setembro, em que o nosso cão Carino brincava alegremente no gramado, e eu descobrira a maçã no alto da macieira.

O texto cantado dizia literalmente: “*Ab Morgen, oh Speranzen, wie mam Äpfel wird erkendeln, die uns schmekken weil sie draussen, Herbort wie aus vielen Jahren, noch aus Mälarhöjden faahren!*” (De amanhã em diante, oh, esperanças, como se pode identificar maçãs, que nós gostamos, porque lá fora, Herbort, como há muitos anos, elas ainda vêm de Mälarhöjden!) A singularidade estava em que também Annie Besant se referia a maçãs. E o fez no meio de uma palestra interessante e elucidativa. Sem qualquer relação com o outro texto, ela disse repentinamente: “*Man denkt ich nehme Äpfel...*” (Se pensa que eu tiro maçãs...), e continuou então a sua mensagem.

Não sei como deva entender esta insinuação. Sei apenas que, involuntariamente, lembrei-me daquela voz de mulher que dissera, naquela época, durante os folguedos de Carino no gramado: “*Snouth bist du blindi...*” um pouco antes de a maçã ser cortada ao meio.

Eu dava uma atenção toda especial às apresentações de crianças na “emisora dos mortos”. O fato de se apresentarem em comédias e cantos corais, às vezes dirigindo-me algumas palavras ou frases isoladas, assim como saudações, comprova que as crianças atuavam conscientemente, se bem que todas elas, grandes e pequenas, usassem os mesmos modos de expressão.

No ano de 1961, gravei a seguinte canção de coro infantil, apresentada aqui na linguagem original:

*“Wir fahren gamla parapluie,
Vi werden mit Wicander fahren
Kennen gamla Fähre...”*

Eis a tradução:

Nós andamos com um velho guarda-chuva
Nós andaremos com Wicander
Conhecemos velha embarcação...

Provavelmente, a velha embarcação era a nave dos mortos. A razão por que

a denominaram de “velho guarda-chuva” permanece enigmática, pois se utilizam também de linguagem figurada, por mais estranho que pareça.

Um garotinho russo disse diretamente através do microfone: ... “*und das hat Nikolai gemacht!*” (... e isto fez o Nikolai!”)

A julgar pela voz, devia ser bem pequeno, talvez tivesse quatro ou cinco anos. Certa vez, uma menina tentava fazer uma comunicação, enquanto uma voz de homem a animava insistentemente:

“Eu conto”, começou a pequena em sueco.

“O que devo contar! Farbror Pelle...”

“*Es ist ja einfach*” “Mas isto é simples!”, animava a voz de homem em alemão.

A menina, que parecia estar possuída de grande nervosismo, principiou hesitante e com voz acanhada: “*Weisst du was?... Hm!... Papa Pelle... la radio io imparato perfekt! Auf Wiedersehen!...* (Tu sabes alguma coisa?... Hum!... Papai Pelle... o rádio eu aprendido (aprendi) perfeitamente. Até à vista!

Algo semelhante ocorreu em outra ocasião, quando uma voz de homem exclamou contrafeita: “*Warum stellst du mich vor den Sender?*” (Por que me colocas diante do transmissor?)

Como os mortos conservam a sua natureza puramente humana, podem entender-se mutuamente, e muito mais a nós, que ainda vivemos aqui. Jamais os ouvi dar lições de moral. Sua atitude diante da realidade e seu senso de humor os ajudaram a vencer todas as dificuldades.

Uma noite Lena deu sinal de contato direto com um amigo de nome Tjeme W., que eu vira pela última vez na Palestina em 1938. Tjeme era judeu-russo, e eu o encontrara em Tel-Aviv, onde, juntamente com outros judeus-russos, vivia em péssimas condições. Sofria de epilepsia e estava praticamente incapacitado para o trabalho, levando uma vida de solidão e pobreza, que o fazia sentir-se profundamente infeliz. Vim a saber depois, que ao terminar a guerra, ele emigrou para a Bulgária, onde se suicidou. O contato me causou imensa alegria, mas Tjeme não

FRIEDRICH JUERGENSON • TELEFONE PARA O ALÉM

conseguiu comunicar-se e em vez dele ouvi repentinamente Herbort B. dizer baixinho: “*Friedibus — Liebe stirb nicht...*” (Friedibus — o amor não morre...)

*Não há dúvida: Stalin fala.
Diálogo entre Stalin e Hitler.
Os adormecidos e os despertados, os lúcidos
e os perturbados.
Uma canção para Hugo.*

A IRRADIAÇÃO continuava, e Lena anunciou novo contato. Desta vez ela sussurrava rápida e nervosamente: “*Man weckt Stalin!...*” (Estão acordando Stalin!...) a seguir, uma voz de mulher disse calmamente num russo estropiado: “Não se deve matar” — “Perdoem-me!” disse uma voz de homem em sueco, num tom gemente com sotaque russo, e soava como se o homem estivesse meio sonolento. Ouvira algumas vezes Stalin falar pelo rádio, e posso quase afirmar que reconheci sua voz, com aquele timbre especial e sua maneira típica de expressão. No entanto, mal pude compreender a frase curta, pois a voz falava em sueco e sobretudo revelava-se transtornada pelo medo.

Mais tarde consegui fazer várias gravações com Stalin, cuja voz era tão clara que afastava qualquer dúvida e, além do mais, chamavam-lhe pelo nome.

Noutra gravação, ouvia-se Stalin chamar Hitler por seu nome próprio, em tom insistente e alto, enquanto Lena comentava essa breve palestra. “*Adoelf!*”, exclamava Stalin com sotaque russo.

“*Was willst du? Ich bin tot...*” (O que queres? Eu estou morto), respondeu Hitler à distância.

“Estão acordando Stalin!”, avisava Lena.

Logo em seguida souu uma frase tão alta e rápida que, para poder escutar melhor, fui obrigado a mudar a rotação para $3 \frac{3}{4}$. O resultado foi surpreendente, pois uma voz parecida com a de Stalin disse em tom normal: “*Friedrich — Pravda ist tot!*” (Frederico — o Pravda está morto!)

Em setembro, ainda continuavam as irradiações do reino dos mortos. Entre outros, falou um certo Jakup, também chamado Mufti, cuja voz eu já conhecia de outras gravações. Falava em alemão e árabe, com bela e expressiva inflexão, e dava sonoras e estridentes gargalhadas. Stalin também se manifestou, com unia expressão russa não muito correta, revelando um acentuado sotaque georgiano. Dirigiu-se a Jakup e disse um tanto divertido: “Jakup amigo, ouves? Não brinques... porque se ele não tem medo da alminha morta, então Frederico é como nós — também não tem medo do Diabo chifrudo!...”

O Conde Ciano e duas mulheres tomavam parte na palestra. O ambiente era alegre e agradável, e ria-se muito.

Mas nem tudo que cheguei a ouvir dos mortos era alegre. No dia 12 de setembro fiz uma gravação chocante, angustiante e trágica. Falava uma voz de judia-alemã que me era bem familiar e que, aparentemente, ainda se encontrava semi-adormecida. A mulher estava muito agitada, quase tomada de desespero, embora se esforçasse, por meio de uma poesia grotesca, para dar expressão a seus sentimentos e inquietação íntima. O homem também falava num tom nervoso e perturbado, ambos em alemão.

Durante longo tempo meditei sobre essa conversa aparentemente confusa, sobre a voz agitada da mulher, que parecia estar totalmente descontrolada. Por que ela manifestava seus sentimentos de forma tão comprometedora?

No tocante à canção que me foi transmitida — e isto ocorreu na terceira vez — continha uma mensagem bem interessante, que apresentarei mais adiante.

Teriam essas duas criaturas morrido de modo violento? Ou, quem sabe, sentiam-se atormentadas, num estado de semiconsciência, por terríveis recordações?

Mais tarde, pude ouvir mais uma vez, com grande alívio, essas duas vozes falarem com toda a calma e consciência. Não obstante, de vez em quando, os dois recaíam naquela sonolência perturbadora, em que reviviam sonhos angustiados. Felizmente essas idéias fixas se dissiparam com o correr do tempo, graças à interferência de outros mortos já despertos, que auxiliavam aquelas almas perturbadas. É

provável que fossem submetidos a um sono mais profundo, da mesma forma com que se acostuma tranquilizar e ninar uma criança para que adormeça.

No final do outono de 1961, recebi numerosas transmissões puramente musicais, que muito me agradavam, pois se constituíam de solos e coros das mais variadas espécies. Todas essas apresentações musicais, que incluíam pequenas canções e até óperas e oratórios clássicos, transmitiam, de modo claro e inconfundível, mensagens exclusivamente pessoais para minha mulher, minha irmã Elly e para mim. Eram mensagens discretas, graciosas e bem-humoradas, que nos tornavam felizes e intimamente emocionados.

As melodias e acordes das canções, operetas e óperas eram aproveitadas pelos repentistas. Assim, por exemplo, enviaram-me quatro vezes mensagens na canção hebraica *Nagila Hava*, sempre com texto novo e naquela linguagem poliglótica a que, com o correr dos anos, já me habituara.

A ópera *Rigoletto* era freqüentemente utilizada pelos repentistas como mensageira de suas comunicações. Isto talvez se deva ao fato de ter eu representado outrora o papel principal dessa ópera, conhecendo-a, portanto, quase de cor. Sempre que ouvia no rádio essa música tão familiar, ligava logo o gravador de som, mesmo sem receber qualquer aviso de Lena.

Através do *Rigoletto* de Verdi me foi possível estabelecer os mais estranhos contatos, alguns alegres e outros de maior gravidade, dos quais Lena participava com sua bela voz de soprano.

Certa noite gravei uma curiosa transmissão, em forma de comédia, na qual participaram cinco pessoas. Havia uma voz de mulher e três de homens que me eram familiares. À distância, ouvia-se uma maravilhosa voz feminina a cantar, e eu também já a escutara várias vezes, embora o seu nome me fosse desconhecido. Era um meio-soprano, que cantava em bemol nos idiomas italiano, inglês, sueco e alemão. A canção era dedicada a Hugo e começou bem alto. Com a intervenção de outras vozes, a canção baixou de tom, fazendo-se ouvir principalmente nos intervalos:

“*Mälar* — escuta! escuta! escuta! — nós viajamos!

FRIEDRICH JUERGENSON • TELEFONE PARA O ALÉM

Escuta — nós falamos além do céu
Escuta nosso programa — para o rádio o céu está límpido...
Está... (cantando?) no céu tua parenta
Hugozinho estava em Mölnbo, nós não podíamos... ele já estava morto.
Escuta, tu deves apresentar-te em nossas vidas
Hugo quer ouvir através do rádio Frederico — o Friedel a quem ama...
Bengt! (um garotinho a quem nossa família muito estima)
Nós viemos depois de Hugo... Escuta, bom caminho para Hugo
Um bom caminho para Hugo hoje...
Hugo era tão modesto, tão humano...
Hugo era um bom homem... em Mälarhöjden...”

Estas palavras infantilmente ingênuas foram proferidas com tanto calor, suavidade e carinho que, involuntariamente, deixávamo-nos envolver pelo encanto da canção.

A cantora repetiu várias vezes as palavras “tua parenta”, contudo ainda não pude descobrir o seu nome.

*Gravações em presença de convidados.
As transmissões vêm em quantas.
Visita ao Dr. Björkhem.*

EM PRINCÍPIOS de dezembro recebi uma irradiação que, depois do monólogo de Hitler, poderia classificar-se como gravação histórica número dois.

No seu gênero, foi uma gravação única. Representa um documento importante sobre a nudez da psique humana, permitindo-nos formular um conceito sobre a profundidade psíquica de um homem, que até há bem pouco tempo representava um relevante papel no nosso mundo religioso. Em atenção aos seus parentes, chama-o-ei Aristoanimus, evitando tanto quanto possível os detalhes. Devo acentuar apenas que, com a apresentação de Aristoamus na fita magnética, mais uma vez se torna evidente a extensão de nossa falência moral.

O inverno passou veloz, e mal o percebi. O tempo parecia duplicar sua velocidade.

Na primavera, recebi muitas visitas, mas a maioria delas não confiava nem nos seus ouvidos, ao escutar as fitas magnéticas. Não podiam compreender tais fenômenos, e só aqueles que já haviam tido alguma experiência extra-sensorial mostravam mais compreensão.

Após os primeiros momentos de assombro, meus convidados acabavam se convencendo da realidade dos contatos, e sua prevenção inicial era substituída por uma generalizada euforia. Muitos ouvintes não conseguiam relaxar-se nem concentrar-se profundamente. Por meio da escuta, pode-se avaliar a natureza íntima de uma pessoa e sobretudo até que ponto ela se deixou afetar pela tumultuosa vida diária, já que a contínua atividade, a impaciência e a dissipação interior são típicas do psiquismo dos tempos modernos.

Observei que até os meus amigos e conhecidos, apesar de sua sincera boa vontade e benevolência para com os meus trabalhos de pesquisa, revelavam difícil-

dades no ascultamento. A maioria se cansava logo e ficava impaciente, principalmente quando não conseguia compreender o texto. Mas quando eu repetia as palavras, tudo se afigurava tão claro e simples que lhes causava espanto a sua inépcia. Na realidade, eles esqueciam que isso me custara muitos anos de árduos exercícios, um fato que é decisiva importância. Só as gravações bem altas e nítidas eram compreendidas por todos sem qualquer dificuldade.

Um dia um escritor sueco veio visitar-me. Como se tratasse de um homem muito expansivo e às vezes inconveniente resolvi fazer uma gravação na sua presença, se bem que nunca soubesse com antecedência se os meus “amigos” viriam ou não. Daquela vez eles vieram, e fizeram uma gravação de caráter bastante dramático. A mulher do escritor que, aliás, se havia suicidado, estava sendo despertada. Chamavam-na claramente pelo nome, e ela acordou com um angustioso grito de pavor.

Emocionadíssimo e perplexo, o meu hóspede aceitou tacitamente a realidade da cena. Com ele eu não precisava mais desperdiçar palavras, pois os fatos falavam por si mesmos, reais e incontestáveis.

Há tempos que eu não ouvia a voz de Hugo, mas em compensação me traziam informações sobre ele:

“Hugo sabe dos fatos, Hugo está passando bem — Hugo examina satélites da lua — Hugo realiza vôos cósmicos” e, finalmente: “Hugo examina obras atômicas...”

Em abril estabeleci um breve contato com Hugo. Uma voz de mulher exclamou rapidamente: “*Hugo nimm kontakt mit Federico!*” (Hugo toma contato com Frederico). A seguir, Hugo fez ouvir o seu tão familiar “*Ich ko-o-omme!*” (Eu ve-e-nho!)

Não percebi mais nada, pois outras vozes se intercalaram. Tive a impressão de que Hugo perdera a oportunidade do radar. Ainda faltava meio ano para que ele pudesse dirigir-se claramente a mim na fita magnética. Um dos fenômenos mais perceptíveis nos últimos anos consistia em que a frequência dos contatos estava sujeita a oscilações periódicas. Havia semanas em que eram raras as comunicações,

mas em outras as irradiações se sucediam numa seqüência rápida. Os mortos a denominavam *quanta*. Mas eu não podia saber com antecedência quando começavam ou terminavam esses *quantas*.

Os mortos também se apresentavam alternadamente, isto é, determinadas personalidades podiam comunicar-se durante algum tempo, até que outras lhes tomassem a dianteira.

No dia 14 de abril, minha mulher e eu fomos visitar o Dr. Björkhem. Tendo o seu estado de saúde se agravado, impedindo-o de sair até de automóvel, resolvi levar o gravador de som com várias fitas magnéticas, o que nunca fizera antes.

Apesar de abatido e doente, continuava vivo e intenso, o seu interesse pelas gravações.

Depois de ter-lhe feito ouvir algumas gravações, tentamos obter novas mensagens. Como não fosse possível ligar o rádio diretamente ao gravador de som, captamos as irradiações através do microfone. Para esse fim, utilizamos dois pequenos aparelhos de rádio, um dos quais ficara no colo de Mônica.

Apesar das circunstâncias desfavoráveis, recebemos algumas comunicações. Falou uma voz de mulher que me era familiar, e o Conde Ciano que, aliás, mencionou o *piccola radio* que, na sua opinião, era mais adequado à recepção do que os aparelhos maiores. Retiramo-nos bastante tarde, e o Dr. Björkhem acompanhou-me até o carro. Durante algum tempo, ainda vi seu vulto esguio parado diante da casa. Ele parecia estar profundamente mergulhado em seus pensamentos.

***Olhar retrospectivo para 1918-19.
Era esse o barítono de Hitler?
O testemunho público da viúva Erna Falck.
Uma obra-prima da técnica quadridimensional.***

NA PRIMAVERA e no verão de 1962 recebemos inúmeras emissões em *quanta*. A maior parte das gravações continha comunicações pessoais, trazidas por amigos de infância e conhecidos. Entre elas houve uma apresentação bem interessante, dedicada a minha irmã Elly.

“*Endlich haben wir Kontakt mit Elly*” (Até que enfim conseguimos contato com Elly), falou alguém no início da irradiação, e nós reconhecemos a maioria dos amigos pelas suas vozes. Uma canção que Elly cantava freqüentemente na adolescência foi cantada em alemão e russo.

Esta apresentação evocava cenas e imagens dos acidentados anos de 1918-19, quando Odessa fora ocupada pelas forças austríacas. Nessa época, a cidade teve um desenvolvimento de curta duração, mas muito intenso. Muito mais que as armas, parecia que os sons da música vienense haviam conquistado o coração dos odessistas. Entre danças, cantos e flertes, gozava-se a vida plenamente até que, de súbito, desencadeou-se o inferno da guerra civil, acabando com toda a alegria.

Certa noite, gravei um singular solo de canto. A voz — de um excelente barítono — lembrava vivamente a de Hitler. O texto também poderia ter sido inventado por Hitler, pois correspondia à sua mentalidade póstuma. Naquela época, ainda não sabia que Hitler fora um harmonioso barítono, já que só na primavera de 1963 chegara-me às mãos um artigo de jornal muito interessante, redigido por dois músicos vienenses, que informava que Hitler, na mocidade, fizera um teste de canto na Ópera de Viena, mas, por lhe faltar uma casaca, não lhe foi permitido tomar parte no ensaio geral. Uma simples casaca poderia talvez ter mudado fundamentalmente o destino da Europa, concluía humoristicamente o artigo.

Em princípio de agosto, morreu repentinamente um amigo nosso na Itália,

vitimado por uma pneumonia aguda. Sua morte nos parecia inconcebível, pois ele se encontrava na plenitude da vida, era um homem generoso e trabalhador, que irradiava tolerância e sereno equilíbrio. Embora tivesse conhecido os horrores da guerra e dos campos de concentração, não deixava transparecer qualquer ressentimento ou hostilidade. Como se trata aqui de um contato extraordinariamente interessante, vinculado a uma série de ocorrências muito importantes, devo prestar alguns esclarecimentos para que se possa compreender o fato corretamente.

Aliás, já me reportara a esse caso numa publicação na Suécia no ano de 1964, mas, em atenção à viúva, modifiquei o nome desse meu amigo e o de sua família. Antes, porém, da minha segunda entrevista à imprensa internacional em 1964, pedi à viúva que nos visitasse em Nysund, pois decorridos dois anos, pensava que a grande dor da perda do marido já se tivesse atenuado e que então poderia tentar aproximá-la do morto através do gravador de som.

É difícil descrever o que realmente aconteceu. A emoção, o espanto, a felicidade, tudo isto são palavras que quase nada podem expressar. É preciso presenciarem um momento desses, para ter uma idéia do efeito mitigante e consolador dessas gravações. Descobrimos juntos uma série de detalhes e indicações pessoais de que eu não poderia ter qualquer noção, mas que a viúva imediatamente compreendeu.

Finalmente, ela quis apresentar-se como testemunha na próxima conferência internacional de imprensa, e, espontaneamente, permitiu-me publicar o seu nome e o do seu falecido marido.

Mas voltemos agora ao mês de agosto de 1962, quando a Sra. Elna Falck — assim se chamava a viúva — nos visitou em Nysund pouco depois da morte do seu marido Arne. Ela contou que logo após a morte do seu marido, começaram a ocorrer estranhos fenômenos sonoros, o que lhe dera a vívida impressão de que Arne, de algum modo, queria assinalar a sua presença. Como ainda estivesse muito abalada, não lhe propus fazer nenhuma gravação, pois sabia que nem todas as pessoas são capazes, logo depois da perda, de ouvir com tranqüilidade a voz dos seus mortos.

Assim que a Sra. Falck partiu, coloquei uma nova fita magnética e liguei o rádio.

Quase que imediatamente se fez ouvir aquele som ruidoso que me é tão fa-

miliar e, ao receber os sinais de Lena, deixei rodar a fita magnética. Estava bastante ansioso, porque então já sabia que aquele “som ruidoso” resultava de frequência de onda direta dos meus amigos. Dentro em pouco, podia-se perceber um som cantante secundário, que parecia vibrar numa concha acústica, produzindo uma cadência rítmica e ecoante.

Então ressoou uma conhecida voz de mulher, ora cantando, ora falando, que me transmitiu uma mensagem particular. Expressava-se em russo e alemão.

Pelo conteúdo da comunicação se evidenciava claramente que ela estava a par dos assuntos particulares de minha família. Embora escutasse freqüentemente essa voz, que evocava alguém de minha infância, não podia imaginar a quem pertencia.

Infelizmente, até hoje a voz ainda não se identificou.

Ao silenciar o canto, ouviu-se novamente aquele característico som ruidoso.

“*Kontakt!*” (Contato), exclamou uma voz clara de homem, que lembrava Churchill, soando como uma chamada telefônica ou tela de radar.

Na concha acústica cantante, uma outra voz de homem começou a falar baixinho. “Falck”, sussurrou. “Falck”, repetiu mais alto e nitidamente. “Agora vem Falck”, acrescentou cantarolando em sueco.

“Churchill — agora vem o velho amigo...”, tornou outra vez, proferindo as últimas palavras em sueco e alemão. A linguagem depois descambou para o estilo poliglótico.

“Este é Arne — vem a Sra. Falck?”, perguntou a voz num tom meio cantante.

Reconheci imediatamente a voz de Falck, que era norueguês e tinha um sotaque bem característico.

“Eu sei — eu vivo — não há morte — eu posso falar com Pelle!” ecoou bem alto. (Estou sendo tratado por Monika e as crianças de Pelle.)

“Eu... no Jürgenson... na fita...”

“Aqui vive Falck — e ali — tra-lá-láa!”

O final foi corretamente cantado, e a voz parecia feliz e até um pouco divertida.

“Brevemente se ganha um navio!” Súbito, Falck passou para o tom bemol num canto bem afinado.

Seguiam-se algumas frases naquele fantástico idioma poliglótico. Falck ainda mencionou duas vezes o seu nome, e depois houve um prolongado intervalo. Voltou então a falar a primeira voz de homem, soando como que à distância; exprimia-se em alemão, num tom de voz amável e animador.

“*Sprich doch mit dem kleinen Radarchen — Friedel kontrolliet die Toten...*” (Então fale com o pequeno radarzinho — Friedel controle os mortos...)

“*Ach, lass sem! Hier lebt Falck*”, continuava Arne cantando despreocupadamente, “*Falck, Berlin — Ost — Berlin... aah — aaah!*” (Ah, deixe disso! Aqui vive Falck — Falck — Berlim oriental... aha — aaah!)

Escutou-se outra vez a intercalação de uma chamada telefônica, e a alegre voz de homem exclamou em sueco: “Tu chegarás ao livre.”

“Jürgenson — agradeço...”, cantava Arne a meia voz, e encerrou o seu canto alegremente: “Aqui mora Falck — e lá — lá-lá-lá-á-á-á!”

Um instrumento semelhante a um robô, mas que talvez fosse uma voz modificada de repentinista, anunciou, com uma inflexão metálica, em alemão: “*Mölnbo sitzen und hören... Mälarhöjden!*” (Mölnbo sentado e escutando... Mälarhöjden!) A voz poderia ter acrescentado “tranquilo, feliz e grato”, pois eu estava sentado e emocionado diante do aparelho, feliz como uma criança, por causa dessa excepcional gravação.

Serão necessárias ainda outras provas? O que poderia ser mais convincente

do que o conteúdo da fita magnética?

Todo o conjunto representa uma obra-prima de técnica quadridimensional, já que se trata aqui de uma irradiação diretamente do éter que, evidentemente, correu paralela à tela do radar. Essa gravação resiste a todo e qualquer ceticismo, porquanto fala por si mesma e dispensa maiores comentários.

Já naquela época, poderia ter dado uma entrevista internacional à imprensa, mas eu hesitava, por julgar ainda não haver chegado o momento oportuno.

Considerando bem, talvez fosse a minha própria falta de confiança que, em parte, me impedia de fazer publicidade. Chegara também à conclusão de que os mortos esperam dos vivos algo bem definido, pelo menos com relação àqueles que gostariam de participar na construção da nova ponte de comunicação. Era igualmente claro que o trabalho de comunicação puramente exterior representava apenas uma parte da construção da ponte.

No que me dizia respeito, não bastava que eu registrasse com o maior escrúpulo as mensagens, as testasse e traduzisse. O conjunto da obra exigia uma ampla publicidade do planejado contato.

Mas com isso não se encerrava a minha tarefa. Uma indicação neste sentido já me havia sido dada no verão de 1959, quando encontrei, entre as minhas primeiras gravações através do microfone na fita magnética, a misteriosa frase: “*Friedrich — wenn du auch des Tages übersetzt und deutest, jeden Abend versuche die Wahrheit zu lösen mit dem Schiffe — mit dem Schiff im Dunkeln!...*” (Frederico — mesmo que tu traduzas e interpretes durante o dia, todas as noites procura desvendar a verdade com o navio — com o navio na escuridão.)

Evidentemente, os mortos ainda esperavam algo diferente de mim. Mas isto, em última análise, teria de decidir sozinho e, apesar da minha insuficiência, encontrar o “rumo verdadeiro”.

Também era admissível que os mortos, lá de sua dimensão imensurável e intemporal, pudessem perceber com mais clareza as possibilidades da evolução humana e, por isso, esperassem de nós um estado de consciência em que se aliasse

a espontaneidade de uma criança à maturidade de um sábio.

Por mais estranho que pareça, custei a apreender o ponto fundamental do assunto, mas minha mulher logo o percebeu: em verdade, se os mortos me escolheram para elemento de contato, cabia-me a missão de avocar à causa todos aqueles seres que ainda vivem na terra e que por sua maturidade espiritual, equilíbrio e posição social pudessem colaborar.

QUARENTA

In summa: dez parentes, cinqüenta amigos particulares, trinta pessoas preeminentes e cerca de cinquenta anônimos.

Minha primeira entrevista à imprensa internacional. Um resumo dos meus conhecimentos, planos e objetivos.

NAQUELE OUTONO e na primavera de 1962-63, o número de amigos invisíveis aumentara consideravelmente. Identificaram-se dez parentes, cinqüenta amigos particulares e cerca de trinta personalidades preeminentes, que ainda há bem pouco tempo representavam um importante papel nos setores da arte, da ciência, da religião e da política. Os restantes — mais ou menos cinqüenta — se apresentaram sob pseudônimo ou anonimato.

Na primavera de 1963, começou a aumentar sensivelmente o número de comunicações em *quanta*. Nunca recebera antes tantas gravações, e como as irradiações se sucediam sem interrupção, só consegui fazer breves anotações. Mas, ao mesmo tempo, a qualidade de som havia melhorado bastante, a ponto de um ouvido não treinado poder compreender os textos sem dificuldade. Certa noite, gravei as vozes de eminentes personalidades desencarnadas que pouco tempo antes polarizavam a atenção mundial. Mais uma vez se tornou evidente quão confinados estamos no beco sem saída das nossas concepções errôneas. Os mortos não faziam longos discursos, nem acusavam ninguém. Mas o pouco que diziam, ou melhor, a maneira de apresentar suas mensagens era tão humana e simples, que nos dava ganas de fazer explodir, o mais rápido possível, o templo da nossa moral dúbia e mentirosa.

No dia 30 de março, totalmente contra os meus hábitos, eu ligara o rádio depois das dez horas da noite. Estava cansado e sonolento, e quando Lena deu sinal de contato, deixei rodar a fita durante alguns minutos e depois, sem controlar a gravação, fui direto para a cama.

Ao apanhar minha correspondência no dia seguinte, e já de volta, lançando

um olhar nos jornais, fui surpreendido com a notícia do falecimento do Dr. Björkhem, que ocorrera no dia anterior, portanto em 30 de março de 1963.

Coloquei imediatamente a fita magnética da véspera. No início, nada compreendi, pois a comunicação estava sendo dada com tal rapidez que fui obrigado a mudar a gravação para a velocidade mais lenta de $3 \frac{3}{4}$. As primeiras palavras que ouvi foram: “O Dr. Björkhem morreu...”

Dado o seu caráter privado, não posso divulgar o resto da informação.

A imensa dedicação do Dr. Björkhem às pesquisas da parapsicologia até hoje ainda não foi compreendida nem devidamente valorizada. Mas tenho certeza que muito breve seus importantes trabalhos terão o merecido reconhecimento.

Nos princípios de junho de 1963, resolvi, pela primeira vez, entregar para divulgação na imprensa, informações sobre as minhas pesquisas. O Dr. Kjell Stenson, chefe da técnica de som da radiodifusão sueca, fez declarações positivas à imprensa, depois de uma visita a minha casa. Se bem que não procurasse esclarecer o fenômeno, assegurou que não havia qualquer falsificação ou fraude premeditada. Antes de tudo, dispunha-se — o que correspondia inteiramente aos meus desejos — a fazer gravações comigo em Nysund com sua própria aparelhagem.

No dia 14 de junho, organizei minha primeira entrevista internacional à imprensa, que se realizou em Mölnbo-Nysund e durou mais de sete horas. Embora ocorressem, de vez em quando, acaloradas discussões, o resultado foi, indubitavelmente, positivo. Diante da imprensa, esbocei os meus conhecimentos, planos e objetivos da seguinte forma:

É difícil saber como se processará a evolução destes fenômenos. Mas creio que posso admitir a idéia de que está incluído no plano dos construtores da ponte do Além a realização, dentro em breve, de gravações de fitas magnéticas semelhantes no mundo inteiro. (O que, aliás, já está ocorrendo.) Entretanto, cumpre-me ressaltar que o pesquisador que não tenha a mente aberta, arejada e que não revele senso crítico, jamais poderá chegar a resultados positivos. Para evitar, desde o início, qualquer tentativa de fraude ou ilusionismo, seria aconselhável que se organizassem grupos de pesquisas com a colaboração de técnicos de som, de rádio, de

eletrônica, parapsicólogos e outras testemunhas fidedignas, a fim de que se fizessem gravações coletivas.

Quanto a mim, enquanto eu viver, tenho o firme propósito de evitar que se forme em tomo dessa ponte de comunicação qualquer movimento místico, seita ou escola esotérica. O perigo de entorpecimento e calcinação espirituais já se dissipou em todas as organizações humanas. Jamais representarei o papel de “profeta espiritual” ou guia, simplesmente pelo fato de detestar toda tutela espiritual e até mesmo porque cada um deve tomar sozinho o seu alimento espiritual, e digeri-lo.

Com essa finalidade, já coloquei à disposição dos pesquisadores interessados a minha cabana da floresta. Contudo, ela precisa, sob a orientação de técnicos e especialistas, ser convenientemente equipada.

Com a organização de centros de pesquisas sob orientação e controle científico, dar-se-ia o primeiro passo para realizar um trabalho coletivo fecundo entre a radiofonia daqui e do Além.

Todos aqueles que estejam seriamente interessados em colaborar na construção da ponte entre o aqui e o Além, terão de dedicar seu tempo, revelar paciência e despende os esforços necessários para tal fim, pois sem dedicação e sacrifício pessoal não se podem esperar resultados positivos.

Mas, acima de tudo — eis aqui o problema — há que considerar os motivos que nos animam a estabelecer contato com os mortos.

Se quisermos dissipar definitivamente o grande sofrimento, a angústia e o terror pânico relacionados com a morte, precisamos tomar consciência das distorções íntimas, que emaranharam nossos pensamentos e emoções no círculo infernal do tempo, do espaço e da causalidade. Todos nós precisamos passar por uma espécie de Crepúsculo dos Deuses e dos Demônios, e reencontrar, apesar de todas as ilusões desfeitas, o caminho que conduz ao coração humano.

*Nysund transforma-se em uma espécie de pombal.
A voz vinda do automóvel.
Lena nos manda para a cama.
A Hilda desconhecida nos previne e aconselha.*

O QUE SE SEGUIU depois era inevitável. Das profundezas do desconhecido, algo novo, tenaz e objetivo abriu o seu caminho. Algo nasceu, cresceu e desdobrou-se, não mais podendo ser ignorado. No que me diz respeito, minha situação mudou da noite para o dia. Embora certos círculos de doutrina racional não quisessem admitir de bom grado a existência do Além ou de uma dimensão mais elevada, por outro lado, não mais podiam negar o fenômeno. Ademais, ao excluírem-se quaisquer hipóteses de fraudes ou embustes, após as investigações dos técnicos em radiodifusão, ninguém mais especulou sobre a minha idoneidade. E graças a todas estas circunstâncias, o conjunto da obra avultou em importância e autenticidade.

Naturalmente, terminou a minha tranqüilidade. Primeiro foi o acúmulo de cartas recebidas. Jornalistas, técnicos em radiodifusão, em acústica e cientistas de toda a espécie se faziam anunciar quase diariamente. O telefone, de repente, transformou-se em um tirano.

Nessa época, senti pela primeira vez a fibra elástica, quase metafísica, de que era tecido o tempo. As horas e os dias voavam céleres, febris. Por mais que me esforçasse em dividir racionalmente as horas do dia, não conseguia dar conta das tarefas planejadas. Tudo ao meu redor se havia transformado. Quando, nos meus, tempos de cantor e pintor, reunia-me com altas personalidades ou outras pessoas interessantes, esses encontros se relacionavam direta ou indiretamente com a arte. Mas agora a situação era muito diferente. A maioria das pessoas que me preocupavam tinham, de algum modo, relação com a morte.

Como a morte costuma exigir o seu tributo sem fazer distinção entre posição e raça, idade ou sexo, daí resultou que eu me encontrava com indivíduos essencialmente diferentes, sendo forçado, pelas circunstâncias, a participar dos mais assombrosos e, às vezes, dos mais comoventes destinos.

Daí por diante foram os mortos que, repentinamente, me atribuíram o papel de homem de confiança, uma tarefa, aliás, bem melindrosa e de grande responsabilidade, a qual, sem a assistência dos meus amigos invisíveis, jamais estaria à altura de executar.

Os inúmeros acontecimentos que então se sucediam rapidamente só podem ser citados de passagem.

Mas antes de reportar-me às breves mensagens, muitas vezes em estilo telegráfico, devo descrever algumas gravações que, por seu conteúdo, apresentação e nitidez, eram de uma extraordinária força comprobatória.

Como já narramos anteriormente, a canção judaica *Nagila Hava* fora-me apresentada em quatro versões, em que o texto era sempre modificado. Ao gravar a canção pela terceira vez — era uma gravação nítida e em parte bastante sonora — descobri que dois dos meus amigos mortos se apresentavam ao mesmo tempo. Um era Arne, que falava sobre o destino de um cantor, acrescentando outros comentários. O cantor era o meu amigo russo Gleb Bojevsky, ex-oficial de marinha que se refugiou na Palestina durante a revolução russa. Bojevsky era um homem generoso, muito culto e versátil, que estava sempre cercado de um grupo de jovens — todos paupérrimos — que às vezes costumavam escavar túmulos fenícios, outras vezes construía uma chalupa, na qual velejavam até Chipre para pescar cavalas. Apesar das duras privações, tinham todos — inclusive Bojevsky — aquele espírito aventureiro e dinâmico da adolescência, que lhes fazia a existência tão precária parecer plenamente rica e digna de ser vivida.

Bojevsky morrera em 1945 de pneumonia. Mesmo assim, continuava a cantar alegremente, e o seu canto era comentado minunciosamente por Falck. Que Falck estava bem informado sobre o destino de Bojevsky, isto se evidenciava claramente do texto. Desta vez Falck falava mais em sueco, empregando, uma vez ou outra, algumas palavras alemãs e russas. Quanto a Bojevsky, cantava alternadamente em alemão, russo, italiano, sueco e árabe. Improvisava livremente num estilo poético bem rimado.

Primeiro ele trouxe notícias de um conhecido que há pouco tempo morrera

em Estocolmo. A seguir, referiu-se ao significado dos contatos, mencionou o meu nome de família e repetiu duas vezes as palavras: “Nós viajamos — Friedel nos procura!”

O texto do seu canto traduzido é o seguinte: “Quando desejado — poliglota! Oba, meu Jürgenson — é verdade — o iogue ouve — melodia sete Luk — Bojevsky é fantasma em Mölnbo — Friedel procura a temida ponte dos mortos — Não, não — todos serão agradavelmente surpreendidos. Toca em mim — um brêmane com um cachimbo aquático — No mercado se examina uma melancia — todos examinam o coração em Mölnbo...” E dizia ainda outras coisas mais. No tocante à expressão “o brêmane com um cachimbo aquático”, devo esclarecer que ele se referia a si mesmo em uma de suas vidas passadas na Índia. “Provar melancias” relaciona-se ao tempo que passamos juntos na Palestina, onde, no mercado, examinávamos as melancias apertando-as, para ver se estavam maduras. Neste caso, significa também que, de modo semelhante, o meu coração é examinado pelos amigos espirituais, para sondar sua maturidade.

Afinal intercalou-se uma voz feminina, que disse com sotaque russo: “*Bojevsky — Jürgenson.*”

No verão de 1963, minha mulher, meu filho e eu viajamos para a Itália. Estivemos com Enzo e Gioconda em Serapo, onde ocorreu o seguinte:

Uma noite, Enzo, Gioconda e eu passamos de carro pelo cais de Gaeta. Sentado ao volante, Enzo ligou o rádio. Depois do noticiário, houve um pequeno intervalo, e então uma voz de mulher exclamou em tom alto e penetrante pelo rádio: “Friedel — Friedel, amanhã!”

Gioconda se voltou para nós e disse nervosamente: “Vocês ouviram? Estavam chamando Friedel.”

Assustado, Enzo quase foi de encontro a um poste na calçada, mas felizmente deu uma freada violenta e conseguiu parar o carro. Todos ficamos bastante emocionados, pois pela primeira vez eu era chamado através de um rádio de automóvel.

Na noite seguinte, reunimo-nos em casa de Enzo e Gioconda. Enzo tinha um velho gravador de som e um transistor bem usado, e como não pudesse estabelecer um contato direto, ligamos o rádio através do microfone.

O tempo estava abafado, e eu sentia dor de cabeça, mas mesmo assim corria solícito a escala. Pouco depois, a voz clara de Lena se fez ouvir: “Vão para a cama! Vão dormir! É tarde demais!”, disse ela em italiano e alemão.

Durante a escuta, todos nós ouvimos esta frase. A seguir, iniciou-se uma alta e animada discussão em italiano. Não conseguimos fazer outras gravações, pois fomos impedidos pelo tremendo ruído do rádio.

Uma hora depois, irrompeu uma forte trovoadas, O tempo tornou-se escuro como breu, entre relâmpagos e trovões ininterruptos. Perguntava a mim mesmo se Lena tivera antecipado conhecimento do temporal ao dizer: “Friedel — Friedel, amanhã!”

Embora essa gravação fosse curta e estranha, Enzo e Gioconda tiveram uma prova convincente, que lhes despertou o interesse.

Em princípios de setembro, ao regressar da Itália para Nysund, liguei o rádio na mesma tarde. Imediatamente, fiz contato com Lena e consegui tres gravações bem diferentes, irradiadas por duas vozes de homem e uma de mulher. Tratava-se de uma mensagem de caráter particular. O estranho e esquisito nessas gravações é que elas se diferenciavam visivelmente, não apenas quanto ao seu conteúdo, mas também com relação ao volume e qualidade do som. Na primeira não houve quaisquer perturbações. Se bem que o volume de som fosse bastante baixo, podia-se compreender sem nenhum esforço o texto completo, assim como reconhecer a voz do orador.

Na segunda gravação, a voz irrompia através do solo de saxofone, falando mais tarde durante os intervalos. Ao terminar a música, a voz se fez ouvir imediatamente, e, apesar das perturbações atmosféricas podiam-se compreender todas as palavras.

A terceira gravação foi excepcional. Embora, no início, se escutasse música

e vozes secundárias, e a voz de mulher falasse baixinho, não se perdia uma palavra, porque a voz aproveitava com habilidade os intervalos. Esta não apenas ultrapassava todas as gravações feitas até então em volume de som e nitidez, mas também a voz dos intérpretes denotava uma emoção tão profunda que, involuntariamente, deixávamo-nos arrebatados, subjugados por suas palavras que, por vezes, dava-nos arrepios. Numa espécie de canto declamado, uma voz feminina ressoava a grande distância, em suave *piano*, aproximando-se, pouco a pouco, até atingir o *fortíssimo*. Havia algo nesse lento *crescendo*, que deixava entrever um ardor oculto ou penetrante. Essa mensagem, a mim dirigida, continha uma espécie de advertência e um conselho. Foi transmitida em cinco idiomas, rítmica e alternadamente divididos. A dicção era correta, mas a construção das frases não obedecia às regras da gramática. E isto era intencional, a fim de afastar a suposição de que talvez se tratasse de uma radiodifusão comum. Eis aqui uns trechos, na sua linguagem original:

“*Horchen, mein Gott, tack!* (em alemão e sueco) *Botschaft Tote... von Botschaft... Mein Gott, Hilda, tack... ob sie tala* (alemão e sueco) — *wenn du prastast* (alemão e sueco incorreto) — *so hören dölige* (sueco incorreto) *Menschen — pallu* (estoniano) *fallen tief aut* (inglês — out) — *Friedrich, Kontakta* (sueco) — *Sterben* (gestorbene, tote) — *Menschen in Atmosphära... und si* (gestorbene, tote) — *Menschen in Atmosphära... und sie raten, und sie tala* (alemão e sueco) *Välkommen* (sueco) *Friedel von Serapo!...*” (Tradução: “Escutar, meu Deus, obrigado! Mensagem mortos... da mensagem... meu Deus, Hilda, obrigada... se ela fala — quando tu conversas — então escutam homens — muitos caem na profundidade — Frederico, contato — Morrem (os mortos) homens na atmosfera... e eles aconselham, e eles falam. Bem-vindo Friedel de Serapo!...”)

Até hoje não sei quem é Hilda. Em todo o caso, ela me prevenia contra as pessoas más e me aconselhava também a entrar em contato com os mortos, pois eles podem aconselhar e falar. Tive, muitas vezes, ocasião de comprovar a verdade de suas advertências. Deve-se observar, durante a leitura da mensagem, que a maneira de falar desconexa e gramaticalmente incorreta é proposital e tem a finalidade de diferenciá-la das emissões normais das radiodifusoras. Observe-se particularmente o ritmo na mudança de idiomas. As últimas três palavras: Friedel de Serapo referem-se à circunstância de eu ter voltado de Serapo por via aérea justamente naquele dia.

*Vozes na casa da família Thorlin.
Récita com acompanhamento de soprano.
Um canto coral de três vozes.*

VAMOS PASSAR agora aos acontecimentos mais importantes dos últimos dois anos, portanto do tempo decorrido após minha primeira entrevista à imprensa.

Um dia veio visitar-me, juntamente com sua mulher, um senhor chamado Claude Thorlin, de descendência inglesa residente em Eskilstuna. Ele havia feito, por acaso, umas gravações de vozes através do microfone, nas seguintes circunstâncias:

A família Thorlin, que comprara um novo gravador de som, queria gravar a voz do seu amigo Koge O. Depois de colocar uma fita nova, Koge P. pôs-se a declamar seus poemas. Durante a escuta da gravação, ouviu-se claramente a voz de Koge, secundada, nos intervalos, por um melodioso soprano. No início, diz ela: “Escuta — teu karma...” em sueco.

Koge leu também um artigo a meu respeito e as vozes por mim gravadas. Nesta altura, intercalou-se um coro infantil, que cantava em sueco: “Escutai, escutai o rádio — escutai o nosso contato.”

Noutra gravação — Thorlin estava gravando a voz do seu cunhado inglês — interveio uma voz de mulher bem clara e alta que, em alemão e inglês transmitiu uma mensagem direta para Thorlin, como se verificou mais tarde.

Entusiasmado com essas gravações, Thorlin continua diligentemente suas pesquisas. Conseguiu fazer algumas gravações bem interessantes através do rádio, entre as quais uma em que sua mãe se apresenta e o saúda, enquanto um coro canta em três idiomas: “Estamos de viagem para Mölnbo — em visita ao Friedel...”

Pude reconhecer muitas vozes, dentre elas a do “velho judeu”, que se distingue perfeitamente. Uma voz semelhante à de Lena indica a frequência de ondas,

FRIEDRICH JUERGENSON • TELEFONE PARA O ALÉM

exclamando: “*Halten, halten, tag Kontakt.*” (Manter, manter, tomar contato...) — em alemão e sueco.

Thorlin e eu nos tomamos muito amigos.

***A difusora sueca quer saber com exatidão.
O escrúpulo de Stensson.
Os técnicos de rádio ficam admirados.***

UM CONHECIDO jornalista de Estocolmo, Urban Stenström, que, aliás, publicou o primeiro artigo a meu respeito no *Svenska Dagbladet*, também escuta vozes místicas na fita magnética. A Sra. Stenströ, que é igualmente jornalista e escreve resenhas teatrais, comprou um gravador de som portátil para suas atividades profissionais. Interessando-se pelos fenômenos, senta-se diante do microfone até tarde da noite com seus amigos. Certa vez, uma voz de mulher disse em alemão e russo: “Escuta, coruja humana!”

Na Suécia, chama-se “coruja noturna” aquele que trabalha até a madrugada.

Desejando fazer uma transmissão a meu respeito e não sabendo como organizá-la, a radiodifusora sueca entra em contato comigo para esse fim.

Inicialmente, o engenheiro Stensson deve realizar pesquisas em Nysund. Acompanham-no um assistente a a Sra. Dasie Kallberg. Esta Última é jornalista e publicou o primeiro artigo sobre fenômenos de vozes no *Stockholms Tidningen*.

Chegaram a Mölnbo ao entardecer, e o Sr. Stensson trouxera seus próprios aparelhos, instalações de controle e fitas magnéticas lacradas. Após a refeição, preparamos a aparelhagem e por volta de nove horas da noite iniciamos o trabalho.

O resultado da primeira gravação é negativo. Proponho ao Sr. Stensson que permaneça durante uma semana em Nysund, pois para obter bons resultados não se deve ter pressa e é preciso muito tempo e paciência. Não é conveniente também fazer gravações tarde da noite. O melhor período é entre 19 e 21 horas.

Stensson concorda, e a Sra. Kallberg pretende trazer alguns amigos.

Nesse ínterim, jornais e revistas, suecos e estrangeiros, publicam notícias

sensacionais e minuciosas sobre as “vozes de espíritos” em Mölnbo. Outras tantas notícias são irradiadas por emissoras suecas para a Alemanha e a Áustria.

A radiodifusão sueca continua debatendo o assunto comigo, e estabeleço as seguintes condições:

A programação de unia série de transmissões em que participem eminentes psicólogos, suecos e estrangeiros. Arne Weisse deve dirigir a irradiação e rodar a fita magnética que foi gravada em dezembro de 1959 em sua presença e na do Dr. Björkhem. Se as condições forem favoráveis, então tentaremos fazer algumas gravações diretas.

Entrementes, Arne Weisse passou para a televisão sueca, e surgem dificuldades. A radiodifusão sueca de bom grado gostaria de fazer desaparecer da face da terra todo o fenômeno das vozes, por meio de uma explicação técnica e “natural”. Mas como não se pode encontrar uma explicação “natural”, então se deseja, no mínimo, que as “vozes dos espíritos” sejam mais altas e mais nítidas. A contradição é flagrante e divertida, pois, por um lado, não ousam reconhecer a existência das vozes dos mortos e, por outro, desejam gravações diretas de primeira qualidade. Uma vez, durante uma discussão em si mesma inútil, perguntei: “A radiodifusão sueca pagará honorários aos mortos?”

Arne Weisse vem visitar-me em companhia de um colega. Ambos estão dispostos a apresentar alguns programas na televisão a que eu teria de comparecer como personagem principal. Mas a radiodifusão insiste em ter o privilégio da primeira apresentação. A tensão entre as estações de rádio e tevê aumenta. O que me interessa é uma apresentação objetiva e detalhada dos fatos mais importantes. Mas aqueles cavalheiros também sabem que eu prefiro desistir da irradiação a consentir que, por questões de publicidade, o assunto seja focalizado sob um prisma falso.

Passam-se algumas semanas. Stensson está assoberbado de serviço. De vez em quando encontramos-nos na cidade velha para tomar um lanche. Existe entre nós uma amizade franca e sincera. Stensson é um homem bastante expansivo e benévolo. Não obstante, deseja também encontrar uma explicação totalmente corriqueira e “normal”. Todavia, insisto em que se fale somente a verdade. Os ouvintes poderão, por si mesmos, formar uma opinião. Stensson acha que uma irradiação como a que

eu desejo provocar um choque tremendo no público.

- Só nos grupos do materialismo racionalista — afirmo eu.
- E a igreja? — pergunta Stensson.
- Recuperar-se-á rapidamente do choque, pois ela mesma crê na existência da alma depois da morte.

Resumindo: Stensson promete vir a Nysund na próxima semana para fazer novas gravações.

À noite, depois da habitual conversação, sento-me diante do aparelho, preocupado e inseguro. De repente, ocorre-me um pensamento desalentador: — “O que acontecerá, se os meus amigos do Além não comparecerem outra vez?” Logo me envergonho de minhas dúvidas; é preciso arriscar, uma grande causa está em jogo.

Minha mulher está firmemente convencida de que nossos amigos virão, com toda a certeza, numa ocasião tão decisiva como essa. Ligo o rádio e o gravador e, hesitante, começo a correr a escala. Como de hábito, procuro as ondas, vagorosamente, da esquerda para a direita, sintonizado na onda média.

Contudo nenhum sinal, nem sequer de Lena!

Durante algum tempo, continuo sentado, indeciso, diante do rádio. Súbito ecoa a enérgica expressão de Lena: “Manter, manter! Contato direto!”

Ligo direto para fazer a gravação e ausculto ansiosamente. Vozes de homem cantam uma espécie de cançoneta italiana. Lena avisa novos contatos, eu ausculto ainda mais concentrado, mas não consigo compreender imediatamente as palavras.

A seguir, chamam por duas vezes o meu nome próprio, cantarolado por uma voz de homem, que lembra a de Arne. Mal posso esperar que Lena anuncie o fim da comunicação. Finalmente o canto se perde no ruído do éter.

A gravação constituiu outro sucesso. É uma resposta direta à minha pergun-

ta e às minhas dúvidas. É realmente Falck quem canta, acompanhado à distância por outras vozes de homens. A mensagem inteira tem em mira apresentar-me de maneira humorística, a resposta afirmativa dos mortos. Em italiano, sueco, alemão e russo, canta Falck: “Breve te escutarão os homens — Friedel, tu ficarás contente — nós nunca enganamos — Friedel tu ficarás contente — quem engana é a lua, má e tola, a lua é uma intrujona...”

O nosso cão Carino também recebe uma saudação, e então Falck dirige-se ao seu filho Bengt e diz: “Eu acho Bengt tão formoso...” Com “somente a lua engana...” ele encerra a irradiação.

Essa referência à lua deve ser totalmente levada a sério, pois, como já se constatou muitas vezes, as fases da lua representam um papel relevante, e até decisivo, nas correntes eletromagnéticas utilizadas nas irradiações. As condições mais favoráveis se apresentam na lua cheia, quando o sol, a terra e a lua estão em linha reta.

Quando Stensson, seu assistente Koistinen, a Sra. Kallberg e outros chegam, sinto-me completamente calmo, confiante e possuído de uma indescritível alegria.

Principiamos com uma longa gravação através do microfone, recebida, ao mesmo tempo, por dois gravadores de som. Diz Stensson que nunca percebera quaisquer vozes dentro de um estúdio durante a revisão das gravações.

“*Nonson!*”, intervém uma voz de homem.

Essa exclamação é mais tarde percebida por todos os presentes. A Sra. Kallberg faz rapidamente algumas anotações. Tornamos a ligar os aparelhos, e eu relato o incidente ocorrido no sótão, no mês de setembro de 1959, quando Carino estava sozinho no quarto e eu falava ao telefone com minha mulher no andar térreo. A seguir, quando digo um pouco emocionado “e então...”, fazendo um breve intervalo, ouve-se um forte estalo, exatamente como se alguém estivesse batendo palmas.

Eu continuava contando: “Estava tudo quieto no quarto, escutando-se apenas o leve ruído da fita rodando...” Estas últimas palavras foram repetidas um se-

gundo depois por uma voz grave de homem.

Stensson estava atônito. Seu assistente Koistinen também não podia compreender esse fenômeno. Stensson observa que o som do estalo é ainda mais estranho do que as vozes, e deveria ser percebido no quarto.

Por volta das oito e trinta da noite, começamos as gravações através do rádio. Sento-me diante do rádio de Stensson, ao qual está acoplado um gravador norueguês. Koistinen instalou uma antena interna e estabeleceu contato com a terra no meio dos tubos de calefação.

Koistinen senta-se perto de mim, e atrás de nós acham-se de pé os conhecidos da Sra. Kallberg e o meu filho Peter. Stensson e os outros tomam café na sala de visitas, que está situada exatamente debaixo do meu *atelier*.

Giro cautelosamente o botão da escala e ouço a voz de Lena em quase todas as ondas. Encontro alguma dificuldade no acionamento do gravador sueco, pois sempre se faz ouvir um *glissando* perturbador semelhante a uma sirena. Koistinen observa atentamente cada fase da gravação. De vez em quando aciona o gravador de som, de acordo com a minha orientação.

Logo no início, escuta-se a voz do “velho judeu”. Ele se refere com desprezo à “porcaria da instalação”... Talvez se refira à antena provisória que Koistinen armou no estúdio.

Então ressoa a ária “Tatjana” da ópera *Onegin*. Reconheço o texto, pois havia cantado a parte de Onegin. Mas o que nos foi dado ouvir aqui, de modo algum condiz Com o texto original, pois Tatjana canta: “Frederico, a morta está só!...”

Estou emocionado demais para poder escutar com atenção o restante do texto. Lena interfere, impelindo para que façam outras gravações. Fico um tanto nervoso, e nós ligamos e desligamos freqüentemente.

E então vem o ponto culminante da noite. Ouve-se primeiro aquele som uivante de ligação, mas com ele uma voz exclama: “contato!” e, em seguida, ultrapassando todos os ruídos secundários, soa uma voz diligente e emocionada, que clama num tom alto e penetrante: “*Friedel — hör mich, Friedel! drehe unten!*”

(Friedel! escuta-me, Friedel! gira embaixo!)

Peter grita atrás de mim: “E Kersten! É Kersten!”

Ponho-me a tremer e perco a onda. Koistinen levanta-se apressado e desce a escada, gritando nervosamente: “Venham todos, Kersten está no rádio.”

Todos escutam o texto da fita magnética, falando ao mesmo tempo. Stensson repete incessantemente: “Esquisito, esquisito; eu não compreendo mais nada...”

Passado algum tempo, estabelecemos novamente o contato através do rádio. Logo se anuncia Bojevsky, que apresenta uma canção, cumprimentando principalmente Carino com um *Schalom!* Canta sobre os mortos e menciona o seu nome. Mas a qualidade do som não é muito boa e só se podem perceber algumas palavras.

Vai ficando tarde. Estunos emocionados, e eu começo a sentir-me cansado. A última voz gravada na fita foi a de Kersten, que finalizando um pouco aborrecido exclamou: “*Problem! hört ihr verkligen?*” (Problema! vocês escutam realmente?) Ele se expressou em alemão e sueco.

O querido Falck cumpriu sua promessa.

Alguns dias depois, ao receber a fita magnética gravada, descobri uma série de detalhes que, naquela noite, devido à precipitação, passou-me despercebida. Fiquei aborrecido ao verificar que, por causa daquele som de ligação semelhante a sirena, deixei de captar a frase de Felix Kersten. Mas, por meio de um filtro provisório, consegui compreender o texto. Dizia assim: “*Lieber Friedrich... In Schweden der sechzehnte Kontakt...*” (Querido Frederico... Na Suécia o décimo sexto contato...) —ao qual se segue o texto claro anteriormente citado.

***Um professor é convidado.
A imprensa reage positivamente.
O Prof. Hans Bender de Freiburg se interessa.
Uma experiência com estudantes.***

A RADIOFONIA sueca ainda não ousa apresentar aos seus ouvintes o fenômeno das vozes. De repente, as gravações de Stenson deixaram de ser convincentes. Um velho professor da Faculdade de Tecnologia de Estocolmo coopera. “Costura dupla dura mais.” Tudo isso já está mexendo com os meus nervos, mas, apesar disso, concordo.

O Prof. Laurent — assim se chama o cavalheiro — mostra-se uma pessoa amável e compreensiva. Breve irá aposentar-se e deseja, pessoalmente, pesquisar os fenômenos sonoros. Lamentavelmente, o seu ouvido não é dos melhores, e como costuma trabalhar até tarde da noite, será difícil manter-se desperto durante as gravações mais prolongadas.

Realizamos juntos gravações pelo microfone, e algumas vezes se apresentam. O “velho judeu” se diverte um pouco às custas do professor. Um tenor canta monótono: “*Farbror* (tio, eu sueco) *Churchill Kontaktar Ove... takar* (agradece) *Ove!...*”

Pergunto a Laurent se ele sabe o que significa *Ove*. Ele responde que sim.

E explica que na Faculdade haviam construído dois “aparelhos falantes”, que por meio de impulsos eletromagnéticos podiam produzir artificialmente vozes na fita magnética. Por gracejo, os aparelhos foram batizados de *Ove I* e *Ove II*. Laurent promete voltar a Nysund.

Nesse outono e no inverno, sou visitado por numerosas personalidades de destaque. Realizamos gravações em conjunto, cujo resultado é geralmente satisfatório. O Dr. Alf Ahlberg, do Ministério da Educação Pública, recebe uma resposta direta sobre uma pergunta que fizera, mas em tom humorístico.

Ao Dr. Ivar Alm, um aluno de C. G. Jung, falamos em dinamarquês. Um grupo de jornalistas, Ivan Bratt do *Folket*, Evert Hallin do *Eskilstuna Kuriren* e Anders Elmquist do *Aftonbladet* visita-me freqüentemente, e nós realizamos gravações em conjunto. Os resultados são igualmente positivos, e os jornalistas dão publicidade a notícias detalhadas.

Certa noite, recebi a visita dos redatores Bratt e Ollson e de um engenheiro de Oerebro. Chegaram com grande atraso, pois um grave acidente automobilístico havia bloqueado o trânsito, matando um turista escocês e deixando outros gravemente feridos.

Durante algum tempo comentamos a ocorrência. Depois coloquei uma fita magnética nova e acionei o aparelho para gravação. Era uma gravação comum pelo microfone, sem acoplamento ao rádio. Ao escutarmos, mais tarde, a gravação, ouvimos uma voz de homem exclamar em tom alto e apressado: “*Es eilt!*” (É urgente!)

Não fizemos outras gravações porque o meu amigo inglês Claude Thorlin me telefonou de Eskilstuna. Estava muito agitado e me comunicou que, momentos antes, fizera uma gravação, na qual se percebia claramente uma voz de homem, que dizia em inglês e com entonação profunda a frase: “Nenhum temor diante da morte.” Sua maneira de expressão revelava um sotaque escocês, que permite a conclusão de que se tratava do escocês morto no acidente.

No domingo seguinte vieram muitos visitantes a Nysund. Já estava ficando tarde, e os visitantes faziam menção de se retirar quando recebi novamente um telefonema de Eskilstuna. Era Claude Thorlin. Sua voz denotava alegre emoção.

Ele havia conseguido uma gravação excepcionalmente clara através do rádio. Pediu-me que ligasse o meu aparelho de gravação e colocasse o microfone bem perto do telefone. Queria que eu mesmo escutasse o texto, pois tinha certeza que o reconheceria imediatamente pelo telefone. Ao terminar a gravação pelo telefone — a qualidade do som, naturalmente, não era muito satisfatória — ouvi, sem a menor dificuldade, um coro que apresentou em alemão e sueco o seguinte verso: “*Wir befinden uns auf Wanderfahrt nach Mölnbo — bei Friedel ist Besuch!...*”

(Nós nos encontramos numa peregrinação para Mölnbo — Frederico tem visitas!...)

O Prof. Laurent se manifestou também favoravelmente na imprensa. E acrescentou que seria melhor para a ciência provar, se fosse possível, que as vozes não provinham dos mortos...

Entrementes, entrei em contato com o Prof. Hans Bender, de Freiburg, diretor do Instituto de Pesquisas das zonas fronteiriças da Psicologia e de Higiene psíquica. É parapsicólogo, e mostrou-se realmente interessado pelos fenômenos das vozes.

Procuram-me outros parapsicólogos estrangeiros, e eu recebo as propostas mais interessantes. Mas a radiodifusão sueca ainda não chegou a uma decisão.

A televisão entra novamente em contato comigo. Os jornais repetem freqüentemente a pergunta: “Quando, afinal, ouviram as vozes dos epíritos na radiodifusora?”

Editores suecos e estrangeiros propõem-me a publicação de um livro. Decido-me por uma editora sueca, na qual anteriormente publicara artigos histórico-culturais.

O livro deveria ser publicado em janeiro de 1964. Eu o escrevo em curtos e rápidos intervalos. É uma obra bastante precipitada, com muitas incorporações e detalhes supérfluos. O que me falta é a “musa” e certo distanciamento dos acontecimentos. Durante o tempo em que escrevo o livro, não recebo mensagens, a não ser, uma vez ou outra, uma saudação de Lena.

O casal Thorlin freqüentemente passa o fim de semana conosco. Claude conseguiu fazer algumas gravações excepcionais. Ele é um bom clarinetista, tem sensibilidade musical bem desenvolvida e reage rapidamente aos mais baixos ruídos. Domina os idiomas inglês e sueco, e também compreende um pouco de alemão. O assunto o arrebatava extraordinariamente. Deixou de fumar, tornou-se vegetariano e dedica todo o seu tempo livre às gravações. Claude trabalha em silêncio. Não faz publicidade. Pretendemos deixar amadurecer bem o assunto, para então, mais tarde, no momento oportuno, nos apresentarmos juntos.

Quase todas as vozes que Claude conseguiu captar na fita magnética podem ser incontestavelmente reconhecidas. Algumas delas falam russo e ídiche. Numa das gravações, parece tratar-se da voz de Stalin, e o seu nome é mencionado várias vezes. O “velho judeu” se apresenta e diz: “Gravação histórica — podem copiá-la aos milhares!”

Noutra gravação, uma clara voz de mulher canta uma canção em três idiomas, que termina com “... agora vem o *iceberg* — este é Stalin, quando ele morrer!...”

Os Thorlin passam conosco a noite de S. Silvestre. Ligamos os gravadores de som, enquanto conversamos despreocupados. De repente, o meu filho Peter espontaneamente exclama um *Skal*, saudando o falecido Bruno.

Durante a escuta, percebemos por duas vezes a voz de Hugo. Na primeira vez ele diz bem alto: “Friedel”; na segunda, pede, depois do *Skal* de Peter: “Brinda mais alto!” em idioma sueco. O volume de som e o texto claro são os mesmos em ambos os gravadores.

O Prof. Laurent sugere que se faça um teste. Jovens estudantes da Faculdade de Tecnologia devem auscultar minhas gravações e citar o texto. Eu tenho minhas dúvidas, pois não conheço a capacidade de entendimento e concentração dos jovens, assim como ignoro se conhecem idiomas estrangeiros. Mas acabei concordando. Primeiro se verificou que os gravadores de som da Faculdade de Tecnologia eram bastante antiquados. Sua escala cronológica difere da minha. O volume de som está abaixo de qualquer crítica. Nada funciona, e os jovens começam a fazer uma porção de disparates. Isso me põe nervoso e, afinal, tive de protestar energicamente. Em verdade, todos se aquietaram na sala, porém eu desistira de prosseguir com as demonstrações. Laurent mostra-se muito constrangido, mas eu lhe proponho organizar uma nova demonstração com o auxílio do meu próprio gravador de som.

Na demonstração seguinte, o ambiente está bem mais calmo. Convidei dois amigos, o escritor sueco Sture Lönnerstrand, que levou ao conhecimento da imprensa mundial o caso Shanti Devi, e o engenheiro Ivan Tröeng, estudioso de para-

psicologia com bons conhecimentos técnicos. Assim o fiz com a intenção de ter duas testemunhas idôneas, que inspirassem confiança, pois Laurent certa vez observou que talvez se tratasse de sugestões.

O meu aparelho funciona perfeitamente, e eu encontro, sem nenhuma dificuldade, todos os pontos desejados. Os técnicos acloplaram um amplificador ao meu gravador de som, e as vozes logo se fazem escutar clara e nitidamente. A maioria das palavras é por todos entendida, só havendo divergências de opinião no tocante às estrangeiras. Entre os presentes, também não havia ninguém que conhecesse o russo, o hebraico ou o ídiche. Pouco a pouco aumenta o interesse, e os estudantes tornam-se mais expansivos, falando alto numa grande excitação. O ceticismo parece dissipar-se — as vozes existem e podem ser escutadas por todos.

Sture Lönnestrand dirige-se a Laurent e, com a maior naturalidade, pergunta em voz alta: “Prof. Laurent, o senhor ainda acredita que se trata de sugestão?” Há um silêncio penoso, e depois Laurent responde um tanto constrangido: “Não, não, acho que somente em certos casos...”

QUARENTA E CINCO

*Minha primeira conferência.
Um ilusionista profissional é persuadido.
Um editor e um redator chegam de Freiburg.
– Minha segunda entrevista à imprensa, com
preparativos e êxitos excepcionais.
A prova de fogo em Nordheim.*

OS AMIGOS me pedem que realize uma conferência. A conferência se realiza, seguida de livres debates sobre o tema. Formulam-se muitas perguntas. Um certo cavalheiro empenha-se diligentemente em me enrascar e se estabelece um interessante debate, com a entusiasmada participação do público e, afinal, o aguerrido cavalheiro desiste das perguntas.

Algumas semanas depois, recebe o telefonema de um senhor, que deseja visitar-me, com a intenção de comunicar algo muito importante sobre o fenômeno de vozes.

Ao recebê-lo, reconheço aquele perguntador mordaz. É ilusionista e chama-se Johnie Lindell. O que ele conta é bem singular. Ao assistir à conferência, levava um pequeno gravador, que ocultara entre os joelhos. O minúsculo microfone fora colocado como uma flor na lapela. Assim agira com a intenção de desmarcar um impostor. Ao chegar em casa, pôs-se a escutar o que havia gravado, e, de repente, percebeu uma voz de mulher que fazia comentários, cantados em alemão e sueco, sobre a minha conferência.

O mais interessante foi que a voz de mulher se intercalou exatamente no momento em que eu me referia à assistência de Lena.

Entre outras coisas, a voz cantava: “Escutai, escutai, contato — escutai — em Mölnbo há brilho de sol!”

Tirei uma cópia dessa gravação. Lindell parecia alegre e emocionado, reco-

nhecendo que o fato era realmente sensacional, se bem que lhe fosse um pouco embaraçoso confessá-lo.

“Eu pretendia desvendar uma fraude”, declarou ele, “mas, em vez disso, Lena antecipou-se, e o senhor está vendo...” E apontando para a janela acrescentou: “Realmente, hoje em Mölnbo brilha o sol, embora há muitas semanas venha chovendo...”

Em março, visitaram-me dois cidadãos de Freiburg — Breisgau, na Alemanha. Um deles é o Sr. Kirner, da Editora Bauer, e o outro, o Sr. Geisler, da revista *Die Andere Welt*.

O resultado da sua permanência em Nysund — fizéramos juntos algumas gravações pelo microfone e pelo rádio — foi descrito detalhadamente em dois artigos da revista *Die Andere Welt*, em março e abril de 1964. Devo confessar que tanto o Sr. Kirner quanto o Sr. Geisler são pessoas esclarecidas, objetivas e amáveis. Estou certo de que sua colaboração ativa no campo das ciências transcendentais será de suma importância para a Alemanha e outros países de fala alemã.

Após o lançamento do meu livro na Suécia, tive um curto período de descanso. Durante esse tempo, escrevi uma série de artigos sobre o “segundo desaparecimento” de Pompéia, pois suas partes escavadas vinham sofrendo uma devastadora invasão de ervas daninhas. A terça parte dessa antiga cidade já se havia transformado numa espécie de matagal, com grande prejuízo para as numerosas pinturas murais e os pisos de mosaico.

Meus artigos e fotos nos jornais despertaram o interesse público, e a televisão sueca me propôs rodar um filme de curta metragem sobre Pompéia.

No verão recebi uma visita da América. O Sr. W. G. Roll, Presidente da Sociedade de Parapsicologia da Carolina do Norte, veio procurar-me, acompanhado de sua mulher. Realizamos várias gravações num ambiente alegre e comunicativo, algumas delas muito claras e geralmente humorísticas.

Enquanto isso, o Prof. Bender entrou em contato com alguns físicos e técnicos em acústica, conseguiu organizar uma equipe de cientistas para realizar uma

experiência em Nordheim, da qual participaria também um membro do Instituto Max-Planck.

Depois da morte de Felix, não mais encontrara sua mulher, a Sra. Irmgard Kersten, de modo que a convidei, a ela e ao seu filho Arno, para passar uns dias conosco em Nysund.

Rodei inicialmente a primeira gravação de Felix, mas eles não puderam compreender o texto, desejando ouvir umas gravações mais nítidas. Então apresentei o monólogo de Hitler, que ambos compreenderam palavra por palavra.

A seguir, coloquei a fita magnética com a gravação de Stensson. Não lhes falei sobre quem iria apresentar, mas quando Felix me chamou duas vezes pelo nome, ambos se puseram de pé e exclamaram emocionados: “Esse é o papai! E o papai!”

A Sra. Irmgard Kersten mais tarde me escreveu uma carta, na qual reafirma expressamente ter reconhecido a voz do marido. Ofereceu-se também para tomar parte na próxima conferência de imprensa.

Eu já havia convidado a Sra. Falck para participar dessa conferência, que se realizou no dia 12 de junho de 1964 em Nysund. Antes, porém, fizemos alguns preparativos técnicos especiais. Um amigo nosso, o engenheiro Törnquist, instalara dois alto-falantes na sala e colocara um filtro muito sensível no meu gravador de som. Embora já tenha passado dos quarenta anos, Törnquist tem um ouvido supersensível, pois ainda percebe sons com 20.000 frequências. Apareceram cerca de quarenta jornalistas, mas desta vez havia uma grande diferença! Eu não estava mais sozinho, porquanto ao meu lado se encontrava Claude Thorlin com as suas fitas magnéticas e seu gravador de som. A Sra. Kersten, Arno Kersten e a Sra. Falck estavam entre os jornalistas e piscavam os olhos para mim. Reinava na sala uma atmosfera animada e acolhedora.

Quase todos os repórteres já conheciam o caso e haviam acompanhado atentamente o seu desenvolvimento. Dei umas explicações preliminares e passei a fazer as demonstrações das fitas magnéticas, dentre as quais escolhi aquelas que tinham sido gravadas na presença de conhecidos cientistas e pessoas idôneas.

Depois que a Sra. Kersten e a Sra. Falck fizeram espontaneamente e com profunda convicção, suas declarações, enquanto eu rodava as fitas sonoras correspondentes, parece que os últimos vestígios de dúvidas dos jornalistas se dissiparam.

Quando Claude Thorlin se levantou e iniciou a sua palestra, reinava um silêncio absoluto na sala. Com palavras simples, ele relatou como, por mero acaso, lhe foi despertada a atenção pela primeira vez para o fenômeno das vozes e como, gradativamente, foi vencendo o seu ceticismo, de modo que, com o tempo recebeu novas comunicações. Mais tarde, quando ele fez ouvir suas gravações, e nós dois, alternadamente, apresentamos certas vozes, a entrevista parecia ter chegado ao auge. Contudo, outras surpresas ainda nos estavam reservadas.

Dois jornalistas, um italiano e outro sueco, propuseram que fizéssemos uma gravação em comum. Concordei, se bem que um tanto relutante. Temia que — e o confessei abertamente — com tantos ouvintes, fosse quase impraticável um controle direto nas gravações pelo microfone. Ademais duvidava que todos se mantivessem em silêncio, e sobretudo me acometia aquele receio de que os meus amigos do Além não comparecessem prontamente. Os jornalistas se comprometeram a não perturbar a experiência e, assim, coloquei uma nova fita e deixei rodar o aparelho.

Pouco depois, ouvimos uma voz de homem dizer durante um breve intervalo: “Elna — o trabalho...”

A Sra. Falck pediu licença para falar. Emocionada e com lágrimas nos olhos, disse: “É Arne, meu falecido marido... eu me chamo Elna!”

Os jornalistas insistiram em fazer outras gravações.

Uma mulher se anunciou e avisou em alemão: “*Horcht — Kontakt!*” (Escutem — Contato!)

Iniciou-se então uma balbúrdia tão grande que eu propus ligar o rádio, para evitar perturbações acústicas resultantes do falatório.

Conseguimos depois duas gravações que, a bem dizer, foram ouvidas por

todos. Primeiro uma voz de homem idoso disse, num tom arrastado e monótono, entre outras coisas: “*Hört die Tota auf Pressekonferenz... wir kontakta Mölnbo...*” (Escutai os mortos na conferência à imprensa... nós, contato Mölnbo...) Em seguida, uma clara voz de mulher pôs-se a cantar. A princípio pensamos que se tratasse de uma transmissão comum de rádio, mas ao escutarmos mais atentamente, percebemos a seguinte frase: “*Lilla Claude, Freddie — hör pä Radio Lena!*” (Pequeno Claude, Freddie — escutam pelo rádio-Lena!) As palavras rádio e Lena estavam ligadas. Já havia escutado muitas vezes semelhantes abreviaturas “sincronizadas”, tais como: aparadio — junção de aparelho e rádio — ou Mölnbro, em vez de Mölnbo (bro = ponte). Por volta da meia-noite encerrou-se a conferência. Nos dias seguintes os jornais publicaram uma série de artigos extraordinariamente objetivos e honestos.

Algum tempo depois minha mulher e eu viajamos para a Itália. A escavada Pompéia ostentava um matagal mais denso e agressivo. Rodei ali um filme de curta metragem, e depois segui para Paestum, onde fui atacado por uma violenta febre reumática.

Ainda não estava completamente restabelecido quando me reuni à equipe que ia realizar um teste científico em Nordheim, com a participação do presidente Roll. Começamos as gravações sob condições favoráveis para os cientistas, com instalações de controles múltiplos, estereomicrofones, etc. Encontrando-se tudo ainda na fase de investigação com experimentações e como tínhamos combinado um segundo encontro em Nysund para outono de 1965, com aparelhos de construção nova, desejo apenas mencionar rapidamente o seguinte: não obstante o mal-estar que sentia e do ritmo de trabalho intenso que realizava, apresentaram-se algumas vozes que foram registradas simultaneamente por todos os gravadores de som.

Posso acrescentar ainda que depois das nossas gravações coletivas — dura prova para mim — sentia-me imensamente aliviado, dedicando-me, após sete anos, novamente à pintura.

***Para a televisão o risco é grande demais.
Alguns cientistas se esquivam.
Oito pessoas, além de mim, recebem
mensagens de morto.
Muita coisa depende do ponto de vista
pessoal do cientista.
O caso Anderson.***

NO INVERNO e na primavera de 1964-65, recebi muitas visitas interessantes, entre elas o diretor de programação da televisão sueca, Nus Baehrendtz e sua mulher. Na sua presença, consegui captar pelo microfone duas vozes claras e gravá-las na fita magnética.

O Prof. Laurent veio novamente procurar-me. Nessa ocasião, convidara também o casal Thorlin e deixara à mão algumas gravações muito nítidas, conseguidas pelo redator Sting Söderling. Mais adiante darei maiores detalhes sobre o assunto. Além disso, o engenheiro Törnquist chegou com seus alto-falantes e aparelhos de filtragem. E assim pudemos começar tranqüilamente nossa série de experiências.

No primeiro dia, ouviu-se apenas a voz de Lena, que declarou resolutamente: *“Heute wird nix”*. (Hoje não tem nada!) E ficou nisso, apesar de todos os nossos esforços.

No dia seguinte, que era um domingo, tivemos mais sorte. Não apenas captamos numerosas vozes, nítidas pelo microfone, mas também algumas se fizeram ouvir através do rádio. O mesmo cantor, que há um ano cantara: *“Farbror Churchill Tackar Ove!”* entoava dessa vez um breve: *“Die Wellen eindämmen!”* (Reprimir as ondas!) Laurent teve a impressão de que as gravações estavam, de algum modo, relacionadas com a lua, e mais tarde declarou na imprensa que pretendia instalar uma antena dirigível em Nysund.

Quanto à televisão, nada fora resolvido, já que os seus dirigentes revelavam uma incompreensível indecisão, ou melhor, uma deplorável timidez. Apesar da publicidade em torno do caso e de todas as declarações positivas de técnicos e cientistas, na realidade não se tomaram quaisquer providências a fim de investigar tecnicamente o fenômeno. Para reduzir ao máximo o custeio das pesquisas minha mulher e eu oferecemos nossa cabana na floresta, que se compunha de quatro compartimentos, cozinha e banheiro, como sede das experiências. Dentro das nossas condições, era tudo que podíamos fazer. No entanto, nada aconteceu.

Ao divulgar-se a notícia de que cientistas alemães estavam estudando com grande interesse o fenômeno e já começavam a obter êxito nas suas experiências, com o auxílio de amplificadores de som e filtragem — o que significava que tinham encontrado um método capaz de estabilizar sensivelmente a construção da ponte de comunicação com o Além — a radiofonia sueca pareceu manifestar um novo interesse. Até que enfim apareceram homens dispostos a tirar as castanhas do fogo. Doravante, na Suécia, só nos restava ficar quietinhos, bem comportados, e esperar que o assunto fosse divulgado na Alemanha, depois do que seguiríamos, tranqüilos e seguros, a trilha dos audaciosos alemães.

Na última entrevista à radiodifusora sueca, declarei que agora só nos cabia aguardar os acontecimentos, pois, de acordo com o meu ponto de vista, o privilégio da *avant première* deveria ser concedido à televisão alemã, uma vez que os cientistas daquele país enfrentaram o problema de modo franco, positivo e com a maior dedicação.

Antes de eu viajar para a Itália, várias pessoas já realizavam experiências com gravações de fitas magnéticas segundo o meu sistema, dentre as quais as seguintes:

1. Claude Thorlin, Elkistuna
2. O redator Urban Strensstrom e senhora, *Svenska Dagbladet*
3. O redator Stig Söderling, *Elkilstuna Kuriren*
4. O redator Evert Hallin, *Elkilstuna Kuriren*
5. O redator Anders Elmquist, *Aftonbladet*
6. Ture Feldin, Sundswall
7. Berndt Andersson, Köping

8. O engenheiro N., Estocolmo
9. O Dr. K. Raudive, Bad Krozingen/Baden.

Copiei e examinei a maioria dessas gravações e em todas elas foram comprovados incontestavelmente os mesmos fenômenos de vozes. Em todas também se observava o idioma poliglótico, sendo que nas gravações de Feldin e Andersson as vozes falavam principalmente em sueco, talvez porque ambos só entendessem esse idioma. A Feldin apresentam-se freqüentemente os seus falecidos pais, que lhe trazem notícias particulares em dialeto tipicamente nórdico. Consegui também fazer uma gravação de rádio, transmitida em dois idiomas, com excelente qualidade de som. Em todas as gravações escuta-se aquele som ruidoso característico, o rumor da ligação e o eco específico. Numa delas, uma voz de homem chama, ou melhor, grita, com um timbre metálico que parece perder-se numa abóbada gigantesca: “*Achtung! — Ture!* (nome próprio de Feldin) *er hört pa radio!*” (Atenção! Ture! ele escuta através do rádio!)

O redator Söderling realizou uma das mais convincentes gravações pelo microfone. Como sua mulher tivesse viajado, ele convidara dois amigos para um bate-papo em sua casa. Conversavam animadamente e, a certa altura, Söderling disse aos seus amigos: “As vozes não falam somente sueco, mas se apresentam até em aramaico...”

Nisto, ele foi interrompido por uma voz de mulher, que exclamou bem alto em sueco: “*Det kan vara vilket ord som helst!* (Isto pode ser qualquer uma palavra!)”

Dois dias antes de minha viagem, encontrei-me com um engenheiro alemão, que trabalha numa firma sueca como diretor técnico e especialista em acústica, que negocia com aparelhos de televisão e gravadores de som alemães. O engenheiro N. percebeu na fita magnética uma clara voz de homem, num intervalo que se seguiu a um solo de piano. Falando em alemão, disse a voz rapidamente: “*Hier bin ich.*” (Aqui estou eu.)

Posteriormente, ele procedeu a uma análise meticulosa da fita magnética, verificando que se assemelhava às produzidas pelos físicos alemães. Afinal chegou à conclusão de que as vozes não se serviam unicamente do microfone como canal

de entrada, mas que outras peças sensíveis do gravador de som também podiam ser utilizadas como receptor. Uma circunstância interessante consistia em que nestas gravações todas as trilhas existentes na fita magnética eram irradiadas ao mesmo tempo, e nas trilhas restantes, que em geral são inacessíveis às gravações, ouvia-se um ruído esquisito.

No que diz respeito ao Dr. Konstantin Raudive, de Bad Krozingen, Alemanha, devo destacar de modo especial o seu trabalho de pesquisa. Ele me visitou em 1965 pela primeira vez em Nysund, onde fizemos gravações com ótimos resultados, gravações essas dirigidas exclusivamente ao Dr. Raudive. Depois do seu regresso à Alemanha, o Dr. Raudive dedicou-se a intensivas pesquisas sobre as vozes e, para esse fim, instalou um pequeno mas engenhoso laboratório. Sua principal preocupação era chegar ao fundo da questão por meios e métodos puramente científicos. Com o correr dos anos, conseguiu atrair para Bad Krozingen numerosos cientistas e especialistas ilustres, que assistiram às gravações e admitiram a existência do fenômeno. Hoje não é mais possível negar ou ignorar o fenômeno das vozes, do ponto de vista científico, sobretudo se nos basearmos nos trabalhos do Dr. Raudive.

O resultado de suas pesquisas de longos anos, ele o reuniu num livro, que já se encontra traduzido em português. Pode-se considerar essa obra um alicerce científico e um complemento deste livro.

Nesta altura, devo prestar alguns esclarecimentos. Sendo os fenômenos das vozes os primeiros a serem pesquisados por meios fisiotécnicos na história da humanidade, apresentam ainda um aspecto totalmente desconhecido. Tudo que se oculta por trás desse fenômeno ultrapassa a nossa percepção psíquica, quer se trate de um técnico em acústica, de um físico, psicólogo, psiquiatra, parapsicólogo ou de um médico. Se pretendermos continuar a investigar esses fenômenos em grupos de pesquisa científica, testes ou outras experiências técnicas, nossa tarefa consiste unicamente em especificar as ocorrências de modo objetivo. Não devemos esquecer que, neste campo de pesquisa, temos de tatear no escuro. Na realidade, não apenas tentamos evitar as ilusões, os truques e as fraudes, mas também descobrir a origem da força do fenômeno, filtrando e aumentando certas vozes fracas e reduzindo as perturbações.

Para compreender objetivamente esse fato inédito, jamais ocorrido antes, o

pesquisador tem de revelar antes de tudo um espírito esclarecido e a necessária maturidade. Seu êxito não depende somente da organização técnica, mas especialmente da total libertação de quaisquer ideologias e princípios doutrinários, assim como da coragem para tornar pública esta nova causa. O intelectualismo muitas vezes pode constituir uma barreira, principalmente quando se trata de hipóteses teóricas ou especulações doutrinárias.

Passo a apresentar um pequeno exemplo. Na minha primeira conferência de imprensa, um técnico da radiofonia sueca me perguntou por que não comuniquei à radiodifusão as perturbações da rede.

— Que perturbações? — indaguei admirado.

— As suas vozes, naturalmente — respondeu ele, acrescentado: — Elas poderiam ser causadas pelas perturbações da rede.

Assim, cada um procura amoldar o assunto à sua bitola, porque ao homem é difícil ultrapassar os limites de sua especialidade.

Desde 1964 me foi possível receber gravações através de gravadores portáteis, tanto ao ar livre como em ambiente fechado. Esses aparelhos de bateria excluem, de antemão, toda e qualquer “perturbação da rede” imaginável e mostram, inequivocamente, que as vozes afluem diretamente do éter. Certa vez eu recebi, de manhã bem cedo, nos tranquilos jardins de Pompéia, saudações de Lena, e numa época em que era proibida a visita à cidade antiga.

Antes de relatar outras ocorrências, quero falar rapidamente sobre o caso Berndt Anderson, que na sua simplicidade representa um exemplo a ser observado em inúmeros casos semelhantes.

Anderson perdeu a mulher em 1963, em conseqüência de uma enfermidade renal, naquela época ainda considerada incurável. Desta forma, desfez-se brutalmente um casamento feliz, e a existência para ele perdeu todo o sentido. Não podia de modo algum compreender como uma criatura tão moça e bondosa viesse a morrer sob o suplício de tão horríveis padecimentos. Tudo isto parecia cruel e injusto.

Suas três filhas também sofreram enormemente com essa perda. Não apenas haviam perdido uma mãe extremosa, mas tinham de presenciar, angustiadas e impotentes, o profundo desgosto do pai.

Um dia Anderson leu algo sobre “as vozes de espíritos de Mölnbo”. Uma centelha de esperança ressurgiu.

Certa noite, sua mulher lhe apareceu. Ele estava num estado intermediário entre o sono e a vigília, e tinha consciência disso, mas viu sua mulher e ouviu-lhe a voz.

“Eu vivo... Eu vivo!”, sussurrou ela, e depois se desvaneceu.

Teria sido isso uma realidade ou ilusão? Anderson comprou o meu livro e depois de o haver lido resolveu procurar-me.

Assim que Anderson chegou a Nysund, logo na primeira gravação ocorreu o seguinte: Eu acabava de dar as boas-vindas aos meus amigos invisíveis, quando uma suave voz de mulher exclamou: “Isto nós sabemos.” Pouco depois a mesma voz sussurrou: “Eivor...”

“É minha mulher!”, disse Anderson emocionado. “Reconheci imediatamente a sua voz — ela se chamava Eivor...”

Na semana seguinte Anderson tornou a visitar-me. Veio com suas duas filhas Mariann e Rigmor, que também reconheceram logo a voz de sua mãe.

Hoje a esperança retornou ao lar de Anderson. As mensagens dirigidas a Anderson não foram exclusivamente pessoais. Eu também obtive, através de suas gravações, algumas informações, mas, antes de tudo, consegui um colaborador de confiança, cuja vida passou a ter uma nova significação.

É evidente que, mesmo com a maior boa vontade, só uma vez ou outra — como foi o caso de Anderson — poderei servir de intermediário. No mais, pouco me restaria a fazer, não somente por uma questão de tempo, mas também porque está além das minhas possibilidades servir de mediador nos contatos, a não ser em circunstâncias especiais.

*Esperanças para todos os enlutados e solitários.
O que não se deveria esperar.
Como se pode entender a linguagem dos mortos.
Alguns conselhos técnicos.
Cuidado com a imaginação e as ilusões!
O início de uma nova época para a humanidade.*

EM VERDADE, todo aquele que procura comunicar-se com os mortos movido pelo amor, pela saudade ou preocupação com o destino dos seus entes queridos, todo aquele que deseja realmente, com sinceridade e grande paciência, participar na construção da ponte entre o aqui e o Além, poderá transpor as barreiras do mundo invisível.

Isto não significa que se poderá estabelecer, de um momento para outro, uma ligação com um morto de quem se deseje ter notícias. No Além, nem todos são acessíveis imediatamente pois nem todos estão despertos e conscientes da mudança ocorrida no momento da morte. Não se necessita apenas de infinita paciência, mas também não se deve desanimar com os primeiros insucessos.

Há igualmente a possibilidade de que, na tentativa de entrar em contato com determinados mortos, se manifestem repentinamente outras pessoas, parentes ou amigos. De qualquer modo, este será um bom começo e daí por diante deve-se prosseguir pacientemente.

Grande parte do êxito depende de nós mesmos, sendo também importante a maneira de estabelecer contato. Justamente nesse ponto nossa atuação pode ser obstrutiva ou favorável. O mais aconselhável é manter a naturalidade, evitar atitudes patéticas, importantes e solenes. É preferível ser simplesmente alegre do que assumir uma pose cerimoniosa e forçada. Jamais devemos esquecer que os mortos são humanos como nós. A palavra “fantasma” de modo algum deveria ser por nós empregada, pois se acha associada a uma cadeia infundável de idéias errôneas. Quem for capaz de conhecer todas essas distorções, terá mais facilidade em se a-

proximar da zona de consciência dos mortos.

Quantas vezes já captei nas minhas fitas magnéticas, nas mais diversas modalidades, a enfática afirmação existencial dos chamados mortos, que clamavam, recitavam e cantavam: “*Wir leben! Wir leben! Wir Tote — wir leben!* (Nós vivemos! Nós vivemos! Nós, mortos — vivemos!), ou então: “*Friedel! Die Toten leben, weil sie eben keine Toten sind!*” (Frederico! Os mortos vivem, mesmo porque eles não estão mortos!), ou ainda: “*Wir sind MENSCHEN! Die Toten sind Menschen!...* (Nós somos seres humanos! Os mortos são seres humanos!...)

Jamais esquecerei a ocasião em que me foi transmitida, através do coral da *Traviata* de Verdi, uns versos encantadores, que me emocionaram profundamente e me proporcionaram imensa alegria. Por essas estrofes, apresentadas em tom humorístico, mas que revelavam uma recôndita seriedade, percebi mais uma vez a extensão do abismo que, como seres vivos, erguemos entre nós e os mortos.

O poema terminava assim: “*Man kann nicht bei Friedrich gespenstisch sein, man fühlt sich bei Friedel als Mensch...*” (Não se pode ser fantasmagórico junto ao Friedel; a gente se sente junto ao Friedel como ser humano...)

Convém lembrar que não se deve esperar dos mortos prédicas confortadoras. Já bastam as sonoras pregações que vimos fazendo durante séculos sobre o amor, a fraternidade, a liberdade, a igualdade, a justiça e a humanidade e que nos fizeram perder a capacidade de ouvir e ver a realidade e a verdade. Não importa saber se nós mesmos é que fracassamos em nossos sistemas religioso-filosóficos. O fato é que construímos um mundo de misérias e conflitos, no qual duas grandes potências criam um clima de nervosismo com a ameaça da bomba de hidrogênio.

Portanto, não esperamos dos mortos tratados político-morais ou ético-filosóficos. Todos esses espalhafatos intelectuais perdem sua significação no Além e teremos de abandoná-los, queiramos ou não, juntamente com o nosso livro de cheques, sobre o leito mortuário.

Se pretendermos entender a linguagem simples dos mortos, teremos de nos libertar da tirania do intelecto, pois onde domina a arrogância e a frieza do espírito se entorpecem os sentimentos do coração.

A linguagem dos mortos é uma linguagem figurada e sem disfarces do subconsciente. Livre de quaisquer compromissos, quer decorrentes de falsas amabilidades, elucubrações estilísticas ou escrúpulos morais, a linguagem dos mortos transmite diretamente a verdade da alma. Da mesma forma, eles falam como crianças que ainda não foram corrompidas pelo espírito de dissimulação. Nós próprios deveríamos retomar à infância, não de modo pueril, mas como seres humanos que conseguiram, finalmente, libertar-se do pesado fardo do passado, porque sem uma completa transformação mental jamais poderemos compreender o Novo.

Já me perguntaram muitas vezes qual a melhor maneira de entrar em comunicação com os mortos. Como já disse antes, isto depende exclusivamente de nossas motivações, assim como de nossa paciência e perseverança. Tratando-se de uma questão muito sutil, também aqui não se podem fornecer fórmulas nem receitas, conquanto esteja sempre disposto a partilhar prazerosamente do resultado de minhas experiências de sete anos.

Inicialmente, devo dar alguns conselhos técnicos: um sólido gravador de som, não muito pequeno — duas trilhas são suficientes — tem a vantagem de não se desgastar rapidamente, mesmo com freqüentes mudanças de ligação. Convém usar a velocidade maior (19 cm/seg. - 7 ¼ i.p.s.), pois assim não apenas se obtém melhor qualidade de som, mas também é possível escutar e controlar a gravação com velocidade reduzida, para um maior entendimento.

A presença de muitas pessoas, geralmente, é perturbadora. Coloca-se o microfone a uns dois ou três metros de distância, e liga-se o volume de som normal. Deve-se permanecer completamente descontraído, conversando em tom normal e fazendo de vez em quando alguns intervalos. É aconselhável iniciar as gravações citando a data, a hora e os nomes das pessoas presentes. Não deixar rodar a fita mais de quatro minutos de cada vez, porque o auscultamento de gravações mais prolongadas ocupa muito tempo.

Antes de entrar em pormenores mais importantes, devo fazer uma advertência: quanto mais positivos e atentos conseguirmos ser, menores serão as probabilidades de sermos conduzidos a erros e equívocos motivados por nossa imaginação, pois não existe maior inimigo do que o nosso próprio pensamento animado pelo

desejo! Gostamos sempre de escutar aquilo que ardentemente desejamos. Recebi numerosas fitas magnéticas para controle que, conforme fui informado, deveriam conter “vozes de espíritos” e que, na realidade, não apresentavam o mínimo vestígio desses fenômenos transcendentais.

Em gravações baixas, é preferível escutar cinquenta vezes do que fazer conclusões precipitadas com base em associações de sílabas, que mais tarde, ao serem corretamente interpretadas, revelarão o equívoco.

O auscultamento é uma arte difícil, que tem de ser aprendida paulatinamente. Não se aplica apenas às fitas magnéticas, mas deve ser exercitada a cada dia e a cada hora. Na nossa época de extrema agitação, quem será capaz de concentrar-se pacientemente para escutar, de modo atento e equilibrado, todos aqueles que nos dirigem a palavra? Na realidade, não estamos constantemente preocupados em perseguir os nossos próprios pensamentos?

A arte de escutar requer quatro condições: relaxamento, atenção, silêncio mental e tranqüilidade interior.

Nossa civilização raramente nos dá oportunidade para o recolhimento e a reflexão. Ao contrário, com o seu progresso técnico e os múltiplos meios de comunicação, arrebatou ao ouvido humano sua natural sensibilidade. Isto não se refere apenas aos centros urbanos, pois atualmente no campo há pouca diferença. Todos esses ruídos, quer sejam produzidos por aviões a jato, automóveis, motocicletas, rádios, tratores, serras mecânicas ou pelo trânsito, exercem um efeito maléfico e embotador sobre os nervos e o poder receptivo do nosso cérebro. Desse modo, não apenas o tímpano e o nervo auditivo vão-se insensibilizando, mas o cérebro perde a capacidade de captar as sutilezas do som e os ruídos mais delicados. Quando se pensa que, nos dias atuais, os dentistas podem tornar os seus clientes insensíveis à dor por meio de ruídos e música, em vez de injeções de anestesia, então se pode compreender os efeitos devastadores causados ao ouvido humano pelo ruído constante.

Se quisermos obter bons resultados na escuta das fitas magnéticas, devemos sobrecarregar o mínimo possível os nossos ouvidos com a música tumultuosa do rádio e da televisão. Procuremos a tranqüilidade, se possível na natureza, escutando as vozes dos pássaros, dos ventos e das ondas, e até do próprio silêncio, pois tudo

isso é sumamente benéfico.

Sob condições favoráveis, geralmente as vozes afluem logo, no início da gravação, proferindo às vezes uma frase curta, um nome, uma saudação ou uma exclamação. Não se deve esperar muito no princípio. Há dias em que não se consegue gravar nenhuma voz, mas nem por isso devemos ficar impacientes, pois as gravações terão de ser feitas naturalmente.

Lembro-me de que, certa vez, depois da visita de dois cientistas, a voz de Kersten ressoou de repente na fita magnética e exclamou categoricamente em sueco estropiado: “Nós queremos vir sem coação!”

A espontaneidade é um fator decisivo. Nesse ponto de encontro de duas dimensões, onde nos defrontamos com fenômenos desconhecidos, não pode haver absolutamente nenhuma compulsão. Grandes preparativos e expectativas conduzem a precários resultados.

Se para as gravações das fitas magnéticas é de grande e até quase decisiva importância uma atitude tranquila e despreocupada, então, durante a escuta da gravação, é imprescindível uma equilibrada objetividade. Mas, antes de tudo, é indispensável a vigilância mental e boas condições físicas.

Os mortos podem ler os nossos pensamentos, e este é um fato simples de que nos convencemos em pouco tempo. Contudo, isto nada tem de desagradável, que nos possa constranger ou embaraçar, se nos comportarmos com naturalidade. Ao contrário, a certeza de nossa autenticidade, que não irá ser criticada por olhos que nos observam, dá-nos uma sensação libertadora que nos deixa inteiramente à vontade. Conquanto os mortos conheçam nossas fraquezas, mas, por delicadeza e compreensão não as critiquem, isto não significa de modo algum que eles as apoiem e muito menos que se deixem induzir, por meio de astúcias e sofismas, à prática de ações que não estejam em harmonia com os seus objetivos.

No tocante às comunicações pelo rádio, seria prematuro dar quaisquer indicações enquanto não se encontrar o meio de comunicação através do microfone. Além disso, não se pode realizar uma comunicação através do rádio, sem o auxílio de um assistente do Além. No entanto, estou certo de que todo aquele que deseje

sinceramente dedicar-se à construção da ponte, poderá contar com a presença do assistente invisível.

Em conclusão, cumpre ressaltar que ainda vivemos no plano terreno e, portanto, jamais deveríamos esquecer que, por meio dessa ponte, estamos aptos, pela primeira vez, a decifrar gradativamente o problema da morte de maneira física e objetiva. Todas as expressões que exaltam o pioneirismo, a singularidade e a universalidade não são suficientes para assinalar a importância desse acontecimento no nosso tempo. Sabemos que um homem não pode realizar-se se não estiver em relação com o seu meio ambiente. No isolamento ele é apenas um nada estéril, sem possibilidade de desenvolvimento e progresso. Mas como não é possível separar a vida da morte, já que representam uma unidade, e como há milênios erguemos uma muralha entre nós e os mortos, o nosso desenvolvimento só pode realizar-se de modo unilateral. Obstinadamente, levamos a existência a pular numa perna só, criando, assim, um mundo de estropiados intelectuais. Hoje a ponte para o Além se tornou uma realidade, que se baseia sobretudo na devoção dos mortos, pois só pela iniciativa oriunda de um plano de existência superior se podia estabelecer essa comunicação. Cem anos atrás, isto não seria possível, em virtude do atraso tecnológico.

Minha participação nessa obra teve apenas um caráter preparatório, se bem que me sinta antecipadamente recompensado, pois nenhum trabalho me proporcionou tanta alegria, surpresa e perplexidade como esse maravilhoso quebra-cabeça.

Devo repetir que o problema da morte oculta a chave da existência. Ao solucioná-lo, desaparece não somente o medo angustiante da morte em si mesma, mas também se dissipa ao mesmo tempo a interminável corrente de sofrimento a ela ligada.

Mas temos de modificar fundamentalmente a nossa mente, abolindo, pouco a pouco, nossos habituais pensamentos e emoções. O processo é lento, entremeado de obstáculos, porém, finalmente, o túmulo perderá sua característica macabra. Então ninguém desejará mais cobrir-se de luto para visitar os mortos no cemitério, pois poderá ouvir em casa as suas vozes vivas.

Comecei a escrever este livro há sete anos, na Suécia, numa calma e aprazível manhã de outubro. Naquela época, encontrava-me na minha tranqüila cabana

do bosque, de onde avistava a colina verdejando na paisagem colorida. Hoje o termino em Pompéia, numa fresca manhã de outubro, cheia de sol, sob um céu sem nuvens e ao sopro de uma brisa suave. Algumas horas antes, houve uma forte tempestade em Campania, com aguaceiro, ventania e trovoada. Mas agora tudo renasce com renovado vigor, e exala uma deliciosa fragrância de ozônio, alecrim e terra úmida.

As uvas começam a amadurecer na pérgula. Pendem em pesados racimos negro-azulados sobre a minha cabeça e balançam levemente ao vento.

Os muros limpos de Pompéia ostentam um novo brilho. Não existe mais poeira, e as pedras da calçada da Via del Abbondanza estão pontilhadas de poças d'água.

Do parapeito do meu terraço, avisto grupos de turistas que passam, mas suas vozes não chegam até a mim. Aqui no alto ainda reina a paz campestre, e sinto imenso pesar de ter em breve de me afastar deste tranquilo recanto.

Lá embaixo, dormita a parte da cidade de Pompéia ainda não escavada. Estranho! Justamente aqui eu deveria, há sete anos, participar da escavação de uma casa, a “Avedere”. Em vez disso, entrei nas escuras profundezas de uma gruta desconhecida de natureza psico-espiritual.

Mas hoje, que a “ponte” já está bastante fortificada, voltei ao mesmo ponto de partida. Acaso? Destino? Carma? Quão pouco sabemos nós dos secretos desígnios do destino.

No entanto, uma coisa é certa: o segredo da vida e da morte jaz oculto na profundidade de nossa consciência, cuja escuridão não poderemos dissipar sem introspecção e autoconhecimento.

Palavra Final

ESFORCEI-ME para evitar certas idéias gerais como Deus, amor, espiritualidade, bem e mal. Por dolorosa experiência, sei que palavras dessa natureza conduzem freqüentemente a equívocos, transformando-se em enormes obstáculos.

Basta nos aprofundarmos, por exemplo, na noção de espírito e espiritualidade. Em geral concebemos o espírito como uma espécie de antagonismo da materialidade, assim como opomos a energia à matéria e a luz à escuridão. Entretanto, hoje sabemos que, na essência, a energia e a matéria são iguais e que a energia pode transformar-se em matéria e a matéria em energia. Em outras palavras, engendramos a noção de espírito em oposição à matéria, sem termos, todavia, com isso descoberto os limites entre um e outra.

Assim, por exemplo, uma flor, no sentido biológico, compõe-se principalmente de água e, em resumo, representa um processo físico reacionário. Por mais prosaico que possa parecer, isto é absolutamente exato e não pode ser contestado. Mas a flor representa ao mesmo tempo beleza e graça, que se manifesta por meio da cor, da forma e do perfume. A objeção puramente materialista de que a flor é composta de água, nada muda no caso. O simples fato de que a água, combinada com outros elementos, pode contribuir para a formação de uma flor aumenta ainda mais o prodígio de uma florescência, pois o que realmente importa é a obra de arte em si mesma.

Onde estão aqui situados os limites? O que é a beleza, o perfume, o Espírito?

Indubitavelmente, penetramos de modo unilateral na denominada zona da matéria densa. Isto se refere sobretudo a nós mesmos e ao nosso próximo, a quem julgamos e tratamos de acordo com a sua conta bancária, seu título, posição social e raça.

O mesmo escalão de valores é aplicado ao “plano espiritual” por nós imaginado, valendo tanto para o aluno como para o mestre, tanto na zona astral ligada à Terra como no remoto Nirvana.

Mas tudo não passa de palavras ocas, e prevalece apenas enquanto não ti-

vermos experimentado na carne, no sangue e em toda a densidade da matéria a verdadeira natureza do ser. Aí então compreenderemos que todas as linhas divisórias são limitações do consciente egoísta, porque a essência espiritual não admite negação nem separação entre o Espírito e o Ser.

Para finalizar, voltarei mais uma vez à parte técnica, a fim de responder a uma pergunta, freqüentemente formulada, sobre a conveniência de usar os fones auriculares durante a escuta das gravações nas fitas magnéticas, ou se conviria utilizar o alto-falante instalado no próprio gravador de som. Em princípio, isto depende do volume de som, de sua sonoridade e nitidez. Um fone auricular nem sempre transmite todas as freqüências existentes; superdimensiona certos sons, mas, ao mesmo tempo, pode baixar sons sibilantes especiais. Por outro lado, o alto-falante facilita, de modo mais “genérico”, a percepção do conteúdo de uma gravação. Sem qualquer dúvida, em ambos os casos, a capacidade auditiva individual representa um fator decisivo. Na verdade, seria aconselhável usar as duas modalidades, iniciando com o alto-falante e, nos casos difíceis, utilizando os fones auriculares para controle.

Aditamento

O CASO RIGMOR ANDERSON

UM ANO SE PASSOU desde a conclusão deste livro em Pompéia. Retornei à minha querida Campana, desta vez com a intenção de participar da escavação de uma casa em Pompéia, depois de obter os meios e a autorização dos serviços públicos competentes para esse fim. Vinha filmar um documentário para a televisão sueca, mostrando detalhadamente todas as fases da escavação. Do alto do meu terraço, pode-se avistar a casa, cuja fachada já foi desenterrada.

Quando, em junho de 1967, o plano de escavação começava a concretizar-se, ocorreu na Suécia um trágico acontecimento, que me forçou a ocupar-me novamente, durante longo tempo, com a gravação das fitas magnéticas.

Para que o leitor possa ter uma visão mais ampla do caso, devo reportar-me ao Capítulo 46. Naquela época, eu escrevera entre outras coisas: “Hoje reina novamente a esperança no lar dos Anderson.” Mencionei também que suas duas filhas, Mariann e Rigmor, visitavam-nos frequentemente no verão de 1965. A mais moça, Rigmor, que tinha dezesseis anos e era uma jovem meiga e muito bonita, apesar de sua juventude, parecia haver compreendido bem a importância dos contatos nas fitas magnéticas. Foi ela que animou o pai a fazer novas gravações, e como era dotada de um ouvido muito sensível e podendo concentrar-se facilmente, os dois realizaram um trabalho conjunto coroado de êxito. Eu havia copiado e examinado a maioria das gravações das fitas magnéticas de Berndt. Não havia a menor dúvida de que as vozes gravadas por Berndt — que, aliás, se serviam da mesma linguagem poliglótica — eram procedentes dos mortos. Mas a voz de sua falecida esposa, Eivor Anderson, não se manifestava em nenhuma fita magnética, o que me parecia estranho e incompreensível, pois sempre fora uma esposa e mãe extremosa, não se justificando, portanto, que se esquivasse terminantemente a estabelecer um contato com sua família. Rigmor era muito parecida com a mãe, tanto no aspecto físico como no temperamento. Tinha a mesma índole suave, gentil e paciente, e era natural que o pai sentisse uma profunda inclinação pela caçula. Minha irmã, Elly, que mantinha relações de amizade com a família Anderson, comunicou-me, certo dia,

que Rigmor ficara noiva. Passou-se meio ano, e eu não tivera mais notícias dos Anderson.

Em princípios de junho, justamente durante a visita de amigos de Nápoles, minha irmã me telefonou de Köpingen. Muito nervosa, contou que Rigmor estava desaparecida há quatro dias. Temia-se um crime sexual, pois recentemente duas mulheres tinham sido assassinadas sem que se descobrisse o criminoso. A polícia divulgara a notícia pelo rádio, e fazia investigações nas cercanias de Köpingen, auxiliada por destacamentos militares. Estas foram as informações de Elly.

Como essa trágica ocorrência foi amplamente divulgada pela imprensa sueca, basta acrescentar que, só onze dias depois, encontraram Rigmor estrangulada num matagal. Como ficou provado mais tarde, fora assassinada pelo noivo, depois de haver rompido com ele. Assim noticiavam os jornais.

Tudo isto parecia um horrível pesadelo. No íntimo, desejava que a pobre garota não tivesse sofrido muito, mas, em todo o caso, para ela o pior já devia ter passado. Quanto ao seu pai, receava que não pudesse recuperar-se do golpe sofrido. A princípio, antes do esclarecimento do crime, os jornais publicaram várias notícias sobre o desaparecimento de Rigmor, alimentando ainda a esperança de encontrá-la com vida. Segundo soube mais tarde por Berndt, tudo para ele se tornara claro desde o primeiro dia, assunto a que voltarei mais adiante.

Após o telefonema de minha irmã, adiei o projeto de Pompéia e resolvi dedicar toda a atenção ao caso de Rigmor. Nos primeiros dias, não entrei logo em contato com os meus amigos invisíveis. Estava um tanto indeciso e conjeturava que, se Rigmor tivesse sido assassinada, competiria à polícia descobrir o criminoso. Quanto ao meu trabalho de contatos através das fitas magnéticas, cumpria-me apenas a estabilização da ponte de ligação, mas, de forma alguma, a organização de um escritório de informações criminais. Se Rigmor teve uma morte violenta, só com o tempo poderia refazer-se do choque sofrido. Sabia também, por experiência, que até as pessoas que têm morte natural encontram, logo após a passagem, dificuldade de orientação e às vezes caem num estado de grande perturbação.

Cabia-me, portanto, examinar tudo de modo objetivo. No tocante à voz de Rigmor, ela revelava um timbre claro e se expressava quase sempre num dialeto de

Västmanländischen. Pessoalmente, tinha certeza de reconhecer a sua voz. No entanto, para evitar quaisquer equívocos ou sugestões inconscientes, resolvi copiar todas as gravações que realizamos juntos durante suas visitas naquela época. E o fiz em ordem cronológica, esforçando-me para dar realce à sua voz. Com isto, obtive um claro material comparativo, um ponto de partida firme, no qual eu podia confiar.

No dia 10 de junho de 1966, comecei, um tanto hesitante, a estabelecer o contato na fita magnética, com a esperança de que a minha assistente Lena me desse alguns prognósticos. Devo assinalar aqui que, nessa data, ainda não sabia se Rigmor tinha morrido ou se abandonara o lar por algum motivo particular.

Primeiro tentei entrar em contato com minha assistente Lena através do microfone, formulando uma pergunta pelo microfone e utilizando, como sempre, a velocidade 7 ½ i.p.s. (19 cm/seg.). Depois da gravação, passei para a velocidade 3 ¾ i.p.s. (9,5 cm/seg.) e aguardei a reação de Lena. Sabia, por experiência, que Lena costumava falar num tom sussurrante, dando suas respostas ora aos borbotões, ora lentamente. Era evidente que, nessas ocasiões, Lena se servia de certas vibrações de minha voz e de outros ruídos. Fazia-o de modo magistral, contando antecipadamente com certa dilatação do tempo, ocorrida durante a passagem para a velocidade mais reduzida de 3 ¾.

Ao formular pela primeira vez a pergunta sobre o destino de Rigmor, preparava-me, como de costume, para escutar o sussurro de Lena, o que quer dizer que me concentrava em certa frequência sibilizante, não dando aos outros sons perceptíveis nenhuma atenção. Com grande surpresa, não recebi qualquer resposta direta, a não ser uma frase sussurrada logo no início: *Heute abend durch das Radio...* (Hoje à noite pelo rádio...)

Um pouco desiludido, resolvi então realizar à noite o contato pelo rádio. Encontrava-me num estado de grande tensão, O caso ainda não fora esclarecido, e a possibilidade de que a pobre garota ainda estivesse com vida não era de desprezar. Justamente essa torturante incerteza é que dificultava um sereno auscultamento. Isto já acontecera em certa ocasião, quando me passou despercebida uma resposta dada com toda a clareza. Só depois de meio ano me dei conta dessa parte importante que antes não percebera. O caso ocorreu em Ponlpéia do seguinte modo: como as minhas escavações se houvessem atrasado consideravelmente, por motivos técni-

cos, resolvi, nas horas vagas, examinar minuciosamente as gravações referentes a Rigmor. Foi exatamente na época em que uma enchente devastadora assolou Florença e a Itália do Norte, e violentas tempestades desabaram no Sul da Itália. Eu pedira emprestado um gravador de som maior e nos momentos em que cessavam os trovões e relâmpagos, examinava as minhas gravações de julho de 1966.

Ao submeter uma fita mais antiga a um novo controle, procuro fazê-lo de maneira imparcial. Escuto a fita magnética, polegada por polegada, como se nunca a tivesse ouvido antes. Este, aliás, é um bom sistema, pois é impossível recordar todos os detalhes.

Eu havia gravado o caso Rigmor numa fita magnética longa (540 m) e de ambos os lados. Mas verifiquei que a escala cronométrica da fita magnética que eu pedira emprestado em Pompéia não condizia com a contagem cronológica por mim anotada, o que me parecia uma circunstância favorável, pois, praticamente, me obrigava a começar tudo de novo.

Mas eu dispunha de muito tempo e, além disso, encontrava-me num estado de espírito harmonioso.

Como já mencionei, fez-se ouvir logo no início o sussurro de Lena: “Hoje à noite pelo rádio...” Antes, porém, que concluísse a pergunta dirigida a Lena — eis aqui o ponto importante — ressoou uma voz de homem, muito nítida, que disse num tom rápido e firme: “*Rigmor tot!*” (Rigmor morta!) A voz, que lembrava a de Felix Kersten, falava em vez de sussurrar.

Só em casos muito raros as vozes gravadas com a velocidade normal, depois da mudança para a velocidade reduzida de $3 \frac{3}{4}$ i.p.s., eram tão claramente compreensíveis. Tratava-se de um fenômeno extremamente estranho, pois, levando-se em consideração que a gravação fora feita na velocidade $7 \frac{1}{2}$ i.p.s., todas as vozes e sons, gravados simultaneamente com a minha voz ao formular a pergunta, deveriam, na mudança para a velocidade $3 \frac{3}{4}$ i.p.s., ter baixado automaticamente uma oitava inteira. Mas o homem que disse “Rigmor morta” falou com timbre de voz comum e, em verdade, exatamente como se tivesse sido gravado com a velocidade $3 \frac{3}{4}$ i.p.s., o que, do ponto de vista técnico, é absolutamente impossível.

O fato é que a voz fora gravada, a resposta foi dada, podendo ser constatada por todos. Contudo, em consequência de minha precipitação e precária concentração, não escutara a resposta.

No dia 11 de junho de 1966, onze dias depois do desaparecimento de Rig-mor, seu cadáver foi encontrado por jovens que faziam exercícios de adestramento voluntário nas proximidades do matagal. No dia seguinte muito cedo, Berndt me telefonou e, de qualquer forma, eu estava intimamente preparado para receber a notícia. Ele pouco falou; disse apenas o seu nome e fez uma pausa. Respondi que estava esperando o seu telefonema e que há pouco recomeçara os contatos nas fitas magnéticas, tentando fazer uma ligação. Finalizando, pedi-lhe que viesse a Nysund. Berndt concordou, acrescentando: “mas somente depois do enterro.”

Aquilo que não foi dito nessa breve conversa me fez compreender a importância decisiva de tais comunicações para uma pessoa vencida pela dor. No caso de Berndt, que fora atingido por uma tragédia tão brutal, só uma manifestação pessoal da morta poderia atenuar o sofrimento da família.

Sabia que era possível estabelecer uma comunicação, porém de um modo natural e espontâneo. De minha parte, cabia-me apenas ter muita paciência e perseverança para abrir o caminho conducente a essa comunicação e à sua continuidade. Em outras palavras, eu, que estava tateando no escuro, precisava encontrar o meio mais adequado para realizar o contato desejado.

Na mesma noite, liguei o rádio e comecei, como de costume, a auscultar as ondas. Como já disse antes, não se pode, de modo algum, concretizar esse empreendimento sem o auxílio de um assistente espiritual. Dependendo, portanto, da colaboração de Lena, procurei logo entrar em contato com ela, tentando compreender corretamente as suas indicações sussurradas e em geral muito rápidas. Devo confessar que, apesar da minha experiência de oito anos, nem sempre consigo entender prontamente as palavras de Lena. Decerto, Lena também se defronta com grandes dificuldades técnicas, causadas não somente pelas perturbações eletromagnéticas, mas também por muitos outros fatores para mim ainda desconhecidos. O simples fato de poder ela às vezes expressar-se clara e nitidamente, embora, em outros casos, se comunique por meio de fragmentos de palavras e frases apressadas e abruptas, é, por si só, bastante eloqüente. Ao que parece, o decurso do nosso tempo —

talvez calculado em segundos — é de suma importância para os nossos colaboradores do Além, e ainda que se consiga estabelecer uma comunicação favorável, não se pode fugir à impressão de que todos eles vivem eternamente apressados, como se tivessem de aproveitar ao máximo um curto espaço de tempo, tal como se quiséssemos, de uma condução em movimento, saudar de passagem um amigo. Felizmente, também é possível realizar, com velocidade normal, comunicações de uma incontestável clareza, sem essa dilação de tempo. Tais contatos constituem a melhor prova de eficiência e são de tal importância que dispensam maiores comentários. Uma mensagem desse tipo proporciona àquele que a recebe a mais pura alegria da eternidade e da imortalidade.

Quando à noite, depois do telefonema de Berndt Anderson, eu estava sentado diante do aparelho de rádio, Lena anunciou-se de repente e exclamou num tom rápido e enérgico: *Kontakt halten!* (Manter contato).

Liguei imediatamente o gravador, regulei o volume de som, e fiquei atento a escutar os sons do éter.

Devo lembrar aqui que, mesmo que se obtenha uma gravação bem clara, apenas uma parte mínima da comunicação pode ser compreendida de imediato. O fenômeno não somente é demasiado rápido, mas também, na maioria dos casos, surgem ruídos secundários e perturbações atmosféricas que causam embaraços a um ouvido não adestrado. Só depois de concluída a gravação é que se pode fazer um controle metucioso, que nas gravações claras também exige muito tempo.

Foi positivo o resultado da gravação. Desta vez, felizmente, não havia perturbações atmosféricas, e eu percebia apenas aquele ruidoso som característico que quase sempre costuma ocorrer nos contatos diretos. Logo depois ressoaram as enérgicas chamadas de Lena: *Lena, Lena!* — *tag Kontakt* — *Radarkontakt!*...

Durante algum tempo tudo ficou quieto no éter. Súbito, de algum lugar distante — não sei expressar-me mais adequadamente — uma voz de mulher começou a cantar, ou melhor, a voz provinha de um vibrante tinido, que depois se transformou num texto claro, apresentado simultaneamente em alemão e italiano. Eu conhecia a melodia — era uma seqüência típica de sons muito usada pelos mortos — mas a cantora, um soprano de voz clara, quase infantil, ainda não ouvira antes. A

mensagem era uma interessante saudação a mim dirigida e dizia assim: “Pelle (em casa me chamam Pelle) — prezado Pelle! Os mortos saúdam — *Skal!* Ao jovem um *Skal!*”

Logo em seguida ao canto, intercalou-se uma voz de homem, que exclamou em alemão, num tom rápido e insistente, talvez dirigindo-se a Lena: *Wenn sie mit ihm spricht, gib eine Mitteilung!* (Quando ela falar com ele, dê uma comunicação!)

Neste ponto, involuntariamente, interrompi a gravação. Quem seria o soprano que me saudou com aquela típica linguagem poliglótica? Como já declarei, não conhecia a voz e nunca ouvira antes essa entidade feminina cantar. Teria sido Rigmor? Depois de tudo que lhe aconteceu, nem sequer podia imaginar que motivos teria ela para manifestar tão esfuziante alegria.

Fiz algumas perguntas a Lena, mas não obtive resposta. *Wir arbeiten... Apparaten halten...* (Nós trabalhamos... manter o aparelho...) — era tudo que ouvia dela.

No dia 16 de junho, liguei novamente o rádio acoplado com a fita magnética. Lena assinalou “contato direto” com um amigo há pouco falecido. Ela mencionou claramente o seu nome, mas a voz do morto se perdeu no sussurro do éter. Alguns amigos me enviaram saudações, e todos pareciam bem informados sobre os meus planos relativos a Pompéia. Uma voz de homem disse-me rapidamente em alemão: *Hier aus deinem Pompeji — man hört den Bojevsky.* (Aqui da tua Pompéia — se escuta Bojevsky.)

A seguir, ressoou a voz do “velho judeu”, que acrescentou em sueco: “A-deus, eu espero em Nápoles.”

Um amigo do nosso filho mais velho, Sven, que na época estava conosco, pediu-me que o deixasse tomar parte numa gravação. Há alguns anos, ele perdera o pai, e eu concordei sem mais delongas. Em resumo: o jovem recebeu algumas saudações. Não sei se eram de seu pai, mas, em todo caso, ele foi chamado duas vezes pelo nome e uma vez pelo seu apelido, que era bastante exótico. Raras vezes vi um homem chorar com tanta emoção durante a escuta da fita.

Mais tarde, ao ficar sozinho, liguei novamente os aparelhos. Lena avisou

“contato direto”, mas, para minha decepção, escutei a voz de uma locutora russa. Meu primeiro impulso foi mudar a onda, porém, após tantos anos de experiência, sabia que Lena não costumava enganar-se, e assim deixei rodar a fita. Eis o resultado desta gravação:

Iniciou-se com uma voz de homem que me era familiar, que disse em alemão e sueco: *Här ist Schweden!* (Aqui é a Suécia!) Quase simultaneamente Lena assinalou contato direto e uma voz de homem exclamou rapidamente: *Madchen!* (Garota!). Em seguida, fez-se ouvir aquele som ruidoso tão familiar entre o qual a voz da locutora russa forçava passagem. Sua última frase foi: “Com as seguintes palavras...” Nesse momento soou uma clara voz de moça, o mesmo soprano que me cumprimentara, gracejando. *Friedrich! Jag vill hjälpa Friedrich!* (Frederico — eu quero ajudar Frederico!), cantava ela nitidamente em sueco. Fez-se uma pausa prolongada e depois ouvi novamente a mesma voz. Cantava em alemão, como que a grande distancia: *Glaub’, wir kommen!* (Creia, nós viremos!)

Lena avisou apressadamente “contatos com radar” e acrescentou uma mensagem pessoal. Três amigos falaram quase que ao mesmo tempo. E então voltou o belo soprano; sua voz parecia um pouco emocionada, quando ela cantou em alemão: *Der Friedel sucht uns!* (O Friedel nos procura!)

Nesse momento, veio o ponto alto da irradiação: a mesma voz avançou bruscamente — tal como num filme, quando se transfere uma cena especial, com a ajuda da objetiva Zoom, para o primeiro plano — e pôs-se a cantar com voz clara e alta, em alemão e sueco: *Jag behövede kjälp — ich bin bei Freddie!* (Eu precisava de ajuda — eu estou junto ao Freddie!)

Aí se interrompeu a irradiação.

Agora competia a mim verificar quem era o soprano. Como Lena não me dera informação, eu mesmo precisava certificar-me. Uma coisa era evidente: por seu tom claro, juvenil e cantante, a voz tinha maior nitidez que as outras e por sua alta frequência sonora, sobrepunha-se sem dificuldade a todos os ruídos e tons mais graves. Provavelmente, fora esse o motivo pelo qual essa menina-moça escolhera o canto para sua mensagem. Devia conhecer-me também, pois duas vezes dirigiu-se a mim chamando Pelle, duas vezes Frederico e uma vez Freddie. As palavras *hjälp*

e *hjälp* (ajudar e ajuda) interessavam-me de modo especial, porque em ambos os casos se podia reconhecer o dialeto *västmanländischen*. A cantora teria sido Rigmor? Minhas suposições me pareciam justas, mas o pai de Rigmor poderia julgar com mais facilidade.

Em todos os contatos pelo rádio das últimas semanas, eu me concentrava em Rigmor, pedindo-lhe que enviasse uma mensagem a seu pai. Sabia perfeitamente que sua apresentação na fita sonora seria de suma importância, não apenas para o seu pai e irmãs, mas também para todos aqueles que acaso tivessem perdido os seus entes queridos num desastre repentino. Acrescia-se a circunstância de que o trágico destino de Rigmor fora minuciosamente comentado pela imprensa sueca, podendo, no caso de um contato pela fita magnética, positivar-se.

A frase *Friedrich, jag vill hjälpa Friedrich!* fazia-me acreditar numa promessa direta de futura colaboração. Se se tratasse de Rigmor, então ela teria se recuperado de forma extraordinariamente rápida do golpe mortal. A simples circunstância de servir-se da linguagem poliglótica dos mortos deixava entrever uma consciência já desperta e ampla, assim como uma admirável faculdade de adaptação, pois, que eu saiba, ela nunca falara italiano em sua vida terrena. Se realmente pudessemos comunicar-nos com Rigmor e obter a sua colaboração, poderíamos então ter uma idéia da situação, no Além, de uma pessoa há pouco assassinada, que, pela primeira vez, daria informações a esse respeito na fita magnética. Ademais, poder-se-iam conhecer as conseqüências de um brutal ato físico sobre a psique humana, o que significaria uma aproximação dos meandros da lei de causa e efeito.

Esperava impacientemente a visita de Berndt Anderson, mas o sepultamento de Rigmor se retardara devido à necropsia. Mas aí aconteceu algo que, como num passe de mágico, colocou o caso Rigmor sob uma clara visão. Recebi uma irradiação que ultrapassou qualquer expectativa. No entanto, nem de longe suspeitava que isto seria somente o princípio de uma série de irradiações planejadas que me foi enviada no decorrer dos oito dias seguintes.

Em 21 de junho de 1966, na noite de solstício de verão, por volta das vinte horas, liguei, como de costume, o gravador de som ao aparelho de rádio e pus-me cuidadosamente a virar o botão, na esperança de estabelecer uma ligação com Lena. Algum tempo depois, ela se intercalou num comprimento de onda que quase

não apresentava perturbações. A seguir, soou uma voz de mulher bastante familiar, falando ao mesmo tempo sueco e italiano. Conversava com alguém sobre o vício do fumo, e tinha-se a impressão de que a conversa era mantida no primeiro plano, junto ao microfone. Pouco depois disse uma voz de homem: “Frederico — o Mälär escuta!” Como já expliquei antes, o nome Mälär ou Mälärhøjden, que é um subúrbio de Estocolmo no Mälarsee (lago de Mälär), representa uma senha para um centro especial do Além, de onde, segundo fui informado, são irradiadas todas as mensagens a mim dirigidas. A mesma voz de homem prosseguiu numa velocidade forçada tão espantosa, que apenas pude entender algumas palavras isoladas, após o que houve uma mudança nitidamente reconhecível na característica do som. Em meio ao ruído, destacou-se uma suave voz de mulher, que numa amável e incentivadora entonação disse em sueco: “Experimenta...” Ao ouvir a voz, tive plena certeza de que se tratava da mãe de Rigmor. Não conheci a Sra. Eivor Anderson em vida, e as poucas frases que gravara depois de sua morte não eram de forma alguma suficientes para dar-me uma idéia precisa sobre o seu timbre de voz. Apesar disso, tinha, intuitivamente, a certeza de que era ela. Aquela apressada voz de homem intercalou-se novamente, falando simultaneamente em alemão, sueco e italiano. Não consegui compreender o texto completo, mas dele pude deduzir que se faziam comentários a meu respeito, sobre o meu gravador de som e o aparelho de rádio. Parecia-me também que animava alguém a falar. Súbito, a voz de uma mulher jovem ressoou em primeiro plano e disse um pouco embaraçada e hesitante em sueco: “Fred — é Rigmor Anderson...”

Era um encantamento poder ouvir a voz cálida de Rigmor! Como em vida, ela falava no seu simples dialeto *västmanländischen*. Foneticamente, a frase soou mais ou menos assim: *Fräd — dä Rigmor Anderson*, em vez de *Fred — detta är* (esta é) *Rigmor Anderson*.

Logo a seguir começou a falar uma mulher, em alemão e sueco, mas pude ouvir apenas uma parte de suas palavras. Disse ela com veemência: *Rigmor... du musst zu Fred... Pelle auch deutsch sprechen...* (Rigmor... tu deves ir ao Fred... Pelle também fala alemão...)

Mais uma vez ecoou a voz do homem de fala rápida que exclamou azafamado em três idiomas: “Frederico, eu quero comunicar rapidamente. Eivor... os mortos...” (Eivor era a mãe de Rigmor.)

Nesta altura, Lena sussurrou: *Nimm Kontakt, Mutter* e em seguida acrescentou: *Man liebt, man hat Frieden...* (Toma contato, mãe — Se se ama, se tem paz...)

No primeiro plano ressoou outra vez a voz de Rigmor, que disse vagarosamente e entre pausas: *Fred — ich habe... Munthe...* e juntou muito emocionada: *Ich bereue...* (Fred — eu tenho... Munthe... — Eu me arrependo...)

Ouviu-se um harmonioso acorde de órgão, seguido da voz do meu amigo Falck. Num tom meio cantante, perguntou em sueco, com seu sotaque norueguês: “Onde se recebe a conta?”

Soou um novo acorde, e o homem de fala apressada interveio, dizendo clara e enfaticamente: *Det är braattom — Rigmor denk an Karma!...* (É urgente — Rigmor pensa em Carma!...)

Em primeiro plano, Rigmor cantava pensativa: *Det är Karma* (Isto é Carma), e acrescentou rapidamente: *Hungrig...* (Faminta...) O resto foi abafado por outros ruídos.

Mais uma vez soou aquela rápida voz de homem, que borbulhava a sua comunicação numa cadência ritmada em sueco e alemão: “Frederico, uma comunicação importante — o Mälär conseguiu Mölnbo, mantenha contato, Rigmor informa Mikael — nós irradiamos pelo rádio, nós lançamos ponte do aparelho dos mortos — nós lançamos ponte — Lena está de posse da ligação e do intervalo. Nós transmitimos através do rádio — examina o rádio...” Depois juntou com uma ênfase toda especial: “Rigmor deseja contato...”

Este foi o resultado do primeiro reexame da fita magnética.

Embora uma parte da transmissão fosse abafada por ruídos secundários, não podendo ser ouvida corretamente sem o auxílio do filtro e do amplificador, esta gravação teve uma singular importância.

Telefonei ao Berndt e, em poucas palavras, informei-o dos resultados dos meus contatos. Ele prometeu vir a Nysund no domingo, 26 de junho. No decurso das semanas subsequentes, recebi comunicações diárias através do rádio. Com exceção de algumas mensagens pessoais, tratavam principalmente de Rigmor e de

seus parentes mais próximos. Com a permissão de Berndt, divulguei apenas o essencial dessas comunicações particulares, que poderão ser de grande utilidade para todos nós. Devo também acentuar que Berndt Anderson, depois das duras provas por que passou — não creio que possamos avaliar totalmente a profundidade de sua dor — permitiu, por mera compreensão para com os seus semelhantes, a publicação de sua experiência pessoal.

No domingo pela manhã, Berndt veio visitar-me. Intencionalmente, eu ocultara as particularidades da gravação. Eu mesmo queria convencer-me até que ponto Berndt seria capaz de reconhecer as vozes e compreender o texto. Infelizmente, teve de retornar a Köping nesse mesmo dia, de modo que não pudemos fazer uma gravação juntos, mas apenas submeter as gravações do dia 21 de junho a um controle geral.

Era uma bela manhã cheia de sol, e nós estávamos sentados à mesa do café na sala de visitas. Nossa conversa girava em tomo de coisas bem triviais. Parecia-me que Berndt queria contar-me algo muito importante, mas se mostrava hesitante, como se esperasse o momento oportuno, ou talvez uma pergunta de minha parte. Não sei se por transmissão de pensamento, intuição ou por simples acaso, voltei-me para Berndt e lhe perguntei sem rodeios:

— Não seria a incerteza pelo destino de Rigmor mais doloroso do que a pura realidade?

Berndt fitou-me tranqüilamente, como se já esperasse a pergunta.

— Desejo contar-te algo... — principiou ele com voz grave — uma coisa sobre a qual ainda não falei com ninguém. Na noite de 1º de junho, quando Rigmor foi assassinada, eu sabia que ela havia morrido.

Em resumo, ele narrou o seguinte:

“Como o meu trabalho, nesta primavera, foi transferido para as cercanias de Estocolmo, eu passei a morar ali e visitava, nos fins de semana, as minhas filhas em Köping. Na noite de 1º de junho, por volta das 21 horas, fui deitar-me, pois estava muito cansado e queria descansar um pouco. Não sei em que pensava, mas

estava acordado. De repente, senti um choque violento, e um gélido pavor da morte se apoderou de mim, dando-me uma sensação de estar morrendo. Tive a clara intuição de que Rigmor morrerá! Sei que as palavras nada significam quando se quer expressar determinadas emoções, mas a certeza da morte de Rigmor era tão real, que eu continuei deitado na cama como que paralisado, e isto porque fui acometido de uma nova sensação, uma sensação de paz absoluta e salvação. Rigmor está com sua mãe, pensei comigo. Ela está bem — todo o pavor e tortura já passaram...”

Fez-se uma pausa prolongada, e eu a aproveitei para perguntar:

— Não telefonaste logo para Köping?

“Não, não telefonei. Talvez não quisesse apagar a última centelha de esperança que havia dentro de mim, por uma espécie de medo, de pusilanimidade.”

Berndt calou-se por alguns instantes, e depois prosseguiu:

“Mariann, minha filha mais velha, telefonou-me alguns dias depois. Rigmor, nessa época, estava morando sozinha na nossa residência em Köpingen. Do trabalho de Rigmor haviam telefonado a Mariann. Para mim tudo estava claro. Avisamos a polícia. O resto tu já sabes.

— Suspeitavas quem era o assassino? — perguntei.

— Sim, suspeitava, mas não queria acreditar. Janne era um bom garoto, mas quando vi seu rosto arranhado tive logo a certeza. Estava ansioso para que ele confessasse, pois doía-me pensar que o corpo de Rigmor se achava exposto no mato e sujeito a ser atacado por animais selvagens. Mas, como tu sabes, isto não aconteceu.

O resto já era do meu conhecimento. Os jornais descreveram a tragédia com os mínimos detalhes. No dia em que Rigmor deveria ser sepultada, o noivo confessou o seu crime. Eu sabia que a interferência de Berndt fora decisiva e sabia também que ele, apesar de sua grande dor, era demasiado humano e compreensivo para perdoar o assassino. Ele tinha pena do rapaz, que num momento de desvario emocional, se deixara arrastar àquele ato de brutalidade. Pensando bem, seria difícil

avaliar a quem o destino ferira mais duramente nesse drama. Mas, quem sabe se os mortos nos poderiam orientar neste sentido! Levantamo-nos e nos dirigimos ao estúdio, que se encontra na parte superior da vila. Daqui se descortina um belo panorama sobre o Long-See, e pode-se trabalhar tranqüilamente e desfrutar da quietude do campo. Eu havia colocado antes a fita magnética com a gravação de Rigmor e então acionei o aparelho para a reprodução. Sabia que Berndt tinha um ouvido muito sensível, que ainda mais se aprimorara após suas experiências com as gravações. Além disso — o que me parecia mais importante neste trabalho — ele conhecia as artimanhas da imaginação e, conseqüentemente, tinha um elevado senso de autocrítica. Ao ouvir a voz do harmonioso soprano, ele pediu-me que rodasse essa parte algumas vezes. Compreendeu o texto exatamente como o compreendi e conforme o anotara, mas não estava certo de que se tratasse da voz de Rigmor.

— Se ela falasse, eu reconheceria imediatamente a sua voz — disse ele com convicção.

Na seguinte apresentação do soprano, Berndt puxou a cadeira para bem perto do rádio. Depois de ouvir várias vezes o canto, cujo texto compreendeu perfeitamente, ele falou com um ar pensativo:

— Esse *hjalpa* aberto é bem característico do dialeto *västmanländisch*. É bem possível que esta seja Rigmor...

— Espera um momento — disse eu — vou mostrar-te a gravação de 21 de junho.

Berndt aproximou-se ainda mais do aparelho, todo ele parecendo a concentração personificada. Apertei a tecla da reprodução e deixei rodar a fita. Quando a suave voz de mulher pronunciou a palavra *versuch* (tentativa), Berndt estremeceu.

— Repete mais uma vez — exclamou rapidamente, e sua voz revelava uma agradável surpresa.

Depois de ter repetido a palavra “tentativa” durante algum tempo, Berndt tombou exausto na cadeira. Eu sabia o que ele ia dizer agora, e já me alegrava antecipadamente.

— Foi Eivor! — exclamou ele comovido. — Essa era a voz dela, tenho certeza.

— Escuta o que vem agora — falei rapidamente, e então soou o ponto alto da irradiação: *Fried, de-är Rigmor Anderson*.

Nem sei mais quantas vezes auscultamos essa gravação; o certo é que, ao cair da tarde, estávamos bastante cansados.

— O que mais te impressionou nas gravações? — perguntei a Berndt.

— O tom vivo das vozes — respondeu ele espontaneamente. É claro que também o sentido das palavras, mas, antes de tudo, as vozes. Não há qualquer dúvida: os mortos vivem!

— Então a voz de Eivor não se modificou? — tornei a perguntar.

— De modo algum. Talvez ressoe um pouco mais forte do que nos últimos anos de sua enfermidade, porém o timbre continua o mesmo, assim como o de Rigmor. O que mais me alegra é que as duas estão juntas agora.

Berndt prometeu voltar no sábado seguinte e, ao despedirmo-nos, ele tinha um aspecto realmente alegre.

Passei toda a semana às voltas com as gravações das fitas magnéticas. Geralmente, as irradiações se realizavam à noite. Como não gostasse de trabalhar até alta noite, começava o controle das gravações bem cedo. As horas do dia não bastavam, pois nunca recebera tão numerosas e longas irradiações.

A intensidade do som e a clareza das comunicações eram bem irregulares. Havia gravações de extraordinária nitidez, mas havia outras em que as vozes se precipitavam numa terrível balbúrdia. Recebi uma série de mensagens particulares, a maior parte de velhos amigos da Rússia, da Estônia e da Palestina. Arne Falck, por exemplo, continuava a enviar suas mensagens numa cadência cantante. Bojevsky, meu amigo russo da Palestina, dava o seu nome por extenso repetidas vezes, falava russo, iídiche e alemão. Meu bom amigo sueco Hugo F., que morrera

em Nysund nos meus braços, intercalou-se, de repente, e disse nitidamente em alemão e sueco: “Boa-noite, tu estás muito cansado!”

Logo em seguida, soou a voz de minha mãe, que repetiu pressurosa: “Meu Friedel, tu estás muito cansado!” Realmente, já era bem tarde, e eu trabalhara intensamente durante o dia inteiro, embora Lena já me tivesse advertido várias veezs para não trabalhar à noite.

A inconveniência do trabalho excessivo não acarreta apenas a fadiga auditiva e nervosa, mas impede também que se realize uma verificação objetiva. Nesse mesmo dia, gravara uma frase estranha, proferida por um homem que me parecia idoso, cuja tradução é a seguinte: “Rigmor vive depois da carne (corpo físico) muito mais agradavelmente.” Nunca ouvira antes essa voz.

No dia seguinte ocorreu um fato interessante. Tenho falado constantemente sobre as atividades de minha assistente Lena. Sua atuação é extraordinária e inesquecível. Sem ela, seria impossível estabelecer quaisquer contatos, e como Lena também faz comunicações importantes, é inegavelmente relevante o papel que ela representa nesse lançamento da ponte entre o aqui e o Além. Conquanto já estivesse há mais de oito anos em permanente contato com Lena, ainda não conseguira identificar realmente a sua personalidade. No dia 29 de junho, recebi uma comunicação bem detalhada. Era uma transmissão puramente particular, em que falaram vários amigos, entre os quais Hugo F. De repente, ressoou uma voz de mulher muito familiar, que disse num alemão estropiado com um acentuado sotaque russo: *Du hörst von den Toten ene Meinung.* (Tu escutas dos mortos uma opinião.) E então ela contou quem fora Lena na vida terrestre.

Fiquei agradavelmente surpreso e, ao mesmo tempo, um pouco admirado, ao saber que alguns mortos costumam mudar os seus nomes depois da morte. Com relação a Lena — eu contiuarei a chamá-la pelo pseudônimo — ela fora, durante a vida terrena, uma criatura bondosa e espiritualizada. Não encontro palavras apropriadas, mas o certo é que tudo nela era sinceridade e afeição. Apesar de sua requintada sensibilidade, tinha um espírito prático e ia enfrentando corajosamente as vicissitudes cotidianas da Rússia Soviética do seu tempo. Sua mãe era russa, e o seu pai sueco. Lena era casada com um dos meus amigos de infância em Odessa, e quando abandonei a Rússia em 1925, perdemos todo o contato. Sei apenas que por

motivos políticos ela separou-se do marido, e daí por diante nada mais soube a seu respeito.

No dia 1º de julho, recebi uma série de comunicações interessantes. Uma voz de mulher falou longamente sobre Rigmor. Entre outras coisas, contou que Rigmor recebera um guia que lhe estava ensinando alemão e que ela já superara as maiores dificuldades. Pouco depois soou a voz de Rigmor, que cantava alegremente em sueco: *Pe-e-lle — Riiig-mor! Aah! Pelle kämpft im Radio — Pelle? Kannst du helfen meinen Vater?...* (Pe-e-lle — Riiigmor! Ah! Pelle luta no rádio — Pelle? — Tu podes ajudar meu pai?...)

Fiquei meio perplexo. Escutava o canto de uma jovem recentemente assassinada, e ela cantava jovialmente, num tom jocoso... Era isso a morte?

No dia seguinte, Berndt veio visitar-me. Ao apresentar-lhe a voz de homem que dissera calmamente: “Rigmor vive depois da carne mais agradavelmente!”, Berndt exclamou, num tom sincero e espontâneo: “Esse é meu pai. Ele morreu há pouco tempo!”

Durante o canto de Rigmor, Berndt, que se aproximara bastante do aparelho, gritou, com os olhos brilhando: “É Rigmor — é sua voz, eu a reconheço!”

Fiquei imensamente satisfeito ao verificar que Berndt compreendera todo o texto, palavra por palavra, sem que eu tivesse de explicá-lo antecipadamente. Chegou até a captar corretamente algumas palavras em alemão, russo e italiano, mesmo sem entender o sentido das frases. Passamos toda a manhã às voltas com o gravador. Depois de uma leve refeição, resolvemos fazer uma gravação juntos. Liguei o rádio e imediatamente consegui contato. Uma harmoniosa voz de mulher entoou uma canção em três idiomas. Como sempre, Lena também se apresentou, mas havia fortes perturbações atmosféricas. Assim que acabamos de interpretar o texto — Berndt tinha plena certeza de que a cantora era Eivor — ocorreu algo estranho. Cantando, a mulher se referiu a Berndt, mencionou um caso ocorrido em Dalarna, citou com minúcias casos particulares e encerrou seu canto com as seguintes palavras: *Berndt spukt nun im Rario...* (Berndt é agora fantasma de rádio...)

Como Berndt me explicou mais tarde, tratava-se aqui de uma excursão a

Dalarma. Eivor, Berndt e um amigo haviam estacionado o carro à beira do lago Siljan. Fora pouco antes da morte de Eivor, mas, naquela ocasião, ela se sentia extraordinariamente bem disposta, e todos estavam muito alegres.

Mais tarde, ainda gravamos várias vozes, que em geral transmitiram mensagens particulares. Primeiro ressoou uma voz que disse de modo lacônico: *Berndt, d'är Einar*. Berndt levantou-se bruscamente e exclamou com alegria e surpresa: “Einar Johanson, meu querido amigo! Ele estava conosco naquele dia em Dalarma, ele morreu há pouco tempo!”

Naquela noite não pude conciliar o sono. Sentei-me diante da janela aberta e pus-me a contemplar os matizes do horizonte. Diante de mim estendia-se o lago, como um espelho luminoso sob a noite quieta e morna. Era exatamente a hora em que os esverdeados reflexos da tarde começam timidamente a transformar-se em aurora boreal. De repente, apoderou-se de mim o desejo de gravar uma fita magnética. Era um estranho impulso, pois não costumava tentar contato pelo rádio depois das 22 horas. Desta vez, porém, liguei o aparelho. Sabendo, de antemão, que Lena não gostava de colaborar a essas horas, não procurei girar os botões do mostrador, deixando tudo ao acaso. Não havia quaisquer perturbações, nem *sons ruidosos*, vozes ou músicas. Súbito, ecoou um som metálico de intercalação e uma conhecida voz de homem pôs-se a recitar, meio cantado, num tom claro e penetrante: *Burchardt — Mölnbo, wir warten auf Lena!* (Burchardt — Mölnbo, nós esperamos Lena!) Logo a seguir, intercalou-se o meu amigo de infância Burchardt, que cantou em resposta: *Lena hat Schwarige!* (a grafia correta é *Sverige* em sueco) (Lena conseguiu Suécia...) Era uma característica de Burchardt, deturpar as palavras. Pouco depois se ouvia uma intercalação em surdina, e então Lena falou num tom pesaroso: “Tantas criaturas...” Por alguns instantes, tudo permaneceu em silêncio no éter. Tratar-se-ia de um daqueles contatos místicos pelo radar, de que Lena falava frequentemente?

A fim de evitar mal-entendidos, devo dar aqui alguns esclarecimentos. Sob a denominação de “radar”, “écran” ou “tela de radar” se designa normalmente um aparelho móvel, semelhante à antena, que irradia impulsos eletromagnéticos em determinadas direções, que, por sua vez, encontrando uma massa compacta — um avião, uma encosta de montanha, nuvens etc. — num movimento reflexivo como um eco, retornam ao ponto de partida, desenhando o objeto atingido com pontos

luminosos sobre a tela do radar. A tela do radar substitui, durante a escuridão ou nevoeiro, a vista humana. Se os mortos também se utilizam de aparelho semelhante, então se pode deduzir que nós e o nosso mundo, em casos comuns, também temos de ser invisíveis para o Além. Isto me faz recordar uma comunicação que gravei na primavera de 1967. Uma voz clara de homem falou num tom rápido e um pouco forçado: “Elly e Friedel, nós conhecemos os seus pensamentos, nós os captamos através do radar...”

Hoje, lamento não ter me formado em física-eletrônica. Estou certo de que um técnico em física poderá aperfeiçoar consideravelmente as comunicações com os mortos por antenas dirigidas, filtros e alto-falantes. Haveria um enorme progresso se fosse possível obter uma recepção sem interferência, mais ou menos como a que consegui naquela serena noite de julho.

No dia seguinte Berndt voltou a Köping. Parecia satisfeito e confortado. Uma semana depois, minha mulher, minha irmã e eu viajamos para Pompéia.

Tentei por várias vezes encerrar este livro, mas acontecimentos imprevistos me obrigavam sempre a continuar a narração.

Quando, na primavera de 1967, permaneci durante algum tempo na Suécia, Berndt veio passar um fim-de-semana em Nysund. Gravamos então várias mensagens, que se comprovaram positivas. Entre elas, uma em que Eivor Anderson saudava o marido com a mesma melodia que cantara no mês de julho anterior. Rigmor também se apresentou cantando e recitando com a mesma cadência e ritmo em alemão e sueco.

A alegria que os mortos geralmente demonstram tem, sem dúvida, uma razão muito profunda. Não devíamos tentar explicá-la baseados unicamente no fato de que os mortos tenham sido bem sucedidos numa “grave operação”, mas antes na sua faculdade de poderem ver e penetrar a natureza real do sofrimento por outro ângulo. Eles não conhecem apenas a transitoriedade do desgosto e do medo, mas sabem também como os seres humanos se emaranham constantemente em preocupações e misérias. Os mortos chegariam, igualmente, a resultados negativos, se participassem de nossos desgostos, tentando consolar-nos.

FRIEDRICH JUERGENSON • TELEFONE PARA O ALÉM

“Nós vivemos — nós somos felizes!” — eis a essência de suas mensagens. Em verdade, isto diz tudo: a imortalidade da vida, a força transformadora da morte e a existência da ponte entre o aqui e o Além. Se pudéssemos realmente alcançar o verdadeiro sentido destas palavras, então estaríamos aptos a mudar fundamentalmente a nossa concepção de vida. A quintessência da vida se manifesta na eterna criação. Mas, onde reina o medo e o desgosto, o espírito não pode desenvolver-se livremente.